

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
FACULDADE DE LETRAS

SABRINA CESAR SERRA

**O *ETHOS* DE THIAGO SCHUTZ E A REVERBERAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA
MULHER EM INTERAÇÕES DIGITAIS POLÊMICAS**

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Sabrina César Serra

3. Título do trabalho

O ethos de Thiago Schutz e a reverberação da representação da mulher em interações digitais polêmicas

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Sabrina Cesar Serra, Discente**, em 02/10/2025, às 22:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Damasceno Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 04/10/2025, às 12:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5696905** e o código CRC **FCFBEC09**.

Referência: Processo nº 23070.038463/2025-82

SEI nº 5696905

SABRINA CESAR SERRA

**O *ETHOS* DE THIAGO SCHUTZ E A REVERBERAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA
MULHER EM INTERAÇÕES DIGITAIS POLÊMICAS**

Dissertação para defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Língua, Texto e Discurso.

Orientação: Prof. Dr. Rubens Damasceno-Morais.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Serra, Sabrina Cesar

O ETHOS DE THIAGO SCHUTZ E A REVERBERAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM INTERAÇÕES DIGITAIS POLÊMICAS [manuscrito] / Sabrina Cesar Serra. - 2025.

175 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Damasceno-Morais.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Ethos. 2. Representação da mulher. 3. Modelo Dialogal da Argumentação. 4. Misoginia. 5. Redpill. I. Damasceno-Morais, Rubens , orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 22 da sessão de Defesa de Dissertação de Sabrina César Serra, que confere o título de Mestra em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos vinte e sete dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco, a partir das 9h, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “O ethos de Thiago Schutz e a reverberação da representação da mulher em interações digitais polêmicas”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Rubens Damasceno Morais (PPGLL/FL/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Ana Lúcia Tinoco Cabral (PUC/SP), membro titular externo; Professora Doutora Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Rubens Damasceno Morais, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e sete dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira, Professora do Magistério Superior**, em 27/08/2025, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Damasceno Morais, Professor do Magistério Superior**, em 27/08/2025, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lúcia Tinoco Cabral, Usuário Externo**, em 08/09/2025, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5568510** e o código CRC **5730ABAA**.

Referência: Processo nº 23070.038463/2025-82

SEI nº 5568510

AGRADECIMENTOS

Início estas palavras de gratidão dirigindo-me primeiramente a mim mesma, reconhecendo minha coragem e persistência diante dos diversos enfrentamentos ao longo deste percurso acadêmico, especialmente pela ousadia em aventurar-me em uma área distinta da minha formação inicial. Este reconhecimento é também uma celebração da minha força e resiliência frente aos desafios que surgiram ao longo desta jornada. Ao meu querido companheiro Bruno Alves, dedico profunda gratidão por ter sido presença constante e afetuosa, oferecendo apoio incondicional, paciência inesgotável e cuidados imprescindíveis. Seu acolhimento fez toda a diferença. À minha mãe Rosilene, agradeço pelas palavras de carinho, incentivo constante e acolhimento amoroso. Sua presença e confiança foram fundamentais para superar os momentos difíceis. Ao meu irmão Thiago, expresse minha gratidão pelo apoio sincero e pelo incentivo permanente, elementos essenciais para minha perseverança. Aos meus sogros Claudia e Márcio, agradeço pelo carinho constante, pelo cuidado dedicado e pela atenção que sempre me dispensaram, contribuindo significativamente para minha estabilidade emocional. À querida amiga Tatiane, meu muito obrigada pela valiosa ajuda, amizade e companheirismo. Sua solidariedade e presença foram imprescindíveis neste percurso. Ao meu orientador Rubens Damasceno-Morais, expresse minha profunda admiração e gratidão pela orientação atenciosa, pelo incentivo constante, por sempre fortalecer minha confiança nos momentos difíceis e, especialmente, pelo excelente senso de humor que tornou mais leve esta caminhada acadêmica. À CAPES, registro meu agradecimento pelo apoio financeiro concedido, essencial para a realização desta pesquisa. À Universidade Federal de Goiás (UFG) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), agradeço profundamente pela oportunidade de formação acadêmica de qualidade e pelo acesso à educação pública, gratuita e de excelência. Por fim, agradeço às professoras Rosângela e Ana Lúcia pela leitura atenta, criteriosa e rigorosa avaliação deste trabalho, contribuindo significativamente para o aprimoramento desta dissertação.

RESUMO

A presente dissertação propõe-se a investigar nos planos argumentativo, retórico e discursivo, com apoio da análise do discurso digital, a construção da imagem de um *coach* do *Youtube*, conhecido por disseminar conteúdos *redpill* e sua influência na repercussão de interpretações sociais sobre a mulher entre os usuários que interagem por comentários em seus *shorts*. Eis, em suma, a problemática desta pesquisa, isto é, descrever o *ethos* projetado por Thiago Schutz nos *shorts* e investigar se este mobiliza representações da mulher que, por sua vez, ecoam no conteúdo das interações entre os internautas que comentam seus *shorts*. No plano discursivo, valemo-nos do conceito de *ethos* formulado por Maingueneau (2008, 2008b, 2016, 2020) e de suas categorias conexas de *cena genérica* e *cenografia*, recurso que nos auxiliou a compreender e descrever a imagem discursiva projetada pelo enunciador e o contexto que a instaura. No plano retórico e argumentativo, elegemos a categoria de *analogia* tal como sistematizada por Perelman e Olbretchs-Tyteca (2005), recurso bastante útil e que nos ajudou a depreender a tessitura do *ethos* projetado por Thiago Schutz. No plano discursivo e argumentativo, fundamentamo-nos na teoria da *Polêmica* de Amossy (2017), privilegiando a noção de *interação polêmica* e as categorias de *dicotomização*, *polarização* e *desqualificação do adversário*, uma vez que voltamos nosso olhar para as disputas antagônicas em torno da representação social da mulher em espaço digital público. Complementarmente, recorreremos ao *Modelo Dialogal da Argumentação* – MDA (Plantin 2002, 2008, 2009, 2015; Grácio 2009, 2010, 2020; Damasceno-Morais 2021, 2023) e às suas categorias de *Proponente*, *Oponente*, *Terceiro*, *situação* e *questão argumentativa*, além da categoria *estase*, para mapear a configuração actancial e argumentativa dos interlocutores nas interações examinadas. Sob a ótica da análise do *discurso digital* de Paveau (2021), mobilizamos as categorias de *corpus digital nativo*, *hashtag compósitos*, *tecnodiscurso*, *legenda*, *escrita digital*, *comentário* e *ambiente digital*, adequando o enquadre teórico às especificidades de um *corpus* integralmente produzido e circulado *online*. Como aparato metodológico para a constituição do *corpus*, organizou-se o banco de dados **Redpill**, composto por capturas de tela de 79 *shorts* extraídos do canal oficial de Thiago Schutz do *Youtube*. Desse conjunto, recortaram-se quatro vídeos, que passaram a integrar o *corpus* efetivamente analisado nesta dissertação. Como resultado, os dados revelaram quatro *ethé* sucessivamente mobilizados por Thiago Schutz: especialista (*short* 1), conselheiro (*short* 2), messiânico (*short* 3) e justiceiro (*short* 4). Em segundo momento de análise, pudemos constatar que tais *ethé* de Schutz ancoraram-se em representações da mulher como instrumento legitimador de sua credibilidade: mulher primitiva (*ethos de especialista*), oportunista e cuidadora (*ethos de conselheiro*), impura (*ethos messiânico*) e envelhecida e vitimista (*ethos de justiceiro*). No desfecho da análise, constatou-se um efeito mimético: nas interações de cada *short*, os interactantes reiteram representações da mulher idênticas ou análogas às manifestadas por Schutz, mesmo quando pretendiam refutá-las. Concluímos que os *ethé* forjados pelo *coach* funcionam simultaneamente como dispositivos de autolegitimação discursiva e vetores de difusão de interpretações sociais sobre a mulher, erigindo uma bolha epistêmica que retroalimenta sua credibilidade *online*.

PALAVRAS-CHAVE: *Ethos*. Representação da mulher. Modelo Dialogal da Argumentação. Misoginia. *Redpill*.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate, within the argumentative, rhetorical, and discursive dimensions, supported by digital discourse analysis, the image construction of a YouTube coach known for disseminating redpill content, and his influence on the propagation of social interpretations of women among users interacting through comments on his shorts. The core research problem can be succinctly stated as describing the ethos projected by Thiago Schutz in his shorts and examining whether this ethos mobilizes representations of women that resonate within user interactions. On the discursive level, we utilize the concept of ethos developed by Maingueneau (2008, 2008b, 2016, 2020) along with related categories of generic scene and scenography, which helped us comprehend and delineate the discursive image projected by the enunciator and its contextual foundation. In the rhetorical and argumentative dimensions, we selected the category of analogy as systematized by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), a highly effective analytical tool that allowed us to discern the texture of the ethos projected by Thiago Schutz. On the discursive and argumentative planes, we grounded our research in Amossy's theory of Polemics (2017), emphasizing the notion of polemical interaction and the categories of dichotomization, polarization, and disqualification of the opponent, as our analysis focused on antagonistic disputes concerning the social representation of women in public digital spaces. Complementarily, we adopted the Dialogical Model of Argumentation (Plantin 2002, 2008, 2009, 2015; Grácio 2009, 2010, 2020; Damasceno-Morais 2021, 2023) and its categories of Proponent, Opponent, Third Party, argumentative situation and question, as well as stasis, to map the actantial and argumentative configuration of interlocutors within the examined interactions. From the standpoint of digital discourse analysis proposed by Paveau (2021), we mobilized the categories of native digital corpus, composites, technodiscourse, comments, and digital environment, adapting the theoretical framework to the specificities of a corpus entirely produced and circulated online. As a methodological apparatus for corpus formation, we organized the **Redpill** database, consisting of screenshots from 79 shorts extracted from Thiago Schutz's official YouTube channel. From this set, four videos were selected, forming the corpus analyzed in this dissertation. The analysis results revealed four successive ethé mobilized by Thiago Schutz: expert (short 1), advisor (short 2), messianic (short 3), and avenger (short 4). A subsequent analytical stage indicated that Schutz's ethé relied on representations of women as legitimizing instruments of his credibility: primitive woman (expert ethos), opportunistic and caretaker woman (advisor ethos), impure woman (messianic ethos), and aged and victimized woman (avenger ethos). In concluding the analysis, a mimetic effect was observed: within the interactions of each short, participants reiterated representations of women identical or analogous to those articulated by Schutz, even when intending to refute them. Thus, we conclude that the ethé constructed by the coach simultaneously serve as devices for discursive self-legitimization and as vectors spreading social interpretations about women, thereby establishing an epistemic bubble that reinforces his online credibility.

KEYWORDS: Ethos. Representation of women. Dialogical Model of Argumentation. Misogyny. Redpill.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA – Estados Unidos da América

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

FTA'S – *Face Threatening Acts*

MDA – Modelo Dialogal da Argumentação

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Síntese do capítulo 1	14
Tabela 2: Síntese do capítulo 2	61
Tabela 3: Informações sobre o banco de dados Redpill	70
Tabela 4: Informações <i>short</i> 1	74
Tabela 5: Informações <i>short</i> 2	75
Tabela 6: Informações <i>short</i> 3	76
Tabela 7: Informações <i>short</i> 4	76
Tabela 8: Modelo de transcrição de Jung e Loder (2008)	78
Tabela 9: Síntese do Capítulo 3	78
Tabela 10: Transcrição de áudio do <i>short</i> 1	88
Tabela 11: Transcrição de áudio do <i>short</i> 2	90
Tabela 12: Transcrição de áudio do <i>short</i> 3	92
Tabela 13: Transcrição de áudio do <i>short</i> 4	94
Tabela 14: Síntese do capítulo 4	109
Tabela 15: Transcrição de áudio do <i>short</i> 1	113
Tabela 16: Transcrição de áudio do <i>short</i> 2	115
Tabela 17: Transcrição de áudio do <i>short</i> 3	116
Tabela 18: Transcrição de áudio do <i>short</i> 4	117
Tabela 19: Representações da mulher refletidas nos <i>ethé</i> de Thiago Schutz	118
Tabela 20: Comentário inaugural de P1SH1	123
Tabela 21: Comentários de Oponentes que apresentam opiniões contrárias diretas ao comentário inicial de P1SH1, à luz do MDA	124
Tabela 22: Representações da mulher repercutida na interação selecionada do <i>short</i> 1	127
Tabela 23: Sequência de <i>prints</i> dos comentários do grupo de Proponentes que se unem na defesa de uma tese em comum no <i>short</i> 2	131
Tabela 24: Síntese da análise do conglomerado de Proponentes e a representação de mulher suscitada	134
Tabela 25: Sequência de <i>prints</i> de comentários do grupo de Oponentes que se unem na interação selecionada do <i>short</i> 2	136
Tabela 26: Síntese do percurso das interações dos Oponentes	139
Tabela 27: <i>Print</i> do comentário inicial da interação selecionada no <i>short</i> 3	142
Tabela 28: <i>Print</i> da sequência de comentários dos Oponentes coletados de uma interação no <i>short</i> 3	142

Tabela 29: Síntese do percurso das interações dos Oponentes	145
Tabela 30: <i>Print</i> do comentário inicial da interação selecionada no <i>short 3</i>	147
Tabela 31: <i>Print</i> da sequência de comentários dos Oponentes coletados de uma interação no <i>short 4</i>	147
Tabela 32: Síntese do percurso das interações dos Oponentes	149

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: <i>Printscreen</i> manchete sobre ameaça a Livia Lagatto	6
Imagem 2: Pequeno currículo de Thiago Schutz.....	14
Imagem 3: <i>Printscreen</i> da página oficial do <i>Youtube</i> de Thiago Schutz	68
Imagem 4: Capa <i>short</i> 1	75
Imagem 5: Capa <i>short</i> 2	75
Imagem 6: Capa <i>short</i> 3	76
Imagem 7: Capa <i>short</i> 4	76
Imagem 8: Estrutura tecnodiscursiva de um <i>short</i> do <i>Youtube</i>	82
Imagem 9: <i>Hashtags</i> e título do <i>short</i> 1	84
Imagem 10: <i>Hashtags</i> e título <i>short</i> 2	85
Imagem 11: <i>Hashtags</i> e título do <i>short</i> 3.....	85
Imagem 12: <i>Hashtags</i> e título do <i>short</i> 4	86
Imagem 13: Legenda <i>short</i> 4.....	86
Imagem 14: Indumentária de Thiago Schutz no <i>short</i> 1	88
Imagem 15: Indumentária Thiago Schutz no <i>short</i> 2	91
Imagem 16: Indumentária de Thiago Schutz no <i>short</i> 3	92
Imagem 17: Indumentária personagem <i>Neo</i> do filme <i>The Matrix</i>	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: ARGUMENTAÇÃO INTERACIONAL.....	22
1. Caminhos da retórica e argumentação: uma prática social.....	22
1.1 Argumentação e retórica: entre altos e baixos	25
2. Argumentação: interação em foco.....	28
3. Modelo dialogal da argumentação	30
3.1 Proponente, Oponente e Terceiro.....	32
3.2 Situação argumentativa.....	33
3.3 Questão argumentativa	34
3.4 Estase	34
4. Algumas considerações sobre <i>ethos</i>	35
5. Representação do outro no discurso: tecido macrossocial	37
6. A analogia: uma estratégia argumentativa	40
CAPÍTULO 2 : POLÊMICA E ARGUMENTAÇÃO	43
2. Entre o acordo e o dissenso no jogo argumentativo.....	43
2.1 Polêmica e a retórica do dissenso: contribuições de Ruth Amossy	47
2.1.1 Dicotomização, polarização e o desqualificação do adversário.....	50
3. Emoções	51
3.1 As emoções na polêmica.....	53
4. Violência verbal e polêmica.....	55
5. Ambiente digital: algumas especificidades	57
5.1 Onde está a polêmica no ambiente digital?	60
CAPÍTULO 3 : METODOLOGIA	63
1. Panóplia metodológica e referencial teórico.....	63
2. Elaboração do banco de dados Redpill e definição do <i>corpus</i> de pesquisa.....	66
3. Delineamento do <i>corpus</i>.....	73
CAPÍTULO 4 : MAPEAMENTO DO <i>ETHOS</i> DE THIAGO SCHUTZ EM AMBIENTE DIGITAL	80
1. <i>Ethos</i> em ambiente digital: especificidades primordiais	81
2. Contexto tecnodiscursivo dos <i>shorts</i> de Thiago Schutz	83

3. A cenografia elaborada por Thiago Schutz nos <i>shorts</i>	87
4. A Mobilização do argumento por analogia por Thiago Schutz no <i>short 3</i>	97
5. O trabalho com as emoções (<i>pathos</i>) por Thiago Schutz nos <i>shorts</i>	99
6. O <i>ethos</i> de Thiago Schutz: uma construção multimodal.....	103
CAPÍTULO 5 : A REPRESENTAÇÃO DA MULHER REFLETIDA NAS INTERAÇÕES POR COMENTÁRIOS DOS <i>SHORTS</i> DE THIAGO SCHUTZ.....	111
1. A representação da mulher inscrita nos múltiplos <i>ethé</i> de Thiago Schutz.....	112
2. Interações polêmicas à luz do MDA: a refração da representação da mulher nos comentários dos <i>shorts</i>	120
2.1 Dicotomização: a tessitura discursiva das representações da mulher em interações por comentários no <i>short 1</i>	122
2.2 Polarização: uma aliança na difusão de representações da mulher no <i>short 2</i>	129
2.3 Desqualificação do adversário: violência e emoções na difusão de representações da mulher nos <i>shorts 3 e 4</i>	140
3. Consonâncias e dissonâncias entre as representações da mulher mobilizadas por Schutz e as representações da mulher reverberadas pelos internautas.....	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
REFERÊNCIAS	157

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema dessa pesquisa emergiu após a viralização de um vídeo protagonizado pelo *coach* de masculinidade Tiago Schutz¹. No vídeo viralizado, Schutz participava do programa digital “*Buteco podcast*”² quando foi interpelado por um dos entrevistadores acerca das estratégias possíveis para que homens sem o perfil “*badboy*” (termo empregado por Schutz para designar homens que aderem e praticam os princípios da *redpill*) pudessem despertar maior interesse entre as mulheres. Ao elaborar sua resposta, Schutz enfatiza que os homens não deveriam assumir posturas passivas perante as mulheres, devendo, pelo contrário, posicionar-se com assertividade sempre que possível. Para exemplificar seu argumento, Schutz constrói uma narrativa hipotética, assumindo o papel de protagonista. Na cena descrita, ele situa-se em um bar consumindo uma bebida denominada Campari, quando uma mulher se aproxima e lhe oferece, com insistência, uma cerveja. Schutz, declarando explicitamente sua preferência por bebidas destiladas, recusa de forma categórica a oferta. Diante da persistência da mulher em convencê-lo a aceitar a cerveja, Schutz afirma manter-se resolutivo em sua negativa, atitude que ele interpreta como demonstração inequívoca de seu domínio emocional e racional. Para finalizar, Schutz enfatiza a importância da *redpill* para os homens, destacando que esta oferece ferramentas para identificar e combater comportamentos femininos que, sob sua perspectiva, constituem tentativas veladas de dominação, exemplificadas pela situação narrada anteriormente no episódio do bar.

Rapidamente, um recorte audiovisual do diálogo protagonizado por Schutz viralizou nas redes sociais, desencadeando múltiplas reações entre os usuários, que variaram desde indignação e ironia até manifestações explícitas de apoio. Em decorrência dessa veloz difusão digital, o apelido “calvo do Campari” passou a estar fortemente associado à imagem pública digital de Schutz, configurando-se como uma alcunha diretamente inspirada pelo referido episódio. Esse pseudônimo não apenas ganhou ampla popularidade entre os usuários, como também foi extensivamente difundido em diversas plataformas digitais, figurando em manchetes jornalísticas, memes e compartilhamentos, consolidando-se assim como uma referência emblemática do episódio viralizado.

¹ BUTECOPODCAST. *MANUAL RED PILL: OS PERIGOS DO RELACIONAMENTO (com Thiago Schutz)*. [S.l.:s.n.], 2023. 1 vídeo (2:26). Publicado por Butecopodcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/dL65twRZA34?si=QKZN2lcOikPZbqX1>

²BUTECOPODCAST. *O Buteco Podcast*. [S.l.:s.n.], 2024. Página do youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/butecopodcast#:~:text=O%20Buteco%20Podcast%20%C3%A9%20um%20podcast.>

Vale ressaltar que os pseudônimos são uma prática amplamente difundida em ambientes digitais, pois oferecem ao usuário a possibilidade do anonimato, ao mesmo tempo em que facilita uma “representação de si no espaço digital” (Paveau, 2022, p. 310), permitindo a expansão identitária nesse contexto. No caso em questão, o pseudônimo “calvo do Campari” surge não como uma escolha deliberada de Schutz, mas como uma criação da comunidade de internautas, configurando-se em uma forma de protesto “irônico”³.

Com a repercussão do vídeo, alguns internautas se manifestaram sobre os conteúdos de Thiago Schutz, tanto em favor como em desfavor de suas atitudes. Dentre essas manifestações, uma, em particular, tomou força, ocasião em que a humorista Livia La Gatto publica um vídeo⁴ em sua página do *Instagram* ironizando os conteúdos de Schutz. Com isso, Schutz se posiciona através do *direct* (bloco de interação via mensagens privadas da plataforma *Instagram*) de La Gatto com a seguinte mensagem: “*Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso é processo ou bala. Você escolhe*”. A ameaça de Schutz foi printada e publicada por La Gatto em sua página do *Instagram*, que também informou aos internautas que havia feito um boletim de ocorrência e tomado as medidas legais contra Schutz. Vejamos uma das manchetes que noticiou a intriga entre Schutz e La Gatto na imagem 2 abaixo:

Imagem 1: *printscreen* manchete sobre ameaça a Livia Lagatto

Atriz registra boletim de ocorrência após receber ameaça de morte de coach e influencer Thiago Schutz

Livia La Gatto fez um vídeo debochando de homens que têm discurso de ódio contra mulheres e passou a receber ameaças do influenciador. Outras duas mulheres também afirmam terem sido ameaçadas. Assessoria de Schutz diz aguardar posicionamento de advogados para se manifestar.

Por Isabela Leite e Lívia Machado, GloboNews e g1 — São Paulo

27/02/2023 08h58 · Atualizado há um ano

Fonte: Atriz registra boletim de ocorrência após receber ameaça de morte de coach e influencer Thiago Schutz | São Paulo | G1 (globo.com)

³O apelido “calvo do Campari” se mostra impregnado de sarcasmo, o que sugere um tensionamento da autoridade que Schutz reivindica em suas falas, deslegitimando sua credibilidade por meio da ridicularização. Tanto é que, desde a viralização do vídeo supracitado, Schutz não adotou o pseudônimo em nenhuma de suas interações públicas.

⁴LAGATTO, Livia. *Saiu o curso, molíeres*. [S.l.:s.n.], 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Essa interação conflituosa rapidamente ganhou proporções virais, tornando-se tema de destaque em diversos veículos de comunicação, além de gerar ampla manifestação entre internautas e influenciadores no Brasil. Nesse contexto de ampla repercussão, o nome de Thiago Schutz voltou a circular, mais uma vez associado a comportamentos violentos.

Tendo em vista o pequeno recorte apresentado sobre as produções de Schutz, vale destacar que esses materiais provêm frequentemente de entrevistas, rodas de conversa e outros formatos digitais, como *podcasts*, transmissões ao vivo e vídeos publicados no *Youtube*. Para ilustrar a amplitude do engajamento dos conteúdos de Schutz, destacam-se, sem pretensão de exaustividade, alguns canais do *Youtube* que divulgam seu conteúdo: a página oficial de “*Thiago Schutz*”⁵ com 22,3 mil inscritos; “*Life cast*”⁶ com 10,6 mil inscritos; “*Intelecto artificial*”⁷ com 51,8 mil inscritos; “*Caminho alpha*”⁸ com 48,1 mil inscritos e muitos outros.

Partindo da premissa apresentada, que trouxe Schutz das catacumbas dos nichos *redpill* para os demais públicos das redes sociais, vale questionar: o que é a *redpill*? Para esclarecer essa questão, é essencial compreender que os discursos promovidos por Schutz defendem a concepção de uma mulher submissa ao homem, permitindo-lhe, assim, assumir plenamente o seu suposto papel biológico de protagonismo e de macho provedor. Simultaneamente, Schutz direciona críticas aos movimentos feministas, às reivindicações por igualdade de gênero e aos direitos LGBTQIA+, afirmando que tais movimentos corrompem os papéis sociais tradicionalmente associados à denominada *masculinidade alfa* (nomenclatura que será abordado mais adiante), ao casamento heterossexual, à castidade feminina e ao êxito profissional, este último reservado predominantemente aos homens, entre outros aspectos.

Tal narrativa, disseminada por Schutz e outros adeptos, é conhecida como *redpill* e fundamenta-se na ideia de um combate acirrado contra uma figura feminina geneticamente predisposta a explorar recursos materiais e emocionais dos homens. Nesse contexto, a função masculina seria impedir e controlar essa ameaça feminina. Segundo as premissas da *redpill*, essa mulher, considerada uma ameaça à integridade masculina, emergiu das transformações sociais impulsionadas pelos movimentos feministas e pela busca por igualdade de gênero (falaremos mais adiante).

⁵ SCHUTZ, Thiago. *Página oficial*. [S.l.:s.n.], 2024. Página de *Youtube*. Disponível em: Thiago Schutz (Oficial) – YouTube.

⁶ LIFECAST. [S.l.:s.n.], 2024. Página de *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@LifeCastOfficial>.

⁷ INTELECTO ARTIFICIAL. [S.l.:s.n.], 2024. Página de *Youtube*. Disponível em: Intelecto Artificial – YouTube.

⁸ CAMINHO ALPHA. *Página Oficial*. [S.l.:s.n.], 2024. Página de *Youtube*. Disponível em: Caminho Alpha – *Youtube*.

Para melhor compreendermos a *redpill* é preciso remontar o percurso de disseminação desse movimento que se popularizou principalmente na internet. Segundo Ging (2017), a *web 2.0* trouxe consigo a proliferação de comunidades antifeministas que renovam e difundem discursos misóginos anteriores, cujo propósito é “libertar” os homens das amarras do feminismo. Como aponta Menzies (2007, p. 65, *apud* Gottell e Dutton, 2016, p. 67), “o mundo cibernético dos direitos dos homens (...) revela ‘uma galeria verdadeiramente notável de conteúdo antifeminista’”. Essas dinâmicas discursivas podem ser explicadas pelos mecanismos próprios do ambiente digital, sobretudo em razão do pseudonimato, que potencializa a disseminação da violência discursiva, dado que “o alvo não pode identificar a fonte” (Paveau, 2022, p. 77). Soma-se a isso a deslinearização⁹ das interações digitais, que possibilita infinitas conexões discursivas por meio de *hiperlinks* e a imprevisibilidade¹⁰ característica desses ambientes, que dificulta sobremaneira o rastreamento da trajetória de determinados conteúdo *online*¹¹ (Paveau, 2022).

Para Dunbar, Connelly, Jensen *et al.* (2014) *apud* Gottell e Dutton (2016, p. 72) “Os extremistas e os grupos de ódio estão cada vez mais a adotar fóruns e novos meios de comunicação (tais como *websites*, blogs e canais de *Youtube*) como vias para transmitir as suas mensagens”. Neste estudo, Thiago Schutz, um dos principais divulgadores da *redpill* no Brasil, vale-se das plataformas digitais para veicular discursos que, sob o pretexto de restituir uma suposta justiça frente a alegadas desigualdades de gênero promovidas pelo feminismo, revelam-se permeados por fortes traços de misoginia e machismo. No entanto, é importante ressaltar que movimentos dessa natureza não são fenômenos recentes na sociedade contemporânea.

Tal contexto, acerca dos movimentos feministas que tanto irritam Schutz e a *redpill*, nos leva a recordar que, na década de 60 um fenômeno social chamado de segunda onda feminista ocupou espaços nos holofotes nos Estados Unidos e posteriormente no mundo ocidental, momento em que mulheres reivindicavam a igualdade de gênero nos diversos campos da sociedade, mercado de trabalho, âmbito familiar, acadêmico, político, sexual e outros (Pinto, 2010). Essa década foi marcada por intensas transformações sociais: nos EUA, destacaram-se eventos como a Guerra do *Vietnã* e o movimento *Hippie*; na França, os protestos estudantis de Maio de 68 contestavam a burocratização dos partidos políticos de esquerda; adicionalmente, a

⁹ (...) eles podem ser deslinearizados pelos *links* hipertextuais que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela de navegação ou situação de enunciação” (Paveau, 2022, p. 58).

¹⁰ Os discursos digitais nativos são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, fato que os torna imprevisíveis para enunciadores humanos (Paveau, 2022, p. 59).

¹¹ Certos conteúdos podem ser redocumentados, tais como as *hashtags* que criam um fio discursivo sobre determinado tema, conforme o princípio de investigabilidade estabelecido pela análise do discurso digital (Paveau, 2022).

criação da pílula anticoncepcional impulsionou ainda mais as reivindicações feministas da época. Assim, essas e outras mudanças socioculturais contribuíram significativamente para o fortalecimento e expansão das demandas feministas (Pinto, 2010).

Ainda a respeito, Pinto (2010, p. 16) destaca que “Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres.” Esse ressurgimento do movimento feminista representa um marco significativo, pois proporcionou a abertura para que as mulheres abordem, de maneira mais direta e assertiva, sobre as dinâmicas de poder que moldam as relações de gênero, questionando e desafiando as estruturas tradicionais de desigualdade.

No cenário brasileiro, a segunda onda feminista traçou contornos um pouco diferentes, uma vez que em 1964 instaura-se a ditadura militar que acaba por limitar a possibilidade de circulação de movimentos libertários e revolucionários e, igualmente, manifestações feministas aconteciam de maneira tímida. Somente com a redemocratização do Brasil em 1980 que manifestações feministas emergiram com maior impacto no Brasil, ocupando-se de assuntos relacionados a “uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais” (Pinto, 2010, p. 17).

Diante disso “o discurso de igualdade vencido do pós-feminismo, combinado com uma retórica generalizada de ‘declínio dos homens’ (...) criou um terreno fértil para um movimento ressurgente pelos direitos dos homens” (Messner, 2016 *apud* Ging, 2017, p. 02). Grupos antifeministas *offline* emergiram nesse período histórico com o propósito de resguardar valores e práticas conservadoras no que concerne aos papéis sociais do homem e da mulher. Seus princípios se amparavam na teoria dos papéis sexuais como método explicativo dos lugares da mulher e do homem na dinâmica social. De maneira geral, na teoria dos papéis sexuais, a mulher naturalmente se ocuparia dos deveres doméstico, da maternidade, e o homem, do mundo público e do trabalho (Siqueira, 1993).

Enquanto no mundo *offline*, tal qual apresentado, grupos antifeministas “mobilizaram os homens em torno de questões específicas, tais como a violência doméstica contra os homens, a guarda dos filhos, o divórcio e a feminização da educação” (Ging, 2017, p. 02), os grupos virtuais atuais (foco deste trabalho) buscam “reafirmar a dominação sexual e cultural masculina” (Ging, 2017, p. 11). Com a migração dos grupos antifeministas para o ambiente digital, seus fundamentos passam a se basear, de maneira geral, na psicologia evolucionista combinada com

alguns preceitos da economia neoliberal, servindo como método explicativo para os papéis dos homens e das mulheres na sociedade (Ging, 2017).

Em contraste com o espaço acadêmico, que impõe a sustentação rigorosa dos argumentos em evidências científicas, os movimentos antifeministas contemporâneos (tal como seus antecedentes históricos) apropriam-se de teorias de maneira deturpada, superficial e hipermasculinizada para legitimar um conjunto reiterado de alegações, segundo o qual “as mulheres são irracionais, hipergâmicas, programadas para formar pares com machos alfa e precisam ser dominadas” (Ging, 2017, p. 12). Nesse contexto, a *redpill* estabelece-se como um movimento virtual antifeminista que se ancora em leituras enviesadas da psicologia evolucionista sobre os mecanismos genéticos e reprodutivos de homens e mulheres, erigindo, a partir desse arcabouço, um ideal de masculinidade destinado a superar tanto as “barreiras” atribuídas pelo feminismo quanto a suposta “predeterminação” biológica feminina.

Para apreender as raízes da *redpill*, é crucial situá-la no interior da chamada *manosfera*. Conforme observa Valkenburgh (2021), a *manosfera* constitui um ecossistema de comunidades digitais que partilham ideologias antifeministas e se articulam em torno de interesses convergentes. A popularização do termo *manosfera* decorre, em parte, do livro *A Manosfera: Uma Nova Esperança para a Masculinidade*, de Iron Ironwood (empresário vinculado à indústria pornográfica) e de sua posterior apropriação pelos internautas que integram grupos virtuais antifeministas. Em linhas gerais, a *manosfera* opera como *lócus* simbólico de exaltação das masculinidades autodenominadas “alfas” (tema que aprofundaremos adiante), oferecendo aos homens um roteiro de autoafirmação identitária erigido em oposição às transformações socioculturais impulsionadas pelo feminismo e a suposta predileção biológica das mulheres.

Quanto ao vocábulo *redpill*, não há consenso sobre o instante preciso em que foi incorporado pelos coletivos antifeministas; contudo, Valkenburgh (2021) documenta seu emprego no *Subreddit*¹² por um grupo antifeminista chamado *TheRedPill*, que, ao longo do tempo, ganhou notoriedade dentro da *manosfera*. Na realidade, o termo *redpill* deriva do filme *Matrix*¹³, ficção científica cujo protagonista *Neo* desvenda que sua vida monótona não passava de uma realidade forjada com objetivo de aprisionamento por uma rede de inteligência artificial. Nesse ínterim, graças à intervenção de *Morfeus* (que na mitologia grega se refere ao deus dos sonhos) *Neo* consegue aos poucos acessar a verdadeira realidade. Em uma das cenas clássicas

¹² Uma “*subreddit*” é uma comunidade dentro da plataforma *Reddit*, onde os usuários podem discutir tópicos específicos, compartilhar conteúdo e interagir uns com os outros.

¹³ WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly. *The Matrix*. Warner Bros. Pictures, 1999.

que circularam e ainda circulam na internet, *Neo* é impelido a escolher entre a pílula vermelha (ter acesso a verdade) e à azul (continuar numa realidade falsa, na *matrix*).

O movimento antifeminista apropriou-se dessa metáfora e elevou-a a emblema identitário. Tomar a pílula vermelha converte-se, assim, em gesto iniciático: quem a ingere adquire acesso privilegiado à “verdade”, emergindo da obscuridade para a plena consciência da suposta ordem sexual genética que regeria as mulheres e da alegada imposição feminista sobre os homens. De posse dessa “revelação”, os adeptos *redpill* legitimam a reconquista de um protagonismo sexual e econômico, deslocando-se do modelo masculino “beta” para o almejado *status* “alfa” (classificação que examinaremos mais adiante). No interior desse universo discursivo, a metáfora da pílula vermelha opera como símbolo estruturante: representa, para seus adeptos, a ruptura do “mito da opressão feminina” (Valkenburgh, 2021).

Sob a ótica *redpill*, o feminismo teria criado um “mito da opressão feminina” (Valkenburgh, 2021), erigindo uma narrativa considerada falaciosa que apresenta as mulheres como vítimas de um sistema patriarcal intrinsecamente misógino. Ao persuadir os homens da existência dessa suposta opressão, o feminismo lhes concederia, segundo os *redpillers*, um salvo-conduto retórico que permitiria às mulheres, “de forma mais eficaz, perseguir os seus próprios objetivos e impulsos geneticamente determinados” (Valkenburgh, 2021, p. 89). Essa inversão de papéis não se restringe ao universo *redpill*: examinando grupos antifeministas norte-americanos que reagem a movimentos de combate ao estupro, Gotell e Dutton (2016, p. 74) identificaram estratégias discursivas semelhantes, empregadas para “desviar qualquer responsabilidade masculina pela violência sexual” e para “construir os homens como as verdadeiras vítimas tanto das mulheres quanto do feminismo”. Desse modo, os discursos de tais grupos reposicionam os homens como os principais lesados, legitimando a oposição às conquistas feministas e reforçando narrativas de supremacia masculina.

Para conferir legitimidade às suas proposições, os precursores e adeptos da *redpill* amparam-se em dois pilares valorativos: (1) os postulados deturpados da psicologia evolucionista, que atribuem às dinâmicas de gênero fundamentos biológicos e imutáveis, e (2) as premissas da economia neoliberal, que exaltam a lógica da competição individual, da meritocracia e da maximização do próprio interesse. Em relação à psicologia evolucionista, os adeptos da *redpill* acreditam na existência de determinantes genéticos que influenciam a formação da personalidade feminina como naturalmente programada para maximizar a

reprodução e a sobrevivência da espécie. Nessa perspectiva, segundo Valkenburgh (2021)¹⁴ a mulher é concebida sob duas facetas distintas: de um lado, a mulher formaria vínculos estáveis com homens capazes de oferecer suporte econômico e cuidado emocional tanto para ela quanto para possíveis filhos — homens que, paradoxalmente, ela não valorizaria plenamente. De outro, procuraria encontros sexuais com parceiros dotados de “bons genes” que, embora pouco inclinados a garantir estabilidade ou zelar pela prole, despertariam nela maior admiração.

O movimento *redpill* se apoia nesse entendimento da psicologia evolucionista sobre a mulher para conferir dois tipos de masculinidades atreladas a estratégias sexuais¹⁵: 1) Beta, que dialoga com a primeira faceta da mulher (o homem que cuida da mulher e das proles e não é valorizado pela mulher) e 2) Alfa (o homem que satisfaz sexualmente a mulher e não estabelece compromissos, contudo, é valorizado pela mulher) que dialoga com a segunda faceta da mulher. O atravessamento de uma masculinidade beta para masculinidade alfa é assunto constante entre os adeptos da *redpill* e símbolo de poder entre o grupo.

No que tange aos preceitos neoliberais, a segunda faceta que alimenta os preceitos da *redpill* e moldam a imagem feminina no grupo, Valkenburgh (2021, p. 98) observa que as mulheres, nesse universo discursivo, “são quantificadas e transformadas em mercadorias, tornadas comensuráveis não apenas entre si, mas também com bens inanimados de valor de uso análogo, incluindo quaisquer ‘mercadorias sexuais’”. Sob essa lógica, o ideal de masculinidade defendido pelos adeptos da *redpill* repousa sobre a manutenção calculada de relações estritamente sexuais com uma miríade de parceiras, desprovidas de qualquer compromisso afetivo, ranqueando-as como desejáveis ou indesejáveis à maneira de uma bolsa de valores erótica.

À luz do exposto, a intersecção entre a psicologia evolucionista e os imperativos da economia neoliberal cimenta o arcabouço ideológico da *redpill*. Nessa lógica, “os homens devem reprimir suas necessidades de conexão intersubjetiva, pois tais necessidades jamais seriam satisfeitas por mulheres intrinsecamente maquiavélicas” (Valkenburgh, 2021, p. 95). Seus

¹⁴ (...) as mulheres têm um imperativo biológico de fazer sexo com um certo tipo de homem e de se casar com um homem com um conjunto diferente de características. Em particular, as mulheres são presumivelmente levadas a casar com homens que lhes dão apoio emocional e económico e que as ajudarão a criar os seus filhos. Ao mesmo tempo, pensa-se que as mulheres têm um impulso biológico contraditório para dormir com homens que lhes proporcionarão “bons genes”, mas que não necessariamente ajudarão a sustentar a prole (Valkenburgh, 2021, p. 92).

¹⁵ Na ótica *redpill*, o feminismo constitui-se numa estratégia sexual articulada pelas mulheres para assegurar seus interesses; em contrapartida, a *redpill* surge como o contramovimento masculino, concebido para neutralizar tal expediente. Como sintetiza Valkenburgh (2021, p. 89), “Se o feminismo é uma estratégia sexual para as mulheres, então ‘A Pílula Vermelha é a estratégia sexual dos homens’ e ‘uma estratégia eficaz contra a própria estratégia sexual [das mulheres]’ (II)”.

defensores auto posicionam-se como vítimas de uma suposta “dominação feminista” e de uma pretensa natureza feminina inerentemente maquiavélica, recomendando, como salvaguarda, o repertório estratégico que o movimento dissemina.

Em consonância com o eixo investigativo desta pesquisa, cabe sublinhar que Thiago Schutz, o protagonista do vídeo viralizado que lhe concedeu o pseudônimo de “calvo do Campari”, autoproclama-se adepto convicto da *redpill* e dissemina suas premissas por meio de vídeos, *podcasts* e acompanhamentos individuais remunerados, isto é, consultorias. Recorrentemente, alça-se à condição de depositário privilegiado do “saber *redpill*”, pontuando experiências pessoais como prova de haver barrado tentativas de “dominação feminina” à luz desses preceitos. Seus “ensinamentos” consistem em severas críticas contra as mulheres, impregnadas de matizes violentos, atitudes misóginas, ancoradas em apelos emocionais que fomentam, sobretudo, a raiva e a indignação do público masculino contra o público feminino.

Tal dinâmica difundida nos conteúdos de Schutz corrobora o diagnóstico de Ging (2017, p. 11), segundo o qual “a maior parte da retórica dos direitos dos homens funciona menos como um apelo à ação política e mais como um canal para a evacuação coletiva da raiva”. No âmbito deste estudo, tal dinâmica promove a circulação de discursos violentos que, em espaços digitais públicos, tendem não apenas a moldar, mas também a distorcer as interpretações sociais sobre a mulher. Nesse sentido, evidencia-se que a narrativa *redpill*, disseminada pelo enunciador Schutz, objeto desta investigação, assume contornos de violência explícita contra as mulheres, revelando traços de profunda misoginia.

Não é de hoje que a violência contra as mulheres se manifesta. Como afirmam Moterani e Carvalho (2016, p. 167), “A misoginia é o prejuízo mais antigo do mundo e apresenta-se como um ódio ou aversão às mulheres, podendo manifestar-se de várias maneiras, incluindo a discriminação sexual, denegrição, violência e objetificação sexual das mulheres”. Esse quadro de violência, enraizado historicamente, reverbera nos discursos contemporâneos associados à *redpill*, em que o enunciador Thiago Schutz se apresenta como um de seus porta-vozes em seu canal no *Youtube*. Em suas falas, nota-se a reatualização de práticas misóginas sob novas roupagens discursivas, que não apenas reiteram a aversão às mulheres, mas também fomentam práticas de “agressões físicas, psicológicas, sexuais, mutilações, perseguições; culminando em alguns casos no feminicídio”¹⁶ (Moterani; Carvalho, 2016).

¹⁶ Não se afirma que os conteúdos de Schutz tenham resultado em casos concretos de feminicídio, mas sim que eles atuam como estímulo, direto ou indireto, à prática de violências contra as mulheres.

A respeito de Thiago Schutz, em seu site oficial, o *coach* se autodenomina como escritor, palestrante e apresentador e se apresenta com o seguinte texto, na imagem 3 abaixo:

Imagem 2: Pequeno currículo de Thiago Schutz

Tabela 1

Thiago Schutz estudou Engenharia Elétrica e Publicidade e Propaganda. É palestrante e autor de livros voltados para o tema da masculinidade e um dos **principais expoentes na temática de relacionamentos e Red Pill**.

Os conteúdos publicados em sua página [manualredpill](#) no Instagram são acompanhados por mais de 100 mil homens todos os dias. Thiago também presta mentoria individual e em grupo para homens que estão passando por problemas relacionados à interação com as mulheres ou falta de propósito em suas vidas.

Recebeu inúmeros elogios e comentários positivos por sua desenvoltura, lucidez e didática ao explicar sobre a Red Pill e relações entre os sexos em diversos podcasts, **cujos cortes ultrapassam 20 milhões de visualizações** em todas as redes sociais.

Fonte: Site oficial de Thiago Schutz

Nesse mesmo site é possível encontrar referência a quatro livros escritos por Schutz, intitulados: “Pílula de realidades: autocuidado, conhecimento, dinheiro e mulheres”; “Pílula de realidades 2: fortaleza mental, estratégia, poder, masculinidade e mulheres”; “O livro das *red flags*: os comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno”; “*Redpill 2.0*”. Ainda encontramos 4 cursos de autoajuda intitulados “Como superar sua ex para sempre”; “Como conquistar a mulher que quiser”; “Como concertar seu relacionamento”; “Como ser um homem de valor” e 3 tipos de mentorias, exclusivas, rápidas e em grupo. Todos esses materiais constroem um cenário de autoridade aos conteúdos de Schutz e promulgam a imagem de um profissional bem capacitado pois mobiliza o *topoi* de “autoridade especialista (professor, médico, mecânico...), que é digno de crédito/de obediência em função de uma competência reconhecida socialmente” e da “competência do mestre (autoridade carismática do guru)” (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 87).

Tendo em conta o nascedouro do interesse pela presente pesquisa, a compreensão da *redpill* e seus fundamentos básicos, vale explicitar com maior detalhe nosso percurso investigativo. A consternação coletiva desencadeada pelas declarações viralizadas de Thiago Schutz, surgiu o interesse de examinarmos as interações presentes na seção de comentários dos *shorts* (fragmentos de vídeos extensos) divulgados por Schutz em sua página oficial no *Youtube*. Os conteúdos audiovisuais, os elementos tecnodiscursivos e as interações oriundas dos *shorts*

selecionados foram convertidos em fonte primária para a construção de um banco de dados, designado **Redpill**¹⁷, que veio a constituir o *corpus* de análise do presente trabalho.

No tocante ao *Youtube*, plataforma eleita para a coleta de dados desta investigação, cumpre assinalar algumas de suas singularidades histórico-funcionais a fim de fundamentar, em termos metodológicos, a eleição desta plataforma. Lançado em 2005, o site ascendeu vertiginosamente até firmar-se como um dos principais polos virtuais de partilha de vídeos, integrando-se ao cotidiano de milhões de internautas em escala planetária. Presentemente, figura como a segunda plataforma digital mais visitada do globo terrestre. Segundo levantamento publicado pela *Forbes* em 2023, o Brasil ocupa a terceira posição entre os países que mais utilizam seus serviços, sendo ultrapassado apenas pela Índia e pelos Estados Unidos. Tal quadro evidencia o peso sociocultural do *Youtube*, bem como sua capacidade de difusão e captação de conteúdos de múltiplas naturezas, fatores que reforçam a relevância de tê-lo como *locus* de investigação desta pesquisa.

Cumpre, ainda, deslindar a lógica de funcionamento da plataforma, cujo detalhes serão tratados com maior acuidade no capítulo metodológico. O *Youtube* faculta a seus usuários a publicação de vídeos extensos e de vídeos curtos (*shorts*), bem como a realização de múltiplas ações interativas: curtir, comentar, compartilhar em outras redes, salvar para visualização posterior, entre outras. A modalidade *shorts* no *Youtube* constitui adição relativamente recente, lançada em 2021 como estratégia para mitigar a ascensão da plataforma concorrente *TikTok*¹⁸, cuja mecânica se alicerça na circulação de vídeos curtos e sumamente sintéticos.

À luz de sua rápida popularização nas plataformas digitais e de seu caráter dinâmico (pois são conteúdos curtos e de fácil assimilação pelo usuário), elegemos os *shorts* do *Youtube* como o *locus* investigativo de nosso objeto de pesquisa (falaremos em breve sobre o objeto). Tal escolha revela-se profícua, pois é precisamente nesse espaço digital de ampla visibilidade em uma das plataformas mais acessadas no Brasil que os conteúdos *redpill* de Thiago Schutz se materializam e difundem, reverberando discursos específicos sobre a imagem social da mulher.

¹⁷ Doravante, empregaremos a grafia **Redpill**, sempre iniciada por letra maiúscula, em negrito e sem itálico, para referir-nos exclusivamente ao banco de dados desta pesquisa, prevenindo qualquer confusão com o *corpus* propriamente dito.

¹⁸ *TikTok*, também conhecido como **Douyin** e anteriormente Musical.ly (em Han: 抖音, pronúncia mandarim:) na China, é um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos. De propriedade da companhia de tecnologia chinesa ByteDance, o aplicativo de mídia foi lançado como Douyin na China em setembro de 2016, e introduzido no mercado internacional como Musical.ly um ano depois, porém em novembro de 2017 o TikTok comprou o Musical.ly. É uma plataforma de vídeos curtos líder na Ásia, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo. O aplicativo ganhou popularidade e se tornou o mais baixado nos Estados Unidos em outubro de 2018. A partir de 2018, esteve disponível em mais de 150 mercados e em 75 idiomas. O aplicativo permite que os usuários criem vídeos de até 10 minutos. Em julho de 2018, o aplicativo contava com mais de 500 milhões de usuários em todo o mundo, chegando a 1 bilhão de usuários em 2021 (Wikipédia, s.d.).

Assim, o lócus investigativo escolhido converge com os critérios de atualidade e pertinência que asseguram a originalidade deste mestrado, pois viabiliza a mobilização de categorias teóricas a um contexto eminentemente virtual, cujas especificidades podem nos revelar o novo.

Concluída a construção do banco de dados **Redpill**, composto pelo *download* integral dos vídeos e pelas capturas de tela dos elementos tecnodiscursivos e das interações por comentários de 80 *shorts* da página oficial de Thiago Schutz¹⁹ no *Youtube*, todos selecionados por exibirem mais de 96 comentários, avançamos para a delimitação do *corpus* que sustenta a presente investigação. Para construirmos nosso *corpus*, apoiamo-nos em três critérios basilares. 1) Incluímos apenas *shorts* acima de 96 comentários, assegurando maior número de interações entre os usuários. 2) Priorizamos *shorts* cujas interações e conteúdos exibissem enfrentamentos acirrados de pontos de vista antagônicos. 3) Selecionamos *shorts* em que Thiago Schutz mobiliza diferentes estratégias discursivas, argumentativas e tecnodiscursivas (mobilização de lendas populares, dramatizações, conselhos e analogias) em suas intervenções.

Desse modo, o *corpus* de pesquisa selecionado para a presente dissertação, proveniente do bando de dados **Redpill**, é constituído por quatro *shorts* do *Youtube*: 1) “*Você é desprezado ou admirado*” com 551 comentários; 2) “*Essa lenda japonesa é mais que real*” com 1.135 mil comentários; 3) “*Você gosta de comer pão?*” com 604 comentários e 4) “*Melhores momentos morning*” com 1026 comentários²⁰. Tendo em voga nosso *corpus*, definimos uma problemática central que guiará nossas investigações adiante: *o ethos projetado por Thiago Schutz em seus shorts mobiliza representações da mulher que reverberam nas interações por comentários entre os usuários que os comentam?*

Optamos por analisar os conteúdos *redpill* difundidos por Thiago Schutz no *Youtube* por considerá-los um vetor discursivo com potencial para alimentar o preocupante quadro de violência contra a mulher no Brasil. Nosso interesse se baseou também nos dados do Atlas da Violência, elaborado pelo IPEA²¹, segundo os quais, entre 2011 e 2021, aproximadamente 49 mil mulheres foram assassinadas, e a taxa de feminicídio saltou de 0,43 para 1,2 a cada 100 mil habitantes a partir de 2019. A pertinência da presente investigação radica-se, pois, na urgência de

¹⁹ Os detalhes sobre o banco de dados **Redpill** e seu posterior recorte que deu origem ao nosso *corpus* estão presentes no capítulo metodológico. Importa sublinhar, desde logo, a distinção categorial entre banco de dados e *corpus*, pois não se trata de entidades equivalentes. O banco de dados constitui o recorte mais amplo: um repositório exaustivo que acolhe todo o material bruto coletado — neste caso, as capturas de interação de oitenta *shorts*. Já o *corpus* representa uma parcela desse conjunto, selecionada segundo critérios teórico-metodológicos precisos para servir de base analítica; em outras palavras, é a fração do banco de dados depurada e orientada pela chave interpretativa da pesquisa.

²⁰ Valores referentes a coleta de dados realizada em dezembro de 2024.

²¹ 4600-atlasviolencia2024.pdf

tentar coibir e combater qualquer forma de agressão dirigida às mulheres, mediante a análise de discursos, em situação de interação, veiculados por um dos mais proeminentes porta-vozes brasileiros da *redpill*, que, reiteradamente, veiculam posicionamentos violentos e marcadamente misóginos. Hipotetizamos que Thiago Schutz propaga interpretações sociais específicas sobre a mulher e que tais representações são assimiladas e replicadas pelos usuários que consomem e comentam seus vídeos.

Para além dos dados alarmantes já expostos, cumpre destacar que coletividades extremistas como a *redpill* operam também como incubadoras de masculinidades transgressoras, fomentando práticas de violência, neste caso, virtual, que deve ser percebida como indissociável da vida *offline*, conforme adverte a análise do discurso digital (Paveau, 2022). Esses agrupamentos recorrem a variados graus e modalidades de agressão como forma de mitigar os avanços na agenda da igualdade de gênero, adquirindo especial vigor nos momentos em que o feminismo conquista terreno político e/ou cultural, “intensificando-se em reação à perda percebida ou ao desafio ao privilégio masculino” (Blais e Dupuis-Déri, 2012 *apud* Gotell & Dutton, 2016, p. 69). Por esse motivo, a pertinência, atualidade e ineditismo deste estudo repousam na chance de esquadrihar, em contexto brasileiro, o funcionamento discursivo, retórico, tecnodiscursivo e argumentativo da *redpill*, tomando como cenário um espaço digital de interação. Esta dissertação é apenas uma investigação que, na verdade, desvela apenas a ínfima parte emersa de um vasto *iceberg* de diversos tipos de violência contra a mulher que assolam o Brasil, considerando-se os assustadores números de feminicídios, que as estatísticas, aqui já expostas, nos informam.

Para dar conta do nosso problema de pesquisa, fizemos a integração de alguns instrumentos teóricos do campo dos estudos do discurso, da argumentação, da retórica e da análise do discurso digital. No plano discursivo, valemo-nos do conceito de *ethos* formulado por Maingueneau (2008, 2008b, 2016, 2020) e de suas categorias conexas de cena genérica e cenografia. No plano retórico elegemos a categoria analogia tal como sistematizada por Perelman e Olbretchs-Tyteca (2005). No plano argumentativo, fundamentamo-nos na teoria da Polêmica de Amossy (2017), privilegiando a noção de interação polêmica e as categorias de dicotomização, polarização e desqualificação do adversário. Complementarmente, recorreremos ao Modelo Dialogal da Argumentação - MDA (Plantin 2002, 2008, 2009, 2015; Grácio 2009, 2010, 2020; Damasceno-Morais 2021, 2023) e às suas categorias de Proponente, Oponente, Terceiro, situação e questão argumentativa, além da categoria estase. Por fim, sob a ótica da análise do discurso digital de Paveau (2021), mobilizamos as categorias de *corpus* digital nativo, *hashtag*, escrita

digital, compósitos, tecnodiscurso, comentário e ambiente digital, adequando o enquadre teórico às especificidades de um *corpus* integralmente produzido e circulado *online*.

A partir do panorama explicitado, formulamos o objetivo principal e específicos de nossa pesquisa. Vejamos a seguir:

Objetivo principal:

Investigar e descrever o *ethos* projetado por Thiago Schutz nos *shorts* e se este mobiliza representações da mulher na sua construção que ecoam nas interações entre os internautas que comentaram tais *shorts*.

Objetivos específicos:

- Identificar e descrever o *ethos* que Thiago Schutz projeta nos *shorts* do *Youtube* que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, considerando, para tanto, os elementos tecnodiscursivos, retóricos, argumentativos e discursivos;
- Averiguar em que medida os elementos tecnodiscursivos do ambiente digital intervêm, de forma singular, na construção do *ethos* de Schutz;
- Identificar e descrever possíveis representações da mulher mobilizadas por Schutz na construção do seu *ethos* em cada *short*;
- Analisar interações polêmicas, presentes nos comentários dos *shorts*, deslindando se/e quais representações da mulher os internautas invocam para sustentar seus posicionamentos;
- Investigar as interações polêmicas presentes nos comentários, à luz dos preceitos do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA) delineando os possíveis papéis actanciais (Proponente, Oponente e Terceiro), a questão argumentativa, a situação argumentativa e a estase;
- Averiguar, nas interações por comentário coletadas, se os internautas reproduzem, reinterpretem ou contrapõem-se as representações da mulher possivelmente veiculadas na construção do *ethos* de Schutz nos *shorts*.

Ante o exposto, a presente dissertação encontra-se dividida em cinco capítulos: “Capítulo 1: Argumentação e retórica e seus entrelaçamentos”, “Capítulo 2: Polêmica e argumentação”, “Capítulo 3: Metodologia”, “Capítulo 4: Mapeamento do *ethos* de Thiago Schutz

em ambiente digital”, “Capítulo 5: A representação da mulher refletida nas interações por comentários nos *shorts* de Thiago Schutz”.

No Capítulo 1: *Argumentação e retórica e seus entrelaçamentos*, inicia com um panorama histórico-conceitual sobre a evolução das ideias de retórica e argumentação, desde a Grécia Antiga até os debates contemporâneos. Em seguida, discorre sobre a argumentação enquanto prática interacional, ressaltando a relevância do tensionamento de vozes em confronto como elemento constitutivo dessa dinâmica. Em seguida, nos debruçamos sobre a argumentação enquanto prática interacional, destacando como o tensionamento de discursos em confronto se faz importante enquanto objeto investigativo. Na sequência, introduzimos o Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), discutindo sobre suas contribuições na análise de discursos antagônicos em contextos reais de interação. Passamos, então, ao conceito de *ethos*, explicitando a diferença entre sua concepção na perspectiva retórica e na perspectiva discursiva, sendo essa última concepção, que orientará nossa investigação. Por fim, discorreremos sobre a analogia como categoria analítica que se mostrou imprescindível na compreensão da tessitura do *ethos* projetado por Thiago Schutz.

O Capítulo 2: *Polêmica e Argumentação*, explora o binômio consenso/dissenso à luz das principais correntes retóricas e argumentativas, partindo da retórica aristotélica e chegando às reformulações modernas de Perelman e Olbrechts-Tyteca, Toulmin, Walton, Grice e outros. Na sequência, amparados em Ruth Amossy, enfatizamos a relevância do desacordo como condição inerente às sociedades plurais. Nesse interim tratados da noção de polêmica e suas categorias, dicotomização, polarização e desqualificação do adversário. O capítulo ainda discute sobre o papel das emoções e da violência verbal na polêmica e, por fim expande diálogo associando-o ao ambiente digital.

No Capítulo 3: *Metodologia*, descrevemos a arquitetura metodológica da pesquisa, traçando o percurso que vai da construção do banco de dados **Redpill** à delimitação do *corpus* analítico, bem como os aportes teóricos e metodológicos. Partimos de uma reflexão sobre rigor e processualidade científica, comparando o manejo do *corpus* ao ofício do marceneiro: conhecer a matéria-prima para lixá-la, seccioná-la e remontá-la com precisão. Detalhamos a coleta dos *shorts* do *Youtube* de Thiago Schutz que compôs o banco de dados e os critérios que orientaram o recorte posterior dos *shorts* que fundaram nosso *corpus* investigativo. O capítulo ainda explica o método adotado para anonimização dos comentaristas, a codificação actancial e o sistema de transcrição adotado.

No Capítulo 4: *Mapeamento do ethos de Thiago Schutz em ambiente digital*, aborda a construção dos *ethé* mobilizados por Thiago Schutz nos *shorts* que constituem o *corpus* da pesquisa, analisando-os à luz dos elementos tecnodiscursivos, retóricos, argumentativos e discursivos. Primeiramente, analisamos as especificidades do *ethos* em ambiente digital, destacando os recursos tecnodiscursivos (*hashtags*, legendas e títulos) utilizados por Schutz. Em seguida, investigamos a cenografia e cena genérica construída pelo *coach*, evidenciando como elementos audiovisuais, gestuais e indumentários reforçam os *ethé* projetados. Ademais, examinamos detalhadamente o emprego do argumento por analogia e a mobilização das emoções (*pathos*) como estratégias retórico-argumentativas fundamentais para a construção dos *ethé* de Schutz: especialista, conselheiro, redentor e justiceiro.

No Capítulo 5: *A representação da mulher refletida nas interações por comentários nos shorts de Thiago Schutz*, dedica-se à análise das representações da mulher presentes nos *ethé* de Schutz identificados no capítulo anterior e às reverberações dessas representações nas interações entre os internautas que comentam os *shorts*. Com apoio no Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), realizamos a análise das interações polêmicas, incorporando também as categorias argumentativas de dicotomização, polarização e desqualificação do adversário. Nesse percurso, identificamos os papéis actanciais assumidos pelos internautas (Proponentes e Oponentes), as questões argumentativas em disputa, as situações argumentativas que estruturam os debates e os momentos de estase. Por fim, examinamos detalhadamente tanto as consonâncias quanto as dissidências entre as representações da mulher projetadas por Schutz e aquelas mobilizadas pelos internautas, revelando de que maneira tais representações são reproduzidas, ampliadas ou contestadas nas dinâmicas interacionais investigadas.

Por fim, nas “*Considerações Finais*” retomamos sinteticamente o percurso investigativo realizado, destacando o alcance dos objetivos traçados e ressaltando os principais resultados obtidos. O capítulo enfatiza a confirmação da hipótese inicial, demonstrando que os *ethé* projetados por Thiago Schutz (especialista, conselheiro, redentor e justiceiro) mobilizam representações específicas da mulher (primitiva, impura, oportunista/usurpadora, cuidadora, envelhecida/desvalorizada e vitimista), que são, por sua vez, ecoadas amplamente pelos internautas nas interações polêmicas analisadas. Também evidencia que, mesmo nos momentos em que surgem vozes dissidentes, as representações da mulher articuladas por Schutz permanecem como referência central do debate. Por fim, salienta a contribuição teórica e metodológica do estudo para os campos da argumentação, retórica e análise do discurso digital, destacando como a investigação fornece um arcabouço analítico relevante para futuros estudos

sobre dinâmicas discursivas, representações sociais e interações argumentativas em ambientes digitais.

CAPÍTULO 1: ARGUMENTAÇÃO INTERACIONAL

1. Caminhos da retórica e argumentação: uma prática social

Desde tempos remotos, persiste uma inquietação acerca do uso da palavra pelo orador e do modo como ela se desdobra na tessitura complexa do discurso em interação. Os primeiros indícios de uma sistematização a respeito do uso da palavra remetem a 450-440 a.C., na Sicília grega, especificamente na cidade de Siracusa, que, após momentos de ditadura, passou a ser re-governada sob a influência da cultura grega (Breton e Gauthier, 2001). Esse zelo pela instrumentalização da eloquência adere, de forma inextricável, aos interesses sociopolíticos da *pólis*, a qual, depois de sucessivos ciclos de expropriação arbitrária, viu-se compelida a deliberar, em praça pública, acerca da restauração dos direitos de propriedade de seus cidadãos (Barthes, 1970).

Sob o império dessas novas arenas deliberativas, o uso palavra converte-se em chave de poder: urgia conduzir, com eficácia, os vereditos de júris populares encarregados de arbitrar litígios e fixar rumos coletivos. Assim, firmemente enraizada no domínio jurídico da deliberação, a retórica ergue-se em pilar imprescindível da administração democrática da *polis*. Nos tribunais, “júris populares (...) escutam as partes a defenderem suas causas; na *ágora*, a assembleia de cidadãos ouve os oradores, delibera e decide sobre os destinos da *pólis*; e em ajuntamentos cívicos entoam-se elogios fúnebres ou laudatórios (Breton e Gauthier, 2001, p. 18, grifo nosso). Dessa maneira, a palavra nesse período histórico, enquanto instrumento de persuasão, deliberação e celebração, permeava tanto as relações institucionais quanto as relações pessoais, tornando-se objeto de ensino formal e signo da própria tessitura cívica e cultural.

Com efeito, emerge o *Corax*²², que se debruça sobre um conjunto de regras capazes de auxiliar no melhor uso da palavra diante das deliberações nos tribunais, oferecendo uma esquematização das condutas necessárias para se conduzir uma oração. Dessa forma, “a retórica nasce, simultaneamente, num contexto judicial e no centro de uma reflexão sobre os métodos que permitem sistematizar a eficácia da palavra” (Breton e Gauthier, 2001, p. 22). Ainda nesse período histórico, entre os séculos V e IV a.C., outros filósofos dedicaram-se ao estudo do uso da retórica, bem como de suas intenções e funções. Os sofistas, por exemplo, entendiam a palavra como um instrumento estético, persuasivo e acreditavam que “o ser está totalmente contido no que é dito” (Breton e Gauthier, 2001, p. 25). Para os filósofos sofistas o mundo se funde ao uso

²² O grego *Corax*, um dos primeiros ‘professores’ de retórica e de certa forma seu inventor, redige então um manual (Breton e Gauthier, 2001, p. 21 e 22).

da linguagem, estabelecendo uma relação mútua de co-construção, isto é, a linguagem se estabelece como a máxima da humanidade. É nesse horizonte que despontam os sofistas, figurando, simultaneamente, como os primeiros advogados e como pioneiros do magistério profissional remunerado no ocidente²³.

Alvo de severa censura por parte dos filósofos que se devotaram à objetividade da busca da verdade, o ideário retórico dos sofistas, bem como sua *práxis*, foi gradativamente rotulado de erístico. Sócrates e, sobretudo, Platão sustentavam que a eloquência sofística privilegiava a persuasão em detrimento da investigação da verdade. Como observa Reboul (2004, p. 10), a retórica dos sofistas muitas vezes era vislumbrada como um discurso “próprio para vencer, que, no caso, equivale a vencer, a deixar o interlocutor sem réplicas”. Nesse prisma, para outros filósofos da época, os sofistas converter-se-iam em mestres da manipulação verbal, manejando a linguagem como instrumento de supremacia estratégica nos debates e habitando, segundo a mesma autora, um “mundo dos sofistas (...) sem verdade objetiva capaz de criar o consenso de todos os espíritos” (Reboul, 2004, p. 09). Em síntese, a retórica sofística, tal como interpretada por Sócrates e Platão, subordina-se ao imperativo de triunfar a qualquer custo; daí sua classificação como erística por alguns.

A concepção sofista de retórica contrapõe-se à socrática, esta última voltada ao desvelamento da verdade por meio do exame dialógico e do rigor dialético, priorizando clareza conceitual e probidade intelectual em vez da simples “vitória oratória”. Em Fedro (2011), diálogo clássico do *corpus* platônico, Sócrates explicita seu repúdio às práticas sofísticas, recriminando-lhes a relativização da objetividade da verdade,

(...) quando se admite a exatidão sem se ser versado na arte da dialética, pode acontecer que logo depois ele nos pareça falso, as vezes com fundamento, outras vezes sem nenhum e depois mais outro e mais outro da mesma natureza. Como sabe é o que se verifica com os disputadores de razões contraditórias, que acabam por considera-se os maiores sábios por serem os únicos a reconhecer que nada há de são e firme, nem nas coisas nem no raciocínio, encontrando-se tudo, em verdade” (Fedro, 2011, p. 141).

Sob a ótica socrática, “não se trata de negar a retórica, mas, ao invés, de alargar o âmbito do seu emprego, por um lado, e de a articular num método de busca da verdade, por outro” (Breton e Gauthier, 2001, p. 29). Ao invés de repudiar a arte da persuasão, Sócrates postula a sua integração a um procedimento mais ambicioso: a dialética, instrumento destinado a sondar o

²³ (...) optam por ser educadores profissionais, estrangeiros itinerantes que vendem a sua sabedoria, cultura e competências, como as heteras os seus encantos. Mas são também homens poderosos, que sabem como persuadir os juízes, dar a volta a uma assembleia, desempenhar uma missão com êxito, transmitir as suas leis a uma nova cidade, preparar para a democracia, em resumo, atuar politicamente (Cassin, s.p, 1991 *apud* Breton e Gauthier, 2001, p. 26).

verdadeiro para além do mero impacto oratório. Convém lembrar que, no período em questão, a dialética configurava-se como “uma interação limitada com um vencedor e um perdedor” (Plantin, 2008, p. 10), um “jogo especulativo” (Reboul, 2004, p. 37) em torno de um tema preciso. Trata-se, pois, de um processo de indagação recíproca, incessantemente renovado, que, ao pôr à prova teses e contra teses, culmina na elucidação progressiva do objeto examinado e, idealmente, na descoberta do verdadeiro. Desse modo, a retórica, na ótica socrática, opõe-se ao sofismo ao deixar de ser mero expediente para triunfos efêmeros e assume o papel de parceira indispensável da investigação filosófica.

Em outros termos, a dialética só se instaura “na medida em que incide sobre um problema determinado (...) e ocorre entre parceiros iguais, movidos pela busca do verdadeiro, do justo ou do bem comum, entre os quais a fala circula livremente, segundo regras explicitamente estabelecidas” (Plantin, 2008, p. 11). Para Sócrates, essa prática não apenas constitui o alicerce da retórica; ela exige, ainda, que o orador module o discurso de acordo com o “conhecimento do público que se pretende persuadir” (Breton e Gauthier, 2001, p. 29). Assim, o filósofo imprime uma inflexão decisiva à arte da eloquência, demonstrando que a força de um discurso depende tanto da robustez lógico-moral de sua estrutura quanto ao contexto de enunciação.

No percurso histórico que delinea a composição procedimental da retórica, Aristóteles empreende uma releitura decisiva de seus domínios, deslocando o eixo da discussão para além da dimensão moral pela busca do verdadeiro. Discípulo de Platão, filósofo que harmonizava a arte da persuasão com princípios éticos e com a incessante busca da verdade (Reboul, 2004, p. 26), Aristóteles instaura uma inflexão ao sustentar que “a retórica é um instrumento que pode ser usado tanto para o bem quanto para o mal, tanto para o justo quanto para o injusto” (Breton & Gauthier, 2001, p. 32). Ao fazê-lo, rompe com a tutela platônica e confere à retórica estatura mais autônoma: não mais privilégio exclusivo da moralidade, mas técnica cuja legitimidade depende da finalidade a que se presta e do uso que dela fazem os oradores.

A habilidade de Aristóteles reside em ajustar a retórica ao contexto de sua aplicação, utilizando as tópicos²⁴ para discernir “os meios mais adequados em cada caso, conforme se faz em todas as artes” (Aristóteles, 2005, p. 94). Nessa concepção, a retórica não almeja desvendar uma verdade absoluta; busca, antes, “por meio de vias não coercitivas, levar seus semelhantes a compartilharem de suas perspectivas” (Amossy, 2020, p. 17), de modo a fazer reverberar uma ideia. Cumprir tal propósito requer o uso criterioso da razão, a exploração cuidadosa dos *topoi* e

²⁴ Uma tópica é um sistema de coleta, de produção e de tratamento da informação para finalidades múltiplas (narrativa, descritiva, argumentativa), essencialmente práticas, funcionando em uma comunidade relativamente homogênea em suas representações e normas (Charaudeau e Mainguenu, 2020, p. 474)

a aplicação de técnicas ajustadas a um auditório; exatamente o que destacam Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca na *Nova Retórica* (2005).

Cumpra notar, ademais, que as sistematizações legadas por Aristóteles, ainda hoje basilares, conferem à arte retórica um estatuto incontornável. Em síntese, o filósofo distingue quatro grandes momentos operatórios que se desdobram internamente: invenção (*inventio*), elocução (*elocutio*), disposição (*dispositio*) e ação (*actio*). Por razões de ordem metodológica, não esmiuçaremos aqui cada categoria, limitando-nos a assinalar sua importância como pilares estruturais para a compreensão da retórica e argumentação no decurso da história humana, nesta rápida contextualização.

Nos séculos que se seguem, a retórica consolida-se como domínio de saber vital tanto na tradição grega quanto, sobretudo, na romana. Entre o século I a.C. e o III d.C., autores de estatura canônica, como Cícero, em *De oratore*, e Quintiliano, na *Institutio oratoria*, erigem-lhe alicerces teóricos e pedagógicos duradouros. A arte de persuadir por meio da palavra torna-se, assim, instrumento estratégico de participação cívica e de ascensão social no mundo latino.

Para Cícero, a eloquência requer formação vasta e contínua do orador, diametralmente oposta ao ensino, por ele duramente censurado, dos sofistas. Desdenhava “as receitas retóricas, os ‘truques’ para se impor” (Reboul, 2004, p. 73), defendendo, em vez disso, o cultivo de uma *humanitas* abrangente desde a infância, síntese de saber literário, filosófico e histórico capaz de sustentar a ação pública de um cidadão. Quintiliano, por sua vez, ao expandir o legado ciceroniano, concebe a retórica como eixo da formação integral humana e, com a *Institutio oratoria*, oferece um “tratado completo de educação a partir da primeira infância” (Reboul, 2004, p. 73). Assim, nesse breve percurso histórico, vemos que a retórica deixa de ser artifício técnico jurídico para converter-se em princípio ético e cultural: “falar bem é ser homem de bem” (Reboul, 2004, p. 74).

1.1 Argumentação e retórica: entre altos e baixos

Ao longo do século XIX, a retórica, outrora saber prestigioso, vê eclipse gradual de seus dias de glória. Tal marginalização decorre das profundas transformações verificadas na filosofia, na ciência e na educação moderna do século citado, nas quais “a argumentação irá ser substituída pela demonstração racional, nomeadamente a partir de Descartes” (Breton e Gauthier, 2001, p. 46). O triunfo do método científico positivista, alicerçado em objetividade e empiria, relega a

retórica a estatuto de conhecimento “menos rigoroso”, pois fundado no verossímil²⁵. Em consequência, e de forma radical, forma-se um ambiente para o qual “nenhuma posição fundada no bom senso, no consenso, na opinião, na *doxa* ou nos lugares comuns pode ser seriamente sustentada” (Plantin, 2008, p. 13,14). A retórica, portanto, nesse momento histórico, não conseguiu satisfazer os rigores do saber positivo (Meyer, 2008; 2009), empenhado em submeter todos os fenômenos a cálculos matemáticos exatos para alcançar “a posse dos verdadeiros e perfeitos princípios, baseados na matemática pura e universal, extensivos a todo o conjunto dos conhecimentos humanos” (Olimpio-Ferreira, 2023, p. 19).

No entanto, Plantin (2008) adverte que nesse período a retórica não desapareceu de fato; experimentou, antes, um intervalo de deslegitimação em determinadas áreas dos conhecimentos e práticas sociais. Nos domínios jurídico e teológico, certas técnicas retóricas permaneceram em vigor, pois, continuavam indispensáveis para estruturar argumentos convincentes e persuadir plateias, preservando viva a tradição do bem dizer onde a eloquência ainda era vital (Plantin, 2008).

A revitalização efetiva dos estudos retóricos e argumentativos ocorre apenas em 1958, curiosamente de forma concomitante e sem intercâmbio prévio por dois autores distintos, em duas obras capitais: *O tratado da argumentação: a nova retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, e *O uso dos argumentos*, de Toulmin. O primeiro livro propõe uma “atualização” das bases aristotélicas da retórica, posicionando-se frontalmente contra o método positivista dominante à época e restituindo a retórica seu estatuto de disciplina legítima no manuseio da palavra. Isto é,

A Nova Retórica, pondo em questão a visão cartesiana e a tradição lógica moderna advinda dos matemáticos do século XIX que associaram a lógica a lógica formal, mostra, por meio da retomada do conceito aristotélico de dialética que eliminar os equívocos, as controvérsias, as incertezas, só é possível se se tratar de uma língua artificial, restrita ao cálculo mecânico com número limitado de elementos” (Olimpio-Ferreira, 2023, p. 23).

De modo geral, a Nova Retórica perelmaniana propõe “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 04). Os estudiosos também definem que a persuasão, ao contrário da lógica formal, deve ser fundamentada nas particularidades de seu uso, destacando que “o que caracteriza a adesão dos espíritos é sua intensidade variável” (Perelman e

²⁵ Ela corresponde ao provável da estatística ou ao plausível da *doxa*, ou seja, às representações, maneiras de fazer, de pensar e de dizer normais, coerentes, frequentes numa comunidade (rotinas, cenários, lugares, estereótipos), que pré-formam as expectativas e guiam as ações (Charaudeau e Mainguenu, 2020, p. 493, 494).

Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 04). Nessa perspectiva, a retórica e a argumentação, apesar de não focarem exatamente na mecânica da troca argumentativa entre interlocutores (relação orador e auditório), abrange não apenas demonstrações lógicas, mas também a habilidade de persuadir através de estratégias valorativas, emocionais e contextualmente intencionais.

À diferença da Nova Retórica, Stephen Toulmin não se aparta da lógica formal; antes, realoca-a no terreno da retórica e argumentação. Com efeito, “a argumentação e a lógica não são antinômicas para ele: a argumentação não é banida do campo da lógica; antes pelo contrário, a lógica é libertada da formalização matemática e empurrada para o lado da argumentação” (Breton e Gauthier, 2001, p. 75). Seu propósito é instaurar uma lógica “desformalizada” que, sem sucumbir à rigidez da matemática pura, ofereça um quadro racional de justificação assente em esquemas argumentativos (como *data*, *warrant* e *claim*)²⁶. Dito isso, na perspectiva de retórica e argumentação Toulminiana, “a lógica não diz respeito ao modo como inferimos, nem às questões de técnicas, ela se move em primeiro lugar por um interesse retrospectivo, justificativo – com os argumentos que podemos apresentar depois, provamos que são aceitáveis as conclusões a que chegamos” (Toulmin, 2001, p. 08).

Nesse horizonte, Toulmin delinea uma lógica de feição decididamente pragmática, orientada para a aplicação e a justificação dos argumentos em situações concretas, e não para a mera formalização matemática. Como observa Velasco (2022, p. 44), “parte-se, pois, da tese/asserção/alegação e, em atividade retrospectiva de justificação, buscam-se as razões que a fundamentam”. Nessa concepção, a eficácia argumentativa decorre da solidez das justificativas oferecidas e da capacidade do discurso em adaptar-se às especificidades de cada circunstância. Daí porque “o tipo de fato que podemos apontar e o tipo de argumentos que podemos apresentar dependem, mais uma vez, da natureza de cada caso” (Toulmin, 2001, p. 18), de modo que o valor do raciocínio se aferre tanto à sua arquitetura inferencial quanto à pertinência contextual de sua aplicação.

Vimos como a retórica e a argumentação atravessaram um período de descrédito, para então ganhar novo fôlego com a *Nova Retórica* e com a lógica formal. A partir da segunda metade do século XX, esse renascimento deu origem a diversas vertentes que ampliaram, cada qual a seu modo, o campo de investigação sobre a retórica e a argumentação: lógica informal (Walton, 1990), lógica natural (Grize, 2001), pragma-dialética (Van Eemeren, 1996), análise do discurso (Ducrot, 1984), análise da conversação (Kerbrat-Orecchioni, 2016) e, por fim,

²⁶ Tais categorias não serão tratadas, pois foram mobilizadas apenas para exemplificar as características da corrente teórica em destaque.

argumentação interacional (Plantin 2002, 2008, 2015; Grácio 2009, 2010, 2020), que servirá de eixo para esta pesquisa. Cada abordagem oferece uma lente própria para compreender a retórica e a argumentação em variados contextos.

2. Argumentação: interação em foco

Conforme assinala Grácio (2010, p. 13), “Uma das abordagens mais amplamente adotadas para entender a argumentação é situá-la na problemática da influência por meio do discurso, ou seja, explicá-la pelos seus efeitos persuasivos: argumentamos para persuadir”. Todavia, confinar a argumentação a esse horizonte estritamente persuasivo, tal como o fazem os antigos manuais de retórica, equivale a obliterar a sua complexidade efetiva.

A persuasão continua sendo um ingrediente decisivo da atividade argumentativa, mas não pode “estabelecer o fundamento primordial da argumentação” (Plantin, 2009, p. 147). Quando se toma o convencimento como único horizonte, esvaziam-se outras funções igualmente relevantes, como negociar sentidos, gerir vínculos, construir identidades ou simplesmente testar ideias em público. Afinal, uma contenda pode servir tanto para esclarecer mal-entendidos, reforçar alianças, delimitar fronteiras simbólicas ou até mesmo manter viva uma divergência necessária. Nesse quadro, concentrar-se apenas no êxito persuasivo “sacrifica a multiplicidade de finalidades e dinâmicas que emergem nas interações humanas”. Como lembra Grácio (2010, p. 13), “Os fatores situacionais, relacionais, organizacionais, contextuais, pessoais e práticos, bem como o fato de à situação argumentativa ser inerente a uma forma de tratarmos o outro, fazem com que uma visão técnica seja sempre algo de muito redutor e unilateral”. Em outras palavras, os debates cotidianos resultam de um tecido complexo de objetivos explícitos e implícitos, de jogos de poder, de afeições e de compromissos sociais que vão muito além de convencer um interlocutor. Reconhecer essa pluralidade permite analisar a argumentação como prática eminentemente relacional, aberta a negociações, impasses e até a confrontos que não se resolvem, e, ainda assim, cumprem papéis cruciais na vida coletiva.

Em muitas situações, argumentar vai muito além de tentar convencer: há os “diálogos de surdos” (Angenot, 2008) e debates que, como observa Fogelin (2019, p. 94), “podem ser intensos sem ser profundos” ou mesmo permanecer insolúveis. Esses casos mostram que a argumentação não se limita à busca de adesão; ela funciona também demarcação de territórios simbólicos e de catálise de tensões sociais. Assim, em vez de vê-la apenas como técnica persuasiva, tal como nos alerta os estudiosos já mencionados nessa seção, devemos entendê-la como processo discursivo

multifacetado, no qual se entrelaçam negociação de sentidos, construção de identidades, manutenção de fronteiras grupais e gestão dos vínculos interacionais, mesmo quando o consenso jamais se alcance. Insistimos que,

Se se define a argumentação pelo efeito persuasivo, e o efeito persuasivo por uma modificação de representação, então deixa de existir qualquer diferença entre o argumentativo e o informativo, uma vez que qualquer informação nova modifica as representações daquele que a recebe (Plantin, 2009, p. 147).

Em síntese, nesse estudo, interessa-nos escapar à “unidimensionalização que a dominância de uma tal matriz acarreta quando se procura formatar o humano — nomeadamente a sua sociabilidade e a linguagem enquanto *medium* que a funda — a partir dela” (Grácio, 2010, p. 27). Não pretendemos, pois, impor regras universais a todas as circunstâncias argumentativas nem construir taxonomias exaustivas; almejamos, antes, apreender como as engrenagens argumentativas se atualizam em momentos de interação, no caso desse estudo, em ambiente digital.

Neste trabalho, assumimos a argumentação como um processo de tensão e inquietude cognoscível que se desenrola em situações concretas, inclusive em ambientes digitais, tal qual nosso *corpus*. Daí a pertinência do postulado segundo o qual “a ideia de tensão entre discursos é a base descritiva mais adequada para estudar a argumentação” (Grácio, 2010, p. 41). Esse enfoque, como reforça Grácio (2020), destaca o embate de teses em torno de uma questão nuclear, dinamizado por mecanismos de tematização e de perspectivação que fazem convergir ou colidir diferentes pontos de vista. Tal dinâmica plural é vital numa sociedade intrinsecamente diversa, pois é no confronto que se negociam sentidos, limites e possibilidades de convivência com o Outro.

Como observa Damasceno-Morais (2023), os argumentos complexos brotam das interações linguísticas cotidianas, orais ou escritas, e são fortemente moldados pelo contexto que os abriga. Nessa linha, Charaudeau (2005) adverte que o valor argumentativo de um ato de fala não pode ser aferido fora das condições em que se produz. Na perspectiva interacional na qual estamos nos debruçando, integra tais nuances sem desautorizar as abordagens precedentes. A argumentação interacional considera o entrelaçamento de conhecimentos, intenções, valores e representações dos interlocutores, bem como as particularidades da encenação situacional, aquilo que Padilha (2023, p. 204) denomina “situacionalidade da argumentação”. Assim,

(...) numa visão interacionista da argumentação, enfatiza-se o fato de os argumentos serem algo que vão surgindo e, por conseguinte, precisam ser

considerados a partir da sua emergência, na contraposição de posicionamentos; no calor do momento. A tônica é, assim, posta na dinâmica do processo argumentativo e naquilo que concretamente sucede nessa alquimia, de forma incerta e imprevisível, visto que ali as regras do debate virão à tona ao longo da interação (Damasceno-Morais, 2023, p. 29).

“Amar se aprende amando”, já advertiu o escritor Carlos Drummond de Andrade; *mutatis mutandis*, pesquisar argumentação implica destrinçar os fios que tecem sua tessitura emergente, pois, como assinala Fogelin (2019, p. 90), “Um argumento é produzido pela atividade de argumentar, e argumentar é algo que as pessoas fazem”. Partindo desse princípio pragmático, propomo-nos a escrutinar nosso *corpus* à luz da argumentação interacional, abordagem particularmente apta às idiossincrasias do objeto em pauta. Para dar conta dessas nuances, adotaremos o Modelo Dialogal da Argumentação (MDA) como ferramenta teórico-metodológica capaz de captar tensões, convivências e dissensos que entrelaçam o tecido argumentativo. Esse recorte analítico nos permitirá revelar, com precisão, como a representação da mulher é (re)configurada nas interações que compõem o objeto deste estudo.

3. Modelo dialogal da argumentação

Na seção precedente, assinalamos a necessidade de conceber a argumentação para além dos instrumentos persuasivos voltados exclusivamente ao consenso ou para uma forma rígida de conceber a atividade argumentativa, numa perspectiva formalista. Nessa vereda, priorizamos a argumentação interacional, que se concentra “não [na] noção de argumento ou [na] intencionalidade persuasiva do discurso, mas [nas] noções de contradiscurso” (Grácio, 2010, p. 55, grifo nosso). Optamos, por conseguinte, pelo Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), pois permitirá desvendar as engrenagens argumentativas que estruturam as interações que compõe nosso *corpus*, iluminando como as tensões, os alinhamentos e os dissensos reverberam representações da mulher no contexto investigado.

Idealizado por Christian Plantin, o MDA surge da necessidade de se prestar atenção não só no discurso, mas igualmente no contradiscurso e nos elementos semióticos que compõem uma situação de interação argumentativa. Inconformado com modelos monológicos, hegemônicos desde a década de 1980, o autor propõe um arcabouço que abarque essa dualidade (Plantin, 2008). O MDA focaliza o confronto de discursos e as réplicas antagônicas que orbitam uma mesma questão. À semelhança da polêmica argumentativa descrita por Amossy (2017), seu nascedouro é o embate de ideias (não a violência verbal), a contraposição de pontos de vista que podem ser

igualmente legítimos e fecundos. Nessa perspectiva, o antagonismo deixa de ser visto como algo negativo: ele funciona como motor heurístico, estimulando a construção de multi-significados.

Para Plantin, “A atividade argumentativa é iniciada quando se questiona um ponto de vista” (Plantin, 2008, p. 63); em outras palavras, a divergência instaura a argumentação. Damasceno-Morais (2023, p. 29) corrobora: “a interação torna-se argumentativa quando aflora um confronto discursivo em que emergem respostas opostas à mesma questão”. O interlocutor, ao recusar a perspectiva alheia, “obriga o interlocutor a argumentar, isto é, a desenvolver um discurso de justificativa” (Plantin, 2008, p. 64). Não basta discordar; é imperioso apresentar razões que sustentem tal discordância, superando o mero do desacordo.

Para tanto, os participantes tematizam seus pontos de vista e perspectivam (Grácio, 2010) suas razões; processo de especial interesse para o MDA. Como observam Damasceno-Morais e Barbosa (2021, p. 9), “a conclusão de um debate não é tão relevante para a análise quanto as idiosincrasias do percurso argumentativo ao longo da interação entre debatedores/interactantes”. O MDA privilegia, pois, a dinâmica processual da troca discursiva, sem se deter em proclamar vencedores ou catalogar antagonismos. Não se trata do ringue erístico, em fim de contas.

Conforme ressalta Damasceno-Morais (2023, p. 28), a investigação no MDA “tomará por base a existência de uma questão (termo-chave do modelo dialogal), para, numa visada diferente, analisar os entrelugares da construção dos pontos de vista que se revelaram antagônicos”. Nesse quadro, as técnicas argumentativas têm função claramente instrumental: elas “dizem respeito à problematização das perspectivas em confronto” (Grácio, 2010, p. 54) e só se justificam “se ajudar a compreender a mecânica da interação” (Damasceno-Morais, 2023, p. 30). Assim, o foco desloca-se do catálogo de procedimentos para o modo como os movimentos argumentativos esclarecem o embate entre discursos em torno da questão central.

O grande diferencial do MDA reside em sua natureza bifásica: ele articula simultaneamente o plano dialógico, que abrange cadeias discursivas mais amplas, atravessadas por vozes herdadas do passado ou circulantes no presente social e o plano dialogal a troca concreta de enunciados entre locutores. Nesse sentido, “tanto o fenômeno da alteridade quanto da interdiscursividade” devem ser considerados, pois o modelo comporta “suas dimensões interlocutivas e interdiscursivas” (Emediato e Damasceno-Morais, 2022, p. 198). No nível interlocutivo, revela-se uma pluralidade de vozes que se cruzam, retomando a concepção bakhtiniana da linguagem como espaço de confrontos e ressonâncias (Bakhtin, 1992). No nível interdiscursivo, essas mesmas vozes se inscrevem em posições discursivas mais estáveis (ou “pontos de fala”), permitindo que cada participante se singularize identitariamente e, ao mesmo

tempo, remeta a tradições, gêneros e ideologias pré-existentes (Emediato e Damasceno-Morais, 2022).

Essa dupla ancoragem torna o MDA particularmente potente para investigar interações em ambientes complexos, como ambientes digitais, pois permite captar, de um lado, o embate imediato entre interlocutores e, de outro, as redes de sentido mais amplas que orientam, legitimam ou tensionam esses embates. Em suma, o modelo revela como os argumentos circulam não só “entre” falantes, mas também “através” de discursos que os precedem e os ultrapassam, compondo um mosaico identitário e ideológico que dá forma às disputas contemporâneas.

Cumprir explicitar alguns traços estruturantes do MDA para além de sua matriz conflituosa, dialógica e dialogal. De saída, vale recordar que “quer se trate do oral ou do escrito, o dado de base é constituído de, pelo menos, dois discursos antagônicos, em contato ou distanciados” (Plantin, 2008, p. 67). É justamente esse entrelaçamento oposicional, presente ou apenas presumido, que sustenta a interação e “define um diálogo como argumentativo” (Damasceno-Morais, 2021, p. 10). A partir daí, o modelo distribui os participantes em três papéis actanciais recorrentes, Proponente, Oponente e Terceiro, todos enquadrados por uma situação argumentativa específica, por uma questão que funciona como eixo do debate e pela estase, ponto de máxima tensão do confronto. Essas categorias, decisivas para mapear a mecânica dos embates discursivos, serão examinadas com maior detalhe nas próximas subseções.

3.1 Proponente, Oponente e Terceiro

Dado que o MDA assenta no confronto de teses antagônicas em torno de um tema central, torna-se imprescindível explicitar os papéis actanciais que estruturam a interação argumentativa segundo o modelo. Essa tríade actancial compreende o “Proponente (que apoia plenamente uma Proposição), o Oponente (que rejeita essa Proposição) e o Terceiro (que se questiona sobre ela)” (Plantin, 2002, p. 18). Importa frisar que tais papéis não correspondem a indivíduos concretos, mas ao enquadramento discursivo que cada participante pode assumir no curso da disputa, isto é,

A noção do papel argumentativo implica uma distinção fundamental entre os actantes (Proponente, Oponente e Terceiro) e os atores da comunicação argumentativa, que são os indivíduos concretos engajados na comunicação. Esses atores podem ocupar sucessivamente cada uma das três posições argumentativas (ou papéis actanciais). Reciprocamente, a mesma posição de actante argumentador pode ser ocupada por vários atores, ou seja, por vários indivíduos aliados (Plantin, 2002, p. 18).

Para que uma interação se configure, de fato, como argumentativa segundo o MDA, é imprescindível que os papéis actanciais se evidenciem com nitidez ao longo do intercâmbio. Como advertem Damasceno-Morais e Barbosa (2021, p. 10), “é preciso que esteja clara a presença dos papéis de atuação”; caso contrário, o embate corre o risco de reduzir-se a um simples confronto. Vale frisar, todavia, que tais papéis não são estanques: numa interação concreta, distintos participantes podem assumir o mesmo enquadramento discursivo e constituir alianças argumentativas (Plantin, 2008) que reforçam ou contestam determinada posição.

Dentro dessa tríade, cabe ao Proponente lançar a tese em debate; ao Oponente, contrapor-lhe com uma contra-tese; e ao Terceiro, exercer a função crítica da dúvida. Sobre este último, Figueiredo e Damasceno-Morais (2024, p. 185) assinalam que se trata de uma figura “complexa e abrangente, capaz de influenciar a situação estática de modos diversos, conforme o contexto”. Na prática, o terceiro suspende o juízo, recusando-se a aderir de pronto a qualquer dos polos, e converte a discordância em questionamento contínuo. Tal postura, observa Plantin (2008), é crucial para preservar a estabilidade da questão em disputa e, por extensão, aferir a pertinência dos argumentos apresentados pelas demais vozes.

3.2 Situação argumentativa

Até aqui demonstramos que, à luz do MDA, a argumentação só adquire plena consistência quando discurso e contradiscurso se entrelaçam num triângulo actancial contrastivo, propor, opor e duvidar. Cumpre, agora, abordar o ponto de ignição desse mecanismo: a situação argumentativa. A situação argumentativa instaura-se sempre que dois discursos antagônicos se interceptam, constituindo uma circunstância de fala na qual pontos de vista colidem em torno da “resposta correta” a uma questão comum (Plantin, 2002, 2008, 2009, 2015, 2018).

Ela emerge, pois, da incongruência perceptível sobre um tema-problema partilhado, gerando um embate argumentativo que caracteriza a atividade argumentativa. Tais situações podem eclodir nos contextos mais variados, versando sobre assuntos igualmente heterogêneos, “seja apresentada nos fatos, na forma de uma oposição face a face ou, no outro extremo, na forma de uma gama de possibilidades debatida dialogicamente em foro íntimo” (Plantin, 2018, p. 246). O requisito indispensável é a coexistência de antagonismo discursivo, de uma questão nodal e do contraste de papéis actanciais.

3.3 Questão argumentativa

A questão argumentativa instaura-se quando um tema adquire estatuto problemático, isto é, deixa de ser tomado como evidente e passa a ser objeto de suspeição e escrutínio. Nessa ótica, a situação argumentativa emerge quando determinado tema se converte numa questão argumentativa, ponto nodal em torno do qual os discursos se confrontam (Plantin, 2008). Plantin (2008) relembra a gênese judiciária desse mecanismo: nos tribunais, a “pergunta” a ser julgada decorre da resposta do réu à acusação; analogamente, no MDA, a pergunta argumentativa nasce da contraposição entre o Oponente e o Proponente, delimitando o cerne do debate.

Grácio (2010, p. 56) designa esse foco problemático de assunto em questão: trata-se de um tema “cuja natureza é problemática, não apenas por admitir uma pluralidade de abordagens e pontos de vista, mas também por colocar em primeiro plano uma situação de oposição”. Ao longo da interação, tal questão mobiliza a articulação própria da situação argumentativa: agentes inscrevem-se em papéis actanciais, manejam proposições, encadeiam enunciados, respondem a questionamentos, interrogam essas respostas, testam a validade dos raciocínios e exercem, em maior ou menor grau, intencionalidade persuasiva, recorrendo ainda a procedimentos de crítica e validação (Grácio, 2010). Desse entrelaçamento nasce o tecido argumentativo que o MDA se propõe a desvelar.

3.4 Estase

Etimologicamente polissêmica, a palavra estase denota, na psicologia, “tensão emocional constante, de longa duração, caracterizada por uma mescla de sentimentos de prazer e atitudes violentas” (Michaelis, 2024) e, na medicina, a “estagnação do sangue ou dos humores em qualquer parte do corpo” (Michaelis, 2024). Transposta ao domínio da argumentação, ela designa o clímax da situação argumentativa, momento em que o desacordo entre os debatedores alcança sua máxima intensidade (Damasceno-Morais e Barbosa, 2021, p. 10).

Se a questão argumentativa funciona como a fâsca que incendeia o debate e a situação argumentativa a fogueira que alimenta a combustão discursiva, a *estase* corresponde ao calor candente que impregna o embate, à espera do sopro argumentativo que revigorará ou extinguirá as brasas. É esse impulso propulsor, observa Damasceno-Morais (2023), que transforma um diálogo aparentemente ordinário em confronto argumentativo genuíno, ponto de máxima tensão

em que cada polo mobiliza todos os recursos disponíveis para sustentar, com firmeza, a própria posição.

4. Algumas considerações sobre *ethos*

O estudo do *ethos* também desperta interesse desde a Antiguidade, compondo parte inseparável de todo discurso (Eggs, 2016). Conscientes de sua importância, nesta seção detemos-nos, no conceito de *ethos* primeiramente segundo a retórica aristotélica e, depois, destacaremos as atualizações propostas a noção pelos estudos contemporâneos, sem pretensão de exaustão do tema, bastante complexo por sinal. Esse breve percurso é fundamental para o nosso trabalho, pois fornece as bases necessárias para compreender o *ethos* à categoria analítica em nossa investigação.

Na tradição aristotélica, a imagem do orador está profundamente entrelaçada com a expressão de seu caráter, visando conquistar a confiança do público por meio de três competências essenciais: *phrónesis*, *areté* e *eunóia*; a prudência, a virtude e a benevolência. Magalhães (2019, p. 31) elucida os pormenores de cada uma dessas competências, destacando que a *phrónesis* é percebida na postura de uma pessoa ponderada, a *areté* reflete a atitude de um orador franco, que profere verdades cruas, e a *eunóia* se manifesta na apresentação de uma imagem agradável de si mesmo. Para a autora, o *ethos* se constrói na confluência, do que ela chama de três espécies de *ethé* (Magalhães, 2019). Fiorin (2018) delinea que essas competências possuem especificidades que as tornam intrinsecamente interconectadas. Segundo o estudioso, a *phrónesis* está associada ao uso do *logos*, uma vez que o orador se apresenta como sensato e ponderado, construindo seu discurso predominantemente através da argumentação racional (Fiorin, 2018). Na *areté*, o orador edifica suas provas empregando o *ethos* para demonstrar franqueza e integridade (Fiorin, 2018). Já na *eunóia*, as provas são construídas com base no *pathos*, revelando um orador solidário e empático, que se alinha emocionalmente ao seu público (Fiorin, 2018).

Propondo uma tradução explicativa e contemporânea das competências do *ethos* aristotélico mencionadas anteriormente, Eggs (2016, p. 33) define que “os oradores inspiram confiança quando: a) seus argumentos e conselhos são sábios e razoáveis, b) se expressam de forma honesta e sincera e c) demonstram solidariedade e amabilidade para com seus ouvintes”. Essas competências operam de maneira sinérgica para moldar a imagem do orador e influenciar a percepção do público acerca de sua credibilidade e confiabilidade. Ao desenvolver e comunicar

essas competências com desenvoltura, o orador é capaz de conquistar a confiança e a credibilidade de sua audiência.

Para Aristóteles (2005), o vigor persuasivo de um discurso repousa na impressão de fiabilidade que o orador consegue suscitar. É na tessitura mesma da palavra que o locutor edifica o seu *ethos* — imagem avaliada à luz de “valores presumivelmente partilhados” (Maingueneau, 2020, p. 9). Meyer (2007) aprofunda a ideia ao descrevê-la como a projeção de uma aura de excelência e autoridade, capaz de legitimar o orador diante de seu auditório. O bom orador, assim, é aquele que, pela palavra, instaura imagem de confiança e credibilidade. O *ethos*, conclui Meyer (2007), possui ainda a faculdade de suspender objeções, ao soldar o ser à imagem que dele se oferece.

Amossy (2020), estudiosa contemporânea, argumenta que a pessoa do orador desempenha um papel central na argumentação, sendo o *ethos* a imagem que ele constrói de si mesmo no percurso de seu discurso, com o propósito de aumentar a eficácia de sua expressão. Dito isso, o *ethos* se materializa no discurso em ação ou como Maingueneau (2020, p. 11) diz, “a eficácia do *ethos* assemelha-se assim ao fato de ele envolver, de alguma maneira, a enunciação sem estar explicitado”. Isto é, o *ethos* de um orador se constitui nas especificidades construídas através do manuseio do discurso em ação.

Maingueneau (2008b, 2020) amplia a compreensão do *ethos*, vislumbrando-o como noção impassível de fixação definitiva, propondo a noção de *ethos discursivo*. Tal atualização da noção destaca-se da acepção retórica clássica, centrada na performance oral em ambientes formais de fala pública ou célebres, por estender-se a toda e qualquer situação de enunciação, escrita ou falada. Como observa o próprio autor,

A retórica tradicional atrelou estreitamente o *ethos* à eloquência e à oralidade em situação de fala pública (assembleia, tribunal...), mas cremos que, em vez de reservá-lo para a oralidade, solene ou não, é preferível alargar o seu alcance, abarcando todo tipo de texto (Maingueneau, 2008b, p. 17).

Essa ampliação repercute diretamente na tessitura dos elementos constitutivos do *ethos*. Longe de se limitar à voz e às estratégias argumentativas, ele passa a englobar um feixe de marcas linguísticas e extralinguísticas: escolha lexical, registro gramatical, disposição composicional, ritmo discursivo, prosódia, gestualidade, disposição tipográfica, recursos icônicos, vestuário, imagem previa do público, enfim, todo indício capaz de projetar a imagem do locutor. O *ethos discursivo*, desse modo, “não se trata de uma representação estática, mas de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário no próprio movimento da fala do locutor” (Maingueneau, 2020, p. 10). Isso implica conceber que o *ethos* se edifica pela enunciação que por sua vez ocorre dentro

de uma instituição discursiva inserida em uma determinada configuração cultural, a qual envolve papéis, posições e momentos específicos de enunciação (Maingueneau, 2016).

A partir da concepção de *ethos discursivo*, Maingueneau (2016, 2020) erige um vasto repertório de categorias analíticas, entre as quais se avulta, para os fins desta investigação, as categorias de cenografia e cena genérica. A eleição dessas categorias revela-se particularmente oportunas, dadas as singularidades do *corpus* em exame, que exigiu uma apreensão minuciosa do contexto enunciativo na descrição do *ethos* de Thiago Schutz. Dito isso, a cenografia designa o enquadramento situacional de uma enunciação e opera de modo estritamente cooperativo: “o universo construído pelo enunciador deve especificar e validar a cenografia através da qual ele surge” (Maingueneau, 2020, p. 19). A cenografia, portanto, converte-se, assim, em instância simultaneamente reguladora e regulada: cada decisão composicional, do recorte lexical à arquitetura visual, pode fortalecer ou fragilizar o *ethos* que o enunciador deseja projetar. Já a cena genérica tem a ver com o gênero que permeia a enunciação, isto é, “com as normas constitutivas de um gênero ou de um subgênero de discurso” (Maingueneau, 2020, p. 19).

À luz da concepção de *ethos discursivo* delineada por Maingueneau, alicerçaremos nossa análise do *corpus* nessa perspectiva. Tal opção justifica-se pela distância que separa essa abordagem do *ethos* retórico aristotélico: ao transcender a oralidade, ela integra marcas textuais, visuais, sonoras e corporais, elementos frequentemente presentes em ambientes digitais, que podem influenciar na edificação do *ethos* de um enunciador. Por razões metodológicas, empregaremos doravante apenas o termo *ethos*, sempre compreendido na perspectiva de Maingueneau (2016, 2020), dado que não examinaremos os outros tipos de *ethos* que se subscrevem ao *ethos discursivo* na perspectiva do autor²⁷. Sob tal prisma, investigaremos de que maneira as escolhas lexicais, as opções sintáticas, os recursos prosódicos e as estratégias multimodais (gestualidade, enquadramentos audiovisuais, disposição tipográfica, trilha sonora, ritmo de edição) se imbricam, conferindo credibilidade ao *ethos* projetado por Thiago Schutz nos *shorts*.

5. Representação do outro no discurso: tecido macrossocial

Na seção precedente, debruçamo-nos sobre o conceito de *ethos* segundo a leitura expandida de Maingueneau (2008, 2008b, 2016, 2020), que incorpora variáveis linguísticas e

²⁷ Na perspectiva de Maingueneau (2020), o *ethos discursivo* interage com outros tipos de *ethos*: o *ethos mostrado*, o *ethos dito* e o *ethos pré-discursivo*, especificidades que não serão abarcadas nesse presente estudo.

extralinguísticas, cenografia, cena genérica, gestualidade, indumentária, recursos tecnodiscursivos, entre outras, como fatores decisivos na apresentação do *ethos* de um enunciador. Embora tal ampliação receba do autor a designação *ethos discursivo*, adotaremos, por razões metodológicas, a forma abreviada *ethos*.

A etapa que ora se inicia nessa seção desloca o foco para a noção de representação social. Nosso propósito é investigar se, e em que medida, o *ethos* construído por Thiago Schutz em seus *shorts* convoca determinadas representações sociais da mulher e se essas reverberam entre os internautas que interagem por comentário nos *shorts* que compõe nosso *corpus*. Para tanto, recorreremos à teoria das representações sociais delineada por Moscovici (2007) e aprofundada por Jodelet (1989).

No âmbito desta dissertação, adota-se a perspectiva das representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989, p. 04 e 05). Desse modo, as representações sociais ajudam a construir uma realidade comum, isto é, proporcionam uma interpretação compartilhada do mundo que permite aos membros de um grupo social entenderem e interagirem uns com os outros de forma coerente.

A relevância das representações sociais para a vida cotidiana manifesta-se já nos níveis mais básicos das relações interpessoais. Conforme observa Moscovici (2007), “Todas as interações humanas, quer ocorram entre duas pessoas, quer se estabeleçam entre dois grupos, pressupõem representações; na realidade, é precisamente isso que as caracteriza”. Essa afirmação reforça o entendimento de que nenhuma prática comunicativa se realiza em terreno neutro, pois as interações são atravessadas por conteúdos simbólicos pré-existentes, que configuram expectativas, definem papéis sociais e enquadram interpretações valorativas sobre o outro. Em outras palavras, toda interação humana é permeada por representações, sem as quais ficaria reduzida a trocas vazias e desprovidas de significado social.

Nesse sentido, Moscovici (2007, p. 33) sublinha o caráter pervasivo das representações sociais, indicando que “cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não”. Caso esse fenômeno seja ignorado ou negligenciado, adverte o autor, “resta apenas a troca, isto é, ações e reações” (Moscovici, 2007, p. 40), isto é, as interações ficariam reduzidas a movimentos mecânicos e desprovidos da profundidade simbólica que lhes concede sentido social.

Observa-se, portanto, que as representações sociais articulam dimensões cognitivas, afetivas e normativas, desempenhando papel decisivo na sustentação das identidades individuais e coletivas. Tal característica estruturante é evidenciada por Jodelet (1989, p. 05), ao explicitar que esses constructos funcionam duplamente:

como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Elas igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e assimilação do conhecimento, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. Como fenômenos cognitivos, associam o pertencimento social dos indivíduos às implicações afetivas e normativas, às interiorizações das experiências, das práticas, dos modelos de conduta e de pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que aí estão ligados.

Em outras palavras, as representações sociais são sistemas interpretativos fundamentais que orientam nossa compreensão do mundo e influenciam o modo como interagimos com os outros. No raciocínio da estudiosa, elas não são apenas ideias isoladas, mas estruturas simbólicas que nos ajudam a dar sentido às nossas relações sociais e a organizar nossas ações e comunicações cotidianas (Jodelet, 1989). Ademais, as representações sociais também são fenômenos cognitivos fortemente vinculados à dimensão emocional e normativa. Isso quer dizer que elas conectam o indivíduo ao seu grupo social por meio de sentimentos, valores e normas compartilhadas. As representações são internalizadas a partir das experiências vividas e das práticas sociais, bem como dos modelos de conduta e pensamento difundidos pela comunicação social (Jodelet, 1989). Portanto, na ótica da autora, a representação social não é simplesmente adquirida individualmente, mas transmitida e reforçada socialmente, influenciando significativamente nossas percepções, emoções, comportamentos e atitudes frente à realidade em que vivemos.

Contudo, longe de permanecerem fixas e imutáveis, essas representações sociais estão continuamente sujeitas a processos dinâmicos de transformação e atualização. Como adverte Moscovici (2007, p. 37), embora sejam amplamente compartilhadas e influenciem significativamente os indivíduos, elas não são, em rigor, originalmente concebidas por eles; ao contrário, “são repensadas, recitadas e rerepresentadas”. Dessa forma, as representações sociais participam de um constante fluxo discursivo e interpretativo, em que são apropriadas, modificadas, reforçadas ou, eventualmente, contestadas. É nesse permanente movimento de circulação e ressignificação coletiva que elas demonstram sua capacidade simultânea de ordenar as relações sociais e os sentidos atribuídos à realidade.

É nesse horizonte teórico que nosso interesse investigativo se inscreve. Buscamos compreender como o *ethos* projetado por Thiago Schutz em seus *shorts* ativa determinados esquemas interpretativos sobre a mulher, isto é, representações sociais da mulher, por exemplo, fragilidade, manipulação ou inferioridade econômica. Pretendemos investigar se, e em que medida, essas representações são apropriadas, reiteradas ou mesmo ressignificadas pelos internautas que interagem na seção de comentários dos *shorts*.

6. A analogia: uma estratégia argumentativa

Um dos nossos propósitos consiste em descrever o *ethos* de Thiago Schutz, nos termos delineados por Maingueneau (2008, 2008b; 2016; 2020), que contemple a complexidade dos elementos linguísticos e extralinguísticos mobilizados na enunciação, indo além da mera dimensão oral. Diante das especificidades e dos desafios analíticos oferecidos pelo *corpus* selecionado, tornou-se necessário incorporar instrumentos interpretativos adicionais, capazes de apreender as múltiplas camadas discursivas nele presentes. Nesse sentido, adotamos também a categoria analítica da analogia, cuja pertinência se impôs progressivamente ao longo do próprio percurso investigativo e descritivo de nosso *corpus*.

Na tradição teórica da *Nova Retórica*, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a analogia configura-se como um procedimento argumentativo que estabelece uma relação entre duas ordens distintas de realidade, denominadas pelos autores como *tema* (aquilo que se pretende demonstrar) e *foro* (aquilo que serve como fonte esclarecedora), instituindo entre ambas uma proporção parcial. Essa conexão possui caráter intrinsecamente assimétrico, como destacam os autores, “Há, de todo modo, entre tema e foro, uma relação assimétrica que nasce do lugar por eles ocupado no raciocínio” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 425). Compreende-se daí que, para que haja *analogia* propriamente dita, *tema* e *foro* devem pertencer a domínios distintos. Caso ambos se insiram em uma mesma esfera de experiência, a operação argumentativa não é mais analógica, mas passa a caracterizar-se como exemplo ou ilustração.

Nesse sentido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 425) esclarecem que “tema e foro fornecem dois casos particulares de uma mesma regra”, apontando para o papel estruturante da analogia como uma espécie de ponte conceitual. Tal operação projeta sobre o tema um quadro interpretativo originalmente pertencente ao foro, criando condições para a compreensão do primeiro a partir do segundo. O discurso organiza essa transferência cognitiva ao aproximar ou

distanciar estrategicamente as duas esferas envolvidas, construindo cenários argumentativos que conferem legitimidade e clareza ao tema diante do auditório.

Complementarmente, Plantin (2021, p. 71) condensa a dinâmica da analogia ao descrevê-la como “uma identidade parcial, uma proporção que existe entre duas coisas”, enfatizando que é justamente essa parcialidade que garante a eficácia e a produtividade de um argumento por analogia. Em outras palavras, a analogia atua como um mecanismo capaz não somente de esclarecer o tema, mas também de remodelar sua percepção, conferindo-lhe novos contornos valorativos.

É por essas razões que a categoria analítica da analogia se revela indispensável ao percurso desta investigação. Por meio dela, buscaremos compreender como tal recurso argumentativo opera na construção do *ethos* projetado por Thiago Schutz em um dos *shorts* que integram nosso *corpus*, explorando em detalhes de que maneira o enunciador utiliza a analogia para legitimar sua imagem discursiva e conferir maior força às suas proposições.

Tabela 1: Síntese do capítulo 1

Eixo temático	Síntese objetiva do conteúdo
Breve panorama histórico da retórica e argumentação	A retórica nasce na Sicília grega como técnica de persuasão pública, relacionada aos tribunais e à <i>ágora</i> ; evolui, ao longo dos séculos, para estatuto de arte cívica, passa por momentos de marginalização e ressurge como teoria científica na contemporaneidade.
Argumentação interacional e o Modelo Dialogal da Argumentação (MDA)	A argumentação é vista como prática interacional onde convergem diversos discursos antagônicos. O MDA analisa interações que se manifestam através da disputa de discursos antagônicos sobre um mesmo tema, utilizando as categorias dos papéis actanciais de Proponente, Oponente e Terceiro, bem como as categorias de situação argumentativa, questão argumentativa e estase.
<i>Ethos discursivo, cenografia e cena genérica</i>	O <i>ethos discursivo</i> atualiza a concepção clássica aristotélica, abrangendo marcas linguísticas, visuais e corporais que podem contribuir na construção da imagem do enunciador. A cenografia tem a ver com uma instância discursiva simultaneamente reguladora e regulada: cada decisão composicional, do recorte lexical à arquitetura visual, pode fortalecer ou fragilizar o <i>ethos</i> que o enunciador deseja projetar. Já a cena genérica tem a ver com o gênero que enquadra o percurso de uma enunciação.

Representação social	Nenhuma prática comunicativa se realiza em terreno neutro, pois as interações são atravessadas por conteúdos simbólicos pré-existentes, que configuram expectativas, definem papéis sociais e enquadram interpretações valorativas sobre o outro, isto é, representações sociais.
Analogia como estratégia	Na tradição teórica da <i>Nova Retórica</i> , proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a analogia configura-se como um procedimento argumentativo que estabelece uma relação entre duas ordens distintas de realidade, denominadas pelos autores como <i>tema</i> (aquilo que se pretende demonstrar) e <i>foro</i> (aquilo que serve como fonte esclarecedora), instituindo entre ambas uma proporção parcial.

Fonte: elaboração da autora.

CAPÍTULO 2: POLÊMICA E ARGUMENTAÇÃO

2. Entre o acordo e o dissenso no jogo argumentativo

Nesta seção, à luz de Ruth Amossy (2017), reconstruímos brevemente o lugar do dissenso nos estudos da argumentação para mostrar que, tanto nos manuais clássicos quanto nos contemporâneos de retórica e argumentação, delinear-se fronteiras normativas que subordinam essas práticas à persuasão e à conciliação, convertendo o desacordo em obstáculo a ser eliminado. Em contraponto, seguimos Amossy ao sustentar que o dissenso não é um desvio patológico do debate, mas um componente estruturante das interações humanas. Para alcançar esse objetivo, detemo-nos, num primeiro momento, no lugar atribuído ao dissenso na retórica aristotélica e, a seguir, examinamos sua compreensão nos tratados modernos. Esse percurso sintético busca demonstrar, à luz de Amossy (2017), que o dissenso, longe de configurar um simples obstáculo, pode vir a constituir um componente fértil do jogo argumentativo.

Na tradição aristotélica, cuja gênese remonta à Grécia Antiga, como evidenciado no capítulo precedente, o ideal conciliatório da deliberação ocupava posição central na sustentação democrática da *pólis*. Nessa perspectiva, a retórica era concebida como “uma resposta comum que permitia ultrapassar as diferenças e chegar à decisão e à ação coletivas” (Amossy, 2017, p. 19). Ainda segundo a autora, “a retórica argumentativa da tradição aristotélica se apresenta como a arte de negociar as diferenças para se chegar a um acordo” (Amossy, 2017, p. 19), o que realça o trabalho do orador em mobilizar recursos linguísticos e estratégias persuasivas capazes de obter a adesão do auditório à tese defendida. Essa prática, definida como “ciência teórica e aplicada do exercício público da fala, proferida diante de um auditório dubitativo, na presença de um contraditor” (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 433), materializava-se nos diálogos públicos, nos quais as partes, mediante argumentações e refutações, construía entendimento mútuo sobre o tema em disputa.

Avançando na cronologia do pensamento retórico e argumentativo, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) alçaram-se como figuras singulares ao publicar o *Tratado da argumentação*, cujo escopo consistia em trazer novamente à tona a retórica e a argumentação, após longo período de relegação (como vimos no capítulo anterior). Nesse trabalho seminal, os autores empenharam-se em restabelecer a retórica e argumentação como elementos intrínsecos das dinâmicas sociais. À semelhança da tradição aristotélica, a Nova Retórica também privilegia o acordo, pois se define como o “estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento”

(Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 4). Em síntese, seu objetivo primaz consiste em persuadir o interlocutor e instaurar uma compreensão partilhada.

Segundo Amossy (2017, p. 22), a Nova Retórica visa “desacreditar os tipos de interações que não são passíveis de conduzir a adesão dos espíritos”. Desse modo, seu propósito primordial é fomentar entendimentos comuns, ou, ao menos, razoáveis, relegando à objeto-problema interações belicosas. Na esteira desse entendimento, para a Nova Retórica “o dissenso deve ser superado a todo custo, sob pena de falhar aos critérios da razão e de fazer a comunidade afundar na discórdia na divisão e, até mesmo, na luta armada” (Amossy, 2017, p. 22). Dito isso, a Nova Retórica empenha-se em construir um terreno consensual partilhado, no qual a argumentação se erige em instrumento capaz de reordenar e resolver conflitos de ideias contrastantes acerca de um mesmo tema. Não obstante, não se confunda esse empenho dos autores do Tratado com a incitação a uma retórica erística, muitas vezes fundada na violência verbal e no desacordo em competição em ringue verbal sangrento.

Para Grácio (2009, p. 152), “A nova retórica traz-nos, assim, antes de mais, uma imagem social da argumentação em que a razão deve ser posta ao serviço da coexistência pacífica entre indivíduos numa sociedade democrática”. Ao subordinar a razão ao propósito de aplacar divergências, a Nova Retórica eleva a argumentação a instrumento indispensável para resguardar a paz social no espaço público. Esse ideal, embora inegavelmente nobre, exige que ponderemos as múltiplas camadas e complexidades que permeiam cada interação, nem sempre capazes de produzir um desfecho igualmente pacífico.

Outras correntes dos estudos sobre retórica e argumentação igualmente situaram o consenso e a finalidade persuasiva no coração de suas formulações teóricas sobre as interações humanas. É o que demonstra a Lógica Informal de Douglas Walton (1990), cujo aporte principal consiste em tipificar os diálogos e os argumentos segundo seus propósitos comunicativos e circunstâncias de realização, facultando, em cada contexto, a calibração das estratégias argumentativas mais propícias à persuasão.

A esse propósito, Olímpio-Ferreira (2023, p. 113) esclarece que na Logica Informal “o diálogo é tipificado em função de sua finalidade e, desta tipologia, estabelecem-se normas para avaliar o uso das proposições em cada contexto dialógico”. Assim, o percurso tipológico delineado por Walton (1990) não só guia o orador na escolha das estratégias mais adequadas, mas também oferece um arcabouço prescritivo para avaliar, de modo propedêutico, a robustez ou a vulnerabilidade persuasiva dos argumentos mobilizados.

Para Walton (1990, p. 411), o argumento desempenha uma função essencialmente social e pragmática: “um meio social e verbal de tentar resolver, ou pelo menos enfrentar, um conflito ou diferença que surgiu ou existe entre duas (ou mais) partes.” Nessa perspectiva, a argumentação configura-se como instrumento privilegiado de persuasão e de construção de consensos compartilhados. Ao ajustar cada proposição às sutilezas do contexto interativo, o orador prioriza a convergência de perspectivas e a harmonização das teses em disputa.

Em outra passagem, o precursor da Lógica informal procede a uma análise contrastiva entre as prerrogativas da Lógica Formal e a Pragmática Lógica (campo ao qual a Lógica Informal se filia):

A teoria lógica, então, se preocupa basicamente com as proposições que constituem o argumento. A pragmática lógica se interessa pelo uso racional dessas proposições num diálogo, tendo em vista um objetivo, como, por exemplo, construir ou refutar um raciocínio que apoie um dos lados de uma questão controversa no contexto dialógico. Ela se interessa pelo que é feito com essas proposições nesse contexto, pelo uso dado a elas para convencer o outro argumentador (Walton, 2012, p. 02).

Em síntese, a Lógica Formal concentra-se na estrutura das proposições, examinando-lhes a forma, a coerência interna e a validade inferencial. A Pragmática Lógica (ou Lógica Informal), por sua vez, dedica-se ao emprego dessas proposições em contextos dialógicos concretos, considerando o objetivo comunicativo — sustentar ou refutar uma tese controversa e orientando seu uso estratégico para persuadir o interlocutor.

Como observa Walton (2012, p. 14), “todo diálogo surge de um problema, de uma diferença de opinião ou de assunto a ser resolvido que tenha dois lados”; sem o reconhecimento prévio dessa divergência, faltam os pressupostos compartilhados que sustentam o intercâmbio, tornando vã qualquer tentativa de persuasão. Assim, percebe-se que a Lógica Informal, à semelhança da Nova Retórica, posiciona o dissenso sobretudo como uma questão, que requer a mobilização deliberada de recursos persuasivos voltados à sua superação.

Para tanto, a Lógica Informal distingue diferentes tipos de diálogo e, nesse quadro, relega o desacordo a classificação de *diálogo erístico* e a posição mais baixa na hierarquia das interações. Como resume Amossy (2017, p. 25), essa tipificação “coloca esse tipo de interação no patamar inferior da escala dos diálogos”. A razão é clara, para Lógica Informal: “o diálogo erístico é, por isso mesmo, o lugar privilegiado dos argumentos falaciosos e das táticas manipulatórias” (Amossy, 2017, p. 25). Em síntese, quando o dissenso degenera em combatividade intransigente, como no diálogo erístico, extingue-se a possibilidade de avanço

deliberativo ou de construção de consenso, o que explica sua rejeição a um patamar inferior e nocivo no âmbito da Lógica Informal.

À semelhança da retórica aristotélica, da Nova Retórica e da Lógica Informal, a pragmática griceana (1982) também enuncia um conjunto de máximas que regulam a condução das interações, visando garantir a eficácia comunicativa e favorecer a resolução de eventuais conflitos. Isto é, dissolver o dissenso.

Para o estudioso, o funcionamento de um diálogo pressupõe a cooperação entre as partes, onde cada um deve se empenhar para alcançar um objetivo razoável mutuamente acordado. Grice (1982) define essa cooperação mútua como o Princípio da Cooperação, que corresponde a “contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado” (Grice, 1982, p. 86). Isto é, aos movimentos que os participantes de um diálogo devem formular para garantir a harmonia da conversação.

No âmbito do Princípio da Cooperação, Grice (1982) enuncia quatro Máximas Conversacionais, quantidade, qualidade, relação e modo²⁸, que servem de engrenagens normativas ao diálogo. Para Grice (1982), a preocupação central reside em garantir a coerência da conversação por meio de regras que orientam a melhor conduta dos participantes, conferindo-lhe um caráter quase contratual. Quando essas máximas não são observadas, “um falante irrelevante ou obscuro desaponta não só a sua audiência, mas a si mesmo” (Grice, 1982, p. 91).

Dessa forma, o interlocutor que se mostra incapaz ou relutante em cumprir as Máximas Conversacionais, e, por conseguinte, em aderir ao Princípio da Cooperação, “perturba a racionalidade do diálogo e põe obstáculo a resolução da divergência” (Amossy, 2017, p. 26). Esse entendimento revela a intencionalidade intrínseca que orienta a condução das interações na perspectiva de Grice, sempre com vistas a produzir efeitos de cooperação mútua e a condução de entendimento compartilhado.

À luz do percurso teórico delineado, e inspirados em Amossy (2017), constatamos que diversas correntes da retórica e da argumentação privilegiam o acordo como finalidade comunicativa, balizadas pela eficácia persuasiva e pela capacidade de aglutinar vontades em

²⁸ A máxima de quantidade tem a ver com a quantidade de informações: “1- Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido” e “2- não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido” (Grice, 1982, p. 87). A máxima de qualidade corresponde a veracidade das informações: “1- Não diga o que você acredita ser falso” e “2- Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada” (Grice, 1982, p. 87). A máxima de relação tem a ver com a relevância, em dizer o que for relevante no percurso do diálogo e, por fim, a máxima de modo está “relacionado não a o que é dito, mas sim a como o que é dito deve ser dito” (Grice, 1982, p. 87).

torno de consensos estáveis, concebendo, assim, o êxito argumentativo como a eliminação do conflito. Todavia, nosso estudo sustenta que o dissenso constitui dimensão irrenunciável das interações humanas, pois “os indivíduos e os grupos partilham na democracia de um espaço nacional no qual eles devem coexistir não apenas nas suas diferenças, mas também nas suas disputas” (Amossy, 2017, p. 204). À semelhança de Amossy, reconhecemos a índole conflitiva que atravessa as relações humanas e tomamos essa premissa como decisiva para a análise do *corpus* desta pesquisa, cujo objetivo específico é perscrutar interações belicosas que versam sobre a representação da mulher.

2.1 Polêmica e a retórica do dissenso: contribuições de Ruth Amossy

Na seção precedente, discorremos sobre algumas vertentes teóricas da retórica e argumentação, das formulações clássicas às elaborações contemporâneas, todas inclinadas a valorizar o acordo e a persuasão como corolário último das interações humanas. Longe de deslegitimar tais construtos teóricos — cuja relevância é incontornável — propomos, à maneira de Amossy (2017), voltar-nos ao exame de interações em que o dissenso, muitas vezes irresoluto, se faz presente. Nessa perspectiva, importa adotar uma abordagem argumentativa que integre o desacordo como engrenagem heurística, ajustando-se às especificidades do *corpus* selecionado, uma vez que uma de nossos objetivos consiste em investigar interações atravessadas por elevado grau de conflitualidade em torno da representação da mulher.

Partimos, pois, do pressuposto de que as interações humanas constituem organismos vivos, mutáveis e, por vezes, refratários a qualquer normatização apriorística; daí a advertência de que “quando pensamos em interação argumentativa, não podemos pensar em uma norma universal, pois em cada interação a norma é negociada” (Damasceno-Morais, 2023, p. 41) e, em certos contextos, revela-se mesmo francamente inegociável. Isso se dá, porque “Toda ordem social é portadora de conflitos porque pressupõe diferenças de prestígio, riqueza ou poder, tão contestadas quanto difíceis de tornar indiscutíveis” (Gehin, 1983, p. 141).

Damasceno-Morais (2023, p. 27) realça que “alguns autores acreditam mesmo que suprimir ou desvalorizar a possibilidade de discordar é a maior ameaça à racionalidade e que valorizar o dissenso é um estímulo contínuo para reflexões mais profundas”. Tal perspectiva eleva o desacordo/dissenso à condição de elemento axial das interações humanas, consonante com a proposta deste estudo. Do mesmo modo, Gehin (1983, p. 141) observa que toda relação humana “é sempre mais ou menos beligerante”, destacando que a divergência de opiniões e o embate de ideias muitas vezes são inevitáveis.

A esse propósito, Fogelin (2019, p. 98, 99) sublinha que “há divergências, às vezes, sobre questões importantes que, por sua natureza, não são passíveis de resolução racional”. Em muitos casos, enfrentam-se valores matriciais, crenças ou perspectivas tão profundamente arraigadas que inviabilizam qualquer tentativa de conciliação. Nesses cenários, “as partes podem ser imparciais, livres de parcialidade, consistentes, coerentes, precisas e rigorosas, e ainda discordar; e discordar profundamente, não ligeiramente” (Fogelin, 2019, p. 94). Configura-se, assim, aquilo que o autor denomina “desacordo profundo” (Fogelin, 2019): um choque de princípios cuja raiz ultrapassa o horizonte do entendimento mútuo.

Assim, para dar conta do corpus desta pesquisa, adotamos o conceito de polêmica e sua manifestação em interação polêmica, conforme proposto por Amossy (2017) em seu livro *Apologia da polêmica*, erigindo-o como um dos pilares fundamentais do estudo. Concordamos que a polêmica se mostra “rica de ensinamentos na medida que ela revela muitas coisas sobre a sociedade e a época na qual o discurso polêmico circula” (Amossy, 2017, p. 49). Em outras palavras, os conflitos não apenas expõem divergências de opinião, mas explicitam valores, tensões identitárias, hierarquias simbólicas e ansiedades coletivas característicos do momento histórico em que irrompem. Possibilitando, como é o caso do presente estudo, a investigação sobre as crenças, expectativas e representações que subjazem à vida social, elementos que, talvez, fora do clima acalorado da disputa, poderiam permanecer obscuros.

Cumprido, antes de avançarmos, deter-nos brevemente na etimologia da palavra polêmica. Proveniente do grego *polemikós*, derivado de *pólemos* (guerra), o vocábulo traz, em sua raiz, a marca indelével do confronto. Felman (1979) descreve-a como uma verídica “guerra de canetas”, isto é, um embate discursivo vigoroso e frequentemente agressivo. Por conseguinte, a polêmica somente irrompe em contextos de disputa, convertendo-se numa autêntica batalha de ideias que pode abarcar “temas tão distintos quanto teologia, política ou literatura” (Felman, 1979, p. 183).

Sob semelhante prisma, Amossy (2017) afirma que a polêmica consiste na “manifestação discursiva sob forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias no espaço público” (Amossy, 2017, p. 53). Trata-se, pois, de um conjunto de discursos em circulação que instauram uma oposição em torno de um tema de interesse público. Gil (2019, p. 56) reforça esse entendimento ao definir a polêmica como “um discurso público, globalmente configurado como uma sequência de enunciados orientados por uma *quaestio* problematizante, assente numa esquematização” e que se repelem.

Não estamos, portanto, diante de uma simples circulação de discursos, mas de um embate discursivo acirrado no qual cada parte mobiliza um arsenal argumentativo para solidificar a

própria posição e fragilizar a do opositor. Nessa arena, a polêmica ergue-se como “arte da refutação”, pois “Ela combate, de maneira radical e sem compromissos, as teses adversas, retomando, reformulando, às vezes deformando, os argumentos mais ou menos estáveis que circulam no espaço público” (Amossy, 2017, p. 98). Desse modo, a polêmica transcende a simples divergência de opiniões, ela se converte numa disputa onde o discurso se fundamenta no contradiscurso para conquistar terreno simbólico, confluindo na manutenção do desacordo.

Tendo em vista o entendimento sobre a polêmica, direcionaremos nossa atenção agora a compreensão da *interação polêmica*. A interação polêmica não deve ser confundida com a polêmica, na realidade, ela é “uma das formas que as intervenções constitutivas da polêmica podem assumir” (Amossy, 2017, p. 72). Em suma, a polêmica é o quadro global de confronto de discursos; a interação polêmica é a encenação localizada desse confronto, o momento em que os antagonistas põem em circulação ataques, refutações e contra-argumentos que mantêm vivo o conflito. Amossy (2017) salienta que a interação polêmica possui natureza eminentemente dialogal, manifestando-se tanto em encontros presenciais quanto em modalidades assíncronas. Essa característica justifica sua adoção como uma das categorias analíticas deste estudo, cuja parte do *corpus* é constituído por interações polêmicas de caráter assíncrono.

Quanto à interação polêmica, Micheli observa que “os falantes envolvidos numa controvérsia fazem uso do poder de reflexividade das línguas naturais: eles sustentam discursos sobre outros discursos” (Micheli, 2010, p. 01). Nesse vaivém argumentativo, cada enunciador retoma, relê e reconfigura a palavra do Oponente, de sorte que “no discurso do locutor estão as palavras e a própria imagem do alocutário (bem como a imagem que este faz do locutor)” (Gil, 2020, p. 165). Esse jogo de espelhamentos discursivos alimenta uma dinâmica identitária marcada, simultaneamente, pela diabolização do outro e pela angelização do eu (Gil, 2020, p. 168): estratégia que, ao mesmo tempo em que desqualifica o adversário, exalta o Proponente e reforça a clivagem agonística que sustenta uma *interação polêmica*.

Em conclusão, a *polêmica* “permite que as opiniões sejam expressas de forma livre, garantindo ao cidadão o direito da livre expressão, autorizando posicionamentos, o que, em consequência, (...) pode constituir um impulso para as mudanças sociais” (Cabral e Lima, 2018, p. 47). Desse modo, ela instaura um espaço de tensão produtiva no qual se negociam, se testam e, eventualmente, se transformam os alicerces simbólicos da vida coletiva. Sua condição de existência só é possível em uma sociedade cujos parâmetros são democráticos, “onde a oposição discursiva é permitida, onde existe liberdade de expressão, por mais relativa que seja” (Felman, 1979, p. 188). Precisamente nessa arena plural, que acolhe a fricção argumentativa em vez de

sufocá-la, que a *polêmica* revela toda a sua potência heurística, iluminando as tensões latentes da coletividade e a interação polêmica como um modo de *gestão do conflitual* (Amossy, 2017).

2.1.1 Dicotomização, polarização e o desqualificação do adversário

Nesta seção, examinaremos as três dimensões indissociáveis que, segundo Amossy (2017; 2017b), constituem a ossatura mesma da polêmica: *dicotomização, polarização e desqualificação do adversário*. Tais operações não se apresentam como adornos acessórios, mas como engrenagens indispensáveis: sem elas, a polêmica perderia o fulcro que lhe confere sentido. Nosso propósito é delimitar o campo conceitual e indicar que a compreensão da polêmica exige reconhecer, à partida, a existência desses pilares constitutivos; somente a partir desse alicerce poderemos investigar, com a necessária acuidade, como se manifesta a dinâmica conflitiva nas interações que compõem nosso *corpus*.

Conforme Amossy (2017, p. 53), “uma polêmica seria, então, a manifestação discursiva em forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público”. Nessa lógica, o confronto não visa à conciliação, mas à afirmação de posições antagônicas. A dicotomização emerge quando “duas opções antitéticas se excluem mutuamente” (Amossy, 2017, p. 53), instaurando polos irreconciliáveis e bloqueando zonas de negociação, o que intensifica a conflitualidade.

Diferente da dicotomização, que se refere ao antagonismo discursivo, a polarização diz respeito ao agrupamento identitário em nome de uma tese ou antítese. Nesse sentido, Amossy (2017, p. 57) explica que “trata-se de aderir a um grupo constitutivo de uma identidade ou de apresentar as coisas de modo que aqueles que se sentem, de início, solidários a um dado grupo mobilizem-se em favor da tese que o reforça”. Em outras palavras, a polarização refere-se ao fenômeno pelo qual pessoas concretas se inscrevem em quadros actanciais, convocando-os a aderir a um grupo social e a manifestar seu pertencimento.

Por fim, a desqualificação do adversário corresponde desacreditar os argumentos do Oponente, garantindo que sua própria tese seja vista como superior em qualidade. É importante ressaltar que isso não se trata de persuasão; o Proponente não busca convencer o outro, mas sim reforçar sua própria antítese de maneira contundente. Em outras palavras,

O procedimento mais atenuado consiste em atacar a palavra do outro tendo ele como alvo apenas a palavra dele (...) enfraquecendo-lhe os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, seja pela reformulação orientada, seja pela ironia, seja pela modificação dos propósitos (Amossy, 2017, p. 59).

A desqualificação do adversário, portanto, não se limita à mera refutação dos argumentos apresentados, mas se estende à tentativa de deslegitimar o Oponente como participante válido do debate. Além disso, essa dimensão da polêmica frequentemente incorpora elementos de violência verbal e emocional, que são utilizados para intensificar o impacto do ataque e desestabilizar o adversário. Contudo, é importante destacar que a violência verbal e os elementos passionais são “um traço opcional, e não definidor, da polêmica” (Amossy, 2017, p. 64). Conforme observado por Cabral e Lima (2017, p. 90), “Nas polêmicas, em que uma das formas de participação é a desqualificação do adversário, a agressão se torna uma estratégia que precisa estar marcada, como, por exemplo, por um qualificador pejorativo”. Em outras palavras, mesmo no âmbito da desqualificação, a violência verbal só se efetiva mediante o uso deliberado de termos violentos ou depreciativos, por isso, não são constitutivos da polêmica.

3. Emoções

As emoções são componentes essenciais nas interações humanas, exercendo uma influência significativa sobre a maneira como os indivíduos interagem com os outros. Conforme observa Plantin (2015, p. 2), “as emoções são fenômenos complexos, incluindo estados mentais agradáveis ou desagradáveis mais ou menos intensos (...), envolvendo manifestações corporais e iniciando formas específicas de comportamento e ação”. Todavia, muitas correntes teóricas tendem a subordinar as emoções às demandas da razão, marginalizando assim seu papel intrínseco e inegável nas relações humanas.

Isso ocorre porque as emoções transcendem um enquadramento geralmente normativo do uso da razão. De modo geral, “É a eventicidade das emoções que se transforma no maior obstáculo, pois resulta de associações que não interessam às ciências linguísticas porque, sendo o homem um animal racional, sua língua não deve apresentar vestígios emocionais” (Barbosa, 2010, p. 96). As emoções são frequentemente vistas como imprevisíveis e subjetivas, o que dificulta sua integração em campos teóricos que privilegiam a racionalidade e a objetividade.

Barbosa (2010, p. 103) salienta que a língua é intrínseca aos eventos humanos e alerta que “por isso fica difícil continuar defendendo que o ato de fazer a linguagem significar nas interlocuções entre o eu e o outro é somente assegurado pelo rigor da razão, ou por certa formalização”. Essa observação ressalta a complexidade da linguagem e seu uso, que transcende uma simples aplicação de lógica ou formalidade. A linguagem é influenciada por emoções, contextos sociais e culturais, e é moldada pelas complexidades das interações humanas.

Plantin (2015, p. 01) complementa essa ideia ao observar que “as várias estruturas postuladas do mundo interior humano servem de base a considerações éticas ou epistemológicas sobre os poderes falaciosos das paixões, lamentando a sua capacidade de enganar o juízo e defendendo que elas devem permanecer humildes servas da razão”. Plantin (2015) reflete sobre a interação entre as emoções e a razão, reconhecendo que as emoções desempenham um papel significativo na vida humana e que não devem ser marginalizadas em nome de uma racionalidade normativa, como algumas correntes teóricas tendem a fazer. Essa abordagem sugere que as emoções não são necessariamente inimigas da razão.

Essa compreensão mais ampla da linguagem e seu uso implica que seu significado não pode ser plenamente capturado apenas por meio de análises lógicas ou formais, mas requer uma abordagem mais holística que leve em consideração toda a riqueza e diversidade das experiências humanas. Dito isso, Plantin (2015, p. 08) defende a ideia de uma “abordagem holística da emoção”, ou seja, a interconexão de diversos elementos na compreensão da emoção. Para ele, as emoções devem ser vistas como interacionais e multimodais, o que significa que o “desempenho emotivo é realizado por meio da correlação entre comportamentos, gestos, posturas corporais, qualidade da voz, escolha das palavras, estrutura das intervenções, manejo da fala, transformação das ações atuais e trabalho relacional em geral” (Plantin, 2015, p. 08). Essa abordagem holística nos convida a considerar as emoções não como fenômenos isolados e prejudiciais a razão, mas como parte integrante de um conjunto complexo de elementos que caracterizam o ser e o fazer humano.

O estudioso defende que a emoção é um “fenômeno intrinsecamente interacional” (Plantin, 2021, p. 01), portanto, sua compreensão deve ser contextualizada. Isso implica que as emoções não surgem isoladamente, mas são moldadas e influenciadas pelas interações sociais, culturais e situacionais em que ocorrem. Plantin destaca que “A emoção é uma condição situada; tem a sua fonte numa situação” (Plantin, 2021, p. 01). Assim, é preciso considerar o contexto em que as emoções surgem, reconhecendo que elas são produtos das circunstâncias específicas em que ocorrem.

Concordamos com a ideia da emoção como elemento interacional, multimodal e situacional. Como Plantin (2021, p. 08) destaca, “A emoção está ligada a uma dada situação sob uma determinada descrição, estruturada por uma certa percepção analítica mobilizadora de conhecimentos, valores e interesses do vivente”. Essa compreensão enfatiza a natureza contextual das emoções, destacando que elas não surgem de forma isolada, mas são moldadas

pela interação, bem como pela percepção e interpretação individual e coletiva de uma situação específica.

Dito isso, consideramos que as emoções são uma parte fundamental da experiência humana, exercendo uma influência significativa sobre nossas decisões, comportamentos e relacionamentos. Nesse sentido, as emoções nos interessam, na medida em que reconhecemos seu papel nas interações discursivas. Buscaremos, portanto, averiguar se e como as emoções mobilizadas, tanto na construção do *ethos* de Thiago Schutz quanto nas interações nos comentários de seus *shorts*, interferem na elaboração e na apreensão da representação da mulher. Como Vidrio (2023, p. 80) aponta, “as emoções estão presentes em nossas vidas, em praticamente todas as atividades que fazemos; Estes constituem forças poderosas que influenciam o comportamento humano”. Essa observação ressalta a influência abrangente das emoções, evidenciando sua importância na maneira como interagimos com o mundo ao nosso redor e nos relacionamos com os outros.

3.1 As emoções na polêmica

No que tange à polêmica e sua relação com as emoções, Cabral e Lima (2017, p. 89) observam que “as emoções assumem na polêmica um papel importante do ponto de vista argumentativo, pois elas constituem uma forma de o sujeito marcar uma tomada de posição, implicar-se no discurso”. Longe de perceber as emoções como barreiras que atrapalham a racionalidade do discurso, aqui elas desempenham um papel fundamental na elaboração de argumentos em defesa da tese.

Gehin (1983) destaca que o uso das emoções em uma interação conflituosa carrega traços de racionalidade, uma vez que essas emoções podem ser selecionadas com um propósito específico. Essa seleção não é aleatória; pelo contrário, muitas vezes é cuidadosamente planejada para influenciar a dinâmica do conflito de maneira estratégica.

Deixemos os conflitos realistas. Sem dúvida, podem ter resultados disfuncionais inesperados e sua definição não implica que estejam sempre livres de elementos afetivos: “Pode ser útil odiar o adversário”. Mas implica que a pessoa ou pessoas que nela se envolvem o façam com pleno conhecimento dos fatos, sabendo o que querem e de quem o têm, de modo que sua ação escape à reprovação da irracionalidade por hipótese (Gehin, 1983, p. 144).

Para Gil (2019), as emoções constituem parte fundamental da polêmica e, por extensão, de suas formas de manifestação, no caso deste estudo, acentuam interações polêmicas. Gil (2019)

argumenta que as emoções são co-construídas discursivamente pelos participantes, que negociam seu uso ao longo do debate. Nesse processo de co-construção discursiva das emoções, “o discurso de Um se espelha no discurso do Outro (dando conta da natureza dialógica e intertextual da atividade verbal), originando movimentos de refutação e configurando ataques verbais (...) e à patemização” (Gil, 2019, p. 55).

Esse processo destaca a natureza dialógica e intertextual da polêmica, onde as emoções desempenham um papel crucial na dinâmica do debate. Os participantes, ao refletirem e responderem ao discurso alheio, não apenas reforçam suas próprias posições, mas também moldam e intensificam a carga emocional do intercâmbio. Isso implica perceber que a polêmica é multifacetada, em razão das múltiplas características que a envolvem, assim,

A polêmica é transgenérica; nela o choque de ideologias arrasta uma carga emotiva, configurando um discurso bipolarizado, dicotômico, um espaço onde se cristaliza um conflito ou uma tensão entre pelo menos dois grandes posicionamentos ideológicos. Marcada não raro pelas paixões/emoções, nela encontramos a acusação, a crítica, a ironia, a avaliação axiológica (Gil, 2019, p. 56).

De forma semelhante, Amossy (2017) estabelece que, numa interação polêmica, “os sentimentos têm suas motivações, implicitamente colocadas pela escolha das palavras que visam traduzir e provocar a indignação” (Amossy, 2017, o, 153). Nos argumentos mobilizados pelos participantes, as emoções são direcionadas através da seleção lexical e das estratégias discursivas empregadas. Essas escolhas linguísticas não apenas refletem as emoções dos participantes, mas também buscam influenciar as emoções do público e dos adversários, intensificando o impacto do discurso. Isso significa dizer que “por meio da escolha do léxico e mais especialmente das denominações do adversário, que o polemista manifesta seus afetos e tenta compartilhá-los com seu auditório” (Amossy, 2017, p. 156).

Vemos que o uso discursivo da emoção perpassa pela co-construção e pela seleção lexical. Portanto, uma interação polêmica, apesar de sua característica conflitual, não pode ser visualizada como distante da razão, visto que, de modo geral, “o sentimento perpassa todo raciocínio” (Amossy, 2017, p. 148). Na verdade, as emoções exacerbam a polêmica (e claro, sua manifestação em interação polêmica), intensificando tanto a confrontação quanto o envolvimento dos participantes, mas sempre em um contexto em que a racionalidade e a emoções se entrelaçam. Isto é,

Emoções são fenômenos cognitivos complementares à razão, ligados às nossas crenças que temos em mente. Eles nos dizem se nosso comportamento

está errado ou não, em uma dada situação comunicativa. São, ao mesmo tempo, fenômenos cognitivos e avaliativos que pressupõem racionalidade psicológica, capacidade de usar conceitos e ter razões para o que se faz ou sente (Carrizo, 2023, p. 10).

Embora a polêmica esteja intrinsecamente ligada à dimensão emocional, é necessário exercer cautela para não diluir sua característica principal: o conflito. A polêmica, como sabemos, surge do embate entre diferentes teses e se estrutura na dicotomização, polarização e a desqualificação do adversário. Nesse cenário, as emoções podem emergir durante as interações agonísticas com o propósito de intensificar o confronto (Amossy, 2017). Desse modo, a emoção na polêmica “contribui para o fenômeno, radicalizando os aspectos mencionados nos debates polêmicos, para questões da sociedade que interpelam fortemente os participantes” (Amossy, 2017, p. 146). No entanto, é importante destacar que as emoções não são capazes de criar a polêmica; ao contrário, elas surgem durante o desenrolar do debate, aprofundando o antagonismo entre as teses, minando a credibilidade do outro e acentuando a polarização e a dicotomização, não agindo como uma força inicial que dá origem à polêmica.

4. Violência verbal e polêmica

A polêmica, por sua natureza confrontacional, frequentemente evoca respostas emocionais intensas dos participantes, o que pode levar a um aumento na agressividade verbal. A violência verbal, embora não seja uma característica definidora da polêmica, funciona através das “divergências de opiniões não sob égide do acordo, mas sim sob a égide do desacordo, do dissenso, situando-se a polêmica no extremo de um *continuum* que pode chegar à violência verbal” (Gil, 2020, p. 165)

É verdade que a polêmica muitas vezes está associada à violência verbal. Enquanto a polêmica se baseia no conflito de ideias e argumentos, a violência verbal é caracterizada pelo uso de linguagem agressiva, ofensiva ou prejudicial com o objetivo de machucar, humilhar ou desacreditar o interlocutor. Como observa Renne (2016, p. 25), “as polêmicas podem ser identificadas, do ponto de vista linguístico e retórico, por marcadores de oposição, ou mesmo formas de violência verbal (insultos, vituperação, sarcasmo etc.) que tendem a enfatizar” o conflito. Dessa maneira, “o que está em jogo na polêmica, na energia apaixonada da refutação e da oposição, é a supressão do adversário ou sua redução ao silêncio; a violência que as situações polêmicas muitas vezes transmitem é essencialmente a violência repressiva” (Felman, 1979, p. 190).

Amossy (2017, 2017b) destaca que a violência verbal pode ser entendida como uma forma de agressão discursiva, na qual um interlocutor busca desacreditar, humilhar ou prejudicar o outro por meio do uso de linguagem agressiva, insultos ou ataques pessoais. Herman (2010, p. 363) complementa essa visão ao afirmar que a polêmica é um “estado selvagem de discurso” que dá origem a movimentos retóricos que alguns consideram ilegítimos. Sentimentos de raiva ou medo podem “infiltrar-se” no discurso racional, tornando o combate verbal não apenas um confronto de ideias, mas também uma disputa entre os próprios participantes.

Além disso, Charaudeau (2014, p. 56) observa que “A polêmica surge quando, em uma situação interlocutória, um sujeito tenta questionar a legitimidade da fala do interlocutor, seja denunciando sua falta de status legitimador (*ad hominem*), seja atacando sua posição pessoal (*ad personam*).” Isso evidencia que a polêmica frequentemente envolve estratégias de desqualificação pessoal, o que reforça a natureza combativa e, por vezes, hostil dessas interações. Em suma, a violência verbal na polêmica “é um jogo estratégico de destruição verbal do outro, que é transformado em adversário” (Charaudeau, 2014, p. 56). Esse tipo de uso da violência não visa apenas desafiar as ideias, mas também desestabilizar emocionalmente e socialmente o Oponente.

Para Felman (1979), a polêmica está intrinsecamente associada à morte simbólica do adversário. Ela afirma: “Seja qual for o tema da polêmica, o discurso polêmico é sempre, em certo nível, um discurso sobre a morte, um discurso sobre o ato de matar. O que está em jogo na polêmica, por mais simbólica que seja, é o assassinato do adversário” (Felman, 1979, p. 187). Esse entendimento indica que a violência verbal pode emergir em interações polêmicas, nas quais o objetivo é extinguir simbolicamente o outro para afirmar a própria posição; tal configuração, porém, não anula o valor argumentativo do embate.

Felman (1979) ainda adverte que o discurso na polêmica tem a ver com o uso de um veneno retórico. Ela esclarece que “Na realidade, qualquer discurso polêmico veicula uma espécie de veneno retórico, cujo objetivo estratégico é reduzir o antagonista: reduzi-lo, justamente, ao silêncio” (Felman, 1979, p. 187). Dessa maneira, o discurso polêmico não é apenas sobre discordar, mas sobre desarmar o Oponente, deslegitimando seus posicionamentos. A violência verbal, assim, serve como uma ferramenta nesse contexto, amplificando a intensidade da interação belicosa, a depender do tipo de interação que se tenta descrever e compreender.

Vale ressaltar que a polêmica, por sua definição, é baseada no confronto de ideias e na divergência de opiniões, mas não requer o uso da violência verbal para ocorrer. Gil (2020, p. 168) afirma que “a violência verbal abunda no discurso polêmico, tal não significa que seja

constitutiva do discurso polêmico.” Isso significa que, embora a violência verbal seja frequentemente encontrada na polêmica e em suas manifestações, ela não é um elemento indispensável para sua existência. A violência verbal, assim como as emoções, serve para “dar mais força, manifestando e intensificando a dicotomização, a polarização e o descrédito que a fundamentam” (Amossy, 2017, p. 169). Isto é, embora a violência verbal comumente emerja numa polêmica, ela atua como um amplificador das dinâmicas inerentes de oposição e não como uma característica essencial da polêmica em si.

5. Ambiente digital: algumas especificidades

A internet é parte integrante da vida de uma ampla gama de pessoas em todo o mundo, sendo uma ferramenta muitas vezes indispensável para o trabalho, o entretenimento, atividades cotidianas e, claro, a socialização. Através do uso de equipamentos tais como, computador, celular e outros derivados que a “apropriação das ferramentas técnicas proporcionadas pela Internet modificou profundamente o modo através do qual as pessoas se comunicam” (Recuero, 2009, p. 118).

Para Recuero (2020, p. 17), o advento da comunicação mediada por dispositivos conectados à internet impactou profundamente a sociedade contemporânea, instaurando novas formas de existência e interação. Nesse contexto, as trocas online configuram-se como uma “conversação em rede” (Recuero, 2020, p. 17), distinta da conversação offline face a face, pois é intrinsecamente mediada por dispositivos e usuários conectados. Essa modalidade apresenta “características e limitações específicas que são apropriadas, subvertidas e amplificadas pelos participantes” (Recuero, 2020, p. 40), evidenciando particularidades que tornam as interações digitais singulares. Assinalamos, no entanto, que não exploraremos esses mecanismos em detalhe neste momento, por razões metodológicas.

Cumpramos ressaltar que o conceito de “conversação em rede” é axial em Recuero (2020) e, embora não constitua o foco principal deste estudo, oferece um quadro teórico valioso para compreender como a internet e os dispositivos conectados remodelam as interações sociais. Nosso trabalho concentra-se na análise e descrição do *ethos* de Thiago Schutz e nas interações presentes nos comentários de seus *shorts* do *Youtube*; por isso, evidenciar a pertinência das trocas mediadas digitalmente é fundamental para sustentar a investigação aqui proposta.

Alguns autores defendem a ideia de que os computadores e outros dispositivos digitais conectados à internet são, na realidade, mais do que simples instrumentos. Como observa Recuero (2020, p. 21), “O computador, mais do que uma ferramenta de pesquisa, processamento de dados e trabalho, é hoje uma ferramenta social, caracterizada principalmente pelos usos conversacionais. Isso quer dizer que os computadores foram apropriados como ferramentas sociais.” Os dispositivos conectados à internet portanto são mais que meras ferramentas que mediam a interação entre usuários e conteúdos diversos, são na verdade, extensões do corpo – um “corpo plugado”²⁹ (Santaella, 2003, p. 202).

Cabral e Lima (2018, p. 40) argumentam que, com a interação via internet, “os espaços físicos de convivência humana transcenderam-se para espaços virtuais.” Portanto, a relação entre homem, máquina e internet tornou-se cada vez mais intrínseca. Não é mais possível pensar nesses elementos como entidades isoladas, mas sim como componentes interconectados e relacionais. Dito isso, “a complexidade das relações interpessoais tem deixado cada vez mais fluidas as fronteiras entre vida *online* e *offline*” (Coletiva Ciborga, 2022, p. 115). Essa fusão crescente entre o mundo digital e o mundo físico está redefinindo as interações, à medida que as pessoas incorporam cada vez mais a tecnologia em suas vidas diárias. Assim, as fronteiras entre o espaço *online* e o espaço *offline* tornam-se cada vez mais permeáveis e,

A ideia de que a realidade é somente aquilo tocar fisicamente e de que a virtualidade é algo que estaria apenas disponível dentro de algum dispositivo eletrônico está ficando cada vez mais complexa, visto que grande parte da nossa realidade está sendo transferida e ficando contida dentro de um ambiente virtual (Coletiva Ciborga, 2022, p. 118).

Assim, esta pesquisa apoia-se na abordagem da análise do discurso digital, que preconiza que “digital deve ser entendido mais como uma redefinição de nossas atividades cognitivas e perceptivas do que como um segundo universo, separado do primeiro por uma fronteira intangível” (Paveau, 2022, p. 160). Partindo desse pressuposto, e considerando que nosso corpus é oriundo de um ambiente digital, assumimos a necessidade de mobilizar “dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet” (Paveau, 2022, p. 65). Em outras palavras, adotamos um enquadramento analítico capaz de articular, de modo coerente, as materialidades técnicas e discursivas que estruturam tais enunciados, reconhecendo que a circulação, a produção e a

²⁹ “Os usuários que se movem no ciberespaço enquanto seus corpos ficam plugados no computador para a entrada e saída de fluxos de informação (...) Neste tipo de corpo — o corpo plugado — os níveis de interfaces variam, desde o nível mais superficial, por exemplo, quando se usa o computador simplesmente para se escrever um texto, até o nível mais imersivo que se dá nas cavernas de realidade virtual” (Santaella, 2003)

recepção de sentidos online obedecem a lógicas próprias, indissociáveis das infraestruturas tecnológicas e das práticas socioculturais que as sustentam.

Um ambiente digital (Paveau, 2022), nessa perspectiva, abrange não apenas a interação dos usuários com as plataformas online, mas também o contexto mais amplo em que essas interações se desenvolvem, contemplando a infraestrutura tecnológica, as normas sociais e culturais e as dinâmicas próprias da comunicação digital. Em outras palavras,

O ambiente é, em teoria do discurso, o conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito dos quais os discursos são elaborados. Esses dados dizem respeito a todos os domínios da existência: eles são sociais, culturais, históricos, materiais (objetos naturais e artefatos), animais, naturais etc. (Paveau, 2022, p. 57).

Tal ambiente digital é permeado por compósitos que unem elementos linguísticos e técnicos, tal como propõe a análise do discurso digital. Os compósitos, por serem “uma mistura entre o linguístico e o técnico” (Paveau, 2022, p. 127), constituem a base de formação de tecnodiscursos: é desse entrelaçamento indissociável que emergem enunciados digitais cuja materialidade depende simultaneamente do dizer e do dispositivo. As *hashtags* ilustram esse processo, pois “se trata de um segmento ao mesmo tempo languageiro (siglas, palavras, expressões ou frases) e técnico, devido a sua natureza clicável” (Paveau, 2022, p. 128), configurando-se como compósitos que dão corpo a tecnodiscursos. Nesse mesmo horizonte, o comentário, “um texto produzido pelos internautas na web a partir de um texto primeiro” (Paveau, 2022, p. 106), manifesta-se como forma de escrita digital, entendida como “uma produção escritural que se vale de aparelhos de informática com um teclado” (Paveau, 2022, p. 187). Assim, a escrita digital sustenta e materializa o comentário, enquanto este, por sua vez, funciona como um tecnodiscurso que se apoia em compósitos para circular e atualizar sentidos no ambiente online.

A abrangência multimodal da análise do discurso digital, permite o entrelaçamento dos diversos elementos que constituem a relação entre homem, máquina e internet. Esses elementos não podem ser pensados de maneira isolada, mas sim em um *continuum*, refletindo a interconexão dinâmica entre tecnologia, interação humana e contexto sociocultural. Assim, uma pesquisa contemporânea que utiliza dados oriundos de ambientes digitais, como a que aqui empreendemos, deve necessariamente considerar essa complexidade, reconhecendo as múltiplas camadas técnico-sociais que moldam e condicionam as interações *online*.

5.1 Onde está a polêmica no ambiente digital?

Como vimos na sessão anterior, o ambiente digital (Paveau, 2022) é um espaço multimodal conectado à internet onde diversos usuários interagem com os dispositivos eletrônicos, outros usuários e conteúdo de diversas ordens por meio das ferramentas digitais. Observamos também que o mundo *online* está cada vez mais entrelaçado com o mundo *offline*, e “as conversações face a face aos poucos vêm sendo substituídas pelas interações virtuais” (Cabral e Lima, 2017, p. 87). Nesse contexto, frequentemente, esses usuários interagem com outros indivíduos ou grupos, e nem sempre essas interações são harmoniosas, o que pode levar a debates acalorados e interações polêmicas sobre uma ampla gama de questões, desde as mais simples até as mais complexas.

O ambiente digital por sua característica fluida muitas vezes “conduz as pessoas a exporem suas emoções de forma mais livre, tanto as positivas como as negativas; as pessoas se mostram mais nos espaços *Web* e os conflitos se tornam mais visíveis, dando lugar a embates polêmicos” (Cabral e Lima, 2016, p. 88). O anonimato e a distância física entre os participantes confluem na possibilidade de comportamentos mais agressivos e desinibidos do que seria no caso de interações presenciais. Diferente das interações *offline*, “(...) sob o disfarce do pseudônimo, os internautas podem fazer uso da violência verbal e atacar a face do outro sem nenhuma sanção” (Amossy, 2017). Em uma interação corpo a corpo, por exemplo, os usuários teriam que lidar com barreiras coercitivas que impediriam ou amenizariam comportamentos violentos desmedidos. Por outro lado, “Nos ambientes virtuais, em especial nas redes sociais, as pessoas parecem expor com mais veemência e violência seus pontos de vista” (Cabral e Lima, 2018, p. 43).

Vale ressaltar que a natureza algorítmica³⁰ do ambiente digital favorece a polarização e a formação de bolhas de filtro, nas quais os usuários são expostos predominantemente a opiniões e informações que confirmam suas próprias visões de mundo e antagonizam discursos e grupos divergentes. Além disso, esse ambiente pode amplificar conflitos e interações belicosas, pois “permite aos internautas encontrarem virtualmente representantes da posição antagônica que eles não teriam tido, talvez, a oportunidade de enfrentar em outras ocasiões da vida cotidiana” (Amossy, 2017, p. 189). Ou seja, tal natureza algorítmica facilita a consolidação de grupos

³⁰ Os algoritmos são sequências de instruções que permitem a solução de problemas. Na internet, eles permitem resolver o problema do tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a, etc. Para isso, eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas (Paveau, 2022, p. 47)

identitários em torno da defesa de determinadas identidades e valores, bem como o ataque a teses antagônicas de outros grupos e/ou usuários.

Sem dúvida, a categoria de ambiente digital (Paveau, 2022) dialoga com o conceito de polêmica (Amossy, 2017), na medida em que o confronto inflamado de ideias em temas de domínio público, bem como a polarização, a dicotomização e a desqualificação do adversário, são recorrentes nas interações online. O alcance potencialmente global das redes sociais e demais plataformas digitais amplifica o impacto desses conteúdos, tornando-os visíveis para um público muito maior do que aquele de uma conversa privada ou restrita. “As redes sociais se prestam à polêmica por tornarem públicas questões muitas vezes de ordem particular, mas que acabam por espalhar-se entre os usuários da rede, suscitando manifestações das mais variadas. (Cabral e Lima, 2018, p. 46). Assim, o ambiente digital frequentemente faz emergir questões de interesse público, resultando em interações polêmicas, como no caso desse estudo.

Tabela 2: Síntese do capítulo 2

Eixo temático	Síntese objetiva do conteúdo
Consenso × dissenso na retórica e argumentação	As múltiplas correntes da retórica e da argumentação, das raízes aristotélicas às releituras contemporâneas, convergem em alçar o consenso, obtido pelo poder persuasivo do discurso.
O dissenso como motor heurístico da polêmica	Na perspectiva de Ruth Amossy, o desacordo não é obstáculo, mas elemento fecundo que estimula reflexão crítica em sociedades plurais.
Polêmica e interação polêmica	A polêmica é um debate sobre um tema de interesse público marcado por confronto brutal de opiniões. Três engrenagens a mantêm: dicotomização (discursos excludentes), polarização (agrupamentos identitários excludentes) e a desqualificação do adversário (ataque à legitimidade do outro). Uma interação polêmica constitui uma das formas de manifestação da polêmica, definida pelo confronto discursivo entre dois ou mais antagonistas, seja em contextos presenciais ou em ambientes assíncronicos, e pode manifestar-se tanto na modalidade oral quanto na escrita.
Emoções e violência verbal na polêmica na polêmica	Na polêmica e suas manifestações as emoções são co-construídas discursivamente; funcionam como marca de posicionamento e costumam intensificar o conflito, mas

	<p>não a gera. A violência verbal, de igual modo, não gera a polêmica, mas a potencializa, servindo de “veneno retórico” para silenciar ou deslegitimar o oponente.</p>
Polêmica em ambiente digital	<p>Em ambiente digital frequentemente emergem interações belicosas sobre questões de interesse público. As especificidades tecnodiscursivas do ambiente digital facilita a consolidação de grupos identitários em torno da defesa de determinadas identidades e valores, bem como o ataque a teses antagônicas de outros grupos e/ou usuários.</p>

Fonte: elaboração da autora.

CAPÍTULO 3 : METODOLOGIA

1. Panóplia metodológica e referencial teórico

No decurso da elaboração deste estudo, empreendemos um escrutínio investigativo metuculoso, visando à identificação das ferramentas metodológicas mais adequadas tanto para a seleção de nosso banco de dados quanto para o subsequente recorte do *corpus*. Reconhecemos que uma pesquisa, sobretudo no âmbito de um programa de pós-graduação, deve dirigir uma atenção criteriosa não apenas ao produto, mas, fundamentalmente, ao processo investigativo, sob pena de incorrer inadvertidamente em falácias metodológicas que comprometam a robustez dos resultados. Afinal, pesquisar constitui a “atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade” (Minayo, 2011, p. 17).

Em outros termos, o labor científico implica “procurar uma informação que não sabemos e que precisamos saber” (Prodanov, 2013, p. 43), alicerçando-se em um planejamento metuculoso e rigorosamente estruturado, isto é, no método. É por intermédio do método que se edifica o saber científico, fornecendo ao pesquisador as diretrizes indispensáveis à formulação de hipóteses (quando aplicável), à coleta e à análise criteriosa dos dados, culminando, por fim, na sistematização e validação do conhecimento produzido; elementos basilares da pesquisa acadêmica.

Dessa maneira, buscamos estabelecer uma analogia elucidativa entre o manuseio do banco de dados e do *corpus* pelo pesquisador e o ofício do marceneiro no trato com a madeira (Damasceno-Morais, 2021). Assim como o artesão precisa conhecer em profundidade as propriedades do material, suas texturas, resistências e singularidades estruturais para transformar a matéria bruta em peça acabada, o pesquisador deve familiarizar-se minuciosamente com as particularidades de seu banco de dados e de seu *corpus*, moldando-os com os instrumentos metodológicos e teóricos mais pertinentes, a fim de extrair deles um conhecimento efetivamente significativo.

Com efeito, toda empreitada investigativa demanda um olhar metuculoso sobre a matéria empírica com a qual se opera, visto que:

Selecionar e seccionar um *corpus* é trabalho que não se distancia do ofício desse profissional da madeira, pois, assim como ele, devemos conhecer a fundo a matéria com a qual trabalharemos para sabermos exatamente onde/como lixar, limar, montar-desmontar remontar todo um arsenal de dados que, se mal geridos, podem transformar uma pesquisa num grande fiasco acadêmico (Damasceno-Morais, 2021, p. 677).

Assim, a tessitura metodológica do trabalho científico exige não apenas rigor, mas também uma sensibilidade analítica que permita ao pesquisador reconhecer a maleabilidade e os limites de seu *corpus*, a fim de conferir solidez e coerência à investigação.

Mediante uma análise meticulosa de nosso banco de dados, aliada a um escrutínio rigoroso das leituras e a uma avaliação criteriosa por parte dos pares, buscamos, por conseguinte, apreender a essência da investigação ora delineada. Compreendemos que o direcionamento de uma empreitada científica é, em grande medida, ditado pelo próprio banco de dados, em estreita consonância com o problema de pesquisa, isto é, a questão central para a qual se almeja uma resposta. Nesse sentido, como bem observa Creswell (2010, p. 128), “um problema de pesquisa é o problema ou a questão que conduz à necessidade de um estudo”. Tal compreensão impõe ao pesquisador a necessidade de um olhar atento e metódico sobre as particularidades de sua matéria prima, assegurando que o percurso investigativo esteja ancorado em critérios epistemológicos sólidos.

Dito isso, no que tange às especificidades dos objetivos de pesquisa, a classificação como pesquisa exploratória se mostra adequada, uma vez que esse tipo de pesquisa “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p. 41). Como já apresentado, nosso objetivo primordial é: *Investigar e descrever o ethos projetado por Thiago Schutz nos shorts e se este mobiliza representações da mulher na sua construção que ecoam nas interações entre os internautas que comentaram tais shorts*. Desse modo, a presente pesquisa insere-se no escopo de uma investigação de natureza exploratória, ao se alicerçar na hipótese de que Thiago Schutz elabora um determinado *ethos* ou múltiplos *ethé* em suas produções audiovisuais no *Youtube*, exercendo, potencialmente, um papel catalisador na promoção e difusão de representações específicas da mulher em ambiente digital.

A presente pesquisa também se inscreve no domínio das investigações de natureza qualitativa, dado que seu delineamento epistemológico se fundamenta na premissa de que “o ambiente é a fonte direta dos dados” (Prodanov, 2013, p. 70). Ademais, esse tipo de abordagem caracteriza-se como “uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem” (Creswell, 2010, p. 209, grifo nosso), o que estabelece um vínculo essencial com nossa questão central: *o ethos projetado por Thiago Schutz em seus shorts mobiliza representações da mulher que reverberam nas interações por comentários entre os usuários que os comentam?* Dessa forma, nosso interesse primordial

reside na análise e interpretação criteriosa dos dados que compõem nosso *corpus*, orientando-nos na busca por uma resposta fundamentada à nossa pergunta-problema.

Além disso, optamos pelo método bibliográfico, uma vez que se revelou imprescindível a realização de leituras especializadas para a construção e subsequente dissecação do Banco de dados **Redpill**, viabilizando, assim, o recorte de nosso *corpus*. Em conformidade com os princípios que regem a pesquisa bibliográfica, empreendemos uma busca minuciosa em “livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet” (Prodanov, 2013, p. 54), com o propósito de aprofundar o arcabouço teórico necessário ao delineamento investigativo.

Ademais, faz-se imperioso ressaltar que nosso *corpus* é constituído por uma série de *downloads* de vídeos e capturas de tela (*printscreens*) extraídas de uma página digital, o que evidencia a necessidade de uma abordagem metodológica que contemple as particularidades tecnológicas e discursivas intrínsecas às interações virtuais. Nesse sentido, a perspectiva qualitativa revela-se particularmente apropriada, visto que frequentemente “se alicerça em dados de texto e imagem” (Creswell, 2010, p. 206), permitindo uma investigação aprofundada de materiais que articulam diferentes camadas de significação. A opção por essa metodologia não apenas viabiliza uma análise mais acurada dos elementos discursivos, mas também possibilita a incursão em aspectos tecnodiscursivos (Paveau, 2022), cujo entrelaçamento oferece subsídios fundamentais para a compreensão das dinâmicas interativas que permeiam ambientes digitais.

Por tratar-se de um *corpus digital nativo*, isto é, originado diretamente no ambiente digital, e não uma mera transposição de material não digital para esse formato (Paveau, 2022, p. 65), a pesquisa demandou uma abordagem metodológica específica para lidar com as singularidades dos dados digitais. Diante desse cenário, adotamos a perspectiva da *análise do discurso digital*, que, segundo Paveau (2022, p. 65), “consiste na descrição e análise do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da *web 2.0*, em seus ambientes de produção”. Essa abordagem revela-se crucial para a compreensão da complexa interação entre homem e máquina, permitindo superar perspectivas dualistas que, frequentemente, fragmentam a relação entre o eu e o outro. Ao considerar a interdependência entre os sujeitos discursivos e os dispositivos tecnológicos, nossa pesquisa se insere em um quadro analítico que reconhece a construção do sentido como um fenômeno híbrido, permeado por múltiplas camadas de enunciação e circulação discursiva.

Em relação ao aparato teórico, no plano discursivo, valemo-nos do conceito de *ethos* formulado por Maingueneau (2008, 2008b, 2016, 2020) e das categorias conexas de cena

genérica e cenografia, recurso que nos permitiu examinar a imagem discursiva projetada pelo enunciador e o contexto que a instaura. No plano retórico, elegemos a categoria de analogia tal como sistematizada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), recurso indispensável para analisar a tessitura do ethos projetado por Thiago Schutz. No plano argumentativo, fundamentamo-nos na teoria da Polêmica de Amossy (2017), privilegiando a noção de interação polêmica e as categorias de dicotomização, polarização e desqualificação do adversário, pois examinamos disputas discursivas antagônicas em torno da representação social da mulher em espaço digital público. Também recorremos ao Modelo Dialogal da Argumentação (Plantin 2002, 2008, 2009, 2015; Grácio 2009, 2010, 2020; Damasceno-Morais 2021, 2023) e às suas categorias de Proponente, Oponente, Terceiro, situação e questão argumentativa, além da estase, para mapear a configuração actancial dos interlocutores nas interações examinadas. Sob a ótica da análise do discurso digital de Paveau (2021), mobilizamos as categorias de corpus digital nativo, compósitos, tecnodiscurso, escrita digital, comentário e ambiente digital, adequando o enquadre teórico às especificidades de um *corpus* integralmente produzido e circulado *online*.

Vale destacar que ao longo do segundo capítulo, optamos por analisar as interações dos internautas presentes nos *shorts* do *corpus* à luz de uma categoria específica da polêmica em cada conjunto de comentários. Assim, examinamos e descrevemos a dicotomização a partir das interações do *short* 1; a polarização, com base nas interações do *short* 2; e o descrédito (ou desqualificação) do outro, tomando como suporte as interações dos *shorts* 3 e 4. Dessa forma, articulamos cada recorte empírico a um mecanismo polêmico distinto, garantindo maior precisão analítica.

2. Elaboração do banco de dados Redpill e definição do *corpus* de pesquisa

O percurso desta pesquisa foi marcado por diversas transformações, sempre guiadas por um objetivo primordial: identificar um banco de dados com potencial significativo para a exploração de temas de relevância social, em estreita consonância com as especificidades do campo da argumentação. Inicialmente, o projeto intitulado “*Les premiers arrivés sont les premiers servis: análise argumentativa da performance docente no nível superior contemporâneo*”, que viabilizou minha admissão no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG-GO), tinha como propósito investigar a interação argumentativa entre os docentes da Faculdade de Letras e da Faculdade de Educação da UFG-GO. O objetivo central consistia em analisar a dinâmica argumentativa que se

desenrolava nas reuniões institucionais deliberativas dessas unidades acadêmicas, em articulação com a performance docente no ensino superior. Para a coleta de dados, previa-se o uso de gravações de voz e um diário de bordo.

Contudo, após sucessivas reuniões de orientação, foram identificadas barreiras metodológicas que comprometeriam a viabilidade da pesquisa com o *corpus* originalmente proposto. O principal entrave dizia respeito ao elevado número de docentes envolvidos, o que exigiria a obtenção de autorizações individuais para o uso de suas vozes, além da submissão do projeto ao Comitê de Ética. Consideramos, ainda, a possibilidade de que alguns professores optassem por não participar da pesquisa, o que poderia restringir significativamente o escopo do estudo. Além disso, o prazo de dois anos para a conclusão da dissertação representava um desafio adicional, dado que um *corpus* dessa magnitude poderia acarretar obstáculos tanto na coleta quanto na análise dos dados, comprometendo a entrega dentro do prazo estabelecido.

Diante dessas limitações, tornou-se imperativo reformular substancialmente a proposta investigativa. Optamos, então, por direcionar o estudo para o discurso digital, selecionando como novo *corpus* vídeos publicados no *TikTok* pelo *coach* de masculinidade associado à comunidade *redpill*, Thiago Schutz. Esses vídeos foram escolhidos por apresentarem discursos de tom confrontador dirigidos às mulheres, possibilitando a investigação da misoginia em interações digitais. O novo enfoque teórico priorizava a análise da gestão de faces, da polidez e da ciberviolência, examinando de que maneira a polidez poderia operar como um mecanismo estratégico de persuasão e manipulação na disseminação de discursos misóginos.

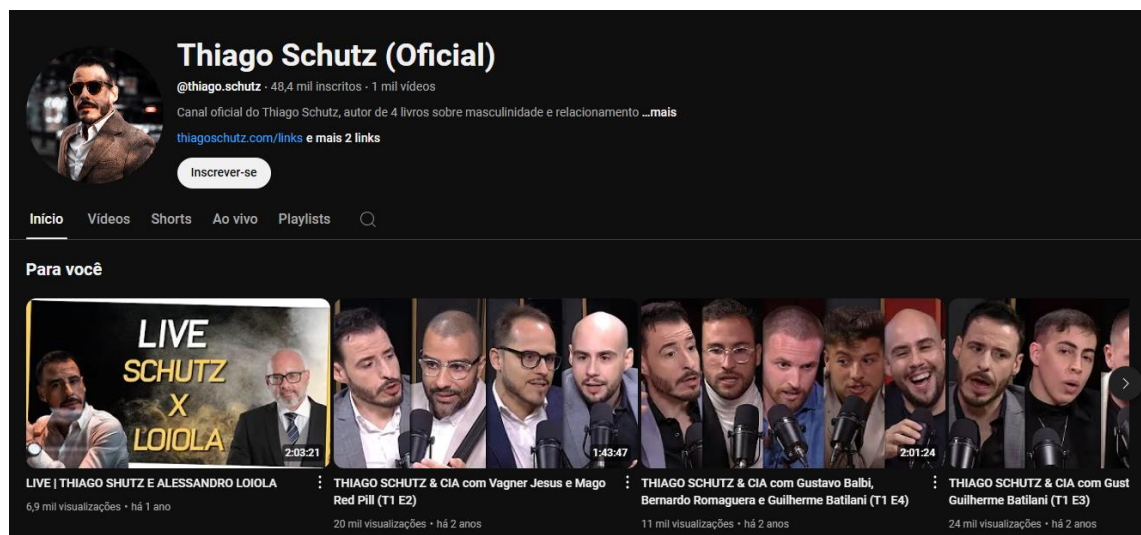
No entanto, após a avaliação do projeto durante o *VI Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística*, foram sugeridas novas reformulações, com vistas a reorientar a pesquisa de maneira mais consistente e metodologicamente adequada, sobretudo no que concerne à delimitação do *corpus* e à seleção de fontes teóricas mais apropriadas. A partir das considerações da professora arguidora Ana Lucia Tinoco Cabral, em conjunto com meu orientador, decidimos, mais uma vez, reformular o *corpus* da pesquisa e ajustar o referencial teórico. Com um olhar mais criterioso, reconsideramos o local de coleta dos dados, anteriormente centrado na plataforma *TikTok*, ao percebermos que as interações nos vídeos selecionados não apresentavam o volume e a densidade argumentativa necessários para sustentar um empreendimento investigativo robusto.

Frente a esse novo desafio, optamos por constituir um banco de dados composto por *shorts* (vídeos curtos) publicados por Thiago Schutz em sua página oficial no *Youtube*. A escolha recaiu sobre vídeos que apresentavam intensa movimentação nas seções de comentários,

evidenciando um verdadeiro arquipélago de interações belicosas. Essa reformulação viabilizou não apenas a constituição de um *corpus* mais substancial, mas também um aprofundamento analítico mais rigoroso acerca das dinâmicas argumentativas e discursivas, orientando-se pela investigação do *ethos* de Thiago Schutz e sua possível correlação com a disseminação de determinada representação da mulher em ambiente digital.

A página oficial de Thiago Schutz no *Youtube* estrutura-se em distintas seções, meticulosamente organizadas para proporcionar uma navegação segmentada, de acordo com a natureza e a duração dos conteúdos audiovisuais. Na aba *Início*, observa-se a apresentação do canal, acompanhada por uma seleção de vídeos estrategicamente dispostos, compondo uma espécie de capa visual que sintetiza a identidade discursiva da página³¹. Adjacente a esta, encontra-se a aba *Vídeos*, destinada à disponibilização de conteúdos de longa duração. A aba *shorts* reúne vídeos curtos, geralmente extraídos de fragmentos editados de produções mais extensas, enquanto a aba *Ao Vivo* concentra transmissões em tempo real, viabilizando interações instantâneas com o público. Por fim, a aba *Playlist* oferece uma curadoria temática dos vídeos, criteriosamente organizada pelo proprietário da página, permitindo uma categorização sistemática do material disponível. A imagem, a seguir, ilustra a concepção visual da página do influenciador.

Imagem 3: *Printscreen* da página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz



Fonte: Página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Justificamos a escolha dos *shorts* em detrimento de outros formatos audiovisuais disponíveis na página do *Youtube* selecionada devido à sua natureza compacta e dinâmica. Esses

³¹ [Thiago Schutz \(Oficial\) - YouTube](#)

vídeos são estrategicamente recortados e editados para maximizar o engajamento do público, refletindo uma construção discursiva intencional por parte do criador da página, o que os torna particularmente adequados ao foco investigativo desta pesquisa. Ademais, desde o advento e a rápida viralização do *TikTok* em 2016, plataforma pioneira na promoção da interação por meio de vídeos curtos, outras redes sociais, incluindo o *Youtube* (objeto deste estudo), passaram a incorporar esse formato, reconhecendo seu elevado potencial de engajamento. A ampla adesão dos usuários a esse modelo de consumo audiovisual evidencia sua relevância, não apenas no contexto das dinâmicas comunicacionais contemporâneas, mas também como elemento fundamental para a investigação das interações discursivas em ambientes digitais.

Os vídeos curtos ou os *shorts* do *Youtube* têm se mostrado extremamente eficazes em capturar a atenção do público de maneira rápida e envolvente, diferente de um vídeo de maior duração que exigiria mais tempo e atenção do espectador. A natureza compacta e dinâmica dos *shorts* possibilita que criadores de conteúdo, como o *coach* Thiago Schutz, transmitam mensagens diretas, promovendo interações focadas no tema abordado. Comumente, Thiago Schutz publica recortes de falas que coleta de gravações dos programas que realiza, responde a perguntas de seus seguidores (caixa de perguntas)³², comenta sobre temas em destaque (tais como traições entre celebridades e afins) ou oferece breves conselhos ao seu público. Todas essas ações são realizadas de maneira rápida, já que a limitação gráfica do *short* é de 1 minuto. Além disso, a viralização³³ desse formato desde 2016 evidencia sua aceitação e popularidade, fatores cruciais que também fundamentam nossa escolha por esse estilo de conteúdo audiovisual.

Tendo em vista essas informações, montamos um banco de dados contendo 80 vídeos curtos (*shorts*) coletados da página de Thiago Schutz, denominando-o **Redpill**³⁴. A coleta foi realizada entre os dias 30 de outubro e 30 de novembro de 2023. Escolhemos 30 dias para coleta devido à natureza dinâmica da página e ao fluxo contínuo de novas postagens. Concordamos que “Qualquer que seja a ‘porta de entrada’ no campo digital, certamente o passo inicial a ser dado é restringir o campo para se trabalhar com maior segurança no universo volumoso, variado e veloz do digital” (Coletivo Ciborga, 2022, p. 61). Nesse primeiro ciclo de coleta, observou-se que os vídeos mais recentes do *coach* apresentavam menor repercussão nos comentários, um fator que foi considerado na definição dos critérios de construção do banco de dados **Redpill**. Contudo, ao

³² Recurso do *Instagram* que possibilita que o usuário interaja com outros usuários. Trata-se de uma ferramenta que permite adicionar uma pergunta ao *story* do *Instagram* e receber respostas dos seguidores.

³³ Fenômeno que ocorre quando um conteúdo, seja ele um vídeo, uma imagem, um texto ou qualquer outro tipo de conteúdo digital, se espalha rapidamente pela internet.

³⁴ A nomenclatura **Redpill** com a inicial em maiúsculo e em negrito se referirá ao banco de dados da presente pesquisa.

checarmos a página do *Youtube* após alguns meses, notamos que algumas movimentações significativas haviam sido feitas, motivando-nos a realizar uma breve atualização dos dados.

Para a nova delimitação do banco de dados **Redpill** adotou-se como critério a inclusão exclusiva de *shorts* que registraram um volume superior a 96 comentários de usuários, coletados até a data de 10 de setembro de 2024. Inicialmente, a metodologia de coleta abarcava todos os *shorts* e seus respectivos comentários, independentemente do número de interações, dentro de um intervalo de um mês. No entanto, visando conferir maior robustez analítica à pesquisa, tornou-se imprescindível a adoção de um critério de seleção mais rigoroso, que privilegiasse conteúdos com elevado engajamento interativo. Em decorrência dessa redefinição metodológica, o banco de dados **Redpill** passou a ser composto por 80 *shorts*, todos caracterizados por um volume expressivo de interações acima do limiar estabelecido (acima de 96 comentários).

Essa delimitação justifica-se pelo fato de que nossa análise se fundamenta no Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), uma abordagem que demanda um *corpus* densamente povoado em termos interacionais. A ausência de um volume expressivo de interações comprometeria a investigação da possível correlação entre o *ethos* de Thiago Schutz e a representação de mulher disseminada nesse espaço digital, dificultando uma interpretação aprofundada das dinâmicas argumentativas subjacentes aos discursos analisados.

Para construir o banco de dados **Redpill**, optamos por realizar o *download* de todos os vídeos e capturamos imagens (*printscreens*) de todas as interações, incluindo as informações tecnodiscursivas (Paveau, 2022), como número de *likes*, visualizações, *hashtags*, títulos e comentários. Nossa principal preocupação residia na possibilidade de a página ser desativada, o que poderia resultar na perda de acesso aos dados, uma instabilidade inerente aos ambientes digitais, a exemplo do que recentemente aconteceu com a rede social X (ex-*Twitter*). Examinemos alguns detalhes do conteúdo do banco de dados **Redpill**, delineado na tabela apresentada a seguir:

Tabela 3: Informações sobre o banco de dados **Redpill**

Nº	Título do <i>short</i>	Comentários ³⁵
1	Dor de cabeça é frescura	147
2	É isso que elas querem mesmo	97
3	Já parou para pensar nisso	386
4	Isso é o que realmente importa	218

³⁵ Número de comentários coletados até a data de 10/09/2024.

5	Altura ou peso, qual importa mais?	156
6	É assim que elas escolhem os homens	379
7	Será que ela quer jantar de graça	104
8	É só uma brincadeira	119
9	Desrespeito não	206
10	Será que a ex pode mudar?	116
11	E se o ex mandar mensagem	106
12	Você gosta de comer pão	604
13	Como descobrir se uma mulher é rodada?	112
14	Essa é a melhor vingança	106
15	Qual idade ela deve ter pra namorar	180
16	A roupa importa?	108
17	Mulher rara existe	308
18	Como escolher a pessoa certa?	176
19	Por que ela não posta foto minha na rede social?	130
20	Devo me divorciar por esse motivo	218
21	Essa pessoa pode te prejudicar	98
22	Ela quer o cara disputado?	558
23	Conhece alguém nessa situação?	220
24	Você conhece esse tipo de pessoa?	330
25	Posso me relacionar com esse tipo de pessoa?	113
26	Você se casou com um anjo ou um demônio?	273
27	Ela não ajuda a pagar a conta e agora?	103
28	Por que você precisa se cuidar?	114
29	Como descobrir o passado dela?	127
30	Será que vou ser traído?	115
31	Existe amor com essa idade?	812
32	Essas profissões gostam de fazer isso?	390
33	Ter religião no relacionamento é certo?	99
34	Será que ela se arrependeu?	110
35	Esse investimento é justo?	123
36	Como parar de ser bonzinho?	130

37	Será que eu errei depois disso?	136
38	Ele envelhece igual vinho e ela?	205
39	Por qual motivo ela terminou comigo?	260
40	Elas estão arrasando na balada?	157
41	Existe retorno nesse investimento?	104
42	Como esquecer ela?	110
43	Qual melhor regime para se casar?	149
44	Namoro a distância dá certo?	140
45	O passado dela importa?	194
46	Minha namorada não quer transar, o que fazer?	155
47	Qual a sua preferência?	132
48	Você é admirado ou desprezado?	551
49	Essa é uma relação baseada em dinheiro apenas	127
50	Você gosta dos bonzinhos?	224
51	Devo assumir filho que não é meu?	121
52	Sua parceira está fechada com você?	214
53	Promiscuidade masculina existe?	190
54	Pode ter <i>piercing</i> em qualquer lugar?	111
55	É por isso que você não consegue gostar dela	142
56	Pronunciamento oficial de Thiago Schutz	116
57	Como você vê essa situação?	991
58	Esses são os papéis do homem numa relação?	228
59	Essa lenda japonesa é mais do que real	1,1 mil
60	Preste muita atenção nisso	124
61	Cuidado com os fura olho de plantão	573
62	Thiago Schutz assistiu ao filme Barbie?	251
63	Já parou para pensar nessa dinâmica?	142
64	O homem não consegue fazer isso	270
65	Melhores momentos <i>Morning Show</i>	1026
66	Minha opinião sobre o caso Neymar	111
67	São poucas mulheres que tem essa visão	508
68	O homem tem que ser o provedor?	348

69	Isso causa muito problema para o casal	119
70	Elogios demais podem ser um problema	138
71	Vale a pena esse tipo de relacionamento?	120
72	Casamento vale a pena?	169
73	Seja sua prioridade	247
74	Preste atenção nisso	356
75	Por que homem iludido só toma no rabo?	147
76	Preste atenção nisso	134
77	Como sair da <i>friendzone</i>	348
78	Liberdade de escolha é tudo	378
79	Cancún ou praia grande	149
80	Observe essa dinâmica com atenção	235

Fonte: Página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Com o banco de dados devidamente consolidado, empreendemos um minucioso trabalho de curadoria, cientes de que a definição do recorte definitivo e a subsequente formatação do *corpus* demandavam um olhar criterioso e metodologicamente rigoroso. Esse processo exigiu não apenas um exame detalhado do material coletado, mas também uma reflexão aprofundada acerca dos critérios que orientariam a seleção dos dados mais pertinentes para a investigação. Dessa maneira, imergimos na categorização e no seccionamento das especificidades discursivas, tecnodiscursivas e interacionais que pudessem oferecer subsídios para um delineamento de qualidade do *corpus*. Esse esforço investigativo não se limitou à mera triagem de conteúdos, mas envolveu uma análise estratégica das dinâmicas argumentativas, tecnodiscursivas e discursivas subjacentes aos dados. Eis a forma como um carpinteiro deve cuidar da matéria prima de seu ofício.

3. Delineamento do *corpus*

Com o banco de dados **Redpill** devidamente consolidado, estruturado e catalogado, direcionamos nossos esforços para a etapa subsequente: a delimitação do *corpus* de pesquisa, imprescindível para fundamentar as análises propostas em consonância com o problema investigativo. Para a construção de nosso *corpus*, adotamos critérios rigorosos que garantissem a seleção de dados representativos das dinâmicas argumentativas e discursivas que permeiam as interações analisadas. Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

1. *Alto índice de interação entre usuários* – Priorizamos *shorts* com elevado nível de engajamento, variando entre 96 e 1.200 comentários, de modo a capturar discussões mais acirradas que tratavam sobre a representação da mulher.
2. *Presença de interações antagônicas* – Optamos por *shorts* que contivessem interações marcadas por elementos contraposição de pontos de vistas, visando examinar como tais manifestações dialogam com a difusão da representação da mulher.
3. *Estratégia argumentativa de Thiago Schutz* – Seleccionamos *shorts* nos quais o influenciador mobiliza distintas estratégias discursivas para sustentar sua argumentação, variando entre o apoio textual a lendas, a performance teatral, a dramatização e o discurso conselheiro. O propósito desse critério é examinar como Thiago Schutz constrói seu *ethos* por meio de diferentes posturas, analisando as estratégias articuladas afim emanar credibilidade e persuasividade à sua fala no ambiente digital.

Dentre os 80 *shorts* que compõem o banco de dados **Redpill**, concentramos nossa atenção na seleção de 4 *shorts*, que atendessem plenamente aos critérios supracitados e apresentassem um número de comentários variando entre 500 e 1.200. O propósito dessa escolha foi garantir um *corpus* analiticamente viável e consistente, capaz de evidenciar padrões relevantes para a pesquisa. Além disso, todos os *shorts* selecionados integram a subcategoria “*shorts* em alta”, isto é, vídeos que apresentam elevada rotatividade de interações na página oficial de Thiago Schutz, o que os torna particularmente representativos do padrão de engajamento do público com esse tipo de conteúdo.

A seguir, apresentamos os quatro *shorts* que, após uma seleção, passaram a compor o *corpus* desta pesquisa de mestrado. Para cada um deles, detalhamos: 1) O número de identificação (por exemplo, *Short 1*, *Short 2*); 2) O título do vídeo; 3) O link de acesso; 4) O assunto central abordado; 5) O número de comentários; 6) A quantidade de *likes*; 7) O número de visualizações na data da coleta. Esses dados constituem o material empírico que alimentará as análises desenvolvidas nos capítulos analíticos seguintes. Vejamos a seguir:

Tabela 4: Informações *short 1*

Short 1 – “Você é admirado ou desprezado?”		
Link: https://Youtube.com/shorts/nY_prq6--p4?si=_o-eiTGYeXuBLviZ		
Assunto: A mulher pode desprezar seu companheiro em público ou admirá-lo.		
Comentários: 551	Likes: 24 mil	Visualizações: 394 mil

Fonte: https://Youtube.com/shorts/nY_prq6--p4?si=_o-eiTGYeXuBLviZ.

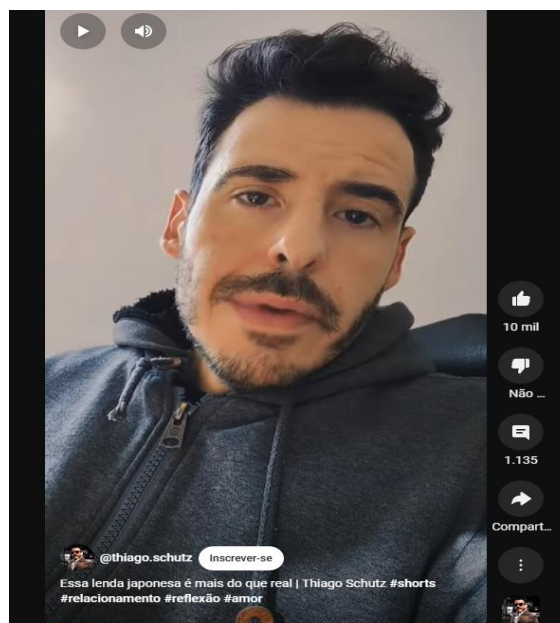
Imagem 4: Capa *short* 1

Fonte: https://Youtube.com/shorts/nY_prq6--p4?si=_o-eiTGyeXuBLviZ.

Tabela 5: Informações *short* 2

Short 2 – “Essa lenda japonesa é mais que real”		
Link: https://Youtube.com/shorts/tiKQp20bnn8?si=Ob2Z4HCS5Q0UVBnv		
Assunto: Se um homem decidir cuidar de uma mulher devastada, ao final, ela estará curada e ele destruído.		
Comentários: 1.135 mil	Likes: 10 mil	Visualizações: 129 mil

Fonte: <https://Youtube.com/shorts/tiKQp20bnn8?si=Ob2Z4HCS5Q0UVBnv>.

Imagem 5: Capa *short* 2

Fonte: <https://Youtube.com/shorts/tiKQp20bnn8?si=Ob2Z4HCS5Q0UVBnv>.

Tabela 6: Informações *short 3*

Short 3 – “Você gosta de comer pão?”		
Link: https://Youtube.com/shorts/20uEWn1b0iY?si=f9lwYHvU3AitaRua		
Assunto: Mulheres que tem vida sexual ativa devem ser evitadas.		
Comentários: 604	Likes: 2,9 mil	Visualizações: 53 mil

Fonte: <https://Youtube.com/shorts/20uEWn1b0iY?si=f9lwYHvU3AitaRua>.

Imagem 6: Capa *short 3*



Fonte: <https://Youtube.com/shorts/20uEWn1b0iY?si=f9lwYHvU3AitaRua>.

Tabela 7: Informações *short 4*

Short 4 – “Melhores momentos <i>morning</i>”		
Link: https://Youtube.com/shorts/jRvHCZEshF8?si=IRnxMti2mlRtEP5I		
Assunto: O homem que posiciona suas preferencias é taxado como machista.		
Comentários: 1026 mil	Likes: 26 mil	Visualizações: 423 mil

Fonte: <https://Youtube.com/shorts/jRvHCZEshF8?si=IRnxMti2mlRtEP5I>.

Imagem 7: Capa *short 4*



Fonte: <https://Youtube.com/shorts/jRvHCZEshF8?si=IRnxMti2mlRtEP5I>.

Com o intuito de proteger a identidade de todos os usuários que compõem nosso *corpus*, optamos por anonimizar seus nomes na etapa analítica da pesquisa. Essa medida visa garantir a privacidade e a integridade dos participantes, em conformidade com os princípios éticos que regem estudos dessa natureza. Para facilitar a identificação dos diferentes interactantes envolvidos, utilizaremos as seguintes denominações, segundo as categorias do MDA, que ajudará a delinear nossa leitura dos dados:

1. *SHT* + *numeração correspondente*: para identificar os vídeos (por exemplo, SHT1 significa *short* 1 e assim sucessivamente).
2. *P* + *numeração correspondente*: para identificar os usuários que se colocam no papel actancial de *PrOponentes* (por exemplo, P1, P2, P3 etc.).
3. *O* + *numeração correspondente*: para identificar os usuários que se colocam no papel actancial de *Oponente* (por exemplo, O1, O2 etc.).
4. *T* + *numeração correspondente*: para identificar usuários que se colocam no papel actancial de *Terceiro* ao longo das interações (por exemplo, T1, T2 etc.).

Por fim, com o propósito de aprofundar a investigação acerca do *ethos* construído e projetado por Thiago Schutz nos *shorts* que compõem o presente *corpus*, recorreu-se também à transcrição integral de suas falas. Para tanto, adotou-se como ferramenta o modelo de transcrição de Gail Jefferson, conforme disposto por Jung e Loder (2008, p. 168), uma vez que tal metodologia possibilita uma apreensão mais acurada das nuances e especificidades inerentes às

interações autênticas. O referido modelo, essencial para a análise proposta, encontra-se delineado a seguir:

Tabela 8: Modelo de transcrição de Jung e Loder (2008)

Ícones	Descrição
[Colchetes]	fala sobreposta
(0.5)	pausa em décimos de segundos
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundos
(...)	trecho não transcrito
:	alongamento de som
-	autointerrupção
FAla	ênfase em som
.hh	inspiração audível
hh	expiração ou riso
()	segmento de fala incompreensível
[]	fala sobreposta de dois locutores falando ao mesmo tempo

Fonte: Jung e Loder (2008).

Essa abordagem revela-se de singular relevância, pois possibilita a apreensão minuciosa das sutilezas prosódicas, das pausas estratégicas e de um amplo espectro de marcas interacionais que, de outro modo, poderiam passar despercebidas em análises menos rigorosas. Ao privilegiar uma transcrição detalhada, o método de transcrição adotado permite não apenas a identificação dos elementos estruturantes da fala, mas também a reconstrução das dinâmicas interacionais subjacentes, conferindo maior densidade interpretativa à análise. Dessa forma, torna-se viável uma compreensão mais aprofundada das especificidades discursivas que emergem no cerne das interações reais, possibilitando a investigação criteriosa do *ethos* projetado pelo orador ao longo de suas enunciações.

Tabela 9: Síntese do Capítulo 3

Eixo temático	Síntese objetiva do conteúdo
---------------	------------------------------

Abordagem metodológica	Este estudo configura-se como uma investigação qualitativa, exploratória e de base bibliográfica, ancorando-se, ainda, na concepção de <i>corpus digital nativo</i> delineada pelos postulados da análise do discurso digital.
Reformulação do objeto de estudo	A pesquisa migra da coleta de dados na plataforma <i>TikTok</i> para o <i>Youtube</i> após identificar limitação de dados. Após adota como campo de coleta os vídeos-curtos (<i>shorts</i>) da página oficial do <i>Youtube</i> de Thiago Schutz.
Estrutura do canal de Thiago Schutz	O canal oficial do <i>Youtube</i> de Thiago Schutz organiza-se em abas Início, Vídeos, <i>Shorts</i> , Ao Vivo e <i>Playlist</i> , oferecendo navegação segmentada.
Critérios de seleção dos <i>shorts</i> para composição do banco de dados	Para compor o banco de dados Redpill , reunimos todos os <i>shorts</i> publicados até 10 de setembro de 2024 que alcançaram mais de 96 comentários, o que resultou em um acervo de 80 vídeos.
Composição do <i>corpus</i> analítico	Dos 80 <i>shorts</i> catalogados, quatro foram selecionados para compor nosso <i>corpus</i> de investigação, tendo como critérios: 1) Alto índice de interação entre usuários; 2) Presença de interações antagônicas e 3) Estratégia argumentativa e postura enunciativa de Thiago Schutz.
Métodos de transcrição e anonimização	Como instrumento metodológico para transcrição dos áudios de Thiago Schutz, nos fundamentamos no modelo de Jung e Loder (2008). Como método de anonimização e identificação dos interactantes utilizamos siglas que remetessem ao vocabulário do MDA no que se refere aos papéis actanciais junto ao <i>short</i> de referência. Isto é, utilizamos P1SH1 para referir Proponente 1 do <i>short</i> 1.

Fonte: elaboração da autora.

CAPÍTULO 4 : MAPEAMENTO DO *ETHOS* DE THIAGO SCHUTZ EM AMBIENTE DIGITAL

Neste primeiro capítulo analítico, o objetivo central consistiu em mapear o *ethos* projetado pelo *coach* Thiago Schutz nos *shorts* publicados em seu canal no *Youtube*. Esse empreendimento exigiu uma abordagem analítica que transcendesse a mera identificação, demandando, antes, “um momento de observação ‘exaustiva’, pois tudo que ali se nota pode auxiliar no momento de se elegerem categorias analíticas” adequadas (Damasceno-Morais, 2021, p. 684). Para tanto, nossa análise fundamentou-se teoricamente na noção de *ethos* sob a ótica discursiva, bem como nas categorias de cenografia e cena genérica (Maingueneau, 2020). Ademais, recorreremos a instrumentos teóricos complementares que nos auxiliaram na dissecação do *ethos* construído por Thiago Schutz. Destacam-se, nesse sentido, as emoções, conforme delineada por Plantin (2015, 2021), bem como o conceito de *analogia*, tal como elaborado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Por fim, lançamos mão dos preceitos da *análise do discurso digital*, conforme propostos por Paveau (2022), a fim de contemplar as especificidades inerentes ao ambiente digital que se insere o *corpus* investigado.

Ao longo deste trabalho, temos refletido sobre o conceito de *ethos*, compreendendo-o como uma noção complexa e, ao mesmo tempo, indispensável à arte de manejar a palavra em situações de interação. Trata-se de um elemento fundamental na constituição da credibilidade e da autoridade do orador diante de um público específico, revelando-se como um recurso estratégico na construção da imagem discursiva daquele que fala. Para Aristóteles (2005, p. 96), o discurso adquire poder persuasivo na medida em que o orador consegue transmitir a impressão de ser digno de fé e de confiança. Essa formulação aristotélica sublinha a centralidade do *ethos* nas premissas da retórica clássica, ao evidenciar que a eficácia persuasiva do discurso está intrinsecamente vinculada à imagem de confiabilidade e respeitabilidade que o orador é capaz de projetar perante seu auditório. Nesse sentido, e como já discutimos anteriormente nesta dissertação, o *ethos* se configura como a “imagem que o orador projeta ao seu auditório, com o intuito de emanar uma aura de excelência e autoridade, legitimando assim sua própria figura” (Meyer, 2007, p. 34-35). Meyer (2007) enfatiza a relação entre a construção da imagem do orador e a adesão do público, destacando que o orador busca consolidar sua posição por meio da projeção de um *ethos* que inspire respeito e credibilidade.

Seguindo essa forma de compreensão, na perspectiva da análise do discurso, o *ethos* não é uma construção exclusiva do orador, mas emerge da interação entre discurso e contexto. É por

meio do discurso, em articulação com os elementos socioculturais que o circundam, que o orador molda sua própria imagem, ancorando-a nos valores presumivelmente compartilhados (Maingueneau, 2020). Para Maingueneau (2020) a projeção do *ethos* não ocorre de forma autônoma, mas se inscreve em um campo interacional dinâmico, no qual expectativas socialmente difundidas exercem influência determinante sobre a interpretação e a legitimação da imagem do orador perante seu público.

Tendo em vista a ampliação do conceito de *ethos* proposto pela análise do discurso, mobilizamos também a noção de cenografia e cena genérica como recurso auxiliar para a investigação e descrição do *ethos* de Thiago Schutz, com ênfase em elementos como indumentária, ambientação cênica e recursos visuais que estruturam seus vídeos. De modo sintético, compreendemos a cenografia como “aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la” (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 96). A consideração da cenografia como aspecto complementar importante justifica-se por permitir a identificação do contexto de enunciação de Schutz e a maneira como este é simultaneamente constituído por sua própria enunciação.

Evocamos também as emoções, uma vez que, as emoções ou o *pathos* tem total “correlação entre comportamentos, gestos, posturas corporais, qualidade da voz, escolha das palavras, estrutura das intervenções, manejo da fala, transformação das ações atuais e trabalho relacional em geral” (Plantin, 2015, p. 8). Nesse sentido, investigamos e descrevemos como o manuseio das emoções/*pathos* ajudou na construção do *ethos* de Thiago Schutz shorts. Além disso, mobilizamos outras categorias essenciais para a descrição e análise do *ethos* de Thiago Schutz. Entre elas, destaca-se a noção de analogia ou argumento por analogia, compreendido como a similitude entre tema e foro, estabelecendo uma relação proporcional que pressupõe que A está para B assim como C está para D (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005). Por fim, recorreremos às contribuições da análise do discurso digital (Paveau, 2022), com especial atenção às noções de tecnodiscurso, *hashtag* e escrita digital.

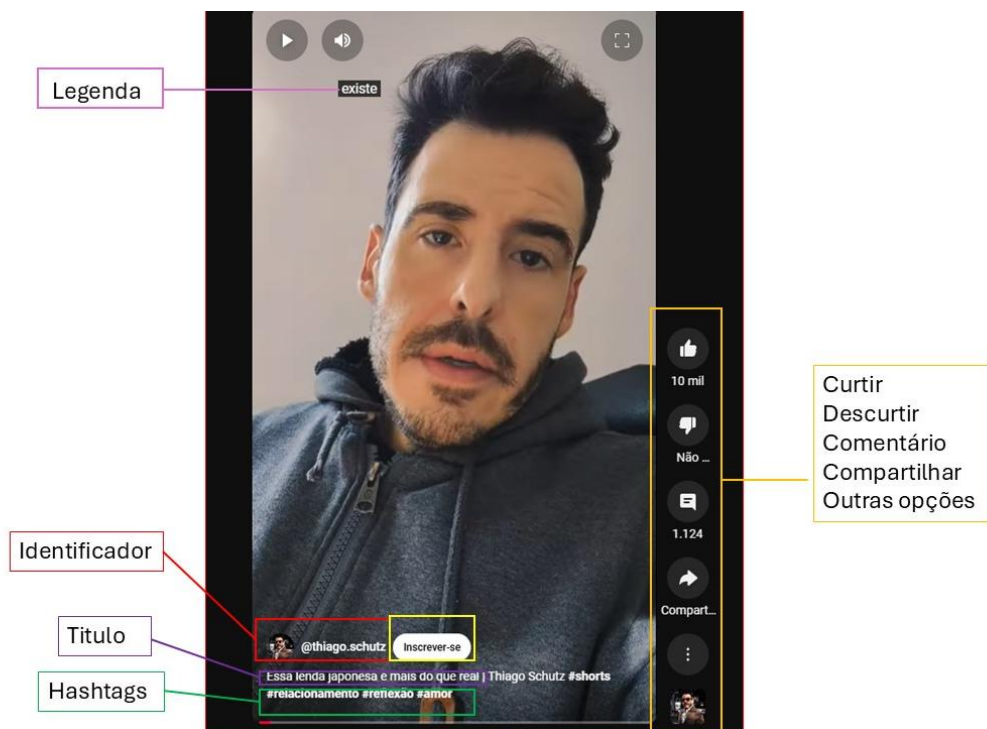
1. *Ethos* em ambiente digital: especificidades primordiais

Neste capítulo, dedicamo-nos à análise das composições discursivas que fundamentam a construção do *ethos* projetado pelo enunciador Thiago Schutz. Para atingir esse objetivo, ancoramo-nos fundamentos da análise do discurso digital (Paveau, 2022), uma vez que esta pesquisa reconhece que os elementos tecnodiscursivos ultrapassam uma função meramente

acessória, assumindo um papel estruturante na configuração e na dinâmica dos discursos em ambiente digital. Sua pertinência para este estudo advém de sua capacidade de interagir diretamente com o contexto de enunciação de Thiago Schutz, incidindo sobre os processos de construção e projeção de seu *ethos*. Sendo o *corpus* desta pesquisa caracterizado como *digital nativo* (Paveau, 2022), esforçamo-nos por lançar um olhar atento para os elementos *tecnodiscursivos* que sustentam a funcionalidade dos *shorts* do *Youtube*, os quais se revelam essenciais para a compreensão das estratégias discursivas subjacentes à constituição e à projeção do *ethos* de Schutz.

Nesse contexto, torna-se essencial lançar uma lupa sobre as características distintivas que estruturam e conferem singularidade aos *shorts* do *Youtube*. Para tanto, considera-se fundamental recorrer às premissas da análise do discurso digital (Paveau, 2020), de modo a possibilitar uma compreensão mais detalhada das ferramentas tecnodiscursivas que os constituem. As especificidades *tecnodiscursivas* presentes nos *shorts* do *Youtube* estão delineadas na imagem 9 subsequente:

Imagem 8: Estrutura tecnodiscursiva de um *short* do *Youtube*



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz

Conforme a imagem 8, os *shorts* do *Youtube*, quando analisados sob os preceitos da análise do discurso digital (Paveau, 2022), apresentam-se estruturados por uma ampla e heterogênea gama de ferramentas tecnodiscursivas. Nesse contexto, destacam-se os compósitos

estrategicamente dispostos nos quadrantes amarelo, vermelho e verde, os quais evidenciam a convergência entre as dimensões linguística e tecnológica (Paveau, 2022). Dentre os elementos compósitos presentes, encontram-se: “curtir”, “descurtir”, “comentar”, “compartilhar”, “inscrever-se”, “*hashtags*”, “identificadores” e as “outras opções” (representada pelo ícone dos três pontinhos no quadrante amarelo, cuja finalidade é disponibilizar funções complementares, como: descrição, salvar *playlist*, iluminação cinematográfica, legendas, não recomendar esse canal, denunciar e enviar *feedback*). E, por fim, a escrita digital que, embora não constitua um compósito, configura-se como um elemento nativo do ambiente digital, estruturando-se a partir do título e da legenda, ambos demarcados pelos quadrantes em tonalidade roxa.

À luz das particularidades compósitas e tecnodiscursivas que permeiam nosso *corpus* digital *nativo*, torna-se viável realizar uma análise mais contextualizada, que abarque não apenas as estratégias argumentativas e retóricas empregadas por nosso enunciador, Thiago Schutz (como veremos) mas também o contexto multifacetado em que suas ações discursivas estão inseridas. A interação interdisciplinar entre os elementos linguísticos e tecnológicos revela-se essencial para desvendar as complexas inter-relações que fundamentam seu discurso em ambiente digital, um espaço dinâmico e em contínua transformação, cujas características o distinguem profundamente do ambiente não digital.

Conforme salientado por Paveau (2022), a análise do discurso digital requer uma abordagem que reconheça e integre as especificidades inerentes aos discursos nativos da internet, valorizando suas singularidades e os contextos em que emergem. Nesse sentido, nossa investigação considera essas singularidades, valorizando as particularidades de um *corpus* que tem sua gênese e dinâmica próprias no ambiente digital, explorando, assim, as interações entre linguagem e tecnologia digital.

2. Contexto tecnodiscursivo dos *shorts* de Thiago Schutz

Nesta seção, propomos uma investigação sobre o contexto de enunciação de Thiago Schutz, ancorando nossa análise nas ferramentas tecnodiscursivas que compõem os *shorts* selecionados para o *corpus*. Embora a multiplicidade de elementos tecnodiscursivos presentes em um *short* do *Youtube* tenha sido abordada na seção anterior, este capítulo analítico dedicará especial atenção às *hashtags*, títulos e legendas.

Essa escolha fundamenta-se na concepção de que as *hashtags* operam como “agentes transformadores do ambiente digital” (Paveau, 2022), exercendo um papel singular na

modalização do sentido dos conteúdos em meio digital. Nesse horizonte, as *hashtags* revestem-se de importância em nossa análise, dada sua potencialidade de contextualizar a enunciação e, por conseguinte, possivelmente incidir sobre a construção e projeção do *ethos* de Thiago Schutz. Paralelamente, os títulos e as legendas dos *shorts* serão examinados em razão de sua estreita vinculação com o conteúdo produzido por Schutz, considerando sua importância na edificação de seu *ethos* em ambiente digital. Assim, buscamos compreender de que modo esses elementos tecnodiscursivos participam da constituição do *ethos* do enunciador, articulando-se à dinâmica interacional dos comentários e ao contexto de circulação de seu discurso.

No que se refere aos elementos tecnodiscursivos presentes no *short 1*, merecem destaque as *hashtags* #shorts, #relacionamento, #reflexão, #amor e #disputa, bem como o título, “Ela quer o cara disputado?”. Vejamos na imagem 9 abaixo:

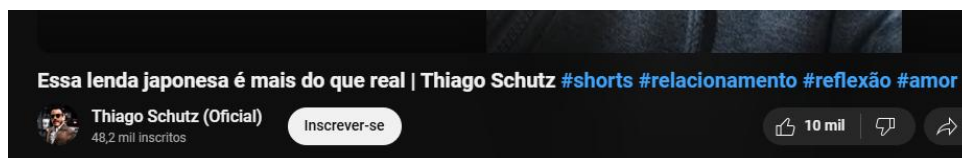
Imagem 9: *Hashtags* e título do *short 1*



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Inicialmente, a *hashtag* #shorts delimita o formato do conteúdo audiovisual do *short 1*, situando-o na classificação de vídeos curtos do *Youtube*. Subsequentemente, as *hashtags* como #relacionamento, #reflexão, #amor e #disputa circunscrevem os eixos temáticos que estruturam sua enunciação, orientando sua compreensão. Além de delimitar a temática central de sua enunciação, essas *hashtags* operam como mecanismos de indexação, inscrevendo a enunciação de Thiago Schutz em uma *cena genérica* (Maingueneau, 2020) específica: o conselho. Essa demarcação genérica torna-se ainda mais evidente quando analisamos o título, “Ela quer o cara disputado?”, cuja formulação interrogativa instaura uma expectativa interpretativa, indicando que a resposta para tal questionamento se encontra delineada na própria enunciação de Schutz ao longo do *short 1*. Desse modo, o título e as *hashtags* mobilizadas por Thiago Schutz no *short 1* desempenham um papel condutor na percepção de sua imagem, operando tanto como recursos de classificação quanto como transmissores da intencionalidade de sua enunciação.

Em relação ao *short 2* (Imagem 10 abaixo) destacam-se as *hashtags* #shorts #relacionamento #reflexão #amor e o título “Essa lenda japonesa é mais que real”. Vejamos a seguir:

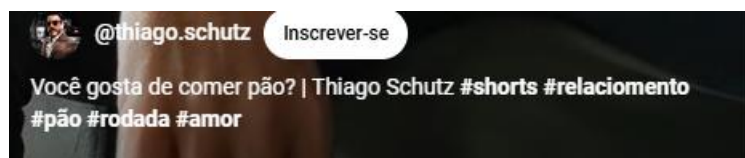
Imagem 10: *Hashtags* e título *short 2*

Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Na imagem 10 acima, observa-se a mobilização de um conjunto de *hashtags* substancialmente semelhante ao do *short 1* (Imagem 9), à exceção da ausência da *hashtag* #disputa. De modo análogo ao *short 1*, tais *hashtags* desempenham uma função bifronte: por um lado, demarcam o formato audiovisual por meio do compósito #shorts; por outro, circunscrevem os eixos temáticos que estruturam a enunciação de Schutz orientando sua compreensão por intermédio dos compósitos #relacionamento, #reflexão e #amor. No que tange ao título “*Essa lenda japonesa é mais que real*” (Imagem 10), observa-se que ele antecipa, de maneira mais específica, o conteúdo da enunciação de Schutz, funcionando como o prenúncio do desenvolvimento argumentativo de Schutz.

Nesse cenário, infere-se que as *hashtags* #relacionamento, #reflexão e #amor, em estreita sintonia com o título “*Essa lenda japonesa é mais que real*”, coalescem para a inscrição da enunciação de Thiago Schutz caracterizando um momento de aconselhamento do vídeo. Tal categorização genérica emerge da confluência de dois enunciados mobilizados por Schutz: de um lado, a evocação do léxico “reflexão” na *hashtag*, que instaura a enunciação um horizonte interpretativo voltado a análise de um dado tema, no caso, relacionamento e amor; de outro, a mobilização da lenda japonesa como suporte textual no título, cuja função social se alinha à figura do conselheiro.

Em relação ao *short 3*, destacam-se as *hashtags* #shorts #relacionamento #pão #rodada #amor e o título “*Você gosta de comer pão?*”, vejamos a imagem 11 a seguir:

Imagem 11: *Hashtags* e título do *short 3*

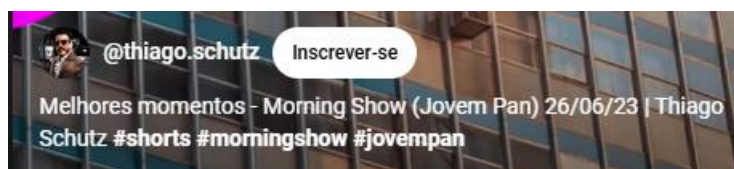
Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Na imagem 11, observa-se, mais uma vez, a mobilização da *hashtag* #shorts como elemento de demarcação do formato audiovisual do vídeo. Ademais, constata-se a recorrência

das *hashtags* #relacionamento e #amor, sendo que, no *short* 3, adicionam-se, ainda, as *hashtags* #pão e #rodada. Tais marcadores tecnolinguísticos não apenas delineiam as temáticas abordadas por Schutz, mas também orientam a construção de um campo semântico convergente, no qual os vocábulos “pão” e “rodada” acionados sugerem uma inter-relação com os termos “relacionamento” e amor”. O título “*Você gosta de comer pão?*”, ainda na imagem 11, formulado em estrutura interrogativa, instaura uma áurea investigativa. Esse efeito pode ser explicado pela dissonância temática entre os campos semânticos mobilizados, nos quais o universo do relacionamento e do amor, delimitado pelas *hashtags* #relacionamento e #amor, contrapõe-se, de maneira inusitada, ao domínio do consumo de pão, instaurado tanto pela *hashtag* #pão e #rodada quanto pelo próprio título do *short* 3 “*Você gosta de comer pão?*”. Por outro lado, a *hashtag* #rodada parece funcionar como um indício sutil, orientando o percurso interpretativo e sugerindo um elo entre as associações estabelecidas entre os termos pão, relacionamento e amor.

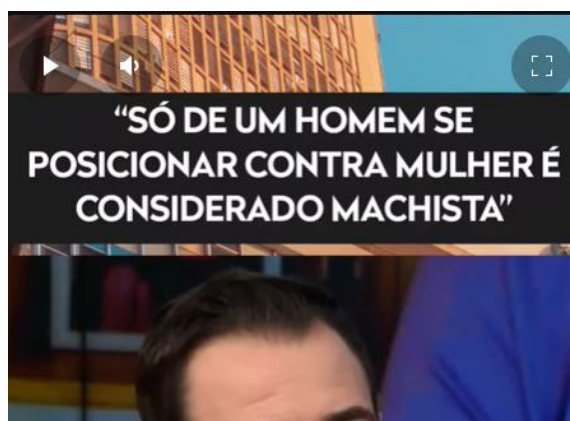
No *short* 4 (Imagem 12), destaca-se as *hashtags* #shorts#morningshow#jovempan, o título “*Melhores momentos morning show (Jovem Pan) 26/03/23*” e uma legenda em caixa alta na parte superior do conteúdo audiovisual. Vejamos nas imagens 12 e 13 abaixo:

Imagem 12: *Hashtags* e título do *short* 4



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Imagem 13: Legenda *short* 4



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Na imagem 12, evidencia-se, mais uma vez, a mobilização da *hashtag* #shorts como um marcador tecnodiscursivo que delimita o formato audiovisual do vídeo e contribui para a

construção da imagem que Shultz quer transmitir. Observa-se, ademais, a presença exclusiva das *hashtags* #morningshow e #jovempan, as quais sinalizam as temáticas abordadas por Schutz nesse *short* 4. Em contraste com os *shorts* anteriores, no *short* 4 não se recorre a *hashtags* que remetam aos temas relacionamento ou amor, o que sugere uma mudança na categorização temática. No que concerne ao título “Melhores momentos – Morning Show³⁶ (Jovem Pan) 26/06/23” indica uma seleção do enunciador sobre os trechos que, em sua perspectiva, representam os momentos mais relevantes de sua participação no referido programa televisivo na data mencionada.

Outro elemento tecnodiscursivo digno de nota é a legenda estática inserida na parte superior do vídeo (Imagem 13), composta por caracteres de proporções avantajadas, na cor branca, sobre um fundo retangular preto. Ali temos a seguinte afirmação: “Só de um homem se posicionar contra mulher é considerado machista”. Tal formulação, posiciona a enunciação de Schutz, como um alerta.

3. A cenografia elaborada por Thiago Schutz nos *shorts*

Essa seção dedica-se à descrição da cenografia e cena genérica (Maingueneau, 2020) construída por Thiago Schutz nos quatro *shorts* que compõe nosso *corpus digital nativo*. Com o propósito de conferir maior rigor metodológico à investigação, disponibilizaremos a transcrição integral de cada *short*, recurso que não apenas favorecerá a condução da análise, mas também permitirá contextualizar de maneira mais clara e precisa nossas justificativas. Assim, a organização desta seção obedece a uma estrutura específica: primeiramente, apresenta-se a transcrição integral do *short* em análise e, na sequência, o desenvolvimento da análise. Vejamos a seguir.

No *short* 1 (Tabela 10 abaixo), o enunciador Thiago Schutz indaga que as mulheres têm uma inclinação a se envolver com homens caracterizados por uma vida sexual intensamente ativa e por uma postura desvalorizadora em relação ao sexo feminino, referindo-se a esses homens com o termo “comedor vagabundo” (Linha 6A e 7A). Para Schutz, diante de uma escolha hipotética entre o “virjão” (Linha 7A), figura que ele associa à fidelidade, mas também à inexperiência sexual, e o “comedor vagabundo,” as mulheres tenderiam a optar pelo segundo (o comedor vagabundo). Essa escolha, segundo Schutz, estaria atrelada à sua descrição do “cara

³⁶ Jovem Pan *Morning Show* é um programa de entretenimento e notícias transmitido de segunda a sexta-feira na TV Jovem PanNews, nas rádios AM e FM e no *Youtube* das 10h às 12h.

que molha a calcinha de outras mulheres” (Linha 2A), sugerindo que as mulheres se atraem por homens que despertam desejo sexual nas mulheres.

Ao concluir sua exposição, Thiago Schutz assevera, nas linhas 9A e 10A: “*Não, cara, não é assim que funciona. A cabeça do homem não funciona igual à cabeça da mulher.*” Com essa assertiva, ele sustenta que a mente feminina opera de maneira distinta da masculina, insinuando, de modo sub-reptício, deter um conhecimento especializado sobre as dinâmicas sexuais e amorosas no âmbito das relações heterossexuais, o que lhe conferiria “autoridade” para estabelecer tal distinção.

Tabela 10: Transcrição de áudio do *short* 1

	Título: Ela quer o cara disputado?
1 A	A mulher não quer tá com um cara (.) que molha a calcinha dela (.), a mulher ela quer tá
2 A	com um cara que molha a calcinha de outras mulheres (.). É bE:m diferente uma coisa
3 A	da outra (.). Quando a mulher ela percebe que tem um cara (.) que tem capacidade de
4 A	atrair outras mulheres e que ele chama atenção de outras mulheres e outras mulheres
5 A	desejam esse cara, é esse cara no geral que ela vai querer (.). E isso eu vou dar uma bEla
6 A	de uma generalizada, ta? Ce fala assim ó, tem esse cara aqui que é um comedor
7 A	vagabundo não vale nAdA e tem esse virjão que vai ser fiel a você, qual você escolhe?
8 A	O vagabundo. Nunca o vi mulher falar assim eu quero o virgem. Ah não eu quero, não,
9 A	eu quero, eu quero confio nele. Não cara, não é assim que funciona. A cabeça do homem
10 A	não funciona igual a cabeça da mulher.

Fonte: página oficial do Youtube de Thiago Schutz.

Considerando as singularidades de sua enunciação, voltamos para a análise do conteúdo visual do *short* 1, a fim de identificar as inter-relações entre os elementos que configuram sua cenografia e, por extensão, moldam o *ethos* de Thiago Schutz:

Imagem 14: Indumentária de Thiago Schutz no *short* 1



Fonte: página do Youtube de Thiago Schutz.

Observa-se, na imagem 14, que Schutz opta por trajar terno e gravata em um contexto de *podcast*, em que tal formalidade não se impõe como uma exigência. Mais do que uma simples escolha estética de Schutz, sua indumentária nesse contexto o inscreve em um sistema de significações que transcende a vestimenta enquanto elemento unicamente decorativo. Consideramos que, mais do que a simples escolha estética, “As roupas servem a uma série de funções: desde decorativas, protetoras e psicológicas, até provocar atração, identificar grupos e refletir o humor; da autoafirmação ou negação às funções de camuflagem, persuasão e status” (Barnard, 2001, *apud* Gamble e Gamble, 2016, p. 99).

A escolha de Schutz nesse contexto sugere que sua indumentária funcione como método de diferenciação, se estabelecendo como um marcador simbólico de *seriedade*, *autoridade* e *autenticidade*. Isso se deve ao fato de que determinados estilos de roupas estimulam uma percepção “de alto *status*, por exemplo: um terno de gravata no caso dos homens ou um alfaiate nas mulheres” (Bassett, 1979, p. 282). Assim, a opção de Schutz pelo terno e gravata não se configura como um mero acaso, mas sim como um recurso simbólico que entrelaçado ao conteúdo de sua enunciação, constitui um tipo específico de cenografia ao *short* 1.

Dessa maneira, a conjunção entre a escolha indumentária de Schutz, terno e gravata, e o teor de sua enunciação instaura uma cenografia alinhada ao discurso do especialista. Essa correlação evidencia-se de modo mais cristalino em determinadas passagens, nas quais ele profere afirmações, como: “*A mulher não quer tá com um cara (.) que molha a calcinha dela (.)*,

a mulher ela quer tá com um cara que molha a calcinha de outras mulheres” (linhas 1A e 2A); “(.). Quando a mulher ela percebe que tem um cara (.) que tem capacidade de atrair outras mulheres e que ele chama atenção de outras mulheres e outras mulheres desejam esse cara, é esse cara no geral que ela vai querer” (linhas 3A a 5A); “Nunca ouvi mulher falar assim eu quero o virgem” (linha 8A); e, por fim, “Não, cara, não é assim que funciona. A cabeça do homem não funciona igual à cabeça da mulher” (linhas 9A e 10A). Por meio dessas declarações peremptórias, Schutz imprime um tom de *savoir-faire* a seus argumentos, posicionando-se através de sua enunciação diante de uma cenografia associada ao conhecedor exímio da temática, reivindicando para si a competência necessária para decifrar e prever a conduta feminina no âmbito das relações heterossexuais.

No âmbito da cenografia do *short 2* (tabela 11 a seguir), a enunciação de Schutz articula a existência de uma lenda japonesa segundo a qual a mulher, ao se envolver com um homem “destruído” e auxiliá-lo a superar essa condição, garantiria seu amor eterno. Em contrapartida, quando um homem se relaciona com uma mulher igualmente “destruída” e a auxilia a reverter tal estado, o desfecho seria oposto: ao se reerguer, a mulher deixaria o homem arruinado. Ao concluir sua fala, ele encerra com um enfático “*Bom dia!*” (linha 3A).

Tabela 11: Transcrição de áudio do *short 2*

Título: Essa lenda japonesa é mais que real	
1A	Existe uma lenda japonesa que fala o seguinte (.) pegue um cara destruído (.) cure ele
2A	(.) e ele vai te amar pra sempre (.) Pegue uma mulher destruída (.) cure ela (.) e ela vai
3A	te deixar destruído (.) Bom dia!

Fonte: página oficial do Youtube de Thiago Schutz.

No que tange aos elementos visuais, observa-se que, diferentemente do *short 1*, no qual Schutz trajava terno e gravata, no *short 2* (vide imagem 15), ele adota uma composição visual marcada pela simplicidade, pelo minimalismo. Essa escolha se manifesta tanto no plano de fundo desprovido de elementos ornamentais, uma parede branca, quanto na vestimenta, composta por um traje casual, representado por uma blusa de moletom básica. Tal configuração insinua que Schutz se encontra em um ambiente mais informal, possivelmente inserido no contexto de sua vida privada. Essa composição sugere que sua atuação não se limita ao espaço profissional, mas se estende como um compromisso permanente, organicamente integrado à sua vivência cotidiana. Vejamos a imagem 15 a seguir:

Imagem 15: Indumentária Thiago Schutz no *short 2*

Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Na imagem 15 acima, a composição minimalista do conteúdo visual aliada à enunciação de Schutz evidencia uma cenografia associada ao discurso do “conselheiro”, daquele que se apresenta como genuinamente preocupado com o bem-estar dos homens e que se dispõe a auxiliá-los, mesmo nas horas vagas, quando se está de moletom em casa. A construção dessa cenografia, ancorada no discurso do conselheiro, evidencia-se em sua enunciação na passagem: “*Existe uma lenda japonesa que fala o seguinte*” (linha 1A). Nessa formulação, Schutz não apenas introduz a lenda, mas mobiliza um discurso culturalmente associado a figuras de sabedoria e experiência, tradicionalmente investidas de autoridade e benevolência para orientar e guiar aqueles considerados menos experientes; os conselheiros.

No contexto do *short 3* (Tabela 12 a seguir), Thiago Schutz recorre a uma performance visual na qual o pão assume um papel simbólico central. O enunciador estabelece uma comparação entre o alimento e a mulher. Durante a encenação, Schutz afirma: “*cem pessoas passaram a língua*” (Linha 1A), em seguida, lambe uma fatia de pão de forma branco, descartando no chão com uma expressão de desprezo e complementa: “*jogaram no chão*” (Linha 1A). Na sequência, Schutz pega outra fatia de pão e prossegue com a comparação, declarando: “*aí vem você, pega esse pão do chão*” (Linha 1A e 2A). Logo após, morde o pão e conclui: “*(0.5) e acha que tá comendo uma ótima refeição (0.5)*” (Linha 2A). Ao final da performance, ele encerra com

a afirmação: “(0.5) *esse post não é sobre pão*” (Linha 2A), sugerindo que a comparação constitui uma crítica direcionada aos critérios dos homens na escolha de uma parceira amorosa.

Tabela 12: Transcrição de áudio do *short 3*

Título: Você gosta de comer pão?	
1 A	CEm pessoas passaram a língua no pão (0.5) jogaram no chão ai vem você (.) pega esse pão
2 A	do chão (0.5) e acha que ta comendo uma Ótima refeição (0.5) esse post não é sobre pão.

Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

No que concerne às especificidades visuais do *short 3* (Imagem 16 abaixo), Thiago Schutz apresenta-se trajando vestimentas inteiramente escuras, incluindo óculos escuros, relógio e uma jaqueta robusta. Não obstante, essa escolha de indumentária remete à iconografia do filme *The Matrix*, obra cinematográfica que exerceu uma influência significativa na formulação da metáfora *redpill* adotada pela *redpill*. No longa referido (filme *The Matrix*), o protagonista Neo encarna uma estética semelhante, recorrendo ao uso de óculos escuros, roupas de couro em tonalidades escuras e jaquetas robustas, especialmente em cenas de confronto com seus adversários. Vejamos a semelhança na imagem 16 e 17 abaixo:

Imagem 16: Indumentária de Thiago Schutz no *short 3*



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Imagem 17: Indumentária personagem *Neo* do filme *The Matrix*

Fonte: filme *The Matrix*.

Desse modo, por meio de sua indumentária, Schutz (Imagem 16) sugere a assimilação de sua imagem a uma figura heroica, à semelhança de Neo (Imagem 17), cuja missão é libertar seus companheiros do domínio de um sistema opressor que os mantém aprisionados em uma realidade ilusória, neste caso, representado pelas mulheres. Podemos verificar essa relação exemplificada na seguinte passagem: “*ai vem você (.) pega esse pão do chão (0.5) e acha que tá comendo uma ótima refeição (0.5) esse post não é sobre pão*” (Linhas 1A e 2A). Esse trecho, por sua vez, legitima a assimilação de sua imagem, tal como sugere sua indumentária, à medida que estrutura sua enunciação como uma advertência direcionada aos homens que carecem de critérios apropriados na escolha de uma parceira amorosa. Esses critérios, na sua ótica, seriam indispensáveis para prevenir que os homens vivam em uma condição ilusória, impedindo que, sob o véu do engano, consumam “pães contaminados” na falsa crença de estarem desfrutando de uma refeição de qualidade.

Observa-se que Schutz constrói discursivamente uma aura de autoridade, projetando-se como uma fonte legítima de conhecimento e assumindo o papel de guia, cuja função é iluminar e direcionar os homens que, em sua perspectiva, se reconhecem como potenciais vítimas de um

grupo que os ludibria: as mulheres. O conteúdo de sua enunciação aliado às especificidades de sua indumentária, estrutura-se como um chamado à “revelação da verdade”, conferindo-lhe o estatuto de redentor diante das armadilhas que denuncia. Nesse sentido, ao analisar tanto os elementos visuais previamente mencionados quanto o teor da enunciação presente no *short* 3, depreende-se que Schutz edifica uma cenografia que se alinha a um discurso profético, isto é, aquele que detém a verdade e conduz seus apoiadores à libertação.

No que concerne ao conteúdo do *short* 4 (Tabela 13), Thiago Schutz estrutura sua enunciação em torno de dois eixos temáticos centrais. O primeiro trata da ausência de liberdade dos homens para recusar investidas femininas sem que tal atitude resulte em estigmatização social. Esse ponto é ilustrado nas linhas 1A a 3A, onde o enunciador afirma: “*Hoje eu diria assim é: basicamente o fato do cara se posicionar fortemente (.) cOntra uma mulher (.) não é brigar, não é arrumar treta nem nada .hh o fato dele sE posicionar fortemente ele pode ser taxado de machista (.)*”. Nessa formulação, Schutz sugere que a simples manifestação de uma oposição masculina diante de uma mulher já seria suficiente para desencadear uma rotulação negativa.

Tabela 13: Transcrição de áudio do *short* 4

Título: Melhores momentos – Morning Show (Jovem Pan) 26/06/23	
1 A	Hoje eu diria assim é: basicamente o fato do cara se posicionar fortemente (.) cOntra uma
2 A	mulher (.) não é brigar, não é arrumar treta nem nada .hh o fato dele sE posicionar fortemente
3 A	ele pode ser taxado de machista (.) mas e sE fosse o contrário (.) porque que a mulher ela
4 A	pOde de certa forma recusar uma bebida de um cara e tA tudo bem e eu acho que tem que ser
5 A	assim .hh mas quando o cara fala olha [Thiago!] eu não vou tomar contigo agora pô esse cara
6 A	ou ele é gay ou ele é machista entendeu assim ó () Incomoda pra mulherada ouvir que por
7 A	exemplo () uma mulher de vinte dois vinte três vinte quatro vinte cinco anos chama mais
8 A	atenção que ela que talvez tenha quarenta quarenta e cinco cinquenta (.) vejo muita mUlher
9 A	questionando que o homem tOrna ou enxerga a mulher como se fosse um objeto (.) só que
10 A	quem se coloca como objeto são as próprias mulheres (.) NÃO são os homens
11 A	necessariamente (.) Então se vOcÊ se vende de forma barata com uma roupa MUITO curta e
12 A	assim gente cada um usa o que quiser tá, o ponto não é esse .hh mas vOCÊ é a própria, você
13 A	é o próprio objeto você ta se vendendo dessa forma (.) então não tem como EU homem todos
14 A	homens olharem e falarem assim pô .hh beleza você ta sensualizando demais e eu tenho o
15 A	DIREITO de enxergar você dessa forma

Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Segundo Schutz, a rejeição masculina ao interesse feminino seria frequentemente interpretada como um indicativo de machismo ou, alternativamente, como um sinal de homossexualidade, sobretudo quando dirigida a mulheres mais velhas. Esse aspecto se evidencia nas linhas 5A a 8A: *“Mas quando o cara fala ‘olha [Thiago!] eu não vou tomar contigo agora’, pô, esse cara ou ele é gay ou ele é machista, entendeu? Assim, ó () incomoda pra mulherada ouvir que, por exemplo, () uma mulher de vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco anos chama mais atenção que ela, que talvez tenha quarenta, quarenta e cinco, cinquenta (.).”*. Schutz sugere que a hostilização direcionada aos homens em razão da recusa a investidas femininas emana, sobretudo, de mulheres mais velhas, que, segundo ele, reagem dessa maneira por se sentirem incomodadas diante da predileção masculina por parceiras mais jovens. Esse desconforto, por sua vez, manifestar-se-ia na forma de estigmatização social, na qual o homem que rejeita tais investidas é rotulado ora como machista, ora como homossexual.

No decurso de sua enunciação, Thiago Schutz assegura que, diferentemente dos homens, as mulheres desfrutam de plena autonomia para recusar investidas masculinas sem se tornarem alvo de qualquer forma de hostilização. Esse ponto é evidenciado nas linhas 3A a 4A, onde o enunciador argumenta: *“(.) mas e se fosse o contrário (.). porque que a mulher ela pode de certa forma recusar uma bebida de um cara”*. Nessa passagem, Schutz aponta para uma suposta assimetria de gênero, sugerindo que, enquanto a recusa feminina diante de uma investida masculina é socialmente aceita como um ato natural, a negativa masculina diante de um flerte feminino, em contrapartida, é percebida como um comportamento passível de reprovação e estigmatização.

O segundo eixo temático que estrutura a enunciação de Thiago Schutz gravita em torno da questão da objetificação feminina, fenômeno que, segundo sua perspectiva, seria fomentado por determinadas escolhas estéticas e comportamentais das próprias mulheres. Esse argumento é exposto nas linhas 8A a 10A, onde o enunciador assevera: *“Vejo muita mulher questionando que o homem torna ou enxerga a mulher como se fosse um objeto (.). só que quem se coloca como objeto são as próprias mulheres”*. No cerne de seu argumento, Schutz sustenta que o uso de vestimentas curtas constitui um fator determinante para a construção dessa percepção no imaginário masculino. Essa ideia se explicita na seguinte passagem: *“Então, se você se vende de forma barata com uma roupa MUITO curta e assim gente, cada um usa o que quiser; tá, o ponto não é esse .hh mas você é a própria, você é o próprio objeto”* (Linhas 11A a 13A). Dessa forma, Schutz sustenta que a objetificação da mulher não seria uma imposição do público

masculino, mas sim uma consequência direta das próprias escolhas femininas, que, em sua perspectiva, desempenham um papel determinante na consolidação dessa percepção.

Schutz encerra sua enunciação afirmando que os homens detêm o direito de interpretar mulheres que se apresentam de forma excessivamente sensualizada como objetos, sob a justificativa de que tal imagem não apenas seria intencionalmente construída, mas também projetada com esse propósito pelas próprias mulheres. Esse argumento se explicita nas linhas 13A e 15A, em que o enunciador assevera em nome dos homens: “*não tem como EU homem todos homens olharem e falarem assim pô .hh beleza você ta sensualizando demais e eu tenho o DIREITO de enxergar você dessa forma*”. Dessa forma, Schutz argumenta que a responsabilidade pela objetificação feminina repousa exclusivamente sobre as próprias mulheres, enquanto os homens são retratados como agentes passivos, meros receptores que reagem aos estímulos conscientemente instaurados pelo comportamento feminino.

Considerando o conteúdo da enunciação de Thiago Schutz no *short* 4 (Tabela 13), acima transcrito, infere-se que a cenografia por ele construída se alicerça no discurso do protetor. Ou seja, no discurso daquele que se autoproclama defensor da liberdade masculina, cujo propósito se pauta na delação de injustiças que penalizam os homens, enquanto simultaneamente questiona os “privilégios” conferidos às mulheres na sociedade contemporânea. Essa construção discursiva se evidencia nas passagens: “*a mulher ela pOde de certa forma recusar uma bebida de um cara*” (linhas 3A e 4A) e “*quando o cara fala olha [Thiago!] eu não vou tomar contigo agora pô esse cara ou ele é gay ou ele é machista entendeu assim*” (linhas 5A e 6A), nas quais Schutz protesta sobre uma dissonância entre gêneros que, em sua perspectiva, impõe um tratamento discriminatório aos homens.

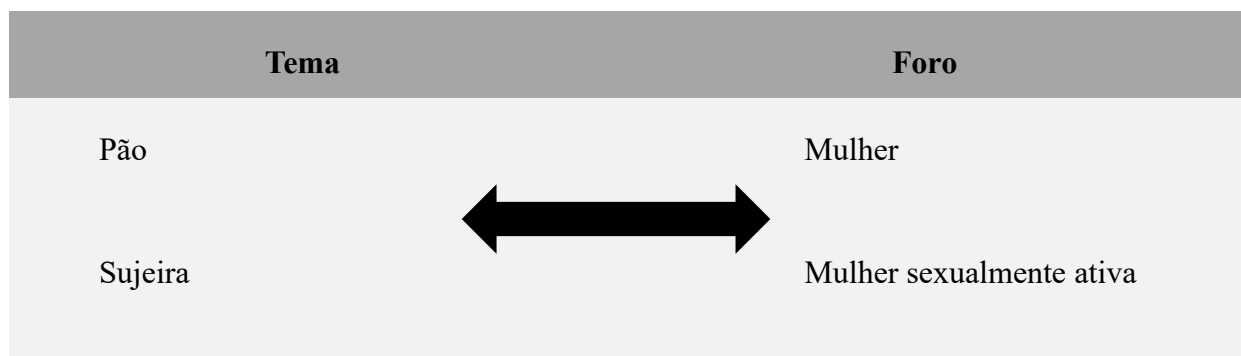
A cenografia alicerçada no discurso do protetor também se manifesta na maneira como Schutz representa os homens diante da difusão da objetificação feminina. Esse posicionamento se explicita em passagens como: “*vejo muita mUlher questionando que o homem tOrna ou enxerga a mulher como se fosse um objeto (.) sÓ que quem se coloca como objeto são as próprias mulheres (.) NÃO são os homens necessariamente*” (linhas 8A e 11A) e “*você ta sensualizando demais e eu tenho o DIREITO de enxergar você dessa forma*” (linhas 14A e 15A). Observa-se que Schutz constitui uma cenografia alinhada ao discurso do protetor, ao isentar os homens de quaisquer responsabilidades na objetificação feminina, cuja responsabilização se revela arbitrária e indevida.

4. A Mobilização do argumento por analogia por Thiago Schutz no *short 3*

Nesta seção, propõe-se a análise dos *shorts* de Thiago Schutz sob a perspectiva do argumento por analogia, investigando de que maneira esse recurso argumentativo orienta para a construção de seu *ethos*. Convém destacar, entretanto, que, dentre os quatro *shorts* que compõem o *corpus* desta investigação, apenas o *short 3* foi selecionado para análise, uma vez que mobilizou a analogia como estratégia argumentativa central.

No *short 3*, Thiago Schutz emprega a analogia (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005) como estratégia argumentativa para sustentar sua tese sobre a necessidade de uma postura mais criteriosa por parte dos homens na escolha de uma parceira amorosa. O argumento por analogia se explicita na seguinte formulação: “*CEm pessoas passaram a língua no pão (0.5) jogaram no chão ai vem você (.) pega esse pão do chão (0.5) e acha que tá comendo uma Ótima refeição (0.5) esse post não é sobre pão*”. Para tanto, o enunciador utiliza o pão para simbolizar a mulher, enquanto o ato de passar a língua sobre ele e lançá-lo ao chão — tornando-o impuro e contaminado — simboliza as condutas consideradas indesejáveis em uma mulher, segundo sua visão. A seguir, analisemos essa construção:

Esquema 1: Analogia *short 3*



Fonte: elaboração da autora.

Convém salientar que, para que um argumento seja caracterizado como uma analogia, é imprescindível que “tema e foro pertençam a esferas distintas” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 425). Nesse sentido, a relação estabelecida entre os temas “pão” e “sujeira” e os foros “mulher” e “mulher sexualmente ativa”, previamente delineados, configura-se como uma analogia que se vale da interseção entre domínios diferentes na produção de sentido. Essa operação retórica amplia os significados atribuídos aos enunciados, atribuindo-lhes ressonâncias simbólicas que reconfiguram e orientam sua interpretação. Tal recurso estrutura a argumentação

de Thiago Schutz no *short 3* ao instaurar uma correspondência simbólica entre a o uso e degradação de um alimento e a desvalorização moral da mulher que exerce sua autonomia sexual.

Nesse sentido, assim como o pão, ao ser “lambido cem vezes” e posteriormente descartado no chão, é automaticamente percebido como impuro e impróprio para o consumo, a mulher, ao manifestar determinados traços comportamentais, especialmente aqueles vinculados à liberdade sexual e a condutas interpretadas como transgressoras sob a ótica dos preceitos *redpill*, seria igualmente imprópria e, por conseguinte, considerada inadequada para uma relação amorosa heterossexual. Dessa forma, o argumento por analogia mobilizado confere à enunciação de Thiago Schutz um tom de advertência, configurando-se como um alerta dirigido aos homens que negligenciam ou desconhecem tais critérios em suas escolhas amorosas. Nesse contexto, Schutz constrói o seu *ethos* posicionando-se como o protetor do bem-estar masculino, assumindo o papel de guia e orientador, advertindo-os sobre os riscos inerentes à desconsideração dessas prescrições.

Schutz busca incutir em seu público a convicção de que os homens desavisados, ao cometerem o equívoco de “comer o pão contaminado”, ou seja, ao se envolverem com uma mulher considerada “impura”, acabam inevitavelmente presos a uma ilusão, na qual acreditam estar desfrutando de uma “ótima refeição”, quando, na verdade, estariam se submetendo a um engano fundamental. Para reforçar seu argumento por analogia, Schutz também recorre ao uso da ironia³⁷, direcionando sua crítica não apenas às mulheres consideradas inadequadas, mas também aos homens que “consomem o pão contaminado”, ou seja, que estabelecem relações com essas mulheres “transgressoras”. Esse efeito se evidencia na formulação: “*ai vem você (.) pega esse pão do chão (0.5) e acha que tá comendo uma Ótima refeição (0.5) esse post não é sobre pão*” (Linha 2A). O emprego simultâneo da ironia e da analogia operam em uma dupla dimensão: por um lado, ridiculariza os homens que não seguem os critérios preconizados por Schutz, os quais estão alinhados aos preceitos da comunidade *redpill*; por outro, os coloca na condição de vítimas, apresentando-os como sujeitos enganados por mulheres que transgride os padrões normativos que ele defende. E essa comparação, como vemos, contribui para a construção do *ethos* de redentor de Thiago Schutz no *short 3*.

³⁷ Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele a considera absurda. Mesmo sendo dado como responsável pela enunciação. L não é assimilado a E, origem do ponto de vista expresso na enunciação. (Ducrot, 1987, p.198)

5. O trabalho com as emoções (*pathos*) por Thiago Schutz nos *shorts*

Nesta seção, propõe-se uma investigação sobre as particularidades da enunciação de Thiago Schutz, com ênfase na mobilização de argumentos que evocam o *pathos*, ou seja, que instigam emoções como recurso argumentativo e sua relação com a constituição do *ethos* do influencer. O objetivo é identificar quais emoções são suscitadas pelo enunciador e em que momentos elas emergem em sua enunciação. Para tanto, a análise abará tanto o conteúdo verbal de sua fala, a partir da transcrição dos *shorts*³⁸, quanto elementos paralinguísticos, como gestos faciais e entonação vocal, na medida em que se revelem significativos para a produção de efeitos emocionais.

No *short* 1 “*Ela quer o cara disputado?*”, Schutz mobiliza emoções como indignação, insegurança, revolta e medo. A mobilização de argumentos que instigam as emoções torna-se evidente em determinadas passagens de sua enunciação. No que se refere ao estímulo da insegurança e da indignação entre os homens, essas emoções são particularmente acionadas quando Schutz afirma: “*A mulher não quer tá com um cara (.) que molha a calcinha dela (.), a mulher quer tá com um cara que molha a calcinha de outras mulheres (.). É bE:m diferente uma coisa da outra (.)*” (Linha 1A e 3A). Através desse enunciado, Schutz instiga a indignação e insegurança dos homens que se veem como vítimas de uma dinâmica na qual a mulher, ao escolher um parceiro amoroso, privilegiaria aquele que desperta desejo sexual em outras mulheres, em vez de optar por alguém que demonstre interesse exclusivo por ela.

Também é possível perceber a mobilização da insegurança e indignação nos homens na passagem: “*Quando a mulher ela percebe que tem um cara (.) que tem capacidade de atrair outras mulheres e que ele chama atenção de outras mulheres e outras mulheres desejam esse cara, é esse cara no geral que ela vai querer*” (Linha 3A a 5A). Tais argumentos fomentam sentimento de indignação e insegurança, ao insinuar que o homem que dedica seu interesse exclusivamente a uma única mulher se encontraria em posição de desvantagem e desvalorização.

No que tange aos argumentos que estimulam a revolta, esses se manifestam algumas passagens: “*Cê fala assim ó, tem esse cara aqui que é um comedor vagabundo, não vale nAdA, e tem esse virjão que vai ser fiel a você. Qual você escolhe? O vagabundo.*” (Linha 6A a 8A). Nesse enunciado, Schutz estabelece uma dicotomia entre dois arquétipos masculinos: o “comedor vagabundo”, que, segundo sua argumentação, representa o homem com uma vida sexual ativa, desprovido de escrúpulos e sem respeito pelas mulheres, aquele que “não vale

³⁸ A transcrição integral dos *shorts* se encontra na seção 6.3.

nada”, e o “virjão”, caracterizado pela inexperiência sexual e pela propensão à fidelidade e ao respeito dentro de uma relação monogâmica heterossexual.

Ao estruturar essa oposição, Schutz sustenta que, de maneira generalizada, a mulher tenderia a optar pelo homem com uma vida sexual intensa e desregrada, em detrimento daquele que, embora fiel e respeitoso, não possui o mesmo histórico de experiências sexuais. A incitação à revolta masculina é mais bem percebida no seguinte enunciado: “*Nunca ouvi mulher falar assim: ‘Eu quero o virgem. Ah não, eu quero, não, eu quero, eu confio nele.’ Não, cara, não é assim que funciona. A cabeça do homem não funciona igual à cabeça da mulher.*” (Linhas 8A a 10A). Com essa formulação, Schutz instiga o sentimento de revolta, insegurança e indignação entre os homens que se identificam com a figura do “virjão”, mas também alimenta o medo, ao sugerir que, de maneira óbvia e inevitável, as mulheres não priorizam homens que as tratam com respeito.

No *short 2*, intitulado “*Essa lenda japonesa é mais que real*”, Thiago Schutz mobiliza argumentos que evocam medo e pessimismo entre os homens. Mais uma vez, percebe-se que tais argumentos são intencionalmente direcionados ao público masculino, uma vez que seu trabalho como *coach* de masculinidade se pauta na mentoria de homens no âmbito das relações amorosas heterossexuais. Em sua enunciação, Schutz mobiliza o medo e o pessimismo ao afirmar uma assimetria inevitável entre os cuidados dos homens com as mulheres, vejamos: “*Existe uma lenda japonesa que fala o seguinte (.) pegue um cara destruído (.) cure ele (.) e ele vai te amar pra sempre (.) Pegue uma mulher destruída (.) cure ela (.) e ela vai te deixar destruído (.)*” (Linha 1A até 3A).

Plantin afirma que uma emoção pode ser argumentada (2011)³⁹. Como vemos, a atribuição de uma emoção ou o estímulo a emoções diversas torna-se evidente quando Schutz afirma que, ao receber cuidados de uma mulher em um momento de vulnerabilidade, o homem lhe dedicaria um amor incondicional e duradouro. Em contrapartida, sugere que o homem que, por sua vez, ampara uma mulher em situação semelhante estaria inevitavelmente condenado ao desprezo assim que ela recuperasse sua autonomia. A mobilização dos argumentos anteriormente expostos desperta uma percepção assimétrica das relações afetivas, alimentando um sentimento de pessimismo entre os homens quanto ao envolvimento amoroso com mulheres. Ao estruturar essa narrativa, Schutz simultaneamente instiga o medo, ao insinuar que os esforços masculinos de dedicação e cuidado são inevitavelmente desvalorizados pelas mulheres. Ele julga a emoção

³⁹ O autor assevera : “*le discours argumentatif fonde un ‘devoir croire’ (l’horizon s’éclaircit, il fera beau demain); un ‘devoir faire’ (il fait beau, allons à la plage) ; on peut même ‘argumenter des émotions’ (...) c’est à dire fonder sinon en raison, du moins par de bonnes raisons, un ‘devoir éprouver’*” (p. 190).

que o homem deve sentir em tais situação e argumenta tais emoções, dando aulas de como evitar sentir o que ele, Schutz, julga que os homens sentem nas situações aqui descritas.

No *short* 3, intitulado “*Você gosta de comer pão?*”, Thiago Schutz estrutura sua enunciação de modo a argumentar emoções associadas ao pessimismo, desconfiança e aversão dos homens em relação às mulheres. A mobilização dessas emoções torna-se evidente ao longo de sua argumentação, especialmente na seguinte passagem: “*CEm pessoas passaram a língua no pão (0.5) jogaram no chão ai vem você (.) pega esse pão do chão (0.5) e acha que tá comendo uma Ótima refeição (0.5) esse post não é sobre pão*” (Linhas 1A até 2A). Ao recorrer a essa analogia, Schutz estabelece uma correlação entre mulheres sexualmente ativas e um pão sujo, previamente manuseado por várias pessoas, cuja impureza passaria despercebida por homens desavisados, os quais, por sua vez, seriam iludidos ao acreditar que estão desfrutando de uma “ótima refeição”.

Os argumentos acima mencionados fomentam a ideia de que o envolvimento amoroso com uma mulher está inevitavelmente permeado por riscos e decepções, sugerindo uma visão fatalista das relações afetivas, em que o homem se encontra inevitavelmente vulnerável a enganos e frustrações. Dessa forma, sua argumentação incita no público masculino um estado de desconfiança e pessimismo, cultivando a aversão masculina às relações afetivas com mulheres que representam uma ameaça à integridade emocional dos homens.

No *short* 4, intitulado “*Melhores momentos – Morning Show (Jovem Pan) 23/06/23*”, Thiago Schutz mobiliza argumentos que também incitam emoções como indignação, injustiça, comiseração e condescendência entre os homens. Consideramos que tais emoções são suscitadas nos homens ao levar em conta que o público-alvo de Thiago Schutz é predominantemente masculino, alinhando-se à natureza de seu trabalho como *coach* de masculinidade. Dito isso, a mobilização da indignação torna-se evidente na seguinte passagem: “*Hoje eu diria assim é: basicamente o fato do cara se posicionar fortemente (.) cOntra uma mulher (.) não é brigar, não é arrumar treta nem nada .hh o fato dele sE posicionar fortemente ele pode ser taxado de machista (.)*” (Linhas 1A até 3A). Nessa formulação, Schutz sugere que os homens são indiscriminadamente rotulados como machistas apenas por expressarem discordância em relação a uma mulher. Seus argumentos fomentam um sentimento de indignação, ao insinuar que a simples manifestação de uma opinião contrária ao discurso feminino resulta em uma acusação automática e injusta aos homens, vitimando-os.

Em outra passagem, ainda no *short* 4 identificamos a mobilização de argumentos que estimulam a indignação e a injustiça nos homens: “*(.) mas e sE fosse o contrário (.) porque que*

a mulher ela pOde de certa forma recusar uma bebida de um cara e tA tudo bem e eu acho que tem que ser assim .hh mas quando o cara fala olha [Thiago!] eu não vou tomar contigo agora pô esse cara ou ele é gay ou ele é machista” (Linhas 3A a 6A). Por meio desses argumentos, Schutz fomenta a percepção de uma assimetria de direitos entre homens e mulheres, argumentando que, enquanto as mulheres possuem plena liberdade para rejeitar investidas masculinas sem serem julgadas, os homens, ao recusarem um convite de uma mulher, seriam imediatamente estigmatizados como homossexuais ou machistas. Os argumentos mobilizados por Schutz reforçam o sentimento de injustiça promovendo um senso de indignação entre os homens em relação as mulheres.

O sentimento de injustiça é novamente enfatizado na seguinte afirmação: *“vejo muita mUlher questionando que o homem tOrna ou enxerga a mulher como se fosse um objeto (.) sÓ que quem se coloca como objeto são as próprias mulheres (.) NÃO são os homens necessariamente”* (Linhas 8A até 11A). Nesse trecho, Schutz transfere integralmente para as mulheres a responsabilidade pela sua própria objetificação, eximindo os homens de qualquer participação ativa nesse fenômeno. Dessa forma, sua argumentação incentiva um sentimento de injustiça, ao apresentar os homens como vítimas de um discurso “feminista” que os acusa indevidamente de sexualizar as mulheres.

Por fim, Schutz também mobiliza argumentos que fomentam comiseração e condescendência entre os homens, como pode ser observado na seguinte passagem: *“(.) Então se vOcÊ se vende de forma barata com uma roupa MUITO curta e assim gente cada um usa o que quiser tá, o ponto não é esse .hh mas vOCÊ é a própria, você é o próprio objeto você ta se vendendo dessa forma (.) então não tem como EU homem todos homens olharem e falarem assim pô .hh beleza você ta sensualizando demais e eu tenho o DIREITO de enxergar você dessa forma”* (Linhas 11A até 15A). Ao afirmar que as mulheres são inteiramente responsáveis por sua própria objetificação, Schutz estabelece uma lógica em que os homens são apenas espectadores passivos, cuja percepção das mulheres como objetos sexuais seria inevitável e legitimada pelo próprio comportamento feminino.

Dessa forma, Schutz mobiliza argumentos que fomentam a condescendência entre os homens, ao eximi-los de qualquer responsabilidade no processo de objetificação feminina. Simultaneamente, incita um sentimento de comiseração, ao sugerir que os homens, sob sua ótica, possuem o direito legítimo de enxergar as mulheres dessa maneira e que, na realidade, são eles as verdadeiras vítimas dessa dinâmica, injustamente responsabilizados por um fenômeno que, segundo sua argumentação, seria promovido pelas próprias mulheres.

6. O *ethos* de Thiago Schutz: uma construção multimodal

Considerando os elementos analisados nas seções precedentes, que dizem respeito aos quatro *shorts* do YouTube de Thiago Schutz que compõem nosso *corpus*, em particular, os aspectos tecnodiscursivos, a cenografia, a cena genérica, a analogia e a mobilização das emoções (*pathos*), esta seção se propõe a evidenciar de que maneira essas especificidades convergem para a construção do *ethos* ou dos *ethé* do orador em ambiente digital. Para tanto, procederemos à retomada dos resultados obtidos em cada categoria analítica, de modo a ilustrar as nuances do *ethos* construído por Schutz em cada um dos *shorts*. Passamos, então, à exposição dos achados.

No *short* 1, Thiago Schutz constrói e projeta um *ethos* de especialista, se posicionando como um intérprete qualificado das dinâmicas heterossexuais e como um mentor apto a diagnosticar e oferecer soluções aos homens que se percebem como desfavorecidos nas relações afetivas heterossexuais. Essa construção discursiva se estrutura a partir da inter-relação entre os elementos tecnodiscursivos, a cenografia e a mobilização do *pathos*, que, em conjunto, fundamentam seu *ethos* no *short* 1.

Os elementos tecnodiscursivos definem o formato audiovisual, apresentam itens lexicais que representam as temáticas, que em conjunto com o título, indicam a cena genérica. A *hashtag* *#shorts* explicita a natureza do formato audiovisual, enquanto *#relacionamento*, *#reflexão*, *#amor* e *#disputa* estabelecem os eixos semânticos que guiam a interpretação do conteúdo. A formulação interrogativa do título “*Ela quer o cara disputado?*”, em sintonia com as temáticas delineadas, orienta a enunciação para a cena genérica do conselho, na medida em que instaura uma expectativa interpretativa que predispõe o espectador a aguardar uma resposta elucidativa ao longo do vídeo. Essas particularidades tecnodiscursivas estimulam o *ethos* de Schutz como a de um especialista, capacitado a diagnosticar e oferecer orientações aos homens que se sentem em desvantagem em relação a determinados comportamentos femininos.

A cenografia, estrutura-se sobre os alicerces do discurso do especialista, conferindo a Schutz um *ethos* marcado pela autoridade e pela distinção epistemológica. No plano visual, a adoção do terno e da gravata opera como um marcador simbólico de *status* e legitimidade, reforçando a construção de um *ethos* que o posiciona como uma figura de referência detentora de um saber qualificado: o especialista. Sua enunciação, por sua vez, corrobora essa configuração, quando estabelece distinções categóricas entre as mentes masculina e feminina,

projetando-se como um profissional capacitado, apto a decifrar e antecipar a conduta feminina com um olhar analítico e prescritivo.

No que tange ao *pathos*/emoções, Schutz argumenta e incita emoções, instigando indignação, insegurança, revolta e medo no público masculino ao mesmo passo que se posiciona como aquele que possui conhecimento específico para revelar injustiças e acolher os homens. Essas emoções são mobilizadas quando Schutz afirma que as mulheres favorecem homens desejados sexualmente por outras e desvalorizam aqueles que demonstram interesse exclusivo por elas, principalmente, entre os homens que idealizam uma relação amorosa heterossexual monogâmica. A oposição entre o “comedor vagabundo” e o “virjão” amplifica esse efeito, ao sugerir que a fidelidade e o respeito são atributos negligenciáveis no universo feminino. Dessa forma, Thiago Schutz constrói para si um *ethos de especialista* em relações amorosas, posicionando-se como alguém que decifra os comportamentos femininos e detém a autoridade necessária para orientar os homens. A assertividade de expressões como “*Não, cara, não é assim que funciona*” (Linha 9A) reforça esse entendimento.

Por fim, ao examinarmos a inter-relação entre os elementos tecnodiscursivos, a cenografia e a mobilização do *pathos* no *short* 1, evidencia-se a construção de um *ethos* que conjuga autoridade e pragmatismo, consolidando Schutz como um especialista. Seu *ethos de especialista* não se limita a um mero entendimento das dificuldades masculinas, mas se estrutura na competência de decifrar e traduzir a mente feminina dentro das relações amorosas. Esse *ethos de especialista*, meticulosamente arquitetado por meio de seu discurso e tecnodiscurso, o posiciona como uma figura profissional, investida de autoridade e competência para oferecer orientações e soluções aos homens que se percebem como vítimas das mulheres.

No *short* 2, o *ethos* que Thiago Schutz constrói e projeta é o de um conselheiro, cuja função primordial é instruir e alertar os homens sobre os perigos inerentes às relações heterossexuais. Essa construção se estabelece a partir da articulação entre os elementos tecnodiscursivos, a cenografia e a mobilização do *pathos*.

Os elementos tecnodiscursivos do *short* 2, como a *hashtag* #shorts define o formato audiovisual, enquanto as *hashtags* #relacionamento, #reflexão e #amor, bem como, a formulação do título “*Essa lenda japonesa é mais que real*”, inscrevem sua enunciação na cena genérica do conselho, estimulando o *ethos* de Schutz como a de um conselheiro. A escolha da lenda japonesa como suporte textual intensifica essa inserção genérica, pois mobiliza um imaginário historicamente vinculado a figuras de sabedoria e experiência, tradicionalmente investidas de autoridade para instruir e direcionar aqueles considerados menos experientes; os conselheiros.

No plano cenográfico do *short 2*, Schutz adota uma composição visual despojada e minimalista, caracterizada por um fundo neutro e vestimenta casual, em contraste com o *short 1*, onde trajava terno e gravata. Esse recurso visual sugere que seu compromisso com a orientação masculina ultrapassa os limites do espaço formal, integrando-se de maneira orgânica à sua vida cotidiana. Ao se apresentar em um ambiente mais intimista e informal, ele reforça a ideia de acessibilidade e proximidade, projetando um *ethos* de conselheiro dedicado, cuja atuação transcende a esfera profissional.

A mobilização do *pathos*/emoções no *short 2*, ao incitar medo e pessimismo entre os homens, fortalece o *ethos* de conselheiro de Schutz, que se apresenta não apenas como um conhecedor das dinâmicas das relações amorosas, mas como alguém investido do saber necessário para aconselhar seus seguidores sobre os riscos inerentes a elas. A mobilização de argumentos que revelam uma assimetria inevitável, na qual os esforços masculinos de cuidado seriam sistematicamente desvalorizados pelas mulheres, posicionam Schutz como um guia indispensável, cuja função é proteger os homens de um “sistema” que os desfavorece e privilegia as mulheres. Dessa forma, o *ethos* projetado por Schutz no *short 2* é o de um conselheiro vigilante e comprometido, cuja autoridade não decorre apenas de seu conhecimento, mas também de sua experiência e de sua genuína preocupação com o bem-estar masculino.

No *short 3*, Thiago Schutz constrói e projeta um *ethos de redentor*, alicerçado na pretensa capacidade de revelar verdades ocultas e guiar os homens a uma postura mais criteriosa na escolha de suas parceiras. Esse *ethos* se delinea pela articulação entre os elementos tecnodiscursivos, a analogia, a cenografia e a mobilização do *pathos*/emoções, que, em conjunto, sustentam seu *ethos* como de alguém investido da missão de resgatar os homens da ilusão imposta por mulheres consideradas inadequadas.

No plano tecnodiscursivo do *short 3*, delineiam-se as temáticas e a introdução semântica de uma analogia. As *hashtags* #relacionamento, #amor, #pão e #rodada estruturam os eixos temáticos e constroem um campo semântico que será gradualmente decodificado ao longo da enunciação de Schutz. A presença das *hashtags* #pão e #rodada insinua uma inter-relação semântica, na qual o termo “pão” é ressignificado dentro do universo discursivo do tema “relações amorosas”. O título, “*Você gosta de comer pão?*”, formulado em estrutura interrogativa, desperta curiosidade e antecipa a existência de uma condução argumentativa que articula os domínios do alimento e do relacionamento afetivo, sugerindo uma equivalência que será desdobrada por Schutz. Dessa forma, a articulação dos elementos tecnodiscursivos converge

para a construção de um *ethos* de redentor, aquele que é capaz de revelar a verdade, desmascarar ilusões e iluminar aspectos ocultos das dinâmicas amorosas heterossexuais.

No campo da cenografia do *short 3*, Thiago Schutz fundamenta sua construção discursiva no discurso do profeta. Para tanto, Schutz adota um vestuário inteiramente escuro, óculos escuros, relógio e uma jaqueta robusta, que remete diretamente à iconografia do filme *The Matrix*, obra seminal para a metáfora *redpill*. Essa escolha visual o aproxima da figura de *Neo*, protagonista do longa, que encarna a função de libertador aqueles aprisionados em uma ilusão. Ao estabelecer essa assimilação estética e semiótica, Schutz constrói um *ethos de redentor* cuja sua missão é desvendar a realidade e conduzir os homens à verdade, afastando-os da manipulação feminina. Esse *ethos* é ainda reforçado por sua performance gestual, na qual utiliza o pão como um símbolo da mulher, manipulando-o de maneira depreciativa para ilustrar sua tese.

A mobilização do *pathos*/emoções no *short 3*, indicam a mobilização do pessimismo, desconfiança e aversão do homem contra a mulher. Schutz instiga pessimismo, desconfiança e aversão em relação às mulheres ao mobilizar um argumento por analogia entre o pão contaminado e a mulher sexualmente ativa. Essa estratégia argumentativa sugere que os homens, ao se envolverem com mulheres “contaminadas”, estariam consumindo algo deteriorado e que possivelmente não perceberam. Essa estratégia argumentativa implica que os homens, ao se relacionarem com mulheres “contaminadas”, estariam consumindo algo deteriorado sem plena consciência do perigo. Dessa forma, Schutz consolida um *ethos de redentor*, alicerçado na ideia de que as relações amorosas com mulheres são intrinsecamente arriscadas e que os homens desavisados vivem sob uma ilusão. Esse enquadramento intensifica seu *ethos* de redentor, um guia necessário, investido da missão de conduzir os homens à verdade e preveni-los contra escolhas que considera nocivas.

Em síntese, no *short 3*, Schutz constrói e projeta um *ethos de redentor*, consolidando-se como uma autoridade que detém o conhecimento necessário para decifrar as dinâmicas amorosas heterossexuais, sobretudo na distinção entre mulheres adequadas e inadequadas para um relacionamento. Para além da mera categorização, ele se apresenta como guia esclarecedor, oferecendo um caminho de discernimento àqueles que, supostamente, não possuem os critérios necessários para realizar tal escolha de maneira consciente. Dessa forma, Schutz se insere em uma narrativa messiânica, projetando-se como um salvador incumbido da missão de libertar os homens vitimados de uma existência ilusória, conduzindo-os a uma vida além da *Matrix*.

No *short 4*, a construção do *ethos* de Thiago Schutz se alicerça na figura do justiceiro, posicionando-se como defensor da liberdade masculina diante das injustiças impostas pelo

discurso feminista. A configuração de seu *ethos de justiceiro* emerge da interseção entre os elementos tecnodiscursivos, a cenografia e a mobilização do *pathos*/emoções.

No *short* 4 os elementos tecnodiscursivo, as *hashtags* #morningshow e #jovempan evidenciam uma mudança de categorização temática em relação aos *shorts* anteriores, afastando-se da ênfase exclusiva em relacionamentos amorosos. O título “Melhores momentos – Morning Show (Jovem Pan) 26/03/23” sinaliza que se trata de uma seleção meticulosa da participação de Schutz no programa televisivo, na qual ele destaca momentos que, em sua perspectiva, representam a qualidade de seu trabalho. Por meio dessa estrutura discursiva, Schutz constrói um *ethos de justiceiro*, posicionando-se como aquele que protesta e combate as injustiças que, em sua perspectiva, penalizam os homens na sociedade.

Ainda no *short* 4, Thiago Schutz constrói uma cenografia fundamentada no discurso do protetor, posicionando-se como um defensor da liberdade masculina e denunciante das injustiças que penalizam os homens. Seu discurso enfatiza uma assimetria de gênero, na qual os homens seriam discriminados ao se posicionarem contra mulheres, mesmo em situações cotidianas, enquanto estas gozariam de privilégios sociais. Além disso, Schutz exime os homens de qualquer responsabilidade na objetificação feminina, sustentando que essa percepção decorre exclusivamente das escolhas estéticas das próprias mulheres, enquanto os homens seriam indevidamente responsabilizados. Nesse sentido, ele edifica um *ethos de justiceiro*, consolidando-se como aquele que desvela desigualdades e reivindica os direitos masculinos.

No que concerne à mobilização do *pathos*/emoções, Schutz evoca emoções de indignação, injustiça, comiseração e condescendência, estruturando sua argumentação de modo a intensificar a percepção de um embate desigual entre homens e mulheres. A indignação é suscitada ao sugerir que qualquer posicionamento masculino contrário a uma mulher resulta, de imediato, em acusações de machismo. O sentimento de injustiça se fortalece na argumentação sobre uma assimetria de gênero, na qual as mulheres desfrutariam de plena liberdade para recusar investidas masculinas sem sofrer retaliação, enquanto os homens, ao adotar postura equivalente, seriam estigmatizados como homossexuais ou machistas. A comiseração emerge à medida que Schutz retrata os homens como vítimas de um discurso feminista que os acusa injustamente de objetificação, ao passo que a condescendência é fomentada ao eximi-los de qualquer responsabilidade na sexualização feminina, atribuindo esse fenômeno exclusivamente às escolhas estéticas e comportamentais das próprias mulheres.

Mediante essa construção discursiva, Schutz consolida um *ethos de justiceiro*, ancorando-se em argumentos que inflamam a indignação e o sentimento de injustiça dos homens

em relação às mulheres, enquanto simultaneamente estimula comiseração e condescendência entre aqueles que se percebem, ou percebem outros homens, como vítimas de um sistema que os penaliza arbitrariamente.

Ao longo do *short 4*, Schutz constrói um *ethos de justiceiro*, posicionando-se como um defensor dos direitos masculinos, cuja missão se fundamenta na denúncia da restrição da liberdade, da penalização arbitrária e dos privilégios femininos. Por meio da articulação entre os elementos tecnodiscursivos, a cenografia e a mobilização do *pathos*, ele reforça a percepção de que sua atuação se destina a desmascarar injustiças proferidas por um sistema opressor e o de resguardar os direitos dos homens, consolidando sua imagem como um combatente das posições do feminismo e um reivindicador da liberdade masculina de escolha e expressão.

Dito isso, os *ethé* construídos por Thiago Schutz ao longo dos quatro *shorts* analisados seguem um padrão recorrente, estruturado sobre três pilares fundamentais: a posição de autoridade, a narrativa de oposição e a mobilização emocional. Independentemente da variação no *ethos* assumido, seja como especialista, conselheiro, redentor ou justiceiro, Schutz mantém-se sempre como uma figura de referência e liderança, apresentando-se como detentor de um saber exclusivo. No *short 1*, sua autoridade discursiva advém do conhecimento técnico, permitindo-lhe orientar os homens nas dinâmicas amorosas. No *short 2*, ele se posiciona como um guia experiente, cuja função é advertir e proteger os homens. No *short 3*, sua autoridade discursiva se eleva à condição de redentor, alguém incumbido da missão de libertar os homens da ilusão imposta pelo universo feminino. Já no *short 4*, sua autoridade discursiva se consolida como a de um justiceiro, que denuncia a opressão perpetrada pelo feminismo.

Além dessa constante afirmação de autoridade, Schutz estrutura sua enunciação sobre uma lógica de oposição, onde os homens são sistematicamente retratados como vítimas de um sistema que favorece as mulheres. No *short 1*, ele descreve os homens como desfavorecidos nas relações afetivas heterossexuais; no *short 2*, sugere que o envolvimento com mulheres representa um risco inevitável aos homens; no *short 3*, argumenta que os homens vivem sob uma ilusão e precisam ser resgatados; no *short 4*, incentiva a ideia de que a liberdade masculina está sob ameaça e precisa ser defendida. Essa dicotomia sustenta uma retórica do conflito e do medo, na qual Schutz se posiciona como interventor e defensor da causa masculina.

Para consolidar sua construção discursiva, Schutz mobiliza estrategicamente emoções como medo, indignação, injustiça, revolta, comiseração e condescendência, instaurando um ambiente de vulnerabilidade e urgência que fortalece seus *ethé*. O temor da manipulação feminina, a revolta contra a penalização arbitrária e o sentimento de desamparo dos homens são

explorados de maneira sistemática, funcionando como engrenagens persuasivas que sustentam sua posição de autoridade. Dessa forma, embora os *ethé* projetados se ajustem de forma flexível ao contexto de cada *short*, a estrutura subjacente de sua construção permanece rigidamente delineada, operando dentro de um esquema previamente estabelecido: posição de autoridade, narrativa de oposição e mobilização emocional.

Tabela 14: Síntese do capítulo 4

Eixo do capítulo	Síntese objetiva do conteúdo
Objetivo	Investigar e descrever o <i>ethos</i> de Thiago Schutz nos <i>shorts</i> .
Fundamentos teóricos	Fundamentou-se na noção de <i>ethos</i> em perspectiva discursiva e nas categorias de cenografia e cena genérica (Maingueneau, 2020). Complementarmente, utilizamos as emoções (Plantin, 2015, 2021) e a analogia (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005) para dissecar o <i>ethos</i> construído por Thiago Schutz. Por fim, apoiamo-nos na análise do discurso digital (Paveau, 2022) para contemplar as especificidades do ambiente digital em que se insere o <i>corpus</i> .
Short 1 – Ethos de especialista	Apresentando-se como intérprete qualificado das dinâmicas heterossexuais e mentor capaz de diagnosticar e oferecer soluções aos homens que se percebem desfavorecidos nas relações afetivas. Tal imagem se ampara na articulação entre elementos tecnodiscursivos, <i>hashtags</i> como #relacionamento, #reflexão e a formulação interrogativa do título “ <i>Ela quer o cara disputado?</i> ”, na cenografia formal, marcada pelo terno e gravata e na mobilização de emoções como indignação, insegurança e medo.
Short 2 – Ethos de conselheiro	Seu papel central é instruir e alertar os homens sobre os riscos inerentes às relações heterossexuais. A cena genérica do conselho é ativada pelas <i>hashtags</i> (#relacionamento, #reflexão, #amor) e pelo título “ <i>Essa lenda japonesa é mais que real</i> ”, que convoca um imaginário de sabedoria e experiência. A cenografia minimalista, com fundo neutro e vestimenta casual, sugere proximidade e dedicação cotidiana à causa

	<p>masculina, enquanto a mobilização de medo e pessimismo legitima sua figura de guia experiente, comprometido em proteger os homens de um “sistema” que os desvaloriza.</p>
Short 3 – Ethos de redentor	<p>Schutz se coloca como aquele que revela verdades ocultas e liberta os homens de ilusões sobre as mulheres. Essa construção decorre da articulação entre tecnodiscurso (<i>hashtags</i> como #pão e #rodada e o título “<i>Você gosta de comer pão?</i>” que antecipa a analogia), cenografia inspirada no universo de <i>The Matrix</i> (vestuário escuro, óculos, jaqueta robusta), analogia entre pão contaminado <i>versus</i> mulher “sexualmente ativa” e a mobilização de emoções como pessimismo, desconfiança e aversão.</p>
Short 4 – Ethos de justiceiro	<p>Schutz assume um <i>ethos de justiceiro</i>, defendendo a liberdade masculina contra supostas injustiças do feminismo. Os elementos tecnodiscursivos, #morningshow, #jovempan e o título “<i>Melhores momentos – Morning Show (Jovem Pan) 26/03/23</i>”, sinalizam uma curadoria discursiva que reforça sua performance pública; a cenografia do protetor enfatiza a denúncia de assimetrias de gênero que penalizariam os homens, e o <i>pathos</i>/emoções convoca indignação, sensação de injustiça, comiseração e condescendência, consolidando a imagem de um defensor dos direitos masculinos diante de um sistema alegadamente opressor.</p>
Padrão recorrente	<p>Embora os <i>ethé</i> projetados se ajustem de forma flexível ao contexto de cada <i>short</i>, a estrutura subjacente de sua construção permanece rigidamente delineada, operando dentro de um esquema previamente estabelecido: posição de autoridade, narrativa de oposição e mobilização emocional.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

CAPÍTULO 5: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER REFLETIDA NAS INTERAÇÕES POR COMENTÁRIOS DOS *SHORTS* DE THIAGO SCHUTZ

Neste capítulo, propomo-nos a perscrutar e cartografar as múltiplas tessituras representacionais concernentes a mulher feminina que se projetam, de um lado, na construção do *ethos* de Thiago Schutz e, de outro, nas reverberações dialogais dos internautas que o acompanham e intervêm, mediante comentários, nos *shorts* do referido *coach*. Operaremos dois movimentos analíticos articulados. No primeiro, retomaremos as reflexões e análises do capítulo precedente para deslindar quais representações da mulher são engendradas e instrumentalizadas por Schutz na tessitura de seus *ethé*: especialista, conselheiro, redentor e justiceiro. No segundo movimento, uma vez confirmada essa hipótese, investigaremos se, como e em que medida tais representações mobilizadas pelo *coach* reaparecem, são reelaboradas ou contestadas nas interações dos internautas em cada *short*, avaliando, assim, sua reverberação no plano interacional.

Para apreender as representações da mulher que possivelmente emergem nos *shorts* de Schutz, adotamos, nesta etapa inicial, a noção representação social, conforme delineado por Moscovici (2007) e aprofundado por Jodelet (1989). Tais representações sociais consistem em “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989, p. 4, 5). À luz desse balizamento, investigaremos se, ao mobilizar estrategicamente seus múltiplos *ethé*, Thiago Schutz influencia seu auditório, os internautas que interagem nos comentários de seus *shorts*, suscitando interpretações sociais sobre a mulher e, possivelmente, difundindo e sedimentando representações sociais sobre a mulher nesse *locus* discursivo digital.

No segundo movimento analítico, voltaremos nosso olhar para as interações mais engendradas nos comentários dos *shorts*, detendo-nos especialmente naquelas que tratam sobre a interpretação do feminino/mulher. Almejamos delinear as representações da mulher que emergem dessas trocas discursivas para tentar compreender em que medida convergem ou divergem das representações da mulher veiculadas por Thiago Schutz em seus múltiplos *ethé*, que serão devidamente identificadas na primeira etapa analítica deste capítulo, conforme mencionamos.

Para tanto, ancoramo-nos nos fundamentos da polêmica (Amossy, 2017), mobilizando, em especial, a noção de interação polêmica e as categorias de polarização, dicotomização e desqualificação do adversário, frequentemente atravessadas por mobilizações emocionais e

manifestações de violência verbal. Esse arcabouço revela-se particularmente profícuo ao nosso intento: descortinar interações acirradas que gravitam em torno de um mesmo objeto, a representação da mulher. Como discutido na etapa teórica desta pesquisa, a polêmica tem por preceito fundamental o confronto ostensivo entre teses antagônicas acerca de uma temática de interesse público (Amossy, 2017). Nesse sentido, a noção de polêmica nos será de grande utilidade nesse contexto de interação argumentativa, uma vez que nosso objeto de pesquisa se debruçara em parte, na análise de interações litigiosas por comentários que disputam sobre a interpretação da mulher na sociedade, tema de interesse público e motivo de debates seculares.

Ainda na segunda etapa analítica, julgamos profícuo conjugar, de modo complementar, os preceitos do MDA (Plantin 2002, 2008, 2009, 2015; Grácio 2009, 2010, 2020; Damasceno-Morais 2021, 2023), uma vez que a investigação se debruça sobre interações calcadas no antagonismo de teses que gravitam em torno de um mesmo objeto. Conforme assinala Plantin (2008, p. 63), “a atividade argumentativa principia-se quando se questiona um ponto de vista”, isto é, quando irrompe o choque de perspectivas divergentes. Nessa esteira, mobilizaremos, em especial, as categorias de Proponente, Oponente e Terceiro, bem como as categorias correlatos de questão argumentativa, situação argumentativa e estase. Vale destacar que, á semelhança do que ocorre na polêmica, o núcleo do MDA reside precisamente no confronto de ideias; por conseguinte, ambas as vertentes teóricas convergem de maneira sinérgica para iluminar quais e como a representação da mulher se manifestam em nosso *corpus*.

1. A representação da mulher inscrita nos múltiplos *ethé* de Thiago Schutz

Nesta seção, iniciamos a primeira etapa analítica, dedicada a investigar e descrever as tessituras representacionais da mulher presentificadas nos *ethé* de Thiago Schutz, com base nos quatro *shorts* que compõem nosso *corpus*. Nosso objetivo central é identificar se, e quais, representações da mulher o enunciador mobiliza na edificação de seus *ethé* e, sobretudo, discernir se tais representações operam como instrumentos de reforço da credibilidade, legitimidade e autoridade de sua imagem.

No *short* 1, intitulado “*Ela quer o cara disputado?*”, constatou-se, no capítulo anterior, que os elementos tecnodiscursivos, cenográficos e emocionais/patêmicos concertam-se para erigir o *ethos de especialista* de Thiago Schutz. As *hashtags* #shorts, #relacionamento e #disputa, associadas a um título interrogativo típico de gêneros discursivos aconselheiros, posicionam-no como autoridade no âmbito das relações amorosas heterossexuais. A cenografia,

simbolicamente marcada pelo traje formal, reforça visualmente sua legitimidade, ao passo que a enunciação sustenta tal posição mediante uma categorização rígida das diferenças entre mentalidades femininas e masculinas. No plano das emoções/patêmico, Schutz convoca emoções como indignação, insegurança e revolta ao afirmar que as mulheres privilegiam homens “disputados” em detrimento daqueles que almejam relações monogâmicas estáveis. Esses movimentos discursivos e argumentativos confluem para a construção do *ethos de especialista* que se apresenta como capaz de diagnosticar supostas injustiças e orientar homens concebidos como vítimas.

Ao analisarmos a enunciação de Thiago Schutz no *short 1*, verificamos que, para sustentar e fortalecer seu *ethos de especialista* nas dinâmicas afetivas heterossexuais, Schutz mobiliza uma representação da mulher associada explicitamente à irracionalidade e a uma competitividade de natureza animalesca. Essa construção discursiva a respeito da mulher emerge em certas passagens transcritas do referido *short 1*, como exemplificam os seguintes excertos: 1) “A mulher não quer tá com um cara (.) que molha a calcinha dela (.), a mulher ela quer tá com um cara que molha a calcinha de outras mulheres (.)” (Linha 1 A e 2 A) e 2) “Ce fala assim ó, tem esse cara aqui que é um comedor vagabundo não vale nAdA e tem esse virjão que vai ser fiel a você, qual você escolhe? O vagabundo. Nunca o vi mulher falar assim eu quero o virgem.” (Linha 6 A até 8 A). Vejamos na tabela 15 a seguir:

Tabela 15: Transcrição de áudio do *short 1*

	Título: Ela quer o cara disputado?
1 A	A mulher não quer tá com um cara (.) que molha a calcinha dela (.), a mulher ela quer tá
2 A	com um cara que molha a calcinha de outras mulheres (.). É bE:m diferente uma coisa
3 A	da outra (.). Quando a mulher ela percebe que tem um cara (.) que tem capacidade de
4 A	atrair outras mulheres e que ele chama atenção de outras mulheres e outras mulheres
5 A	desejam esse cara, é esse cara no geral que ela vai querer (.). E isso eu vou dar uma bEla
6 A	de uma generalizada, ta? Ce fala assim ó, tem esse cara aqui que é um comedor
7 A	vagabundo não vale nAdA e tem esse virjão que vai ser fiel a você, qual você escolhe?
8 A	O vagabundo. Nunca o vi mulher falar assim eu quero o virgem. Ah não eu quero, não,
9 A	eu quero, eu quero confio nele. Não cara, não é assim que funciona. A cabeça do homem
10 A	não funciona igual a cabeça da mulher.

Fonte: página oficial do Youtube de Thiago Schutz.

Mediante tais formulações, Thiago Schutz corrobora uma representação da mulher como sujeito cujas escolhas afetivo-amorosas seriam regidas por um impulso quase inconsciente:

suas preferências tenderiam a recair sobre parceiros que, embora moralmente questionáveis e incapazes de oferecer cuidado ou fidelidade, ostentam elevado capital de desejabilidade diante de outras mulheres. Desse modo, configura-se o paradoxo de que homens capazes de oferecer segurança, lealdade e respeito são sistematicamente preteridos, justamente pela ausência do componente concorrencial feminino, circunstância amplamente atestada por Schutz nas linhas 1A e 2A supracitadas na tabela 15 acima.

Ademais, Schutz promove uma representação da mulher subsumida a uma lógica competitiva de feição animalesca, evocando o comportamento instintivo de espécies selvagens em períodos de acasalamento, nos quais a fêmea elege o macho que ostenta a maior probabilidade de êxito reprodutivo. Tal comparação sugere que as mulheres, em suas escolhas amorosas, seriam movidas sobretudo por impulsos primitivos e instintuais, valorizando o parceiro sexualmente mais requisitado entre as demais mulheres. Dessa forma, Schutz sugere um paralelo entre o comportamento feminino e a seleção sexual observada no mundo animal, segundo a qual o macho mais disputado detém maior valor reprodutivo e simbólico para as fêmeas.

Dessarte, no *short 1*, verifica-se que Thiago Schutz aciona uma *representação da mulher primitiva*, isto é, dotada de uma natureza eminentemente instintiva: ela priorizaria parceiros cobiçados por outras mulheres, movida por um ímpeto inconsciente de reprodução e de conservação da espécie (1A e 2A). Ademais, evidencia-se sua assumida irracionalidade, manifestada na predileção por companheiros infíeis, ainda que sexualmente mais experientes, cujas condutas tendem a acarretar-lhe infortúnios e sofrimentos (6A a 8A). À luz do exposto, infere-se que Thiago Schutz convoca a *representação da mulher primitiva* para alicerçar seu *ethos de especialista*, projetando um feminino cuja conduta se entrelaça, de forma reiterada, à irracionalidade, ao ímpeto instintivo, à autodesvalorização e ao desdém por homens dispostos a edificar relações afetivas estáveis, fiéis e respeitosas.

No *short 2*, intitulado “*Essa lenda japonesa é mais que real*”, Thiago Schutz edifica um *ethos de conselheiro* por meio da conjugação de elementos tecnodiscursivos, cenográficos, genéricos e emocionais/patêmicos. As *hashtags* #shorts, #relacionamento, #reflexão e #amor não apenas sinalizam o formato audiovisual, mas também ancoram o conteúdo a cena genérica de sua enunciação ao conselho. A invocação de uma “lenda japonesa” reforça tal moldura, ativando imaginários culturalmente associados à sabedoria ancestral. Já a cenografia, menos formal que a do *short 1*, exhibe um ambiente visivelmente casual, insinuando proximidade e autenticidade ao inserir o enunciador no cotidiano dos espectadores. No plano emocional, Schutz mobiliza medo e pessimismo, realçando uma suposta desvalorização sistêmica dos esforços masculinos pelas

mulheres e, assim, se posiciona discursivamente como guia indispensável, dotado de expertise mergulhado em “preocupação genuína” com o bem-estar masculino diante das vicissitudes dos relacionamentos heterossexuais.

Do ponto de vista argumentativo, Schutz recorre estrategicamente à lenda japonesa para sustentar sua tese e, claramente, seu *ethos de conselheiro*. O enunciado “pegue um cara destruído (...) cure-o (...) e ele vai te amar pra sempre; pegue uma mulher destruída (...) cure-a (...) e ela vai te deixar destruído” (linhas 1A e 2A) opera como argumento-chave: sugere que, uma vez restauradas, as mulheres tenderiam a descartar o parceiro que as apoiou, legando-lhe ruína emocional e/ou financeira. Já na passagem “pegue um cara destruído [...] cure-o [...] e ele vai te amar pra sempre” (linhas 1A e 2A), Thiago Schutz sugere que, quando a mulher ampara um homem em situação de vulnerabilidade, este se vê quase inevitavelmente constrangido a retribuir-lhe com gratidão perene, materializada em afeição constante. Tal formulação robustece uma representação da mulher ancorada em papéis tradicionais de cuidadora (mãe, avó, babá) cujo valor é medido pelo zelo que dispensa e cujo “pagamento” seria o amor masculino, concebido como contrapartida natural e meritória. Vejamos a transcrição na tabela 16 abaixo:

Tabela 16: Transcrição de áudio do *short 2*

Título: Essa lenda japonesa é mais que real	
1A	Existe uma lenda japonesa que fala o seguinte (.) pegue um cara destruído (.) cure ele
2A	(.) e ele vai te amar pra sempre (.) Pegue uma mulher destruída (.) cure ela (.) e ela vai
3A	te deixar destruído (.) Bom dia!

Fonte: página oficial do Youtube de Thiago Schutz.

Nessa lógica, o vínculo afetivo converte-se em pacto estritamente transacional e hierarquizado: quanto maior a solicitude feminina, mais rigorosa se torna a obrigação masculina de retribuir com fidelidade. Porém, quando o homem assume o papel de cuidador, espelhando a função tradicionalmente atribuída à mulher, sua dedicação é desqualificada. Com isso, eclipsa-se a figura da mulher cuidadora e desponta a imagem antitética da mulher usurpadora, que instrumentaliza o afeto masculino em benefício próprio, destituída de reciprocidade ou compromisso genuíno. O discurso de Schutz no *short 2*, portanto, oscila entre duas matrizes representacionais: de um lado, a *mulher devotada*, cuja entrega supostamente garante amor irrestrito; de outro, a *mulher oportunista*, que se apropria do cuidado masculino sem oferecer contrapartida. Tais representações, ademais, alicerçam a edificação do seu *ethos de conselheiro* no *short 2*, entoando credibilidade a sua posição de conselheiro dos homens.

No *short* 3, intitulado “*Você gosta de comer pão?*”, Thiago Schutz entrelaça recursos tecnodiscursivos, cenográficos e emocionais/patêmicos para projetar um *ethos* de matiz messiânica. As *hashtags* #relacionamento, #amor, #pão e #rodada demarcam um campo semântico em que o alimento deteriorado funciona como metáfora da mulher sexualmente ativa, insinuando perigo e contaminação nas relações heterossexuais.

Do ponto de vista cenográfico, Schutz recorre a signos que evocam *Neo*, protagonista de *The Matrix*: óculos escuros, indumentária escura e gestualidade deliberada reforçam a *persona* do “despertador” que liberta espectadores iludidos. Ao empunhar e manusear o pão, erigido em símbolo depreciativo do feminino, o enunciador reafirma seu papel de guia que revela verdades ocultas. No plano das emoções/*pathos*, a encenação convoca sentimentos de pessimismo, desconfiança e repulsa masculina, consolidando o *ethos de redentor* dotado de autoridade moral e epistêmica para denunciar supostas ameaças femininas e “proteger” homens tidos como vulneráveis e inconscientes da realidade ilusória em que estariam imersos.

Ao escrutinar a enunciação de Schutz no *short* 3, percebe-se que a analogia desponta como recurso argumentativo nuclear: a mulher sexualmente ativa é equiparada a um pão sucessivamente manuseado e, por fim, lançado ao solo. Mediante essa correlação depreciativa, o autor elabora e propaga uma representação da mulher contemporânea subsumida a três marcas simbólicas; sujeira, contaminação e desvalorização. Nesse quadro, qualquer envolvimento afetivo ou sexual com essa figura feminina é figurado como ato intrinsecamente arriscado e degradante. Vemos isso no fragmento “*cem pessoas passaram a língua no pão (...) jogaram-no no chão; aí vem você, pega esse pão do chão (...) e acha que está consumindo uma ótima refeição*” (linhas 1A e 2A), que ilustra com acuidade tal construção: a mulher surge como objeto deteriorado cujo valor declina proporcionalmente ao número de experiências sexuais pretéritas, ao passo que o homem que a escolhe é retratado como ingênuo e vulnerável à contaminação. Em suma, Schutz repercute uma imagem feminina marcada pela impureza e pela perda do “valor de mercado”, uma representação que, ao mesmo tempo, alarma, moraliza e mantém sob suspeita o comportamento sexual das mulheres. Vejamos na tabela 17 a seguir:

Tabela 17: Transcrição de áudio do *short* 3

Título: Você gosta de comer pão?	
1 A	CEm pessoas passaram a língua no pão (0.5) jogaram no chão aí vem você (.) pega esse pão
2 A	do chão (0.5) e acha que ta comendo uma Ótima refeição (0.5) esse post não é sobre pão.

Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Assim, no *Short 3*, Thiago Schutz solidifica um *ethos de redentor* ao amparar-se numa representação da *mulher impura*. Isto é, a mulher sexualmente ativa é figurada como mercadoria dotada de prazo de validade, modo de uso e em contínuo processo de deterioração moral e física, cuja impureza, presumidamente acumulativa, a converte em alvo legítimo de repulsa e exclusão para os homens. Ao apresentá-la como foco potencial de contaminação, o enunciador reforça a necessidade de vigilância e autopreservação masculinas, legitimando, desse modo, o papel salvífico que reivindica para si.

No *short 4*, intitulado “*Melhores momentos – Morning Show (Jovem Pan) 26/06/23*”, Thiago Schutz abandona momentaneamente a dimensão de aconselhamento amoroso dos vídeos anteriores e, valendo-se das *hashtags* #morningshow e #jovempan, adota um enquadramento noticioso para erigir um *ethos de justiceiro* que se declara defensor dos direitos masculinos. Cenograficamente, Schutz apresenta-se como porta-voz de uma causa coletiva, afirmando que, enquanto as mulheres gozariam de ampla liberdade de ação sem represálias, os homens seriam impedidos de contestá-las sob pena de estigmatização. Para envolver o público, aciona um repertório emocional/patêmico calcado em indignação, sensação de injustiça e comiseração, convertendo o espectador masculino em vítima de um sistema que, segundo ele, privilegia a mulher.

O argumento de Schutz se ancora em duas representações da mulher. Em primeiro lugar, ele projeta a representação da *mulher envelhecida* como intrinsecamente menos valiosa, o que se evidencia na observação de que “*uma mulher de vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco anos chama mais atenção que ela que talvez tenha quarenta, quarenta e cinco, cinquenta*” (linhas 6 A a 8 A). A juventude assume, pois, o estatuto de capital erótico inquestionável, ao passo que a maturidade feminina equivale a perda de atratividade e, por conseguinte, de poder de barganha. Em segundo lugar, o enunciador constrói representação da *mulher vitimista*, responsabilizando-a pela própria objetificação ao afirmar que “*quem se coloca como objeto são as próprias mulheres*” e que, se alguém “*se vende de forma barata, com uma roupa muito curta, [...] é o próprio objeto*” (linhas 8 A a 13 A). Nessa lógica, qualquer denúncia feminina de misoginia seria um expediente indevido para transferir aos homens culpas que, segundo Schutz, pertencem exclusivamente às escolhas estéticas e comportamentais das mulheres. Vejamos na tabela 18 a seguir:

Tabela 18: Transcrição de áudio do *short 4*

Título: Melhores momentos – <i>Morning Show (Jovem Pan) 26/06/23</i>

1 A	Hoje eu diria assim é: basicamente o fato do cara se posicionar fortemente (.) cOntra uma
2 A	mulher (.) não é brigar, não é arrumar treta nem nada .hh o fato dele sE posicionar fortemente
3 A	ele pode ser taxado de machista (.) mas e sE fosse o contrário (.) porque que a mulher ela
4 A	pOde de certa forma recusar uma bebida de um cara e tA tudo bem e eu acho que tem que ser
5 A	assim .hh mas quando o cara fala olha [Thiago!] eu não vou tomar contigo agora pô esse cara
6 A	ou ele é gay ou ele é machista entendeu assim ó () Incomoda pra mulherada ouvir que por
7 A	exemplo () uma mulher de vinte dois vinte três vinte quatro vinte cinco anos chama mais
8 A	atenção que ela que talvez tenha quarenta quarenta e cinco cinquenta (.) vejo muita mUlher
9 A	questionando que o homem tOrna ou enxerga a mulher como se fosse um objeto (.) sÓ que
10 A	quem se coloca como objeto são as próprias mulheres (.) NÃO são os homens
11 A	necessariamente (.) Então se vOcÊ se vende de forma barata com uma roupa MUITO curta e
12 A	assim gente cada um usa o que quiser tá, o ponto não é esse .hh mas vOCÊ é a própria, você
13 A	é o próprio objeto você ta se vendendo dessa forma (.) então não tem como EU homem todos
14 A	homens olharem e falarem assim pô .hh beleza você ta sensualizando demais e eu tenho o
15 A	DIREITO de enxergar você dessa forma

Fonte: página oficial do Youtube de Thiago Schutz.

As duas representações da mulher no *short 4*, a mulher desvalorizada pela idade e a mulher vitimista que se auto-objetifica, funcionam como “provas” que credibilizam o ethos de Schutz na posição de um justiceiro vigilante. Ao desqualificar simultaneamente a autoridade moral das mulheres acima dos 40 anos e a legitimidade das mulheres que se queixam da objetificação sexual, Schutz afirma-se como voz esclarecida que expõe privilégios femininos e conclama o público masculino a uma postura de resistência.

Em síntese, podemos elencar as seguintes representações da mulher que são mobilizadas ao longo da enunciação de Schutz e que sustentam a construção de seus diferentes *ethé*, conforme esmiuçamos nessa seção, vejamos na tabela 19 a seguir:

Tabela 19: Representações da mulher refletidas nos *ethé* de Thiago Schutz

Representação da mulher	Short em que aparece	Descrição sintética da representação	Função na construção do <i>ethos</i>
Mulher primitiva	Short 1 – “Ela quer o cara disputado?”	Figura regida por impulsos inconscientes “instintivos”; prefere	Sustenta o <i>ethos</i> de <i>especialista</i> : Schutz apresenta-se como alguém capaz de

		homens infiéis e cobiçados por outras, mesmo que careçam de cuidado ou lealdade.	“diagnosticar” a irracionalidade feminina e orientar homens que se julgam vítimas.
Mulher oportunista/usurpadora	<i>Short 2</i> – “Essa lenda japonesa é mais que real”	Usa os recursos afetivos e materiais masculinos para “curar-se” e, depois, descarta o parceiro, deixando-o arruinado.	Reforça o <i>ethos</i> de <i>conselheiro</i> : Schutz alerta homens sobre um risco oculto de se posicionarem como cuidadores nas relações com mulheres e, ao expô-lo, legitima-se como guia protetor.
Mulher cuidadora	<i>Short 2</i> – “Essa lenda japonesa é mais que real”	A mulher associada a figura materna tradicional, como cuidadora nata e, por isso, deve ser valorizada pelos homens.	Permite a Schutz modular seu discurso: valoriza a mulher apenas quando submissa ao papel tradicional de cuidadora, gerando contraste com a “oportunista”.
Mulher impura	<i>Short 3</i> – “Você gosta de comer pão?”	Metaforizada como pão manipulado e jogado ao chão: a mulher sexualmente ativa é associada a um produto, sujo “mal uso” implica sujeira, contaminação e repulsa.	Funda o <i>ethos messiânico</i> : Schutz posiciona-se como salvador dos homens, revelando o “perigo” de se relacionar com mulheres “rodadas”.
Mulher envelhecida e desvalorizada	<i>Short 4</i> – “ <i>Morning Show</i> ”	Mulher acima dos 40 anos é considerada menos desejável que jovens de 22-25; juventude = capital erótico.	Reforça seu <i>ethos de justiceiro</i> ao reivindicar o pretensão direito masculino de privilegiar parceiras mais jovens.

Mulher vitimista	<i>Short 4 – “Morning Show”</i>	Atribui aos homens a culpa por sua objetificação, mas, segundo Schutz, ela própria “se vende” como objeto por escolhas estéticas/comportamentais.	Serve ao <i>ethos de justiceiro</i> : deslegitima queixas femininas, sobre a objetificação do corpo feminino, reforçando a narrativa de que o homem é o verdadeiro prejudicado.
-------------------------	---------------------------------	---	---

Fonte: elaboração da autora.

As seis representações da mulher examinadas nesta seção entretecem um repertório que sustenta e retroalimenta os quatro *ethé* de Thiago Schutz: *especialista*, *conselheiro*, *redentor* e *justiceiro*. Isto é, funcionam como engrenagens argumentativas que robustecem sua credibilidade: ora explicam a suposta preterição e exploração dos homens por parte das mulheres, ora soam como alertas acerca de riscos afetivos, deslocando a responsabilidade dessas adversidades à conduta feminina. Desse modo, legitimam o estatuto de autoridade moral e epistêmica de Schutz, que se erige em voz lúcida e, por isso, indispensável, no debate sobre as relações amorosas heterossexuais.

2. Interações polêmicas à luz do MDA: a refração da representação da mulher nos comentários dos *shorts*

Na seção anterior, concluímos a primeira etapa analítica deste capítulo, voltada a investigar e descrever as representações da mulher que emergem na edificação dos *ethé* de Thiago Schutz nos quatro *shorts*, resultando no mapeamento de seis representações, inventário indispensável para o que ora se segue. Nesta segunda etapa, examinaremos as interações mais acentuadamente antagônicas entre internautas, cujos embates gravitam precisamente em torno da disputa pela interpretação da mulher (enquanto representação social), a fim de verificar se as representações difundidas por Schutz reverberam, ou não, nesses confrontos discursivos. Com isso, buscaremos avaliar sua influência na convergência, ou na divergência, de determinados padrões de representação da mulher no ambiente digital em estudo.

Para tanto, propomo-nos a investigar e descrever as interações, estabelecidas por meio de comentários nos *shorts* que compõem o *corpus* desta pesquisa, que se enquadram especificamente como polêmicos. O foco analítico recairá, sobretudo, sobre os intercâmbios

atravessados por tensionamentos ostensivos e conflitos de elevada intensidade, nos quais os internautas acionam, de modo explícito ou sub-reptício, alguma dimensão representacional do feminino, seja ela convergente com as tipificações de Schutz, delas aproximada ou, ainda, inteiramente dissonantes.

Para levar a efeito esta empreitada analítica, ancoramo-nos nos pressupostos da polêmica tal como sistematizados por Amossy (2017), privilegiando, em especial, a vertente das interações polêmicas assíncronas. Cumpre recordar que uma polêmica só se configura plenamente quando as trocas discursivas se desdobram em espaços públicos ou semipúblicos e põem em confronto opiniões irredutivelmente divergentes sobre questões de inequívoco relevo social. À vista disso, as interações aqui selecionadas, todas gravitando em torno da disputa simbólica pela interpretação da mulher, cumprem tais requisitos, visto que se desenrolam na página do *Youtube* do influenciador Thiago Schutz, ambiente de acesso público que faculta a participação irrestrita dos usuários da plataforma. Nessas condições, a presença da polêmica manifesta-se de maneira incontestável, convertendo o referido espaço digital em arena de embates argumentativos cuja tessitura é permeada por entendimentos concorrentes sobre feminino na sociedade.

Complementarmente, recorreremos aos pressupostos do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), cuja perspectiva converge com os princípios da polêmica, aqui em contexto interativo, por privilegiar o exame de interações marcadas pelo engajamento combativo dos interlocutores, que erguem teses antagônicas em torno de um mesmo objeto discursivo (Plantin, 2002). Conforme observam Damasceno-Morais e Barbosa (2021), o MDA atribui valor analítico não ao desfecho persuasivo da controvérsia, mas às singularidades do percurso argumentativo: importa, sobretudo, a tessitura interacional, os desvios, recuos e avanços que se desenham no decurso da troca discursiva. O cerne da análise desloca-se, assim, do triunfo retórico para o processo em sua desenvoltura, permitindo compreender como os interlocutores constroem, disputam e reconfiguram sentidos ao longo do enfrentamento dialógico.

À luz dos postulados de Amossy (2017) sobre a polêmica, propomo-nos a isolar e descrever os traços que configuram uma interação propriamente polêmica, a saber, dicotomização, polarização e desqualificação do adversário, na perspectiva da autora. Embora elementos passionais e manifestações de violência verbal compareçam com frequência nesse tipo de embate, não os tomamos como *conditio sine qua non*; tratamo-los, antes, como marcadores contingentes que potencializam a intensidade do confronto, tal qual sugere Amossy (2017). Paralelamente, recorreremos ao arcabouço actancial do MDA para delimitar, em cada escaramuça argumentativa, os papéis de Proponente, Oponente e Terceiro, bem como as noções de questão

argumentativa, situação argumentativa e estase. Tal enquadramento permite investigar de que modo os interactantes regulam o conflito e quais representações da mulher emergem ao longo do percurso argumentativo.

Para efeito de clareza metodológica, reiteramos a convenção de siglas empregada nesta análise. Utilizaremos **P** (Proponente), **O** (Oponente) e **T** (terceiro), seguidos de numeração sequencial que distingue cada participante (P1, P2; O1, O2; T1, T2 etc.). Para referir-nos aos vídeos, adotamos **SH** acrescido do algarismo correspondente ao *short* analisado (SH1, SH2, SH3, SH4). Essa codificação, em consonância com o MDA, faculta o mapeamento preciso dos movimentos dialogais e a visualização da tessitura de teses em disputa.

2.1 Dicotomização: a tessitura discursiva das representações da mulher em interações por comentários no *short* 1

Em síntese, interrogamos se, e em que extensão, os interactantes erguem suas teses a partir de pontos de vista antagônicos que acionam representações da mulher, convergentes, paralelas ou antitéticas às mobilizadas por Schutz, descritas na seção precedente, e se essas mobilizações representacionais ativam o motor estásico responsável por manter um horizonte contínuo de tensão entre os interactantes, configurando, assim, “um modo particular de gestão do conflito” (Amossy, 2017, p. 53) tal como a polêmica. Para tanto, articulamos as categorias centrais do MDA (Plantin 2002), Proponente, Oponente, Terceiro, questão argumentativa, situação argumentativa e estase, a fim de delimitar o enquadramento interativo dos participantes, aqui entendidos como porta-vozes⁴⁰ de discursos contrapostos e, simultaneamente, circunscrever o núcleo temático que vertebra o embate.

À guisa de rememoração, no *short* 1, intitulado “*Ela quer o cara disputado*”, Thiago Schutz advoga que as mulheres tenderiam a privilegiar homens de larga experiência sexual e comportamento afetivo nitidamente não monogâmico, indivíduos que ele rotula, em tom provocativo, de “comedor vagabundo”. Tal arquétipo, sustenta o *coach*, gozaria de elevada cotação no mercado erótico-afetivo heterossexual, angariando aos seus representantes expressivo capital de apreço feminino. Em contraponto, Schutz alinha a figura do “virjão”, o homem com escassa ou inexistente vivência sexual, retratando-o como incapaz de suscitar desejo nas

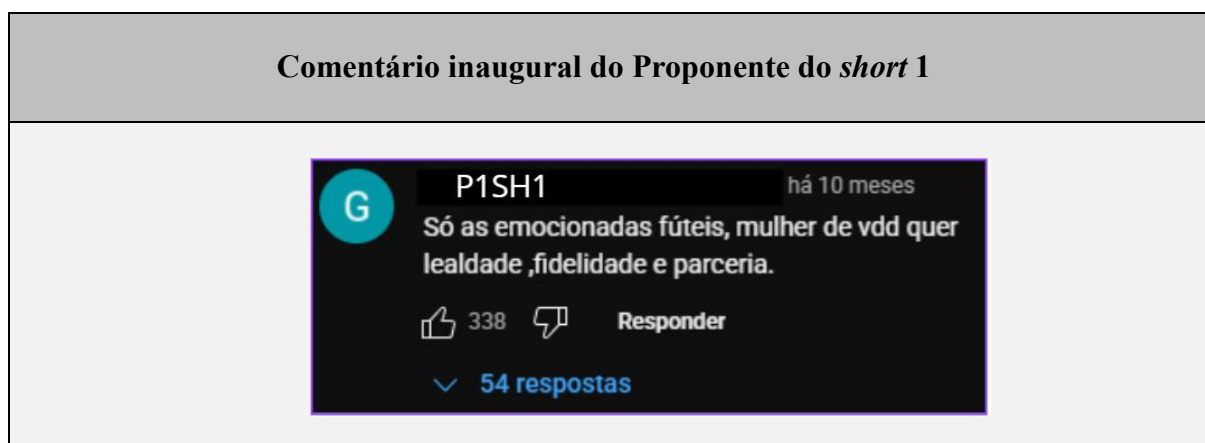
⁴⁰ A esse respeito Ruth Amossy (2017, p. 56) nos esclarece: “A divisão actancial entre adversários tomados numa relação antitética de tipo conflitual explica que a polêmica instaura uma operação de polarização, a qual se deve distinguir da dicotomização. Esta última exarceba as oposições até torná-las inconciliáveis; ela diz respeito a uma operação abstrata”.

mulheres em virtude de uma alegada inaptidão sexual. Não obstante, atribui a esse último perfil (virjão) uma inclinada vocação para vínculos estáveis e monogâmicos, modalidade relacional que, na tessitura argumentativa de Schutz, seria depreciada pelo público feminino.

Em síntese, no *short* 1, Thiago Schutz estrutura sua argumentação na contraposição de dois arquétipos masculinos, o “comedor vagabundo”, portador de elevado capital erótico-afetivo, e o “virjão”, desprovido desse ativo, para defender que o histórico sexual masculino associado ao “comedor vagabundo” constitui o critério decisivo do desejo feminino. Nesse sentido, o *coach* forja para si um *ethos de especialista* em dinâmicas sociosexuais heterossexuais e apoia-se, ainda, numa representação da mulher primitiva (conforme mostramos na seção anterior), governada por um determinismo biológico pulsional e inconsciente que naturaliza a preferência feminina por relações de risco. Com isso, legitima sua tese segundo a qual o “comedor vagabundo” é objeto de desejo, ao passo que o “virjão” é relegado ao desinteresse.

Partindo da representação de mulher primitiva propalada por Schutz no *short* 1, passamos à análise dos comentários da interação polêmica selecionada, sob o parâmetro da dicotomização, a fim de verificar se, e em que medida, os interactantes alicerçam suas teses em campos discursivos antagônicos que articulam representações da mulher, convergentes ou dissidentes daquela veiculada por Schutz. Vejamos, portanto, a Tabela 20 a seguir:

Tabela 20: Comentário inaugural de P1SH1



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Como vemos na tabela 20 acima, na interação selecionada do *short* 1, a clivagem discursiva irrompe no comentário inaugural de P1SH1, que se insurge contra o enunciado de Thiago Schutz. Esse primeiro aporte converte-se em ponto nodal a partir do qual se desdobram os tensionamentos argumentativos subsequentes entre os demais interactantes. Como se observa na tabela 20, a comentarista sustenta que apenas mulheres “emocionadas fúteis”, isto é, regidas

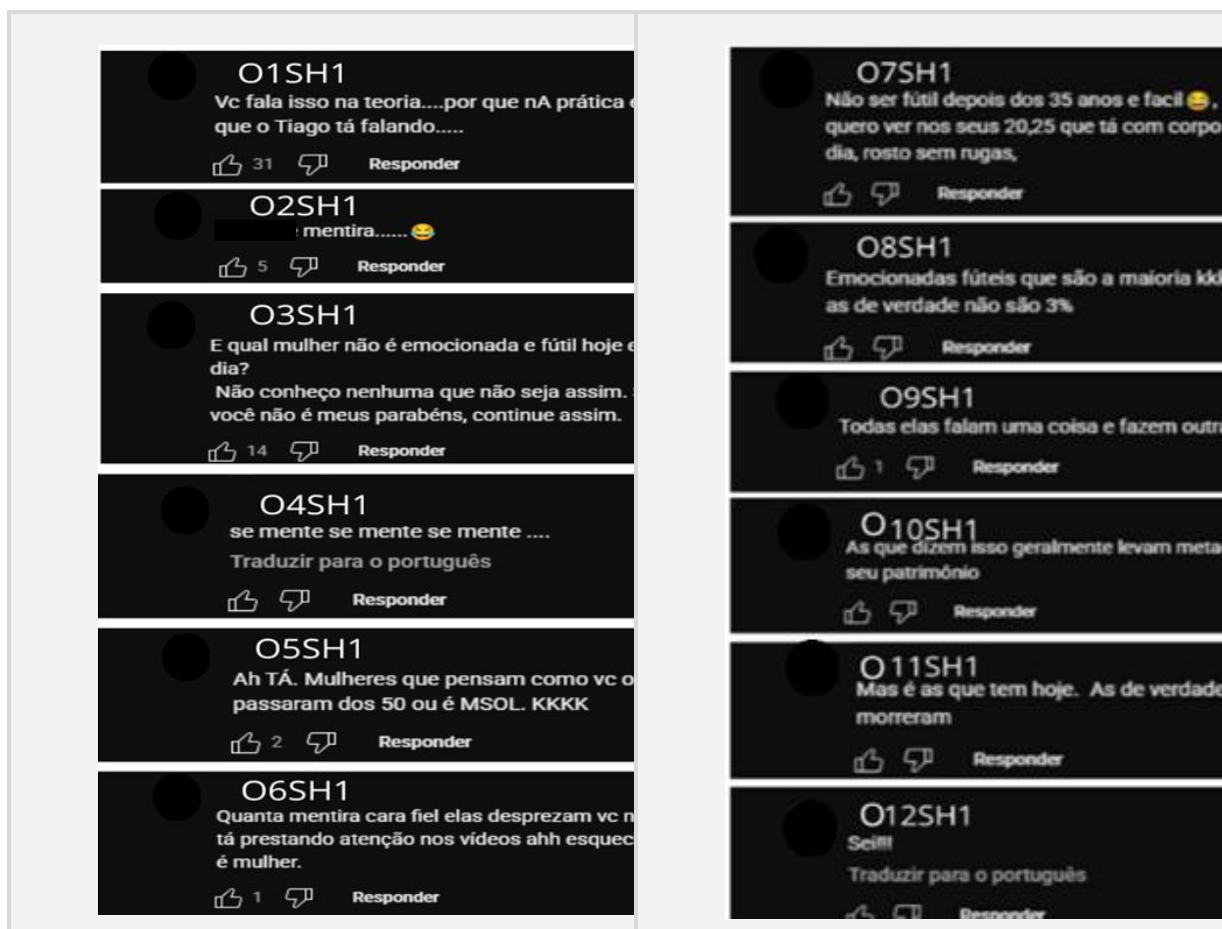
primordialmente pela emoção, apartadas do crivo racional e guiadas por critérios amorosos superficiais, como sugere o próprio termo fútil, optariam por homens enquadrados no arquétipo do “comedor vagabundo” delineado por Schutz.

Desse movimento, P1SH1 propõe a questão argumentativa segundo os pressupostos do MDA, “*Apenas mulheres fúteis escolhem o ‘comedor vagabundo’?*” e configura uma situação argumentativa sobre a resposta “correta”. Para fundamentar sua refutação a Schutz, P1SH1 evoca uma interpretação da mulher pautada na incapacidade de regular as próprias emoções, condensada no adjetivo “emocionadas”, e na dificuldade de tomar decisões amorosas complexas, insinuada pelo termo “fúteis”. Embora P1SH1 mobilize argumentos com intuito contestatório, sua interpretação sobre a mulher reverbera com a representação de mulher “primitiva” propagada pelo próprio Schutz, isto é, a representação de mulher por ela cunhada se ampara na concepção de mulher irracional e movida por instintos incontrolláveis.

O comentário inaugural de P1SH1 suscita a entrada de diversos Oponentes (MDA) que, ao contestarem sua tese, intensificam a disputa em torno da resposta “correta” para a questão argumentativa. Desdobra-se, então, uma estase: os interactantes assumem posições discursivas antagônicas e, ao mesmo passo, configuram um verdadeiro campo de dicotomização. Nos comentários subsequentes selecionados, irrompe uma contenda acalorada acerca da tese inicial de P1SH1, na qual os Oponentes convocam representações da mulher como alicerce de seus argumentos contestatórios. Abaixo na tabela 21, apresentamos os comentários selecionados que ilustram esse movimento:

Tabela 21: Comentários de Oponentes que apresentam opiniões contrárias diretas ao comentário inicial de P1SH1, à luz do MDA

Comentários dos Oponentes	
Oponentes de 01 a 06	Oponentes de 07 a 12



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Conforma a tabela 21 acima, observa-se que os Oponentes divergem frontalmente da tese apresentada por P1SH1. Os usuários O1SH1, O2SH1, O4SH1, O6SH1, O9SH1 e 12SH1 estruturam suas teses com o propósito de afirmar a incongruência da posição defendida por P1SH1, posicionando-a como uma perspectiva dissociada da realidade empírica. Tal movimentação discursiva contribui para a consolidação de um campo argumentativo de alta rigidez, no qual as margens para negociação são progressivamente anuladas. Fragmentos como “*Você fala isso na teoria*” (O1SH1), “*Mentira*” (O2SH1), “*Se mente*” (O4SH1), “*Quanta mentira*” (O6SH1), “*Falam uma coisa e fazem outra*” (O9SH1) e “*Sei*” (12SH1) operam como enunciados de demarcação, que delimitam os contornos de visões excludentes e mutuamente irreconciliáveis sobre o tema em questão. Nesse sentido, os comentários operam como marcadores de fronteira entre dois polos discursivos em conflito, reforçando a cisão interpretativa que sustenta e retroalimenta a dinâmica polêmica instaurada na interação. Neles, os papéis actanciais previstos pelo MDA se mostram claramente delimitados: Proponentes e Oponentes disputam o tema em debate, instaurando campos discursivos opostos e dicotômicos.

Além disso, os mencionados Oponentes (O1SH1, O2SH1, O4SH1, O6SH1, O9SH1 e O12SH1) mobilizam reciprocamente, em seus discursos, uma representação da mulher concebida como ser submetido a pulsões intensas e irrefreáveis, cuja natureza impediria as mulheres de realizar escolhas criteriosas e lúcidas no âmbito afetivo, em plena consonância com a representação da mulher primitiva repercutida por Schutz no *short* 1. De acordo com essa perspectiva, tais impulsos as privariam de sentir atração por parceiros masculinos dotados de atributos como “lealdade, fidelidade e parceria”, qualidades essas enaltecidas por P1SH1. Em termos gerais, para os referidos Oponentes, o discurso de P1SH1 configuraria uma falácia, na medida em que, segundo eles, as mulheres não atribuem valor a essas virtudes em seus pretendentes. Essa interpretação é ilustrada exemplarmente no comentário proferido por O6SH1: “*Quanta mentira o cara fiel elas desprezam vc não tá prestando atenção nos vídeos ahh esqueci vc é mulher.*”.

No que diz respeito ao comentário proferido por outro interactante, o O3SH1, “*Não conheço nenhuma mulher que não seja assim*”, observa-se um endosso explícito à tese de Schutz, configurando-se como uma contestação direta ao posicionamento de P1SH1, já que assume não ter ciência da existência de mulheres que não sejam “emocionadas” e “fúteis”. Tal afirmação pressupõe que o discurso desse interactante também se sustenta em uma representação da mulher primitiva, submetida a uma determinação biológica que a torna incapaz de realizar escolhas que extrapolem os parâmetros definidos por Schutz. Dito de outro modo, a mulher inevitavelmente escolherá o arquétipo do “comedor vagabundo”.

Em comentários adicionais, provenientes dos Oponentes O8SH1, O5SH1, O7SH1 e O11SH1, observa-se uma clara oposição à tese defendida por P1SH1. O8SH1 emprega um tom marcadamente irônico, explicitado pelo uso da reação “kkkkkk”, ao sustentar que as mulheres “*emocionadas e fúteis são a maioria kkkkkk*”. Por sua vez, O7SH1, afirma categoricamente que a condição de futilidade seria inerente às mulheres jovens, assegurando que “*Não ser fútil depois dos 35 anos é fácil*”. Nessas intervenções argumentativas, O8SH1 e O7SH1 apropriam-se da formulação original da Proponente, “integrando-a, por inversão, ao seu próprio sistema argumentativo” (Amossy, 2017, p. 55), para reforçar suas posições antagônicas, tal como sugere uma interação polêmica.

O interactante O5SH1, por outro lado, sugere que mulheres que buscam atributos de lealdade, fidelidade e parceria, conforme defendido por P1SH1, seriam, invariavelmente, mais velhas ou mães solteiras (representadas pela sigla MSOL), ambas categorias vistas como indesejáveis. Nas suas palavras: “*Mulheres que pensam como você passaram dos 50 ou é MSOL.*

KKKK”. Por fim, O11SH1 argumenta que, na contemporaneidade, predominam mulheres qualificadas pela Proponente como “emocionadas e fúteis”, e sustenta ainda que mulheres distintas dessa categoria pertenceriam a um passado remoto, sem existência atual, em suas palavras: “*Mas é as que tem hoje. As de verdade já morreram*”.

Na tessitura discursiva elaborada por O8SH1, O5SH1, O7SH1 e O11SH1, sustenta-se a ideia de que a maioria das mulheres estaria submetida a pulsões instintivas e incontroláveis, o que justificaria sua inclinação pelo arquétipo do homem “comedor vagabundo”. Tal concepção revela uma estreita afinidade com a representação da mulher primitiva, conforme difundida por Schutz na construção de seu *ethos de especialista* no *short 1*. Essa proximidade discursiva entre as representações da mulher se mantém mesmo diante do reconhecimento, por parte desses interactantes, de que há exceções, embora estas sejam apresentadas como casos raros, condicionados por fatores específicos, como idade avançada, maternidade, pertencimento geracional ou uma excepcionalidade individual que foge à regra.

Em outras palavras, os Oponentes, na perspectiva do MDA como mostramos nesta descrição, ancoram seus argumentos na representação da mulher como essencialmente primitiva. De modo geral, para O8SH1, tal condição é predominante no universo feminino, ainda que se admita a existência de raras exceções. O7SH1, por sua vez, sugere que a superação dessa primitividade se daria a partir de determinada faixa etária, implicando que a perda da juventude, e, portanto, da “vicissitude”, atuaria como elemento transformador. Já O11SH1 invoca uma perspectiva de cunho geracional e cultural, ao afirmar que as mulheres capazes de escapar à lógica da primitividade pertenceriam a um passado extinto, sendo inexistentes no presente. Por fim, O5SH1 associa a transcendência desse “modo primitivo” a condições como a idade avançada ou a maternidade solo (referida pela sigla MSOL), características que, embora indicativas de amadurecimento, acarretariam simultaneamente uma desvalorização social aos olhos do público masculino. Vejamos na tabela 22 a seguir, a síntese sobre a análise realizada nessa seção:

Tabela 22: Representações da mulher repercutida na interação selecionada do *short 1*

Interlocutor	Representação da Mulher	Características	Relação com a representação repercutida por Thiago Schutz
--------------	-------------------------	-----------------	---

Thiago Schutz	Mulher “primitiva”.	Submetida a pulsões biológicas e inconscientes; irracional; prefere o arquétipo masculino “comedor vagabundo” ao “virjão”.	Matriz representacional; base do conflito discursivo.
P1SH1	Mulher “emocionada e fútil”.	Movida por pulsões emocionais e que critério de escolha amorosa rudimentar.	Embora se oponha a Schutz, seu o discurso acaba por repercutir a representação da mulher como figura “primitiva”, ao atribuir-lhe uma irracionalidade que a impulsiona a escolher o “comedor vagabundo”.
O1SH1, O2SH1, O4SH1, O6SH1, O9SH1, O12SH1	Mulher instintiva e irracional.	Dominada por impulsos; rejeita homens leais e fiéis; falaciosa ao afirmar o contrário.	Reforçam e confirmam a representação de mulher repercutida por Schutz.
O3SH1	Mulher essencialmente “primitiva”.	Generalização absoluta: “todas são assim”; ausência de exceções.	Apoia integralmente a representação da mulher repercutida por Schutz; elimina qualquer margem de contraposição.
O8SH1, O7SH1, O5SH1, O11SH1	Mulher “primitiva” com exceções condicionadas.	Raras mulheres escapam dessa condição por: idade (O7SH1), maternidade solo, velhice (O5SH1), pertencimento a gerações passadas (O11SH1) ou mera exceção (O8SH1).	Aproximam-se da representação repercutida por Schutz, porém, estabelecem exceções.

Fonte: elaboração da autora.

A tabela 22 acima revela que tanto a Proponente quanto os Oponentes, nos termos do MDA, apesar de ocuparem posições discursivas dicotômicas, mobilizam representações da

mulher associadas a mulher primitiva. Como vimos, Thiago Schutz sustenta a representação da mulher primitiva, movida por pulsões irracionais que a levam a desejar o “comedor vagabundo”. A Proponente, ao tentar refutar essa visão, recorre a uma distinção binária: mulheres “emocionadas e fúteis” (irracionais) *versus* mulheres “racionais”, mantendo, assim, a mesma mobilização representacional da mulher que Schutz, como suporte de sua tese. Já os Oponentes reafirmam e, em muitos casos, amplificam a representação da mulher promovida por Thiago Schutz, sustentando que a irracionalidade feminina é uma característica generalizada e inevitável. Quando admitem exceções, estas são rigidamente condicionadas a fatores como idade avançada, maternidade ou pertencimento a gerações passadas, o que as torna socialmente marginais ou anacrônicas.

Em todas as formulações, a mulher é representada como essencialmente instintiva, impulsiva e incapaz de escolhas racionais no campo afetivo. Essa recorrência evidencia a circulação de uma imagem feminina ancorada em traços pulsionais, mesmo entre interlocutores que sustentam teses antagônicas. Tal padrão revela o impacto difusor do discurso de Schutz naquele espaço discursivo digital, sugerindo que sua representação da mulher opera como uma matriz interpretativa compartilhada, ainda que mobilizada com intenções argumentativas distintas.

2.2 Polarização: uma aliança na difusão de representações da mulher no *short 2*

Nesta seção, propomo-nos a investigar, em uma interação por comentário coletada do *short 2* “*Essa lenda japonesa é mais que real*”, de que maneira a polarização se revela ao longo do percurso argumentativo dos interactantes e se, nesse processo, emergem representações da mulher que coincidem, se assemelham ou divergem daquela veiculada por Schutz no referido *short*. Para tanto, voltamos nosso escrutínio analítico aos alicerces da polêmica em contexto de argumentação, reconhecendo que a polarização transcende a mera contraposição de discursos antagônicos e inconciliáveis, conforme evidenciado na seção precedente dedicada à dicotomização. Trata-se, antes, de um fenômeno de natureza eminentemente social, caracterizado pela edificação de campos identitários antagônicos e hostis (Amossy, 2017). Nas palavras de Amossy (2017, p. 57), polarizar é “estabelecer campos inimigos”, movimento que, assim como na dicotomização, fortalece a tessitura conflitiva em interações polêmicas, intensificando o desacordo em torno da tese em disputa. Dado o caráter intensamente conflituoso desta dinâmica, ancoramo-nos ainda nos postulados do MDA, destacando, em particular, a distinção entre os

papéis actanciais, Proponente, Oponente e Terceiro, bem como as categorias de questão argumentativa, situação argumentativa e estase.

A título de rememoração, no *short 2*, Thiago Schutz constrói uma narrativa baseada em uma lenda japonesa para sustentar a tese de uma desigualdade iminente entre homens e mulheres no âmbito das relações afetivas na sociedade. Para ele, quando uma mulher intervém em auxílio a um homem imerso em situação de vulnerabilidade, colaborando para sua reabilitação emocional e existencial, ela será agraciada com o afeto autêntico desse homem. Em sentido antagônico, se um homem dedica idêntico amparo a uma mulher em igual condição de fragilidade, o desfecho revela-se invertido: uma vez restabelecida, ela desvencilha-se dele, sem o mínimo de comiseração. Por meio desse constructo, Schutz edifica para si um *ethos de conselheiro*, apresentando-se como autoridade competente para guiar os homens em suas escolhas amorosas, alertando-os dos perigos femininos.

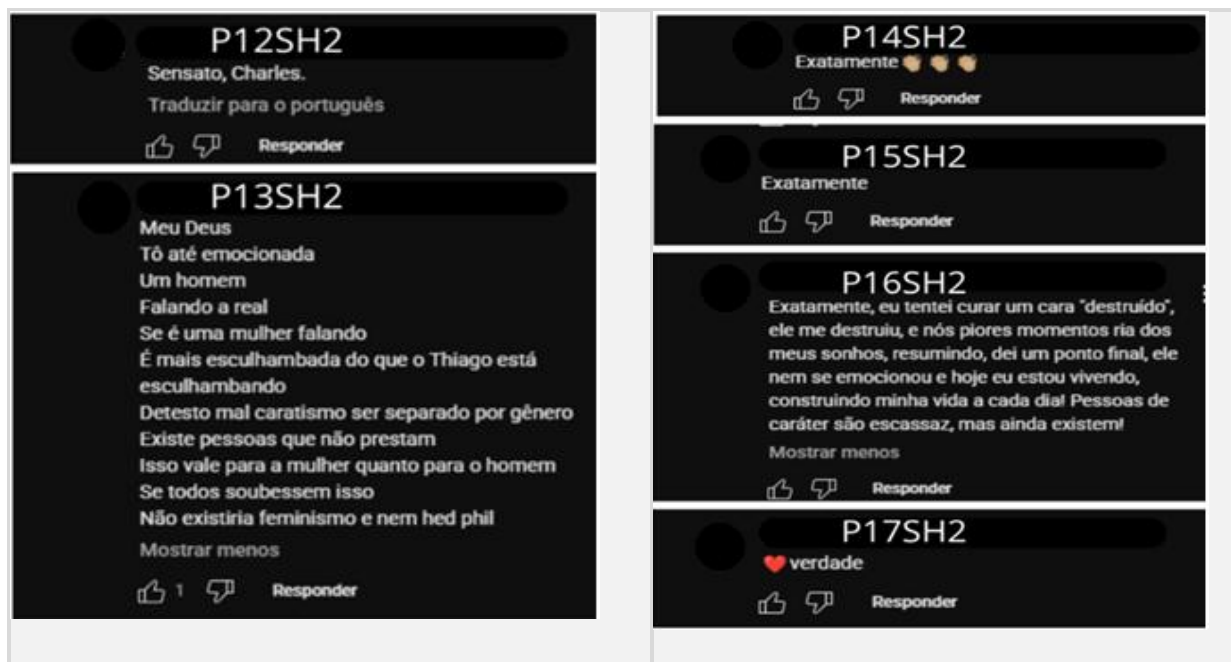
No percurso de construção desse *ethos*, conforme demonstrado na primeira seção deste capítulo, Schutz mobiliza no *short 2* duas representações contrastantes da mulher: de um lado, a representação da mulher oportunista ou usurpadora, que se apropria de recursos afetivos e materiais masculinos para benefício próprio e, ao final, abandona-o; de outro, a representação da mulher cuidadora, vinculada à matriz materna tradicional, descrita como protetora nata e, por isso, merecedora de apreço e devoção masculina.

Considerando as representações da mulher usurpadora e da mulher cuidadora veiculadas por Schutz na construção de seu *ethos de conselheiro* no *short 2*, voltamo-nos à análise dos comentários da interação polêmica selecionada, desta feita com ênfase em seu caráter polarizante. Nosso objetivo é averiguar e descrever se os interactantes alicerçam-se em agrupamentos valorativos e identitários antagônicos e se nesse interim se ancoram em representações da mulher, idênticas, similares ou convergentes às promulgadas por Schutz no *short 2*.

Nossa investigação recai sobre os *prints* dos comentários reunidos na Tabela 23, a partir dos quais examinamos os desdobramentos dos interactantes na construção de um conglomerado identitário que, em parte, se opõe à tese enunciada por Schutz no *short 2*, já delineada anteriormente, e, em parte, a corrobora. Diante disso, observa-se uma convergência em torno de uma valoração comum, exteriorizada por argumentações antagônicas que se estendem desde formulações mais prosaicas, constituídas por monossílabos, até enunciados de maior complexidade. Passamos, a seguir, ao exame detalhado:

Tabela 23: Sequência de *prints* dos comentários do grupo de Proponentes que se unem na defesa de uma tese em comum no *short 2*

Comentários dos Proponentes	
Proponentes de 1 a 6	Proponentes de 7 a 11
<p>P1SH2 Isso de ferrar com parceiro depois de conseguir o que quer, vai do caráter da pessoa e não do gênero do sexo. 👍 610 🗨️ Responder</p> <p>P2SH2 Verdade então a falta de caráter está generalizada, não vê quem não quer. 👍 21 🗨️ Responder</p> <p>P3SH2 Exatamente 👍 4 🗨️ Responder</p> <p>P4SH2 Com certeza 👍 🗨️ Responder</p> <p>P5SH2 Aí sim! Falou tudo 👍 🗨️ Responder</p> <p>P6SH2 Existem mulheres e homens ruins, assim como existem homens e mulheres bons... somos seres humanos, o caráter é individual, a humanidade precisa evoluir, não devemos colocar homens e mulheres uns contra os outros, e sim cada ser humano evoluir, para que tenhamos mais pessoas de caráter de ambos os sexos. Mostrar menos 👍 14 🗨️ Responder</p>	<p>P7SH2 Concordo! Comigo foi o contrário! Dei todo suporte ao meu ex e depois de seis anos, quando ajudei ele a organizar toda a vida financeira e familiar, quando encontrou uma oportunidade de retribuir meu esforço, foi o primeiro a virar as costas e me deixar quando mais precisei. Mostrar menos 👍 4 🗨️ Responder</p> <p>P8SH2 Concordo 🙌 👍 🗨️ Responder</p> <p>P9SH2 Isso é um fato Falta de caráter agora se chama LENDA 😂 Da até nome de filme LENDAS DA PAIXÃO 😂 👍 🗨️ Responder</p> <p>P10SH2 verdade 😂 👍 🗨️ Responder</p> <p>P11SH2 Essa linda aí estar errada também tem muito homem que deixa a mulher totalmente destfida eu sou prova viva disso fiz de tudo o possível e no fim das contas eu sou de relacionamento porque o meu ex estamorandi comigo e esaca noivo de aliança no dedo postando em rede social então caráter não define gênero ok Mostrar menos 👍 1 🗨️ Responder</p>
Proponentes de 12 a 13	Proponentes de 14 a 17



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Na tabela 23 acima, P1SH2 inaugura o debate ao refutar frontalmente a premissa sustentada por Schutz, segundo a qual o oportunismo afetivo seria atributo inerente ao gênero feminino. Em contrapartida, P1SH2 postula que esse comportamento decorre unicamente de traços individuais de caráter, dissociando-o de qualquer determinismo biológico ou de gênero. Em suas próprias palavras: “*vai do caráter da pessoa e não do gênero do sexo*”, asseverando que o oportunismo afetivo é fruto de motivações pessoais, e não de condicionantes biológicas. A partir dessa refutação, irrompe, então, uma questão argumentativa fulcral: “*Acaso o gênero de um indivíduo pode, por si só, predeterminar comportamentos, sejam eles louváveis ou censuráveis?*”.

Por seu turno, P2SH2 posiciona-se em consonância com o aporte de P1SH2, fomentando a convergência entre as teses e expandindo o campo argumentativo que se articula em torno da pergunta argumentativa. Com veemência, P2SH2 sustenta que a carência moral não se restringe a um gênero específico, porém se manifesta de modo difuso em ambos, afirmando: “*a falta de caráter está generalizada*”. Em alinhamento, os interactantes P3SH2, P4SH2 e P5SH2, conquanto recorram a enunciados breves, expressam apoio irrestrito à proposição inaugural de P1SH2, consoante se depreende das intercalações sucintas: “*Exatamente*” (P3SH2), “*Com certeza*” (P4SH2) e “*Aí sim! Falou tudo*” (P5SH2). O interactante P6SH2 distingue-se ao traçar um discurso de fundamentação mais robusta e argumentos intrincados, reforçando o senso de unidade identitária entre os Proponentes ao asseverar que tanto homens como mulheres podem

ser bons ou maus e que, “*não devemos colocar homens e mulheres uns contra os outros, e sim cada ser humano evoluir*” (P6SH2).

Observa-se a continuidade do alinhamento dos interactantes em respaldo ao comentário inaugural de P1SH2. Sobressaem-se as contribuições de P7SH2 e P11SH2, que manifestam concordância por meio de relatos pessoais nos quais padeceram do mesmo agravo descrito por Schutz, porém advindo do lado masculino. No depoimento de P7SH2: “*quando [o parceiro] encontrou uma oportunidade de retribuir meu esforço, foi o primeiro a virar as coisas e me deixar*”, acentuando que gênero não constitui atributo definidor de caráter. Similarmente, P11SH2 assevera: “*tem muito homem que deixa a mulher destfida (destruída) eu sou prova viva disso*”, conclamando que “*caráter não define gênero*”. Em consonância, os interactantes P8SH2, P9SH2 e P10SH2 reforçam o respaldo ao conglomerado identitário que se opõe à tese de Schutz, manifestando-no por meio de enunciados concisos, porém enfáticos: “*Concordo*” (P8SH2); “*Isso é um fato*” (P9SH2); “*verdade*” (P10SH2).

Constata-se a perpetuação do alinhamento valorativo promovido pelos interactantes P12SH2, P14SH2, P15SH2 e P17SH2, que prosseguem na tessitura de uma aliança em prol do conglomerado identitário, coeso na defesa da concepção do caráter como atributo estritamente pessoal, desvinculado de delimitações genéricas ou biológicas. Inicialmente, P12SH2 corrobora essa orientação ao enunciar “*Sensato, Charles*”, exaltando a pertinência da tese segundo a qual julgamentos morais não se apoiam em determinantes de gênero. Em seguida, P14SH2 sublinha tal convergência valorativa com o lapidar “*Exatamente 🙌🙌🙌*”, cuja mobilização dos emojis que simbolizam a salva de palmas, intensifica seu apoio ao conglomerado identitário. Analogamente, P15SH2, de forma sucinta, profere também “*Exatamente*”, reafirmando o alinhamento sem necessidade de elaborações adicionais. Por fim, P17SH2 imbrica emoção e convicção ao proclamar “*❤verdade*”, mobilizando o emoji de coração, que simboliza apreço, sintetizando o consenso em torno da premissa de que o caráter se constitui em instância singular, alheia a classificações de natureza genérica ou biológica.

A interactante P13SH2 adere ao polo identitário, evidenciando sua plena concordância com o comentário de P1SH2, sobretudo em razão de provir de um homem; como expressa textualmente: “*detesto mal caratismo ser separado por gênero Existe pessoas que não prestam Isso vale para a mulher quanto para o homem*”. Por sua vez, P16SH2 corrobora o mesmo alinhamento ao compartilhar um relato de experiência pessoal, no qual cuidara de um homem em situação de vulnerabilidade e, ao final, fora ela própria destruída; em suas palavras: “*Pessoas de caráter são escassas, mas ainda existem!*”

Os interactantes que se alinham em torno da refutação da premissa de Schutz no *short 2* manifestam, em primeiro plano, a convergência em defesa de um valor identitário singular: a concepção do caráter como atributo estritamente individual, desvinculado de qualquer determinismo de gênero. Ao reiterarem, em uníssono, que “*a falta de caráter está generalizada*” (P2SH2) e que “*não devemos colocar homens e mulheres uns contra os outros, e sim cada ser humano evoluir*” (P6SH2), esses participantes erigem uma identidade coletiva pautada na convicção de que virtude e vício emergem de disposições íntimas, não de categorizações genéricas ou biológicas. Trata-se, portanto, de um grupo identitário alicerçado na noção de autonomia moral, segundo a qual cada agente responde pelo próprio caráter, independentemente de seu sexo biológico.

Em paralelo, essa mesma coalizão argumentativa convergiu para uma representação da mulher que se desmarca radicalmente da caricatura de “oportunista” que Schutz propõe no *short 2*. Ao evocar experiências vivenciais de abandono masculino, “*quando [o parceiro] encontrou uma oportunidade de retribuir meu esforço, foi o primeiro a virar as coisas e me deixar*”, ora associadas a casos em que homens também destroem emocionalmente suas parceiras “*tem muito homem que deixa a mulher destfida (destruída) eu sou prova viva disso*”, as interlocutoras P7SH2, P11SH2 e P13SH2 sublinham que a ação feminina não se reduz a um determinismo pulsional que a elege sempre como vilã. Antes, afirmam que a conduta de cada mulher inscreve-se no âmbito de escolhas e contingências pessoais, e não em uma suposta predisposição biológica ao oportunismo.

Em síntese, o denominador identitário que reúne esses interactantes recusa qualquer hierarquização moral fundada em critérios de gênero. Paralelamente, emerge a representação de uma *mulher humanizada*, sujeito dotado de agência e variabilidade ética, não mais reduzida a instintos de “oportunismo”, mas concebida como agente com caráter próprio, suscetível às mesmas virtudes e fragilidades que atravessam quaisquer indivíduos, sejam eles masculinos ou femininos. Vejamos em síntese na tabela 24 abaixo:

Tabela 24: Síntese da análise do conglomerado de Proponentes e a representação de mulher suscitada

	Interactantes	Descrição Sintética	Exemplos de Enunciados

Abertura da pergunta argumentativa	P1SH2	Tensiona a tese de Thiago Schutz, colocando-a em discussão.	“ <i>Vai do caráter da pessoa e não do gênero do sexo</i> ” (P1SH2).
Valor identitário compartilhado	Todos	Concepção de caráter como instância inteiramente individual, indiferente a determinismos de gênero, fundando uma ética de autonomia moral.	“ <i>a falta de caráter está generalizada</i> ” (P2SH2); “ <i>não devemos colocar homens e mulheres uns contra os outros...</i> ” (P6SH2).
Representações da mulher	Todos	Retrata a mulher de forma humanizada, como sujeito autônomo, cujas decisões morais dependem de contingências pessoais e não de predisposições biológicas, reafirmando sua plena agência ética.	“ <i>detesto mal caratismo ser separado por gênero. Isso vale para a mulher quanto para o homem</i> ” (P13SH2).
Representação da mulher de Thiago Schutz	Não se aplica	Mulher oportunista/usurpadora. A mulher surge como oportunista, que vampiriza afeto e recursos do parceiro e o descarta em ruínas.	“ <i>pegue uma mulher destruída (...) cure-a (...) e ela vai te deixar destruído</i> ” (linhas 1A e 2A)

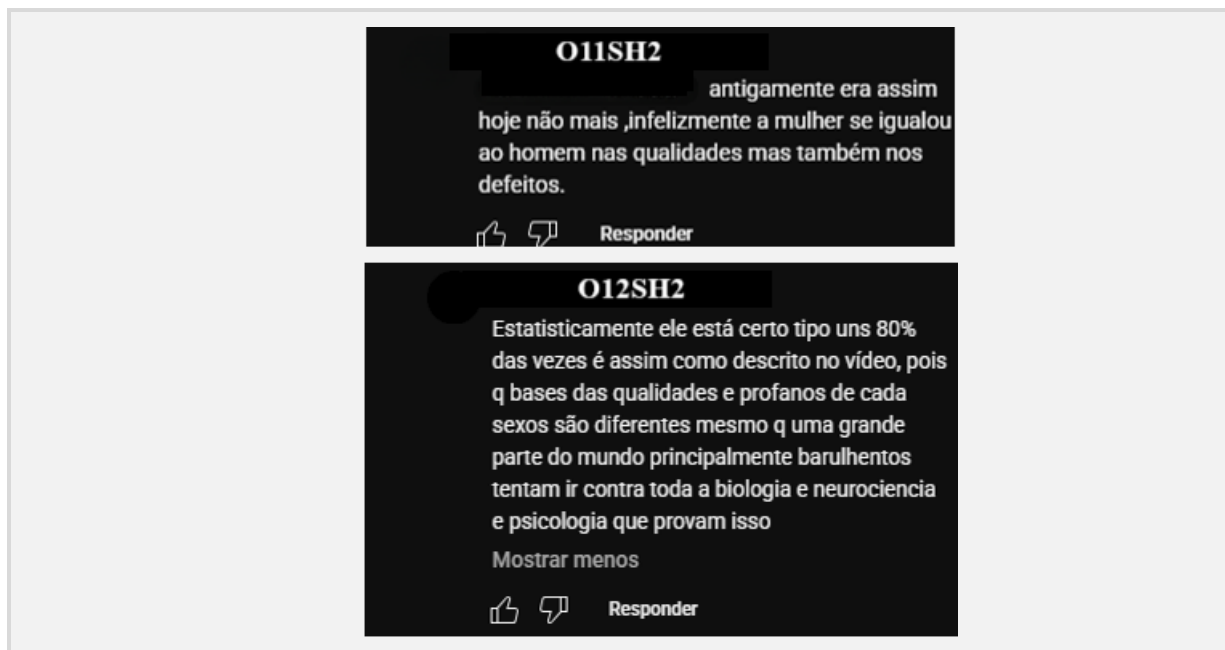
Fonte: elaboração da autora.

Voltemo-nos, neste instante, ao conjunto de Oponentes que se congrega em defesa da tese sustentada por Thiago Schutz, cuja coesão visa responder à mesma questão argumentativa suscitada anteriormente: *Acaso o gênero de um indivíduo é, por sua natureza, capaz de predeterminar condutas, sejam elas louváveis ou censuráveis?* À luz dos registros visuais consignados na Tabela 25 a seguir, debruçar-nos-emos sobre a arquitetura da polarização, perscrutando de que modo tal conglomerado articula suas defesas em torno de um denominador identitário partilhado, adensando o dissenso. Outrossim, investigaremos se, no decurso da constituição desse polo opositor, afloram representações da mulher convergentes, análogas ou dissonantes daquelas mobilizadas por Schutz na construção do seu *ethos de conselheiro* no

short 2. Vejamos abaixo na tabela 25, os *prints* dos comentários que formam o grupo de Oponentes do *short 2*:

Tabela 25: Sequência de *prints* de comentários do grupo de Oponentes que se unem na interação selecionada do *short 2*

Comentário dos Oponentes	
Oponentes de 01 a 05	Oponentes de 06 a 10
<p>O1SH2 há 1 ano Vc é um sonhador e não vou contrária lo!!! 🤔🤔🤔🤔 👍 12 🗨️ Responder</p>	<p>O6SH2 Normalmente quem recebe esse suporte emocional e de cura é a mulher. 👍 🗨️ Responder</p>
<p>O2SH2 há 1 ano Confia 👍 3 🗨️ Responder</p>	<p>O7SH2 A mulherada odeia o cara do Campari e seg o cara na internet kkkkk mulheres ... 😂😂 👍 🗨️ Responder</p>
<p>O3SH2 há 1 ano Sabe de nada, inocente. Traduzir para o português 👍 6 🗨️ Responder</p>	<p>O8SH2 Mas o mais comum são mulheres agirem assim meu nobre. Bem vindo ao mundo re 👍 🗨️ Responder</p>
<p>O4SH2 há 1 ano Já trabalhei com os dois sexos e te garanto o homem é eternamente grato. 👍 12 🗨️ Responder</p>	<p>O9SH2 há 1 ano Só que as mulheres são mais propensas a f isso. 👍 🗨️ Responder</p>
<p>O5SH2 há 1 ano Lá vai mais um feminista 👍 🗨️ Responder</p>	<p>O10SH2 Puts os caras nunca vão aprender mesmo inocente 👍 🗨️ Responder</p>
Oponentes de 11 a 12	



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Consoante aos dados expostos na Tabela 25 acima, observa-se que O1SH2 se insurge frontalmente contra o comentário inaugural de P1SH2, o qual propugna a dissociação entre qualidade de caráter e determinismo de gênero, atribuindo eventuais condutas exclusivamente às escolhas individuais (conforme vimos anteriormente), instaurando, destarte, a situação argumentativa que inaugura a estase. Isto é, colocando em disputa a resposta para a pergunta argumentativa e instaurando o dissenso. Em tom flagrantemente irônico, sinalizado pelo emoji “😂”, O1SH2 retruca: “*Vc é um sonhador e não vou contrária lo!!! 😂😂😂😂😂*”. Em seguida, novos Oponentes irrompem na arena discursiva, alinhando-se integralmente ao parecer de O1SH2 e qualificando P1SH2 como ingênuo e alheio às nuances da realidade: O2SH2 limita-se a insinuar “*Confia*”; O3SH2 sentencia “*Sabe de nada, inocente*”; e, por derradeiro, O10SH2 exclama: “*Puts os cara nunca vão aprender mesmo inocente*”, reiterando o juízo de que a perspectiva de P1SH2 está dissociada do que o grupo de Oponentes acredita ser a “verdade”.

Os interactantes O4SH2, O6SH2, O8SH2, O9SH2 e O11SH2 erigem suas intervenções no intuito simultâneo de refutar a perspectiva dissidente e robustecer a tese defendida por Schutz. Assim, amparando-se em sua experiência profissional, O4SH2 assevera que “*o homem é eternamente grato*”, aludindo à lenda evocada no *short 2* como prova empírica da assertiva. Em perfeita consonância os demais interactantes, O8SH2 sustenta que a descrição proposta por Schutz corresponde fidedignamente ao cotidiano, pois “*o mais comum são mulheres agirem assim*”. O9SH2, por sua vez, faz seu apoio ao alegar que as mulheres exibem maior predisposição a se comportarem da forma exposta por Schutz: “*as mulheres são mais propensas a fazer isso*”.

A ele se soma O6SH2, segundo o qual “*normalmente quem recebe esse suporte emocional e de cura é a mulher*”, insinuando que tal cuidado raras vezes acontece por parte da mulher. Coroando o elenco, O12SH2 requisita os préstimos da neurociência, da biologia e da psicologia para conferir “verniz científico” à tese, concluindo, que “*ele [Schutz] está certo tipo uns 80 % das vezes, é assim como descrito no vídeo*”. Desse modo, o grupo instaura um *front* que remete a uma epistemologia *redpill*, na qual a interpretação sobre a mulher surge, *a priori*, como agente ingrato, manipulador e emocionalmente parasitário do homem.

Os interactantes O5SH2 e O7SH2 aderem ao polo Oponente por meio de manifestações mais elípticas, assentadas sobretudo na desqualificação de P1SH2 e de interactantes mulher que manifestaram apoio a P2SH2. O5SH2 recorre ao epíteto depreciativo “feminista”, apostrofando o dissidente com a sentença: “*Lá vai mais um feminista*”. O7SH2, por sua vez, ironiza a presença de mulheres contrárias ao conteúdo de Thiago Schutz, sugerindo que não deveriam sequer interagir com ele, e destila seu escárnio nos termos: “*A mulherada odeia o cara do Campari e seguem o cara na internet kkkkk mulheres...* 😂😂😂”.

Por fim, O11SH2 intervém de modo simultaneamente conciliador e crítico. Ele evoca a ideia de que “*antigamente era assim*”, dirigindo-se a P1SH2 para admitir, de saída, que a visão deste, segundo a qual o gênero não predetermina o caráter, poderia até se ajustar a um passado idealizado, em que condutas femininas e masculinas eram tomadas como distintas. Em seguida, porém, reconfigura o argumento para o presente e afirma que “*a mulher se iguala ao homem tanto nas qualidades quanto nos defeitos*”. Com isso, sugere que as mulheres podem exibir intenções tão questionáveis quanto as dos homens. Trata-se de uma concessão estratégica: O11SH2 acolhe parcialmente a premissa de P1SH2 para, em seguida, neutralizá-la. Ao afirmar a simetria moral contemporânea entre homens e mulheres, ele converte essa formulação em defesa da tese de Schutz, uma vez que desloca as mulheres para o mesmo polo de defeituosidade atribuído aos homens.

À medida que a aliança argumentativa se consolida, evidencia-se a convergência dos Oponentes em torno de um valor identitário de solidariedade masculina em torno da interpretação social da mulher. Sob o viés *redpill*, essa solidariedade masculinista assume a condição de imperativo ético-pragmático: conclama os homens a manterem-se coesos, lúcidos e em vigilância permanente diante da suposta manipulação feminina. Os que compartilham tal desconfiança são enaltecidos como “*realistas*” e esclarecidos; quem a refuta, como P1SH2, é rotulado de ingênuo ou “*feminista*”. Assim, a identidade do polo opositor cristaliza-se na defesa de uma fraternidade masculina que se autoproclama guardião da “verdade” sobre as dinâmicas amorosas

heterossexuais, erigindo um bastião argumentativo contra qualquer tese, pessoa ou grupo que relativize ou conteste suas premissas. Desse modo, o conglomerado de Oponentes mobiliza a representação da mulher usurpadora, tal como propugnado por Schutz no *short 2*, presumida, por natureza, carente de lealdade e altruísmo para com os homens. Vejamos em síntese na tabela 26 abaixo:

Tabela 26: Síntese do percurso das interações dos Oponentes

	Interactantes	Descrição sintética	Exemplo de enunciados
Início da estase	O1SH2, O2SH2, O3SH2	Abertura do polo opositor por meio de escárnio: desqualificam P1SH2 e instauram o conflito.	“Vc é um sonhador e não vou contrária lo!!! 😄😄😄😄😄” (O1SH2); “Confia” (O2SH2); “Sabe de nada inocente” (O3SH2).
Valor identitário compartilhado	Todos	Consolidação de uma união masculina que se proclama guardiã da “verdade” sobre as mulheres.	“Já trabalhei com os dois sexos e garanto que o homem é eternamente grato” (O4SH2).
Representação da mulher	Todos	Mulher vista como ingrata, manipuladora, moralmente dúbia e biologicamente propensa a explorar os homens.	“Mais comum são mulheres agirem assim” (O8SH2); “biologia e neurociência e psicologia provam isso” (O12SH2).
Representação da mulher de Thiago Schutz	Não se aplica	Mulher oportunista/usurpadora. A mulher surge como oportunista que vampiriza afeto e recursos do parceiro e o descarta em ruínas.	“pegue uma mulher destruída (...) cure-a (...) e ela vai te deixar destruído” (linhas 1-A e 2-A)

Fonte: elaboração da autora.

Tal representação da mulher como oportunista/usurpadora, concebida como sujeito biologicamente fadado à ingratidão, à exploração afetiva e a condutas moralmente vacilantes, reverbera nos comentários com matizes distintos, mas convergentes. O4SH2, resguardado por sua experiência profissional, assevera que “*o homem é eternamente grato*”, ao passo que a mulher seria incapaz de retribuir em igual medida. O8SH2 e O9SH2, por sua vez, invocam estatísticas de legitimidade duvidosa, sustentando que “*o mais comum são mulheres agirem assim*” ou que “*as mulheres são mais propensas a fazer isso*”, naturalizando tais atitudes como norma universal. O12SH2 lança mão de supostos fundamentos da neurociência, da biologia e da psicologia, procurando inscrever a inclinação manipuladora na própria tessitura constitutiva do feminino. Por fim, O7SH2, em tom satírico, reforça a alegada incoerência e frivolidade das mulheres ao ridicularizar aquelas que criticam Schutz, mas continuam consumindo seus conteúdos, fechando o círculo argumentativo que cristaliza a imagem da mulher sob o signo da desconfiança e da inferioridade moral.

2.3 Desqualificação do adversário: violência e emoções na difusão de representações da mulher nos *shorts* 3 e 4

Nesta seção, empreendemos uma descrição e análise das interações extraídas dos *shorts* 3 e 4, com o fito de deslindar movimentos de desqualificação do adversário e, sobretudo, de cartografar as representações da mulher convocadas pelos interactantes, indagando se tais representações convergem, tangenciam ou se apartam das difundidas por Thiago Schutz nos mesmos *shorts*. Cumpre reiterar que a desqualificação do adversário constitui um dos pilares da polêmica (Amossy, 2017). Trata-se, em derradeira análise, de um dispositivo estático: ao corroer a legitimidade da tese rival, ele não apenas reiterativa o dissenso, mas perpetua o conflito.

Cumpre enfatizar, contudo, que a desqualificação do adversário não se circunscreve apenas em ferir a tessitura argumentativa da tese adversa: frequentemente assenta-se em investidas pessoais que ultrapassam o escopo do debate. Como adverte Amossy (2017, p. 59), ela “costuma acompanhar a desqualificação da pessoa ou do grupo que a representa”. A ofensiva, pois, transborda para a esfera identitária do adversário, insinuando fissuras em sua credibilidade, probidade ou autoridade, operando uma estratégia de demonização destinada a pulverizar-lhe a legitimidade. Nesse itinerário, a violência verbal e a mobilização das emoções, insultos, escárnio, indignação moral e provocações, emergem como catalisadores que condensam e exacerbam as tensões já latentes.

Deter-nos-emos na incidência e na tessitura dos recursos emocionais e de violência verbal, investigando suas contribuições no decurso da mobilização da desqualificação do adversário, a fim de deslindar, as representações da mulher que se disseminam no ambiente digital em análise. Ademais, mobilizaremos o aparato teórico do MDA, notadamente os papéis actanciais de Proponente, Oponente e Terceiro, bem como os constructos da questão argumentativa, situação argumentativa e estase, para alicerçar nossa investigação.

Cumpramos recordar que, nos *shorts* 3 e 4, Thiago Schutz edifica *ethé* distintos, estruturando-os através de recursos tecnodiscursivos, cenográficos e emocionais/patêmicos empregados de maneira estratégica e intencional. No *short* 3, intitulado “*Você gosta de comer pão?*”, Schutz projeta um *ethos de redentor*, sustentado pela analogia entre o pão contaminado, manipulado e rejeitado, e a mulher sexualmente ativa, caracterizada como impura e moralmente degradada. Por meio dessa analogia, Schutz se posiciona como uma figura redentora incumbida da missão de alertar e libertar os homens de supostas ilusões relacionadas ao comportamento feminino.

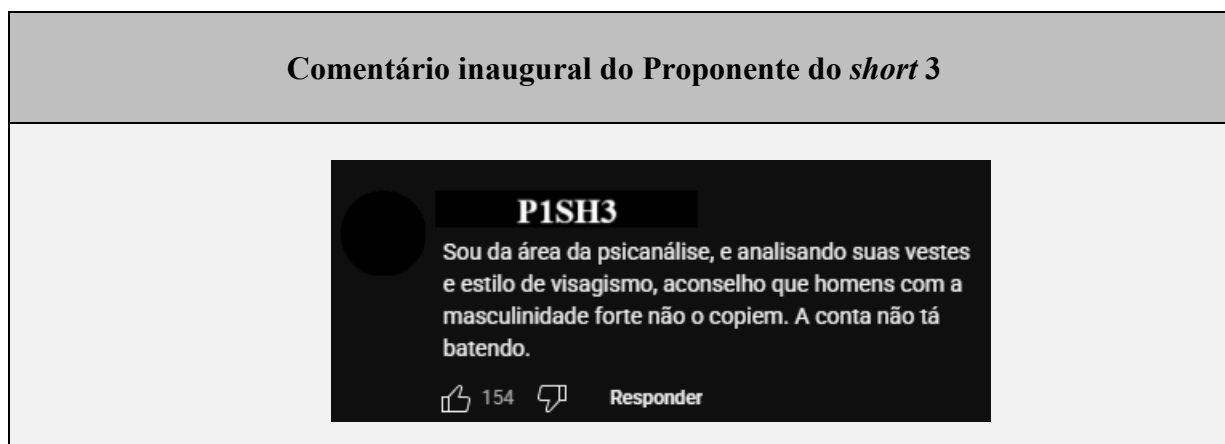
No *short* 4, intitulado “*Melhores momentos – Morning Show (Jovem Pan)*”, Schutz constrói o *ethos de justiceiro*, delineado por uma retórica combativa e protetora em favor dos homens. No *short* 4, Schutz denuncia enfaticamente o que considera injustiças sociais dirigidas ao gênero masculino, resultantes de privilégios sociais femininos, mobilizando emoções como indignação e sentimento de injustiça, que visam fortalecer sua imagem como defensor legítimo dos direitos masculinos frente ao discurso feminista.

Quanto às representações da mulher articuladas por Schutz para sustentar seus *ethé*, identificamos que, no *short* 3, a mulher sexualmente ativa é retratada como impura, contaminada e moralmente perigosa, cuja associação simbólica à sujeira justifica uma postura de vigilância constante e admoestação direcionada aos homens. Já no *short* 4, Schutz opera com duas representações da mulher. Primeiramente, apresenta as mulheres acima dos 40 anos como desprovidas de valor erótico e social, reduzindo a desejabilidade feminina exclusivamente à juventude. Em segundo lugar, repercute a representação da mulher vitimista, responsabilizando-a pela própria objetificação sexual.

Para estruturar nossa análise, partiremos do comentário inaugural do Proponente, responsável por desencadear o debate na interação selecionada. Na sequência, examinaremos os comentários dos Oponentes, cujas estratégias argumentativas mobilizaram tentativas explícitas de desqualificação do Proponente supracitado, nos atentando a evocação de emoções e violência verbal. Por fim, descreveremos as representações da mulher emergentes dessas interações, comparando-as às representações mobilizadas por Thiago Schutz, conforme explicitado na

primeira seção deste capítulo, com o intuito de identificar eventuais convergências ou divergências representacionais.

Tabela 27: *Print* do comentário inicial da interação selecionada no *short 3*



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Consoante se infere da tabela 27 acima, o comentário inaugural de P1SH3 deflagra a interação polêmica do *short 3*. A Proponente investe contra a tese veiculada por Thiago Schutz, atacando sua legitimidade ao ironizar seu vestuário e insinuar questionamentos sobre sua virilidade: “*homens de masculinidade forte não o copiem. A conta não tá batendo*”. Dessa crítica irônica, que na realidade, trata-se de uma tentativa de desqualificação do adversário, emana a questão argumentativa axial da interação: “*Seriam as vestes exibidas por Schutz suficientes para comprometer a autoridade que ele intenta mobilizar?*” Com o tensionamento instaurado, irrompem Oponentes resolutos a dissolver a credibilidade de P1SH3, valendo-se de um arsenal argumentativo assente na desqualificação, na violência verbal e na manipulação das emoções, expedientes que adensam o dissenso.

Na tabela 28 que se segue, dispõem-se as capturas de tela (*prints*) dos comentários extraídos da interação polêmica selecionada do *short 3*, na qual os interactantes recorrem a variadas estratégias de desqualificação para descredibilizar a tese de P1SH3. Exponhamos, pois, o material:

Tabela 28: *Print* da sequência de comentários dos Oponentes coletados de uma interação no *short 3*

Comentário dos Oponentes do <i>short 3</i>	
Oponentes de 01 a 05	Oponentes de 06 a 10

O1SH3
Muda de Área, ou Estuda mais, sou da Área de Ciências Humanas tb, Direito, e não aconselho nenhum Homem seguir seu Conselho !
31 likes · Responder

O2SH3
Ele tem toda a razão as mulheres com a liberdade sexual viraram GP civil, a única diferença é que algumas não cobram . Não existe mais mulher para ser uma esposa. Servem só para serem amantes .
Mostrar menos
29 likes · Responder

O3SH3
Falou a mulher que acha que entende de homem 😂😂😂
4 likes · Responder

O4SH3
Tá todo mundo ligando pra sua opinião mo kkkkkk
Responder

O5SH3
Dando pitaco na vestimenta alheia? Roupa não define caráter, não é isso que vcs mulheres dizem? 😂
3 likes · Responder

O6SH3
Só porque geral já passou a língua em vc k
1 like · Responder

O7SH3
Minha cunhada tbm é da psicanálise, ela é muito perturbada. A mulher que matou o cara com o brigadeirão envenenado tbm é psicóloga aí a pergunta que fica: porque esse pessoal da área da psicologia são tudo problemático?
Mostrar menos
1 like · Responder

O8SH3
Que dó..ala
Traduzir para o português
Responder

O9SH3
Falou o pão lambido.
Vai ficar no chão e esperando um pegar para comer.
1 like · Responder

O10SH3
Falar a vdd ofende vcs mulheres né kkkkk
1 like · Responder

Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Tal como exposto na Tabela 27 acima, em resposta a tese de P1SH3, O1SH3 deflagra o contra-ataque com de matiz profissional-intelectual. O1SH3 declara, “incompetente”, exorta-a a “mudar de profissão” e, em tom severamente dissuasório, adverte que nenhum homem deveria acatar-lhe os conselhos. A investida alia violência verbal, porquanto agride a idoneidade cognitiva da Proponente sem rebater o cerne de sua tese e a uma mobilização afetiva destinada a fomentar o temor de uma orientação “perniciosa”. Ademais, O1SH3 também é responsável por inaugurar a estase e a situação argumentativa em torna da questão argumentativa: “*Seriam as vestes exibidas por Schutz suficientes para comprometer a autoridade que ele intenta mobilizar?*” O2SH3 intensifica a investida ao fulminar a tese de P1SH3 com violência verbal de índole identitária: assevera que “*as mulheres com liberdade sexual viraram GP civil, a única diferença é que não cobram*”, enunciado que instaura uma depreciação visceralmente misógina e reifica o grupo ao qual pertence P1SH3 como mera mercadoria sexual. Já O3SH3 envereda

pela ridicularização sexista, ironizando: “*Falou a mulher que acha que entende de homem 😂😂😂*”, formulação que conjuga violência verbal pautada na descredibilidade cognitiva, a premissa de que a mulher é sistemicamente inapta para discorrer sobre assuntos masculinos, mesclado ao uso de emojis de escárnio que amplificam a depreciação.

Na esteira da refutação inaugurada por P1SH3, erguem-se quatro novos Oponentes que conjugam violência verbal a orquestração de afetos para corroer-lhe a autoridade. O4SH3 finca-se no sarcasmo desdenhoso, proclamando: “*Tá todo mundo ligando para sua opinião, moça kkkkkk*”. O riso grafado (“kkkkkk”) converte-se em marcador de escárnio, evocando desprezo e pilotando um horizonte emocional de ridicularização cuja meta é isolar P1SH3 perante uma plateia presumidamente masculina. O5SH3 introduz uma estratégia de reversão argumentativa aliada a ironia: “*Roupa não define caráter, não é isso que vocês mulheres dizem? 😂*”. O enunciado transfigura a tese crítica de P1SH3 num contra-ataque que a incrimina por suposta incoerência, ao mesmo tempo em que ativa violência verbal contra o grupo identitário feminino, na qual P1SH3 faz parte. O emoji de riso acentua a atmosfera de desdenho, instilando o sentimento de incompetência perante a Proponente e, por extensão, perante as mulheres. O6SH3 radicaliza a interação, insinuando promiscuidade sexual: “*só porque geral já passou a língua em você kkk*”. A construção mobiliza misoginia explícita, respaldada por uma gargalhada textual, para desencadear sentimentos de vergonha e humilhação pública em P1SH3. Por sua vez, O9SH3 retoma a metáfora do “pão contaminado” exportada por Schutz no *short 3*, afirmando: “*Vai ficar no chão esperando alguém pegar pra comer*”. Trata-se de uma violência verbal que mistura misoginia e repulsa, acionando emoções de desprezo: à Proponente é negada agência, reduzindo-a a objeto abjeto destinado ao descarte ou consumo sexual.

O7SH3 insinua que a formação psicanalítica da Proponente se associa a episódios reais de assédio, assassinato e desequilíbrio psíquico contra homens: “*Esse pessoal da psicologia são tudo problemático?*”. A estratégia de desqualificação amalgama estigmatização profissional e mobiliza emoções de desconfiança e repulsa, isto é, o público é levado a suspeitar da sanidade e da probidade profissional de P1SH3. O8SH3 recorre a violência verbal ao mobilizar o escárnio piedoso: “*Que dó... alá*”. Sob a aparência de compaixão, opera-se uma violência verbal que esvazia a agência da Proponente, enquadrando-a como figura digna de pena. A emoção mobilizada é a comiseração irônica, destinada a reforçar a insignificância da interlocutora perante a audiência. Por fim, O10SH3 aciona um sarcasmo grupal: “*Falar a vdd ofende vcs mulheres né? kkkkk*”. Aqui aflora uma dupla investida: a violência verbal por meio da ridicularização misógina que deslegitima o grupo identitário de P1SH3 pela suposta incapacidade de suportar a “verdade”

de Schutz e a humilhação pública realçada pela risada textual (“kkkkk”), catalisando emoções de escárnio.

Ao examinar a interação polêmica instalada nos comentários do *short 3*, deparamo-nos com um repertório de representações da mulher que se adensam em torno de um eixo comum de desqualificação, ecoando, e, em certos pontos, ampliando, a representação da mulher impura cunhada por Thiago Schutz no *short 3*. Vemos emergir as representação da mulher evocadas pelo grupo de Oponentes: mercadoria, mulher impura, mulher incompetente e da mulher trivial/risível.

No que tange a representação da mulher mercadoria, vemos isso por exemplo, na invectiva de O2SH3: “*As mulheres com liberdade sexual viraram GP civil, a única diferença é que não cobram*”. A fala reduz o corpo feminino a bem de consumo de baixo custo, convertendo a liberdade sexual em sinônimo de prostituição informal. Tal formulação sustenta a mesma lógica insinuada por Schutz quando equipara a mulher a um alimento manuseado e, por isso, depreciado. A mulher impura ressurgem em O9SH3, que reprisa a metáfora contaminante do *coach* e desumaniza a Proponente: “*Vai ficar no chão esperando alguém pegar pra comer*”. Ao posicionar P1SH3 como resto alimentício abandonado, o Oponente cristaliza uma combinação de nojo e repulsa que reforça a noção de sujeira moral disseminada por Schutz no axioma do “pão contaminado”.

Já a mulher incompetente emerge na chacota sexista de O3SH3: “*Falou a mulher que acha que entende de homem 😂😂😂*”. A premissa de incapacidade epistêmica (“mulher não entende”) traduz-se numa violência verbal que priva a interlocutora de qualquer autoridade cognitiva. Por fim, a mulher trivial ou risível é estampada por O4SH3, que desdenha: “*Tá todo mundo ligando pra sua opinião, moça kkkkkk*”. O riso grafado converte-se em marcador de irrelevância, sinalizando que a voz feminina não merece escuta séria; da piedade zombeteira de O8SH3 — “*Que dó... alá*” — emana idêntico efeito: a compaixão fingida despotencializa a fala de P1SH3. Vejamos em síntese na tabela 29 abaixo:

Tabela 29: Síntese do percurso das interações dos Oponentes

Representação da mulher	Exemplo literal	Emoções e violência verbal mobilizadas	Vínculo com a representação de Thiago Schutz
-------------------------	-----------------	--	--

Impura / contaminada, mobilizada por Schutz	“ <i>Cem pessoas passaram a língua no pão</i> ” (Schutz)	Nojo e repulsa; vilificação moral (mulher = resíduo insalubre).	Origem (analogia matriz).
Mercadoria	“ <i>As mulheres com liberdade sexual viraram GP civil, a única diferença é que não cobram</i> ” (O2SH3)	Desprezo; mercantilização insultuosa; misoginia explícita (redução a objeto comercial).	Convergente, reforça lógica de uso/descartabilidade.
Impura	“ <i>Vai ficar no chão esperando alguém pegar pra comer</i> ” (O9SH3)	Nojo; desumanização; humilhação abjeta (mulher como lixo alimentício).	Idêntica, replica a metáfora higienista.
Incompetente	“ <i>Falou a mulher que acha que entende de homem</i> 😏😏😏” (O3SH3)	Escárnio; ridicularização cognitiva; misoginia (negação de autoridade intelectual).	Complementar, estende a inferioridade ao plano intelectual.
Trivial / risível	“ <i>Tá todo mundo ligando pra sua opinião, moça kkkkkk</i> ” (O4SH3) e “ <i>Que dó... alá</i> ” (O8SH3)	Menosprezo; piedade condescendente; humilhação pública (opinião feminina tornada irrelevante).	Expansiva – projeta o desprezo ao espaço social.

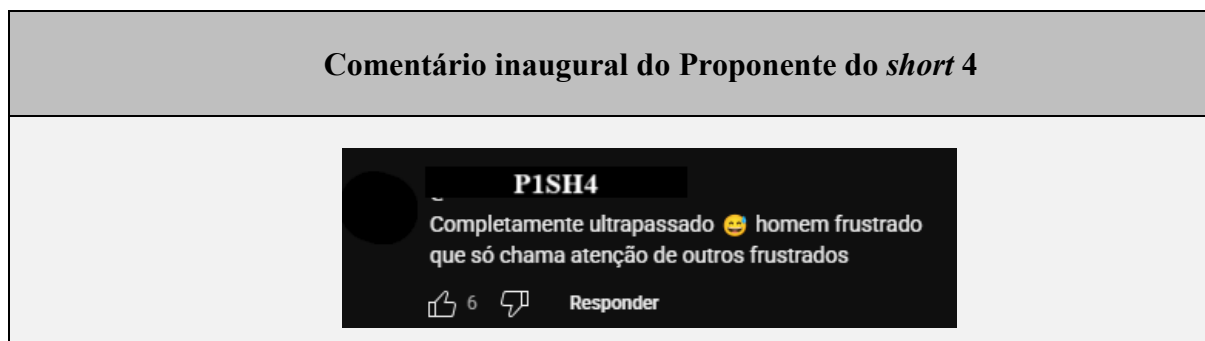
Fonte: elaboração da autora.

Esgotado o escrutínio do *short* 3, no qual mapeamos minuciosamente os movimentos de desqualificação do adversário, a tessitura da violência verbal e as emoções mobilizadas, com o propósito de averiguar se/e de que modo as representações da mulher veiculadas se alinham, assemelham ou contrapõem à representação da mulher impura projetada por Thiago Schutz, voltamos agora nosso olhar para o *short* 4, trilhando idêntico percurso analítico e teórico, sempre à luz do MDA.

Nessa seção, procederemos, de forma equânime: (a) à identificação do comentário inaugural que desencadeia a interação polêmica; (b) à identificação e descrição dos movimentos de desqualificação do adversário, incluindo violência verbal e emoções—; e (c) comparação das

representações da mulher emergentes na interação, confrontando-as com aquelas projetadas por Thiago Schutz no *short 4*. Vejamos na tabela 30 a seguir o comentário inaugural da interação coletada:

Tabela 30: *Print* do comentário inicial da interação selecionada no *short 3*

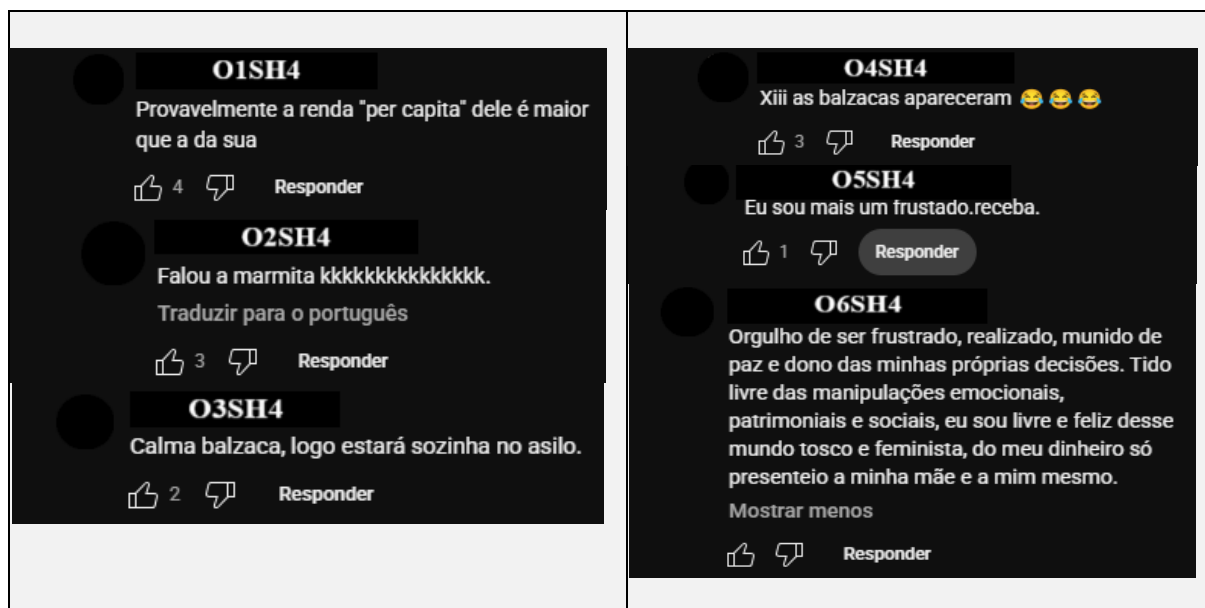


Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Como se pode observar na tabela 30 acima, a interactante P1SH4 inaugura a interação polêmica mobilizando argumentos de desqualificação sobre a tese de Thiago Schutz no *short 4*, descredibilizando sua competência cognitiva e emocional, bem como, seu grupo pertencente: os homens. P1SH4 afirma: “*Completamente ultrapassado 😏 homem frustrado que só chama atenção de outros frustrados*”. Nesse momento P1SH4 instaura a questão argumentativa cuja resposta será disputada entre os demais interactantes: “*Thiago Schutz transmite conteúdos ultrapassados e com viés emocional latente?*”. Na tabela 31 a seguir, encontra-se *prints* dos comentários dos interactantes que se posicionaram como Oponentes a P1SH4. Vejamos abaixo:

Tabela 31: *Print* da sequência de comentários dos Oponentes coletados de uma interação no *short 4*

Comentário dos Oponentes do <i>short 4</i>	
Oponentes de 1 a 3	Oponentes de 4 a 6



Fonte: página oficial do *Youtube* de Thiago Schutz.

Na tabela 31, os movimentos de desqualificação a P1SH4 revelam, ao mesmo tempo, o emprego de violência verbal, manifestada em ofensas e rótulos pejorativos que visam corroer a credibilidade da proponente e a mobilização de emoções, acionadas por meio de ironias e insinuações que buscam evocar vergonha, medo, estigmatização e desamparo. Assim, quando O1SH4 afirma que “*a renda per capita dele é maior que a sua*”, não há apenas um questionamento econômico, mas sim um agravo pessoal que constringe e inferioriza a adversária; já o epíteto “*Falou a marmita kkkkkkkkkkkkkkk*”, proferido por O2SH4, conjuga sarcasmo e misoginia, instigando a depreciação de P1SH4; a designação “*balzaca*” atribuída por O3SH4 e O4SH4 ultrapassam o mero julgamento ético, projetando um cenário de objetificação e misoginia, “*logo estará sozinha no asilo*” (O3SH4) e “*Xii as balzacas apareceram 🤪🤪🤪*”.

Quanto aos interactantes O5SH4 e O6SH4, verifica-se a adoção de táticas híbridas de desqualificação, as quais entrelaçam a contestação fundamentada da tese apresentada por P1SH4 com alusões depreciativas a seu grupo pertencente: as mulheres. Em contraste com os interlocutores precedentes, cujas investidas se ergueram predominantemente sobre alicerces de violência verbal e apelos emocionais voltados à esfera íntima da Proponente, estes opositores conduzem sua crítica numa combinação de escrutínio argumentativo e breves, porém incisivos, ataques pessoais. O5SH4, por exemplo, desarma a tese de P1SH4 ao rotulá-la de inofensiva e incapaz de lhe causar qualquer desconforto; em seguida, reformula o argumento adversário e argumenta: “*Eu sou mais um frustrado. receba.*” Já O6SH4, munido de maior propriedade argumentativa, reelabora a noção de “*frustração*” proposta por P1SH4, como um privilégio que confere ao indivíduo autonomia e bem-estar, ao declarar: “*eu sou livre e feliz desse mundo tosco*”.

feminista, do meu dinheiro só presenteio a minha mãe e a mim mesmo”. Com esse enunciado, O6SH4, não só profere violência verbal contra P1SH4, mas também a inscreve no campo semântico de um feminismo manipulador e malefício, imputando-lhe a responsabilidade pelos males que, alegadamente, afligem os homens. Vejamos em síntese na tabela 32 abaixo:

Tabela 32: Síntese do percurso das interações dos Oponentes

Representação da mulher mobilizada	Enunciados literais que comprovam	Emoções e/ou violência verbal mobilizadas	Vínculo com a representação de Schutz no <i>short 4</i>
Mulher economicamente inferior e desprovida de autoridade	“ <i>a renda per capita dele é maior que a sua</i> ” (O1SH4).	Inferiorização; constrangimento.	Amplia a representação da mulher envelhecida e desvalorizada, ao deslocar a representação da mulher para a esfera patrimonial e intelectual.
Mulher mercadoria	“ <i>Falou a marmitta kkkkkkkkkkkkkkk</i> ” (O2SH4).	Sarcasmo; riso depreciativo e misoginia.	Ecoa a representação da mulher vitimista, pois reduz a mulher a mercadoria a ser “consumida” e desprezada, tal como Schutz acusa as mulheres de “se venderem”.
Mulher velha	“ <i>logo estará sozinha no asilo</i> ” (O3SH4) e “ <i>Xii as balzacas apareceram 😊😊😊</i> ” (O4SH4).	Estigmatização etária e misoginia.	Reforça diretamente a representação da mulher envelhecida e desvalorizada, ao explorar o receio social de exclusão por “envelhecimento” que Schutz veicula como prova de perda de valor.

Mulher inofensiva	<i>“Eu sou mais um frustrado. receba.”</i> (O5SH4).	Ironia, depreciação e subversão do argumento da Proponente.	Contrapõe-se ao <i>ethos de justiceiro</i> de Schutz, ao tornar inofensiva a crítica feminina.
Mulher manipuladora	<i>“eu sou livre e feliz desse mundo tosco feminista do meu dinheiro só presenteio a minha mãe e a mim mesmo”</i> (O6SH4).	Insulto ao grupo identitário da proponente.	Converge com a representação de mulher vitimista, ao acusar o feminismo (e, por extensão, as mulheres) de manipular e oprimir os homens, exatamente como Schutz elabora em sua tese.

Fonte: elaboração da autora.

Conforme a tabela 27 acima, nos comentários do *short* 4, os Oponentes reiteram e ampliam as representações da mulher propagadas por Schutz de forma personalizada: O1SH4 inferioriza a mulher ao dizer “*a renda per capita dele é maior que a sua*”; O2SH4 a reduz a objeto ao chamar “*Falou a marmitta kkkkkk*”; O3SH4 e O4SH4 estigmatizam a idade com “*logo estará sozinha no asilo*” e “*Xii as balzacas apareceram 😂😂😂*”; O5SH4 desarma a crítica de P1SH4 ao declarar “*Eu sou mais um frustrado. receba.*”; e O6SH4 demoniza P1SH4 inserindo em um arcabouço simbólico ligado ao “feminismo toxico” ao afirmar “*eu sou livre e feliz desse mundo tosco feminista...*”. Cada intervenção ecoa as representações da mulher desvaloriza pela idade e da mulher vitimista, propaladas por Thiago Schutz, ampliando-as a outras esferas valorativas.

3. Consonâncias e dissonâncias entre as representações da mulher mobilizadas por Schutz e as representações da mulher reverberadas pelos internautas

No cerne deste estudo, evidenciou-se uma clara consonância entre as representações da mulher articuladas por Thiago Schutz na edificação de seus *ethé* e aquelas repercutidas pelos internautas em seus comentários nos quatro *shorts* selecionados, com raras exceções. As representações da mulher, primitiva, impura, usurpadora/oportunista, cuidadora, envelhecida/desvalorizada e vitimista, foram mobilizadas estrategicamente pelo enunciador para sustentar a construção de seus *ethé* de especialista, conselheiro, redentor e justiceiro.

No *short 1*, a representação da mulher primitiva serve como contraponto aos arquétipos do comedor vagabundo e do virjão. Por meio dessa representação, Schutz constrói seu *ethos de especialista*, projetando a interpretação da mulher como movida por instintos pulsionais e desprovida de racionalidade. Nas interações polêmicas do *short 1*, com enfoque na dicotomização, tal como analisamos e descrevemos na seção anterior, a maioria dos Oponentes procurou reforçar tal interpretação social sobre a mulher: declarações como “*não conheço nenhuma mulher que não seja assim*” ratificam a ideia de um determinismo biológico. Ainda que uma Proponente tenha tentado refinar o debate, distinguindo mulheres “emocionadas e fúteis” das mulheres “racionais”, manteve-se o eixo representacional de base da mulher primitiva, demonstrando como a matriz representacional da mulher proferida por Schutz no *short 1*, reverberou nos argumentos do movimento interativo dos internautas.

No *short 2*, em que Schutz propala a representação da mulher oportunista e da mulher cuidadora, mediante a evocação de uma lenda japonesa, o *coach* legitima seu *ethos de conselheiro* ao advertir os homens sobre o suposto oportunismo feminino na sociedade. Ali, as representações de mulher oportunista/usurpadora e de cuidado maternal funcionam como engrenagens simbólicas que sustentam sua autoridade: ele não só aponta riscos ocultos, mas se oferece como guia para evadi-los. Nas interações polêmicas formaram-se dois blocos antagônicos. Do lado opositor, simpatizantes a tese de Schutz reproduziram e/ou expandiram entusiasticamente a representação da mulher oportunista/usurpadora, “*o mais comum são mulheres agindo assim*”; de outro, o grupo de Proponentes emergiu em defesa da autonomia moral, afirmando que caráter e fidelidade são atributos individuais, não condicionados pelo gênero.

No *short 3*, a analogia do pão contaminado, proferida por Schutz, confere ao enunciador um *ethos de redentor*: ele assume o papel daquele que alerta homens ingênuos contra a chamada “impureza” feminina. Ao associar a mulher sexualmente ativa à sujeira e à desvalorização, Schutz consolida sua missão salvífica e propala a representação da mulher impura. Nas interações por comentários do *short 3*, os Oponentes não apenas ecoaram a representação da mulher impura, comparando mulheres a “GP civil” ou a restos alimentícios no chão, como também a ampliaram com insultos misóginos, ampliando o repertório representacional da mulher segundo a ótica do *coach* (mercadoria, impura, incompetente e trivial).

Por fim, no *short 4*, Schutz adota um *ethos de justiceiro*, denunciando privilégios femininos e inflamando indignação masculina contra um suposto feminismo “tóxico”. Nos comentários analisados, emergem e se entrelaçam diversas representações da mulher que ecoam

e ampliam a representação da mulher envelhecida/desvalorizada e da mulher vitimista previamente mobilizadas por Thiago Schutz. Nessa ampliação, vimos emergir a mulher economicamente inferior e desprovida de autoridade, evocada quando se aponta que “*a renda per capita dele é maior que a sua*”; a mulher mercadoria, reduzida a objeto de consumo e descarte na expressão “*Falou a marmita kkkkkkkkkkkkkkk*”; a mulher velha, estigmatizada e desvalorizada pela idade, como em “*logo estará sozinha no asilo*” e “*Xii as balzacas apareceram 😄😄😄*”; a mulher inofensiva, cuja crítica é esvaziada com “*Eu sou mais um frustrado. receba.*”; e a mulher manipuladora, inscrita em um “*feminismo tosco*” que supostamente oprime os homens, conforme mencionado por um dos Oponentes “*eu sou livre e feliz desse mundo tosco feminista...*”. Tais mobilizações argumentativas não apenas reiteram as representações de mulher vitimista e envelhecida/desvalorizada já difundidas por Schutz, mas também as personalizam e ampliam, ao mesmo tempo em que reposicionam a proponente em um campo simbólico de inferiorização, objetificação, estigmatização etária e demonização ideológica, desqualificando-a.

Em suma, os resultados aqui expostos demonstram que as representações da mulher construídas por Thiago Schutz, primitiva, impura, oportunista/usurpadora, cuidadora, envelhecida/desvalorizada e vitimista, não apenas fundamentaram estrategicamente seus *ethé* de especialista, conselheiro, redentor e justiceiro, mas também foram amplamente reproduzidas, ampliadas e reforçadas pelos internautas nas interações analisadas. Embora tenham emergido vozes dissidentes, que buscaram deslocar ou questionar parcialmente esse repertório representacional, constatou-se que elas dificilmente escaparam por completo das categorias propostas por Schutz, que continuaram balizando o debate. Nesse sentido, tanto a consonância majoritária quanto as dissidências pontuais reafirmaram e perpetuaram padrões interpretativos sobre a mulher, consolidando, por meio das dinâmicas argumentativas observadas, representações da mulher fortemente marcadas por inferiorização, marginalização e misoginia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo principal, investigar e descrever o *ethos/ethé* projetados por Thiago Schutz nos *shorts* selecionados e se possivelmente este mobiliza representações da mulher, que, por sua vez, ecoam nas interações entre os internautas que comentaram tais *shorts*. Para alcançar esse propósito, delinear-se seis objetivos específicos: 1) Identificar e descrever o *ethos* que Thiago Schutz projeta nos *shorts* do *Youtube* que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, considerando, para tanto, os elementos tecnodiscursivos, retóricos, argumentativos e discursivos; 2) Averiguar em que medida os elementos tecnodiscursivos do ambiente digital intervêm, de forma singular, na construção do *ethos* de Schutz; 3) Identificar e descrever possíveis representações da mulher mobilizadas por Schutz na construção do seu *ethos* em cada *short*; 4) Analisar interações polêmicas, presentes nos comentários dos *shorts*, deslindando se/quais representações da mulher os internautas invocam para sustentar seus posicionamentos; 5) Investigar as interações polêmicas presentes nos comentários, à luz dos preceitos do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA) delineando os possíveis papéis actanciais (Proponente, Oponente e Terceiro), a questão argumentativa, a situação argumentativa e a estase e 6) Averiguar, nas interações por comentário coletadas, se os internautas reproduzem, reinterpretam ou contrapõem-se as representações da mulher possivelmente veiculadas na construção do *ethos* de Schutz nos *shorts*.

Em relação ao primeiro objetivo específico, “*Identificar e descrever o ethos que Thiago Schutz projeta nos shorts do Youtube que compõem o corpus de nossa pesquisa, considerando, para tanto, os elementos tecnodiscursivos, retóricos, argumentativos e discursivos*”, realizamos uma análise dos quatro *shorts* selecionados como *corpus*, investigando como Schutz constrói e projeta diferentes *ethé*. Examinamos, detalhadamente, aspectos tecnodiscursivos (*hashtags*, títulos, legendas, elementos audiovisuais), retóricos (como a argumento por analogia), argumentativos (estratégias persuasivas e de legitimação) e discursivos (cenografia, cenas genéricas, vestimenta e tom). Como resultado dessa análise, descrevemos os *ethé* específicos construídos por Schutz, sendo: especialista (*short 1*), conselheiro (*short 2*), redentor (*short 3*) e justiceiro (*short 4*), mostrando como cada um desses *ethé* é intencionalmente construído.

No que tange ao segundo objetivo específico, “*Averiguar em que medida os elementos tecnodiscursivos do ambiente digital intervêm, de forma singular, na construção do ethos de Schutz*”, este foi alcançado mediante um exame minucioso dos elementos tecnodiscursivos presentes nos *shorts*. Investigamos especificamente como *hashtags*, títulos, legendas,

enquadramento visual, gestualidade e vestimentas escolhidas por Schutz desempenharam papel singular na construção e reforço dos seus *ethé*. Notamos, por exemplo, que as *hashtags* funcionam como recurso estratégico para atrair públicos específicos, enquanto títulos e legendas estruturam expectativas e orientam as interpretações sobre o conteúdo da enunciação dos *shorts*. Constatamos, assim, que esses elementos não apenas sustentam, mas potencializam e singularizam o *ethos* projetado por Schutz.

Em relação ao terceiro objetivo específico, “*Identificar e descrever possíveis representações da mulher mobilizadas por Schutz na construção do seu ethos em cada short*”, realizamos uma análise detalhada dos quatro *shorts*, buscando identificar explicitamente quais representações da mulher foram instrumentalizadas por Schutz na edificação de seus *ethé*. Conseguimos identificar seis representações claramente articuladas pelo enunciador: mulher primitiva (*short 1*), mulher oportunista/usurpadora e mulher cuidadora (*short 2*), mulher impura (*short 3*), mulher envelhecida/desvalorizada e mulher vitimista (*short 4*). Cada representação foi detalhadamente descrita e analisada em relação direta com o *ethos* específico (especialista, conselheiro, redentor e justiceiro) mobilizado pelo enunciador.

No que diz respeito ao quarto objetivo específico, “*Analisar interações polêmicas, presentes nos comentários dos shorts, deslindando se/e quais representações da mulher os internautas invocam para sustentar seus posicionamentos*”, foi atingido por meio de um exame criterioso das interações mais acentuadamente antagônicas presentes nos comentários dos quatro *shorts*. Analisamos e descrevemos cuidadosamente as disputas argumentativas ocorridas entre os internautas, verificando quais representações da mulher emergiam como base argumentativa dos comentários. Detectamos que os internautas mobilizaram representações da mulher semelhantes às propagadas por Schutz (tais como mulher primitiva, oportunista, impura, envelhecida, vitimista), bem como novas representações (mulher mercadoria, manipuladora, inferiorizada economicamente), demonstrando a reverberação das representações da mulher propaladas pelo *coach*.

Em relação ao quinto objetivo específico, “*Investigar as interações polêmicas presentes nos comentários, à luz dos preceitos do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA) delineando os possíveis papéis actanciais (Proponente, Oponente e Terceiro), a questão argumentativa, a situação argumentativa e a estase*”, foi concretizado no manuseio do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA) nas interações coletadas nos *shorts*. Meticulosamente identificamos e descrevemos os papéis actanciais (Proponente, Oponente e Terceiro), definimos claramente a questão argumentativa que motivou cada interação, descrevemos a situação argumentativa que

envolveu os interactantes e identificamos os momentos de estase, isto é, os ápices do conflito argumentativo. Como resultado, conseguimos mapear precisamente a dinâmica interacional, elucidando os mecanismos pelos quais as representações da mulher foram operacionalizadas nas interações polêmicas.

No que tange ao sexto objetivo específico, “*Averiguar, nas interações por comentário coletadas, se os internautas reproduzem, reinterpretem ou contrapõem-se as representações da mulher possivelmente veiculadas na construção do ethos de Schutz nos shorts*”, examinamos com rigor cada interação analisada, investigando se as representações da mulher propagadas por Schutz na construção de seus *ethé* nos *shorts*, foram reproduzidas fielmente, reinterpretadas ou contestadas pelos internautas que interagiram por comentários. Identificamos que houve uma predominância significativa de reprodução e ampliação das representações da mulher promulgadas por Schutz, confirmando um efeito mimético. Entretanto, verificamos também que ocorreram reinterpretações pontuais e contestações que, embora minoritárias, indicaram a presença de dissidências internas ao repertório representacional proposto pelo enunciador.

Em relação ao objetivo principal, “*Investigar e descrever o ethos/ethé projetados por Thiago Schutz nos shorts selecionados e se possivelmente este mobiliza representações da mulher, que, por sua vez, ecoam nas interações entre os internautas que comentaram tais shorts*”, foi cumprido de maneira criteriosa e meticulosa através de um percurso analítico rigoroso. Inicialmente, investigamos detalhadamente o *ethos* (ou *ethé*) projetado por Thiago Schutz nos quatro *shorts* selecionados para nosso *corpus*: identificamos precisamente como ele constrói os *ethé* de especialista, conselheiro, redentor e justiceiro, mobilizando estratégias tecnodiscursivas, retóricas, argumentativas e discursivas para fundamentá-las. Em seguida, descrevemos minuciosamente quais representações da mulher foram estrategicamente empregadas por Schutz para legitimar e sustentar esses *ethé*, revelando representações da mulher específicas, tais como mulher primitiva, oportunista/usurpadora, cuidadora, impura, envelhecida/desvalorizada e vitimista.

Na segunda etapa analítica, voltamos nosso olhar meticulosamente às interações entre internautas nos comentários desses *shorts*, com o propósito de examinar se as representações da mulher disseminadas por Schutz reverberam nessas interações. Analisamos criteriosamente os comentários mais expressivos para verificar como os internautas reproduziram, ampliaram ou reinterpretaram as representações da mulher. Como resultado dessa análise, identificamos um efeito mimético significativo, no qual as representações da mulher veiculadas por Schutz foram

amplamente reverberadas e até ampliadas pelos internautas, mesmo entre aqueles que buscaram refutá-las parcialmente.

Desse modo, confirmamos a hipótese inicial da pesquisa: o *ethos* (ou *ethé*) projetado por Thiago Schutz mobiliza representações específicas da mulher que reverberam expressivamente nas interações comentadas pelos internautas, contribuindo para consolidar um ambiente discursivo permeado por estigmatização, antagonismos e violência simbólica contra as mulheres. Tal dinâmica reforça a autoridade discursiva do enunciador e demonstra sua capacidade em influenciar interpretações sociais da mulher no ambiente digital investigado.

Por fim, esperamos que este estudo possa apresentar contribuição relevante para os estudos em argumentação e retórica, especialmente ao explorar as relações entre *ethos discursivo*, *interações polêmicas*, *MDA* e *representações sociais em ambiente digital*. Ao investigar detalhadamente os *ethé* projetados por Thiago Schutz em alguns vídeos curtos (*shorts*) do *Youtube*, tentamos mostrar o modo como estratégias retóricas, argumentativas, discursivas e tecnodiscursivas são operacionalizadas em ambientes digitais, uma esfera que ainda carece de investigações aprofundadas no cenário brasileiro, no tange os estudos da argumentação.

Desse modo, a investigação empreendida busca uma reflexão teórico-metodológica no domínio da argumentação e da retórica, na medida em que tenta mostrar como as abordagens discursivas e tecnodiscursivas permitem desvendar fenômenos argumentativos complexos característicos das plataformas digitais. Ao demonstrar como o *ethos* projetado por um influenciador digital atua simultaneamente como instrumento de legitimação discursiva individual e como vetor de reprodução coletiva de representações sociais, este estudo busca contribuir com um referencial analítico e interpretativo, na tentativa de expandir o horizonte de pesquisas futuras no campo dos estudos linguísticos, argumentativos e retóricos aplicados ao ambiente digital.

Por fim, não é possível encerrar esta investigação sem registrar uma consideração crítica que transcende a dimensão puramente analítica. Os resultados aqui obtidos evidenciam que não se trata apenas de um *corpus* de enunciados a ser descrito, mas da constatação de práticas misóginas que, sob a aparência de aconselhamento masculino, atualizam e legitimam formas de violências contra as mulheres. Nesse sentido, torna-se imprescindível problematizar a naturalização e a banalização da misoginia em espaços digitais, uma vez que tais discursos, ao circularem sem contestação adequada, tendem a consolidar-se como representações hegemônicas e a adquirir o estatuto de verdades sociais legitimadas.

REFERÊNCIAS

- ANGENOT, Marc. *Dialogues de sourds: traité de rhétorique antilogique*. Paris: Mille et Une Nuits, 2008.
- AMOSSY, Ruth. (2001). Ethos at the Crossroads of Disciplines: Rhetoric, Pragmatics, Sociology. *Poetics Today*. 22. 10.1215/03335372-22-1-1.
- AMOSSY, Ruth; HERSCHBERG-PIERROT, Anne. *Estereotipos y clichés*. Tradução: Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- AMOSSY, Ruth. Ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.). 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. Coordenação da tradução: Monica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho; Walquim Souza Pinto... [et al.]. São Paulo: Contexto, 2017. 224 p.
- AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 13, n. 1, p. 227-244, 2017b. <https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526>.
- AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira; tradução de Angela M. S. Corrêa... [et al.]. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. 288 p.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda Lisboa, 2005.
- BARTHES, Roland. *A Retórica Antiga*. Tradução de Maria do Carmo Figueira. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BARBOSA, Marinalva Vieira. “Qual o lugar das emoções nos estudos da linguagem do século XXI?” *Revista Anpoll*, v. 1, n. 29, 2010. doi:10.18309/ANP.V1I29.175.
- BARBOSA, Izadora Araújo; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Interculturalidade e argumentação na perspectiva do modelo dialogal. *Revista Estudos em Letras*, Cassilândia, v. 2, n. 2, p. 27-47, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/estudosletras/article/view/6003>.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Estética da Criação Verbal*. Traduzido por A. B. G. de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1992.
- BARNARD, M. *Fashion as Communication*, New York: Routledge, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision*. Paris: Liber, 1996.

BLAIS, Melissa; DUPUIS-DÉRI, Francis. Masculinism, Antifeminism, and the Rise of the Men's Rights Movement in Canada. *Social Movement Studies*, Abingdon, v. 11, n. 3-4, p. 335-357, 2012.

BRETON, Philippe; GAUTHIER, Gilles. *História das Teorias da Argumentação*. 1. ed. Lisboa: Bizâncio, 2001. 157 p.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BUTECOPODCAST. *MANUAL RED PILL: OS PERIGOS DO RELACIONAMENTO (com Thiago Schutz)*. [S.l.:s.n.], 2023. 1 vídeo (2:26). Publicado por Butecopodcast. Disponível em: <https://www.Youtube.com/live/dL65twRZA34?si=QKZN2lcOikPZbqX1>

BUTECOPODCAST. *O Buteco Podcast*. [S.l.:s.n.], 2024. Página do Youtube. Disponível em: <https://www.Youtube.com/c/butecopodcast#:~:text=O%20Buteco%20Podcast%20%C3%A9%20um%20podcast.>

CABRAL, Ana Lucia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira de. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. *Signo*, v. 42, n. 73, p. 86-97, 2017. <https://doi.org/10.17058/signo.v42i73.8004>.

CABRAL, Ana Lucia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira de. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no Facebook. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v. 12, n. 22, p. 1-17, 2018.

CAMINHO ALPHA. *Página Oficial*. [S.l.:s.n.], 2024. Página de Youtube. Disponível em: Caminho Alpha - Youtube

CARRIZO, A. E. Análisis argumentativo de un caso de cancelación. *Rétor*, [S. l.], v. 13, n. 2, 2023. DOI: 10.61146/retor.v13.n2.196. Disponível em: <https://www.aaretorica.org/revista/index.php/retor/article/view/19>

CARVALHO, Felipe Mio de.; MOTERANI, Geisa Maria Batista. Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. *Averso do avesso*, v. 14, n. 14, p. 167-178, novembro 2016.

CASSIN, Barbara. Consensus et création des valeurs: Qu'est-ce qu'un a. in *Les Grecs, les Romains et Nous, l'Anti- quite est-elle moderne?*, textos reunidos a Droit, Le Monde éditions, Paris, 1991.

CASTILHO, Kathia. *Moda e Linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004

CHARAUDEAU, Patrick. Quand l'argumentation n'est que visée persuasive. L'exemple du discours politique, in Burger M. et Martel G., *Argumentation et communication dans les médias*. College Langue et pratiques discursives, Éditions Nota Bene, Québec, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 3ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020

CHARAUDEAU, Patrick. La situation de communication comme fondatrice d'un genre: la controverse. In: MONTE, Michèle; PHILIPPE, Gilles (dir.). *Genres et textes: déterminations, évolutions, confrontations*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2014. p. 49-57

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

CULPEPER, Jonathan. Towards an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens. O Modelo Dialogal da Argumentação e as emoções. *Rétor*, v. 13, n. 2, 2023. p. n. pag. <https://doi.org/10.61146/retor.v13.n2.197>.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens. O carpinteiro e a madeira: a constituição de corpora jurídicos em perspectiva etnometodológica. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 673-709, 2021.

DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

DUCROT, O dizer e o dito. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.). 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

EMEDIATO, Wander. *Análise do discurso: numa perspectiva enunciativa e pragmática*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

EMEDIATO, Wander; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Perspectiva dialogal e análise dialógica: a argumentação biface. In: *Introdução à análise da argumentação*. AZEVEDO, I; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (orgs.). Campinas : Pontes Editores, 2022.

FELMAN, Shoshana. Le discours polémique. *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*, n. 31, 1979. p. 179-192.

INTELECTO ARTIFICIAL. [S.l.:s.n.], 2024. Página de Youtube. Disponível em: Intelecto Artificial - Youtube

FIGUEIREDO, Tatiane Silva; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Situações estásicas e a gestão do ethos coletivo em deliberações do STF. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 24, n. 1, p. 181-200, 23 jun. 2024.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2018. 272 p

FOGELIN, Robert J. La lógica de los desacuerdos profundos. *Revista Iberoamericana de Argumentación*, 2019.

GALINARI, M. M. Logos, ethos and pathos: three sides of the same coin. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 257-285, 2014.

GAMBLE Teri Kawal; GAMBLE Michael. *Nonverbal messages tell more: a practical guide to nonverbal communication*. New York : Routledge, 2016.

GEHIN, Etienne. Coser Lewis A., Les fonctions du conflit social. In: *Revue française de sociologie*, 1983, v. 24, n. 1, p. 140-145.

GIL, Isabel Fuzeta. Da polêmica à (im)polidez: emoções e construção identitária. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 20, ed. especial, p. 50-70, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v20i3.28618>.

GIL, Isabel Fuzeta. Do dissenso à polêmica: estratégias retórico-discursivas. Um caso em análise. *Revista de Estudos do Discurso*, n. 9, p. 157-178, 2020.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. *Men and Masculinities*. Advance online publication, 2017. doi:10.1177/1097184X17706401.

GOTELL, Lise; DUTTON, Emily. Sexual Violence in the ‘Manosphere’: Antifeminist Men’s Rights Discourses on Rape. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, v. 5, n. 2, June 2016, p. 65-80. doi:10.5204/ijcjsd.v5i2.310.

GRÁCIO, Rui. *Discursividade e perspectivas: questões de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor, 2009.

GRÁCIO, Rui. *A interação argumentativa*. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

GRICE, Herbert Paul. Meaning Revisited. In: NEALE, Stephen; GRANDY, Richard (Eds.). *Philosophical Grounds of Rationality: intentions, categories, ends*. Oxford: Clarendon Press, 1982. p. 283-303.

GRIZE, Jean-Blaise. *A argumentação na linguagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HERMAN, Thierry. L'argument ad hominem en question: de Gaulle et la désignation de l'ennemi (1940-1942). In: ALBERT, Luce (éd.). *Polémique et rhétorique. De l'Antiquité à nos jours*. De Boeck Supérieur, 2010. p. 363-377.

JACQUIN, Jérôme. A polêmica: uma categoria operacional para uma análise discursiva e interacional dos debates públicos?. *Sêmen*, n. 31, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/semen/9085>.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: _____. (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Impolidez na interação. *Lexis*, n. 2, 2010. Disponível em: <http://lexis.revues.org/796>. Disponível em: 10.4000/lexis.796>.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *A enunciação: das categorias de pessoa, espaço e tempo ao discurso social*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LAGATTO, Livia. *Saiu o curso, molières*. [S.l.:s.n.], 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

LIFECAST. [S.l.:s.n.], 2024. Página de Youtube. Disponível em: <https://www.Youtube.com/@LifeCastOfficial>.

MAGALHÃES, Ana Lucia. Artimanhas do ethos. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). *Inteligência retórica: o ethos*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 270.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de texto e discurso: uma introdução à ciência do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAIGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.). 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

MESSNER, Michael A. *Forks in the Road: Men, Gender, and Change*. Men and Masculinities, Thousand Oaks, v. 19, n. 1, p. 2-6, 2016.

MEYER, Michel. *A retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MICHEL MEYER. Qu'est-ce que l'argumentation. *Collection Chemins Philosophiques*. 2008, Paris.

MICHEL MEYER. *La rhétorique*. Que sais je? 2º Édition. PUF presses universitaires de France. 2009, Paris.

MICHELI, Raphaël. *L'émotion argumentée: l'abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français*. Paris: Le Cerf, 2010. 488 p. ISBN 978-2-204-09245-

MICHAELIS. *Dicionário Michaelis Online – Português*. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 Nov. 2024

MINAYO, M. C. de S. (Org.). et al. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIMPIO-FERREIRA, Moises. Razão, retórica e argumentação: a racionalidade argumentativa em Chaim Perelman. In: PIRIS, Eduardo Lopes; GRÁCIO, Rui Alexandre (Orgs.). *Introdução às teorias da argumentação*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização: Julia Lourenço Costa e Roberto Leisser Baronas. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Dossiê Teoria Política Feminista. Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. doi:10.1590/S0104-44782010000200003.

PLANTIN, Christian. *Análise et critique du discours argumentatif*. In: AMOSSY, R.; KOREN, R. (éds). *Après Perelman*. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 229-263.

PLANTIN, Christian. *Argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

PLANTIN, Christian. Deixem dizer: A norma do discurso de um está no discurso do outro. *Comunicação e Sociedade*, n. 16, 2009, p. 145-161.

PLANTIN, Christian. Les bonnes raisons des émotions : principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Peter Lang, *Sciences pour la communication*, Berne, 2011.

PLANTIN, Christian. Emotion and affect. In: TRACY, Karen; SANDEL, T.; ILIE, Cornelia (eds.). *The International Encyclopedia of Language and Social Interaction*. 2015. <https://doi.org/10.1002/9781118611463.wbielsi079>.

PLANTIN, Christian. Não se trata de convencer, mas de conviver: a era pós-persuasão. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 15, n. 1, p. 244-269, 2018. <https://doi.org/10.17648/eidea-15-2066>.

PLANTIN, Christian. *Argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020

PLANTIN, Christian: *Diccionario de la argumentación: Una introducción a los estudios de la argumentación*, Moreno: UNM Editora, 2021.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução, apresentação e notas de Maria Lúcia de Carvalho. São Paulo: Editora 34, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada por computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 2020. 238 p.

RENNE, Juliette. Les controverses politiques et leurs frontières. *Études de communication*, n. 47, 2016.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. Coordenação Valdir José de Castro. São Paulo: Paulus, 2003.

SIQUEIRA, Maria Luiza. A formação dos papéis sexuais: uma visão psicodramática da dinâmica de gênero. *Revista Tópicos Educacionais* v. 11 n. 1-2, 1993.

SOUZA, Thiago. *Brasil é o terceiro país com mais usuários do Youtube em 2023*. Forbes Brasil, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/05/brasil-e-o-terceiro-pais-com-mais-usuarios-do-Youtube-em-2023/>.

SCHUTZ, Thiago. *Você gosta de comer pão?* [vídeo]. YouTube, [15 dez. 2023]. 1 min 03 s. Publicado no canal Thiago Schutz. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/20uEWn1b0iY>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SCHUTZ, Thiago. *Você é admirado ou desprezado?* [vídeo]. YouTube, [01 out. 2023]. 0 min 59 s. Publicado no canal Thiago Schutz. Disponível em: https://youtube.com/shorts/nY_prq6--p4. Acesso em: 28 jul. 2025.

SCHUTZ, Thiago. *Essa lenda japonesa é mais que real*. [vídeo]. YouTube, [07 nov. 2023]. 1 min 01 s. Publicado no canal Thiago Schutz. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/tiKQp20bnn8>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SCHUTZ, Thiago. *Melhores momentos Morning*. [vídeo]. YouTube, [22 jan. 2024]. 0 min 58 s. Publicado no canal Thiago Schutz. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/jRvHCZeshF8>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SCHUTZ, Thiago. *Thiago Schutz assistiu ao filme Barbie?* [S.l.:s.n.], 2023. 1 vídeo (0:29). Publicado pelo canal Thiago Schutz. Disponível em: https://Youtube.com/shorts/Xf5LJ_ixDUY?si=o9DJLzT18CKCDA21

SCHUTZ, Thiago. *Página oficial*. [S.l.:s.n.], 2024. Página de Youtube. Disponível em: Thiago Schutz (Oficial) – Youtube

TOULMIN Stephen. *Os usos do argumento*. Tradução Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. As milenares origens do preconceito de gênero. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n. 23, p. 37-47, 2015

VALKENBURGH, Van S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and neoliberalism in the manosphere. *Men and Masculinities*, 2021, p. 84-103. <https://doi.org/10.1177/1097184X18816118>

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R.; JOHNSON, R. H.; PLANTIN, C.; WILLARD, C. A. *Fundamentals of argumentation theory: a handbook of historical backgrounds and contemporary developments*. 1. ed. New York: Routledge, 1996. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203811306>.

VELASCO, Patrícia Del Nero. O estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia: uma discussão da área a partir de seus autores e autoras. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 33, p. e20200018, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8671531>

VIDRIO, Gutiérrez, S. Los aportes de Christian Plantin al estudio de las emociones y su relevancia para el análisis de los medios. *Rétor, [S. l.]*, v. 13, n. 2, 2023. DOI: 10.61146/retor.v13.n2.200. Disponível em: <https://www.aaretorica.org/revista/index.php/retor/article/view/20>

WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly. *The Matrix*. Warner Bros. Pictures, 1999

WALTON, Douglas N. "What Is Reasoning? What Is an Argument?" *The Journal of Philosophy* 87, no. 8, 1990. Doi:10.2307/2026735

WALTON, Douglas. *Argumentation Schemes for Presumptive Reasoning*. New York: Routledge, 2012.